

O último



lobisomem



Glen Duncan



“Uma voz monstruosamente talentosa.” — The Guardian

R O M A N C E



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Glen Duncan

*O último
lobisomem*

Tradução de

Marcelo Schild



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2012

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Duncan, Glen, 1965-

D932u O último lobisomem / Glen Duncan; tradução de Marcelo Schild. – Rio de Janeiro: Record, 2012.

recurso digital

Tradução de: The Last Werewolf

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-40063-5 [recurso eletrônico]

1. Lobisomens - Ficção. 2. Ficção inglesa. I. Schild, Marcelo. II. Título.

12-
3983

CDD: 823
CDU: 821.111-3

TÍTULO ORIGINAL EM INGLÊS:

The Last Werewolf

Copyright © Glen Duncan 2011

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Publicado mediante acordo com Canongate Books Ltd, 14 High Street, Edinburgh EH1 1TE.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Edição eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-40063-5

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos
e nossas promoções.



Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Pete e Eva

AGRADECIMENTOS

Um grande uivo de agradecimento para Jonny Geller, Jane Gelfman, Melissa Pimentel, Nick Marston, Jamie Byng, Francis Bickmore, Marty Asher e para todos na Canongate and Knopf; para Stephen Coates, pelo gênio musical e pela psicoterapia grátis; e para Kim Teasdale, sem quem nada disso teria a menor graça.

PRIMEIRA LUA

**DEIXE
ACONTECER**

1

— É oficial – disse Harley. – Mataram o berlinense duas noites atrás. Você é o último. – Então, depois de uma pausa: – Lamento.

Isso foi na noite de ontem. Estávamos na biblioteca no andar superior da casa de Harley em Earl's Court, ele de pé, inclinado, tenso entre o piso de pedra da lareira e o sofá vermelho-escuro, eu sentado à janela com um copo de Macallan 45 anos e um Camel com filtro, olhando para fora, observando a neve que caía rapidamente na escuridão de Londres. A sala cheirava a tangerinas e couro e aos troncos de pinheiro na lareira. Quarenta e oito horas depois e eu continuava moroso por causa da Maldição. O lobo dissipava-se dos pulsos e dos ombros por último. Apesar do que acabara de ouvir, pensei: Madeline pode me fazer uma massagem mais tarde, óleo quente de jasmim e as mãos de magnólia com unhas longas que não amo e jamais amarei.

– O que vai fazer? – perguntou Harley.

Beberiquei, engoli, vislumbrei as pernas brancas e encharcadas de turfás do clã Macallan no kilt enquanto o uísque queimava

dentro do meu peito. *É oficial. Você é o último. Lamento.* Eu sabia o que ele me contaria. Mas e agora que contara? Uma vaga vertigem ontológica. O astronauta de Kubrick com o cordão umbilical cortado girando para longe, completamente sozinho rumo ao infinito... Em certo ponto, a imaginação recusa-se a conceber. A frase era: *É insuportável pensar a respeito.* Manifestamente, era mesmo.

– Marlowe?

– Esta sala está morta para você – eu disse. – Mas há bibliófilos em todo o mundo que chorariam lágrimas de alegria por ela.

Sem exageros. A coleção de Harley vale 1,6 milhão, livros que ele não procura mais porque entrou na fase em que cansou de ler. Se ele viver mais dez anos, entrará na próxima fase – a de voltar aos livros. Abandonar a leitura parece, inicialmente, o auge da maturidade. Como todas as alturas desse tipo, é um cume falso. É uma coisa humana. Já vi isso inúmeras vezes. Duzentos anos, você vê tudo inúmeras vezes.

– Não consigo imaginar o que isso significa para você – disse ele.

– Nem eu.

– Precisamos de um plano.

Não respondi. Em vez disso, deixei que o silêncio preenchesse a alternativa a elaborar um plano. Harley acendeu um Gauloise e encheu nossos copos com a mão trêmula, atualmente com veias lilases e manchas senis. Aos 70 anos, ele preserva cabelos grisalhos ralos e compridos e um farto bigode manchado de nicotina que parece tingido, mas não é. Houve uma época quando os rapazes de Harley chamavam-no de Buffalo Bill. Agora, os rapazes dele conhecem Buffalo Bill somente como o *serial killer* de *O silêncio dos inocentes*. Durante os períodos de fraqueza psíquica, ele apoia-se em uma bengala com punho de osso, apesar de ter sido informado por seu médico de que ela está arruinando sua coluna.

- O berlinense – disse eu. – Foi Grainer quem o matou?
- Não Grainer. O protegido californiano dele, Ellis.
- Grainer está se poupando para o evento principal. Ele virá sozinho atrás de mim.

Harley sentou-se no sofá e olhou para o chão. Sei o que teme: se eu morrer primeiro, não haverá nenhuma surrealidade salvadora entre ele e a própria consciência. Jake Marlowe é um monstro, fato. Mata e devora pessoas, fato. O que faz dele, Harley, um cúmplice que encobre o fato, fato. Comigo vivo, andando e falando e passando pela transformação lunar uma vez por mês, Harley pode viver nela como em um sonho decadente. *Diga-se de passagem, mencionei que meu melhor amigo é um lobisomem?* Morto, forçarei um despertar brutal. *Ajudei Marlowe a permanecer impune pelos assassinatos.* Ele provavelmente se matará ou enlouquecerá de uma vez por todas. Um de seus incisivos superiores é de ouro puro, um anacronismo dentário que, de todo modo, sugere uma loucura parcial.

– Na próxima lua cheia – disse ele. – O resto da Caçada recebeu ordens para relaxar. A festa é de Grainer. Você sabe como ele é.

Realmente. Eric Grainer é o Fodão da Caçada. Todos os membros do escalão superior da WOCOP (World Organization for the Control of Occult Phenomena)* são muito ricos ou financiados pelos muito ricos por causa de suas especialidades. A especialidade de Grainer é rastrear e matar minha espécie. *Minha espécie.* Da qual, graças aos assassinos da WOCOP e a um século sem nenhum novo garoto uivante no bairro, acabei sendo o último. Pensei no berlinense, cujo nome (Deus está morto, mas a ironia continua viva e faceira) era Wolfgang, e vislumbrei seus últimos momentos: a geada oscilando sob ele, o focinho iluminado pelo luar e o pelo suado, a fração de

segundo na qual seus olhos fundiram descrença e horror e tristeza e alívio – depois, a branca e final luz de prata.

– O que vai fazer? – repetiu Harley.

Todo lobo e nenhuma gangue. O humor torna-se sombrio. Olhei pela janela. A neve caía com a implacabilidade de uma praga do Velho Testamento. Na Earl’s Court Road, pedestres cambaleavam e escorregavam e, no frescor gelado rodopiante e angelical, sentiam a infância ainda presente e o choque, como um graveto partido, de não serem mais crianças. Duas noites antes, eu devorara um especialista em fundos de cobertura de 43 anos. Ando em uma fase de pegar aqueles que ninguém deseja. Minha última fase, aparentemente.

– Nada – eu disse.

– Você precisará deixar Londres.

– Para quê?

– Nós não teremos essa conversa.

– Está na hora.

– Não está na hora.

– Harley...

– Você tem a obrigação de viver, assim como o restante de nós.

– Nada parecido com o restante de vocês.

– Não importa. Você segue vivendo. E não me venha com baboseiras poéticas sobre o quanto está cansado. É mentira. É um roteiro ruim.

– Não é um roteiro ruim – eu disse. – Estou cansado.

– Está vivo há tempo demais, desgastado pela história, repleto demais de satisfação, vaziamente repleto... Você já me disse. Não acredito em você. E, de todo modo, você não desiste. Você ama a vida porque a vida é tudo que existe. Não existe Deus e este é Seu único Mandamento. Dê-me sua palavra.

Eu estava pensando, como a parte honesta de mim estivera fazendo desde o momento em que Harley me dera a notícia, *você precisará contá-la agora. A história inenarrável. Você perguntou-se quanto tempo de prorrogação obteria. No final das contas, obteve 166 anos. Bastante tempo para deixar uma garota esperando.*

– Dê-me sua palavra, Jake.

– Dar a você a palavra de quê?

– Dê-me sua palavra de que não ficará sentado aí como um repolho até que Grainer encontre e mate você.

Quando eu imaginava este momento, pensava em puro alívio. Agora que o momento chegara, havia alívio, mas não era puro. A pequena e sórdida chama da individualidade tremulava em protesto. Não que minha identidade seja o que costumava ser. Hoje em dia ela merece um sorriso triste, como mereceria uma pontada de um vestígio de desejo no saco de um velho.

– Atiraram nele, foi isso? – perguntei. – Herr Wolfgang?

Harley tragou com aflição e depois, enquanto expirava pelas narinas, esmagou o Gauloise em um cinzeiro de pé de obsidiana.

– Não atiraram – disse ele. – Ellis cortou a cabeça dele.

Nota

* Organização mundial para o controle de fenômenos ocultos. (*N. do T.*)

2

Todas as mudanças de paradigma atendem ao desejo amoral por novidades. A vitória de Obama nas eleições fez isso. As imagens de Auschwitz fizeram o mesmo na época. Bem e mal são irrelevantes. Mostre-nos o mundo de uma maneira diferente de como pensamos que ele seja e uma parte de nós se regozija. Nada está isento. A própria condenação à morte elicia no condenado um pequeno aleluia louco, e a minha está notoriamente atrasada. Há dez, vinte, trinta anos, tenho agido de maneira arrastada e automática. Quanto tempo vivem os lobisomens? Madeline perguntou recentemente. Segundo a WOCOP, cerca de quatrocentos anos. Não sei *como*. Naturalmente, eles estabelecem desafios a si próprios – sânscrito, Kant, cálculo avançado, tai chi –, mas isso aborda somente o problema do Tempo. O problema maior, a Existência, apenas aumenta cada vez mais. (Vampiros, não é de surpreender, possuem um caso de amor intermitente com a catatonia.) Um a um, esgotei os modos: hedonismo, asceticismo, espontaneidade, reflexão, tudo entre o miserável Sócrates e o porco feliz. Meu mecanismo se desgastou. Não possuo o necessário.

Ainda tenho sentimentos, mas estou cansado de tê-los. O que é outro sentimento do qual estou cansado de ter. Eu apenas... Apenas não quero mais nenhuma *vida*.

Harley desmoronou da ansiedade para a morbidez e, depois, para a melancolia, mas permaneci sonhador e leve, parte obtusidade voluntária, parte aceitação *zen*, parte simplesmente uma incapacidade de me concentrar. Você não pode apenas ignorar isso, ele repetia. Você não pode simplesmente *enrolar*, porra. Durante algum tempo, respondi tranquilamente com frases como "Por que não?" e "É claro que posso", mas ele ficou tão perturbado – a bengala com punho de osso entrou novamente em cena – que temi por seu coração e mudei de curso. Apenas me deixe digerir, eu disse a ele. Apenas me deixe pensar. Apenas me deixe, na verdade, trepar, como eu me programei, pois estou pagando por isso até mesmo enquanto conversamos. Era verdade (Madeline aguardava em um *hotel-boutique* de 360 libras a noite no outro lado da cidade), mas não foi uma mudança de tópico agradável para Harley: uma cirurgia de próstata três meses antes desanimou sua libido e deixou os garotos de programa de Londres privados de uma patronagem munificente. Contudo, tirou-me de lá. Violentemente bêbado, Harley abraçou-me, insistiu que eu pegasse emprestado um chapéu de lã, e fez-me prometer que o procuraria em 24 horas, depois das quais — ficou repetindo — toda essa baboseira patética digna de um Hamlet maricas precisaria terminar.

Ainda nevava quando saí para a rua. O tráfego de veículos estava dolorosamente confuso e a estação de metrô de Earl's Court estava fechada. Por um momento, fiquei parado, adaptando-me à inocência feroz do ar. Eu não conhecera o berlinense, mas o que era ele se não um parente? Ele escapara por pouco na Floresta Negra há dois anos, fugiu para os Estados Unidos e sumiu do radar no

Alasca. Caso tivesse permanecido na região selvagem, poderia ainda estar vivo. (O pensamento, "região selvagem", agitava o animal fantasma, corria dedos gelados e lascas de neve e o uivo quente como sangue no ar com sabor de gelo...). Mas o lar atrai. Ele impele você a voltar para lhe dizer que você não pertence a onde está. Capturaram Wolfgang a 32 quilômetros de Berlim. *Ellis cortou a cabeça dele*. A morte de alguém amado vivifica tudo de forma brutal: nuvens, esquinas, rostos, anúncios na televisão. Você suporta porque outros compartilham da dor. A morte de espécies não deixa outros. Você está sozinho entre todas as particularidades assustadoramente renovadas.

Com a língua de fora para saborear os flocos gelados que caem, sinto os primeiros indícios do peso que o mundo pode colocar sobre mim durante o tempo que me resta, a massa de seus detalhes, sua insistência inexorável e sem enredo. Novamente, era insuportável pensar a respeito. Seria esta a minha tortura: tudo a respeito do que era insuportável pensar iria se dedicar a me obrigar a suportar.

Acendi um Camel e mergulhei em concentração. Praticabilidades: vá a pé até a Gloucester Road. Circle Line para Farringdon. Dez minutos de caminhada agitada até o Zetter, onde Madeline, Deus abençoe seus charmes mercenários, estaria aguardando. Puxei o chapéu de lã confortavelmente sobre as orelhas e comecei a caminhar.

Harley dissera: Grainer quer o monstro, não o homem. Você tem tempo. Eu não duvidava de que estivesse certo. Faltavam 27 dias para a próxima lua cheia e, graças à interferência gerada por Harley, a WOCOP ainda achava que eu estava em Paris. Tal conhecimento sustentou-me durante alguns minutos apesar da convicção crescente – *isto é paranoia, você está fazendo isto consigo mesmo* – de que eu estava sendo seguido.

Depois, dobrando para a Cromwell Road, a quantidade disponível de negação chegou ao fim e não havia nada entre mim e o fato lívido: Eu *estava* sendo seguido.

Isto é paranoia, recomecei, mas o mantra perdera a mágica. Pressionando-me por trás havia uma insinuação quente onde deveria haver um frio desobstruído: vigilância. Neve e prédios engolidos molecularmente em uma confirmação urgente: *Encontraram você. Já começou.*

A adrenalina não se interessa pelo tédio. Em meu estado, não importa, a adrenalina vem em uma inundação, não apenas nas fibras humanas, mas também nos resquícios lupinos, naqueles detritos da criatura que não concordaram plenamente com a transformação. Energias do lobo fantasma e suas correlações no *homo sapiens* contorceram-se e expeliram em meu couro cabeludo, nos ombros, nos pulsos, nos joelhos. Minha bexiga formigou como em uma descida rápida demais do topo de uma roda-gigante. O absurdo era encontrar-me incapaz, neve nas canelas, de acelerar o passo. Harley tentara me impor uma Smith & Wesson automática antes que eu partisse, mas dispensei-a com uma gargalhada. Pare de agir como uma avó. Imaginei-o assistindo agora ao CCTV e dizendo sim, Harley, a vovó. Espero que esteja feliz, Marlowe, seu idiota de merda.

Joguei fora o cigarro e enfiei as mãos no bolso do sobretudo. Harley precisava ser avisado. Se a Caçada estivesse no meu encaixe, saberiam de onde eu acabara de sair. A casa em Earl's Court não estava no nome dele (disfarçada, em vez disso, com o que estava perfeitamente equipada para ser, uma loja de livros raros chique) e, até agora, permanecera segura. Mas se a WOCOP a tivesse descoberto, então Harley – durante quase cinquenta anos

meu agente duplo, meu faz-tudo, meu companheiro, meu amigo íntimo – já poderia estar morto.

Se, então... Se, então... Isto, além da questão da transformação mensal, o fardo de Ser Um Lobisomem, é o que não aguento mais, as infundáveis logísticas. Há uma razão pela qual os humanos batem as botas em torno dos oitenta anos: cansaço de prosa. Parece a falência de algum órgão, um câncer ou um derrame mas, na verdade, é apenas a incapacidade de escalar com dificuldade em meio ao curso de ataque da ordinária função de causa e efeito. Se convidarmos Sheila, não poderemos convidar Ron. Se comer o arenque defumado agora, teremos quiche na hora do chá. Oito dezenas de anos são aproximadamente todos os ses e entãos que se pode suportar. A demência é a percepção sã de que você não pode continuar mais *lidando* com isso.

Meu rosto estava quente e macio. Como se a neve fosse um silencioso estúdio de gravação, todos os pequenos sons podiam ser ouvidos: alguém abrindo uma lata de cerveja; um arrote; uma bolsa sendo afivelada. Do outro lado da rua, três jovens bêbados lutavam histericamente entre si. Um motorista de táxi enrolado em um cobertor de lã xadrez estava de pé ao lado da porta aberta de seu veículo, reclamando em um celular. Diante do Flamingo, dois seguranças com chapéus de cossacos comiam cachorros-quentes e presidiam uma fila de clubbers que tremiam de frio. *Nada como o sangue e a carne dos jovens. Você pode sentir o sabor da audácia da esperança.* Na fase pós-Maldição, tais pensamentos ainda disparam como as ereções inapropriadas da adolescência. Atravessei a rua, juntei-me ao final da fila, registrei com um distanciamento budista a suculência estrondosa das três garotas com poucas roupas diante de mim e telefonei para Harley pelo celular seguro. Ele atendeu depois de três toques.

– Alguém está me seguindo – eu disse. – Você precisa sair daí. O local está comprometido.

O intervalo esperado. Ele estava semiadormecido, bêbado, com o telefone na mão, configurado para vibrar. Eu conseguia visualizá-lo, curvado, esforçando-se para levantar do sofá, cabelo eriçado pela estática, tateando em busca do Gauloise.

– Harley? Está ouvindo? A casa não é segura. Saia e esconda-se.

– Tem certeza?

– Tenho certeza. Não perca tempo.

– Mas o que quero dizer é que eles não sabem que você está *aqui*. Em absoluto. Eu mesmo vi as informações atualizadas. Porra, eu *escrevi* a maioria delas. Jake?

Na neve que caía, era impossível ter certeza de quem era meu perseguidor. Caso ele tivesse me visto atravessar a rua, teria se escondido na entrada de alguma casa. Havia um cara com jeito de modelo, barba por fazer, cuidadosamente aprumada, vestindo um casaco militar no outro lado da rua, ostensivamente absorto em uma mensagem de texto. No entanto, caso fosse ele, ou era um idiota ou queria que eu o visse. Não havia nenhum outro candidato óbvio.

– Jake?

– Sim. Veja, não foda tudo, Harley. Existe algum lugar para onde possa ir?

Ouvi-o expirar e vi sua figura envelhecida murchar dentro do terno de linho. Ele deu-se conta, de repente, do que significaria caso fosse desmascarado na WOCOP. Setenta anos é velho demais para começar a correr. Através do movimento não silencioso do fone, pude senti-lo visualizando tudo, os quartos de hotéis, os subornos, os pseudônimos, a morte da confiança. Não era uma vida para um velho.

– Bem, posso ir para Founders, suponho, presumindo que ninguém atire em mim daqui até a Child’s Street.

Founders era a Fundação, o clube satiricamente exclusivo de Harley, mordomos e acompanhantes de primeira classe, antiguidades de valores incalculáveis e a mais moderna tecnologia de entretenimento, massoterapeutas, um tarólogo residente e um cozinheiro com três estrelas no guia Michelin. Para ser membro, era necessário ser rico, mas a fama era proibida; celebridades chamavam atenção, e aquele era um lugar para os ricos satisfazerem os vícios tranquilamente. Segundo Harley, menos de cem pessoas sabiam da existência do lugar.

– Por que não me deixa conferir primeiro? – disse ele. – Deixe-me ir à WOCOP e...

– Prometa que pegará a pistola e partirá.

Ele sabia que eu estava certo, apenas não queria. Não agora, tão despreparado. Imaginei-o olhando ao redor da sala. Todos os livros. Tantas coisas estavam chegando ao fim, sem aviso.

– Tudo bem – disse ele. – *Merda.*

– Ligue-me quando chegar ao clube.

Não me ocorreu utilizar similarmente o Flamingo, já que estava ali. Nenhum Caçador arriscaria um atentado tão público. Por fora, a casa noturna era uma fachada de tijolos pretos sem identificação e uma porta de metal que poderia ter servido para um cofre de banco. Acima dela, um flamingo de neon rosa que ninguém, exceto os conhecedores, cogitaria. Na versão cinematográfica, eu entraria e escaparia pela janela do banheiro ou conheceria uma garota e iniciaria um caso amoroso problemático que, de alguma maneira, salvaria minha vida à custa da dela. Na realidade, eu entraria, passaria quatro horas sendo observado pelo meu assassino sem decifrar quem ele era e depois me encontraria de volta à rua.

Afastei-me da fila. Um quente feixe de consciência seguiu-me. Um olhar para o garoto glamoroso com o casaco militar revelou-o guardando o celular no bolso e partindo no meu encalço, mas eu não conseguia me convencer de que fosse ele. O éter mencionava mais refinamento. Olhei para meu relógio: 0h16. O último trem para Gloucester Road não partiria depois das 0h30. Mesmo nesse passo eu chegaria a tempo. Caso contrário, pegaria um quarto no Cavendish e abriria mão de Madeline, apesar de, como eu dera a ela *carte blanche* para utilizar o serviço de quarto no Zetter, ser bastante provável que eu estivesse falido de manhã.

Essas, você diria, não eram as maquinações de um ser desgastado pela história, repleto demais de satisfação, vaziamente repleto. Estou de acordo. Mas uma coisa é saber que a morte está a 27 dias de distância, e é muito diferente saber que ela poderia se apresentar a você *a qualquer segundo*. Ser assassinado aqui, na forma humana, seria grosseiro, precipitado e – apesar de não existir justiça – injusto. Além disso, a pessoa que me seguia não poderia ser Grainer. Como Harley disse, sua majestade valorizava o *wulf*, e não o *wer*, e o pensamento de ser eliminado por qualquer pessoa que não o melhor da Caçada era repugnante. E isso não diria nada a respeito de uma obrigação minha ainda não executada: Se eu fosse morto aqui e agora, quem contaria a história inenarrável? *Toda a doença de sua vida escrita somente para aquela última lesão no coração, sua malignidade e musa. Deus partiu, o Sentido também. Contudo, não obstante, a fraudulência estética ainda tem o poder de envergonhar.*

Tudo aquilo, disse meu cinismo quando parei sob um poste para acender outro Camel, era suficientemente decente, a menos que fosse uma racionalização extravagante para o desejo repentino e desesperado de *não morrer*.

Foi quando uma bala disparada através de um silenciador atingiu o concreto do poste 7 centímetros acima da minha cabeça.

3

A cúmulo cognitivo. Por um lado, eu estava ocupado catalogando os fatos perceptuais – o estampido de uma bombinha, a lufada de pó, o ricochete rápido – para confirmar que haviam realmente atirado na minha direção, e por outro eu já estava além de tais redundâncias e saltando – sim, *saltando* é o gerúndio correto – até a entrada de uma antiga agência do Bradford & Bingley para me proteger.

As pessoas querem reações como as de *007* em momentos como este. As pessoas *querem* todo tipo de coisas. Acuado na entrada fedendo a urina, contudo, encontrei-me pensando (ao mesmo tempo que *ah, que merda* e *Harley pode publicar os diários e o que sobreviverá de nós é nada*) na brusquidão refrescante com a qual instituições financeiras – B & B incluída – ruíram na Crise. Anúncios de bancos e de sociedades construtoras continuaram a ser veiculados por dias, às vezes semanas depois que tais empresas sólidas desapareceram. Para muitos era impossível acreditar, observando a senhora de paletó verde e chapéu coco preto com o sorriso que fundia conhecimento sexual e financeiro, que a

companhia representada por ela não mais existia. Já vi esse tipo de coisa antes, obviamente, a morte de certezas. Eu estava na Europa quando Nietzsche e Darwin livraram-se juntos de Deus, e nos Estados Unidos quando Wall Street reduziu o Sonho Americano a uma valise quebrada e um sapato desgastado. A diferença da crise atual é que a depressão mundial coincidiu com a minha própria. Preciso repetir: simplesmente não quero, realmente não posso *suportar* (nos dois sentidos do verbo) mais nenhuma vida.

Um segundo disparo de uma pistola com silenciador enterrou-se com um baque no tijolo da B & B. Munição de prata? Eu não tinha nada a temer caso não fosse, mas não havia outra maneira de descobrir exceto ser alvejado no peito e ver se eu caíria morto. (Isso era tão tipicamente irracional por parte do universo. Exceto por poucos dias para fazer o que eu precisava fazer, eu não *queria* mais a vida. O que são alguns dias depois de duzentos anos? Mas este é o universo para você, décadas de imparcialidade e depois, de repente, *negociação zero*.) Deitei-me de bruços. O odor de mijo velho do concreto foi algo de uma alegria cruel. Agachado, deslocando-me em movimentos minúsculos, espiei além da quina da entrada.

O supermodelo com o casaco militar estava a 20 metros de distância, de costas para mim. Estava com a mão esquerda no bolso. Ou ele atirara em mim e agora se tornara um alvo suicida para meu tiro de retaliação, ou os tiros vieram de outro lugar – nesse caso, apenas demência clínica poderia desculpá-lo por não ter se dado conta. A cena era uma capa de disco dos anos 1980, a silhueta do homem com o sobretudo e a neve e os carros em ângulos estranhos. Fiquei tentado a chamá-lo, mas só Deus sabia para falar o quê. Possivelmente palavras de amor, pois a morte iminente enche você de ternura pela vida mais próxima.

Difícil dizer quanto tempo ele ficou ali parado. Os momentos importantes estendem-se, permitem a expansão intelectual... uma entrada inutilizada em Londres torna-se um banheiro público em um instante; as funções animais inferiores atacam no segundo que as superiores desviam a atenção; a civilização permanece em um impasse maniqueísta com a besta... mas, um tempo depois, ele virou-se e começou a caminhar na minha direção.

Emparelhado à parede, levantei-me, ruidoso, executando cálculos internamente. Mano a mano comigo, o marionete não duraria três segundos mas, de qualquer modo, eu não via a cena desenrolando-se daquela maneira. Entre onde eu me encontrava e a esquina com a Collingham Road, a 30 metros de distância, havia cobertura, quatro carros estacionados ou abandonados no meu lado da rua e um par de cabines telefônicas antiquadas na esquina. Arriscado. Mas desarmado na entrada do banco eu era um pato encurralado.

Enquanto isso, meu belo e jovem lorde e suas maçãs do rosto haviam reduzido pela metade a distância entre nós e pararam novamente. Por um instante, ele franziu levemente a testa, como se tivesse se esquecido de seu objetivo. Depois, precisamente quando abri a boca para dizer: "Que merda você quer?", a mão esquerda dele saiu do bolso, lânguida, segurando uma Magnum .44 com um silenciador, uma ferramenta de volume tão acintoso que era difícil imaginá-lo tendo a força para erguê-la e mirar. Ele sorriu para mim, no entanto – uma boca grande e sensual e dentes brilhantes em um rosto magro avivado por olhos escuros de rímel –, e, depois, com um braço surpreendentemente firme, ergueu lentamente a arma e apontou-a para mim.

O corpo segue em frente enquanto a consciência tagarela infantilmente. Sem me dar conta, eu dobrei os joelhos para saltar

(e ali estava o grande e fútil fantasma das pernas traseiras do lobo, a sensação de uma memória inútil e intensa); minhas mãos estavam estiradas, dedos esticados, a cabeça tagarelando *mas que pena não ver as primeiras flores de açafrão e não saber se há vida após a morte que não apenas algo como sua boca enchendo-se de terra e depois nada...*

A mão dele – atingida por um tiro – sacudiu e jorrou sangue quando a arma voou. O jovem emitiu um ganido curto e afeminado ao mesmo tempo que deu um pequeno salto, avançou dois passos cambaleantes enquanto agarrava o próprio punho e desabou de joelhos na neve. O rosto dele, muito diferente da máscara da Tragédia que se poderia esperar, demonstrava uma espécie de decepção desconcertada, apesar de que, enquanto eu observava, sua boca abriu-se e assim permaneceu. Um pêndulo de saliva (um fenômeno única e exclusivamente apropriado pela pornografia moderna) surgiu no lábio inferior, esticou-se, rompeu-se e caiu. A bala atravessara a palma da mão, o que significava sangramento somente das veias superficiais. Se tivesse cortado o nervo mediano, poderia haver danos duradouros, se bem que, com os figurões cirúrgicos de hoje, eu duvidava. Ele sentou-se sobre os calcanhares e olhou ao redor, vagamente, como se tivesse perdido o chapéu. A Magnum poderia ter sido uma guimba de cigarro, considerando a atenção que ele deu à arma.

A mensagem do atirador de elite emergiu: se eu posso atingir a mão do seu amigo daqui, eu poderia ter acertado *você* a qualquer momento. Era como se estivéssemos conversando e ele ou ela simplesmente dissesse isso, tranquilamente.

– Quem é você? – perguntei ao jovem.

Ele não respondeu, mas levantou-se com muita tristeza, o braço esquerdo apertado junto ao corpo. A dor estava transformando o

membro em algo grande, quente e implacável. Com um esforço cauteloso, ele curvou-se, recuperou a Magnum e guardou-a de volta no bolso do casaco. Depois, sem nenhuma palavra e sequer outro olhar para mim, virou-se e começou a afastar-se caminhando penosamente.

Não duvidei da minha leitura, da minha avaliação do risco, minha segurança temporária, mas os primeiros passos quando deixei o abrigo da entrada do banco exigiram força de vontade. Dei três e parei. Imaginei o atirador de elite observando pela mira telescópica e, como todo entendimento mútuo proporciona *algum* tipo de prazer, sorrindo. Minhas costas avivaram para todo o espaço frio e desobstruído atrás de mim aguardando serem atravessadas por uma bala de prata. O cheiro da neve que caía foi uma clemência, mas eu tinha certeza de que minhas roupas haviam absorvido o odor forte e desagradável de mijo velho da entrada do banco. Dei mais quatro passos, cinco, seis... dez. Nada aconteceu.

O calor de estar sendo observado jamais me deixou, mas caminhei até a Gloucester Road sem incidentes e embarquei no último metrô da Circle Line para Farringdon.

Harley telefonou e deixou um recado quando eu estava debaixo da terra. Ele chegara à Fundação em segurança.

4

É difícil não pensar em 1965, o ano em que salvei a vida de Harley, como um ano de anarquia sexual crescente. Manifestações contra a guerra do Vietnã uniram homens e mulheres e revelaram o potencial erótico do ativismo político. Foi publicado *Um sonho americano*, o livro de Mailer que rompeu tabus. Brigitte Bardot estava nas capas de todas as revistas americanas e, na Inglaterra, foi descoberto que Myra Hindley e Ian Brady ficavam excitados matando crianças. Se não era exatamente *Anything Goes*, certamente era *Everything's Going On*.

É difícil não pensar desta maneira, mas fazer isso é sucumbir às reduções da história popular. Os fatos são verdadeiros, a interpretação é falsa. A crença dos humanos contemporâneos de 1965 não se concretizou realmente até 1975 e, mesmo naquele ano calejado, o que aconteceu com Harley naquela noite ainda teria acontecido. Continuava acontecendo dez anos depois, vinte, trinta. Ainda acontece hoje.

Wayland's Smithy é uma tumba megalítica no vale de Uffington, uma milha ao leste da aldeia de Ashbury, logo ao sudoeste da

colina White Horse, nas colinas de Berkshire. Ela é escondida por um pequeno aglomerado de árvores a 50 metros do caminho que leva ao cume, uma trilha que segue a linha das colinas pelas quais o *homo sapiens* caminha (com os nós dos dedos cada vez mais distantes do solo) há mais de um quarto de milhão de anos. A lenda local diz que se você deixar seu cavalo ao lado da tumba com uma moeda na pedra do lintel, poderá voltar para encontrá-lo ferrado por Wayland, o ferreiro dos velhos deuses saxões. Durante o dia, as pessoas sobem a trilha a partir da colina White Horse, tiram fotos, circulam a esmo, falam mais baixo e não permanecem por muito tempo. As rochas emitem um frio de frigorífico. À noite, o lugar é deserto.

Tinham levado Harley até lá para torturá-lo.

Eu não deveria estar ali. Deveria estar atrás das minhas próprias barras no porão de uma casa de fazenda a menos de 2 quilômetros do local, comprada para esse propósito. (Ah, as maquinações daquele tempo pré-microtecnologia! Minha cela continha um cofre de ferro fundido, dentro do qual a chave da porta ficava presa por uma fita. A porta do cofre havia sido soldada, mas tinha um buraco nela apenas grande o bastante para caber uma mão humana. Uma mão *humana*. Depois da mudança, eu precisava esperar até mudar de volta. As soluções mais simples são sempre as melhores.) Eu deveria, repito, estar trancafiado, enjaulado e sedado por mim mesmo, mas fraquejara no último instante. Eu estava em uma fase de uma morte a cada duas luas cheias (menos ético do que o medo da Caçada, que entrara em uma onda de recrutamento desde as revelações pós-guerra do ocultismo nazista), mas a abstinência era agonizante, mesmo com os barbitúricos, os benzodiazepínicos, o clorofórmio, o éter. Naquela noite, eu parara no topo da escada do porão e contemplara as horas que teria pela frente. Você desce,

toma as drogas, sofre uma experiência próxima da morte, resiste. Você continua vivo e não matou ninguém. Bem, sim. No entanto. As paredes nuas, as barras, o chão de lajotas, o cofre fátuo animador e sólido. Mesmo debaixo da terra, a lua nascente como a Virgem Maria em uma cama, dizendo por favor, *por favor*, apenas me *foda*, faça isso?

Com uma careta física e um *foda-se* mental, virei-me e subi de volta...

O impulso inicial, o de *descer* como o Anjo da Morte sobre a fazenda ou aldeia mais próxima, não durou. Era uma pequena fantasia louca nascida de um mês sem carne viva. Além disso, eu era um cachorro velho àquela altura. Havia tempos que eu me perdia em devaneios e procrastinações. Você permite que a fome o domine durante algum tempo, exercita os ligamentos lupinos. Os músculos incandescem, possibilitam a dissolução quase completa em alegria animal. Você corre e a noite passa sobre você como seda fria. Atravessei a ferrovia Oxford-Didcot ao norte de Abingdon, nadei no Tâmissa gelado, corri para o leste até as colinas de Chiltern, quase até alcançar a estrada de Londres. "Mr. Tambourine Man" fora despachado do número um pela idiótica "Help!" dos Beatles. As duas músicas giravam irritantemente dentro da minha cabeça como um par de moscas impossíveis de espantar. A fome faz isso, agarra algum detalhe arbitrário e transforma-o em uma encantação ou um totem, uma recorrência enlouquecedora. Eventualmente, matei e comi. Na margem da aldeia de Checkendon, um velho idiota e insone estava de pé no quintal com um cigarro de fumo de rolo, olhando inexpressivamente para sua horta iluminada pelo luar. Ele arfou uma vez, quando lhe tirei o fôlego, mas foi o único som que fez. Ele sobrevivera ao Somme, matara um homem em uma briga em Ostend, descobrira a paz de

cultivar alimentos na própria terra, o estranho milagre dos tubérculos arrancados do solo. O amor, muito antes, fora uma esquelética garota que trabalhava na casa de chá Margate, com cabelos enrolados que o lançaram em um ensanguentado sono lawrenciano de certeza. Saíram durante três meses e, na noite da véspera do ingresso dele no regimento, fizeram amor sonhadora e demoradamente em um quarto propositalmente vago com a janela aberta e o cheiro do mar invadindo o ambiente. Depois, a guerra e o bizarro ordinarismo de horrores. Membros espalhados como grandes pedaços de bonecas. Você perde coisas. Entreouve dizerem: *Ele não é o mesmo*. A libido dele permanecia uma criatura travessa e ardilosa: um monte de revistas para adultos escondidas atrás das latas de creosoto no estábulo, uma ereção blasfema no outro dia com um dos netos no colo, até a velha bunda gorda de Nell, depois de todos aqueles anos, era triturada pelo moinho descarado. Deus poderia ir para o inferno depois do que ele vira, a cabeça explodida de Jones rolando pela trincheira, Sterne com larvas vivendo em seu pé onde ficavam os dedos...

Deixei os restos dele entre os repolhos encharcados de sangue. Escapuli da aldeia de volta para a floresta. A repugnância veio na hora após a refeição, mas os anos reduziram-na a um abraço pesado e suave. Repugnância não mata ninguém. A solidão, por outro lado...

Em Wayland's Smithy, uma hora antes do amanhecer, parei para observar. Não havia, na verdade, tempo para parar e observar. A casa de fazenda (por motivos atuais, lar) ficava a quase 2 quilômetros por um caminho pouco protegido. Estava em uma colina que permanecia todo o ano à mercê de ventos valhalianos. As árvores eram poucas. As fileiras de cercas vivas eram pouco espessas. A escuridão, ou no mínimo a penumbra, seria necessária

para chegar em casa sem ser visto. Ainda assim. Ali havia rochas pré-históricas elevadas à sentiência. Ali havia o ar denso com fedores humanos, matraqueando com energias primais. Um Cortina estava estacionado perto do local. Minha carne ferveu. A parte final da vida da minha vítima instalou-se em mim.

Ao lado da entrada da tumba – um oblongo suave de escuridão mais profunda entre rochas eretas – dois homens estavam concentrados em algo que eu não conseguia ver. Um terceiro vigiava o local onde as árvores se abriam para a trilha.

– Terry, *eu* deveria estar com a lanterna – silvou o terceiro homem. – Está escuro como piche aqui, porra.

O equilíbrio de poder era evidente. “Terry”, na casa dos 30 anos e talvez dez anos mais velho que os outros dois, estava no comando. Era quem segurava a lanterna. O feixe de luz girou, capturou o vigia – um rosto com olhos pequenos de uma doçura infantil, cabelos claros, uma mão erguida para evitar que a luz ofuscasse sua vista –, depois retornou com precisão desconcertante para o objeto original.

– Veado – disse o cúmplice mais perto de Terry. – Provavelmente ele está gostando.

– Tire-o de lá outra vez – disse Terry. – Venha, Fido, saia.

– Ei, bichinha, rápido.

– Ele está... Ajude-me, Dez.

Juntos, Terry e Dez carregaram a vítima para o campo aberto. Um jovem esguio com cabelo cacheado, testa alta, pulsos e tornozelos delgados. Eles tinham atado suas mãos e o amordaçaram. A camisa permanecia pendurada nas costas, mas exceto por ela e uma meia escura, estava nu. Ele estava deitado de lado, não inconsciente, mas espancado até o ponto em que

meramente erguer os joelhos – o reflexo para proteger os órgãos macios – estava praticamente além de suas forças.

– Vamos *logo* – silvou o vigia. – Já vai amanhecer, porra.

– Num minuto ele reclama da escuridão – disse Terry. – No outro, da luz do dia.

– Cale a boca, Georgie, pelos diabos – disse Dez. Ele tomou um gole de uma garrafa de Haig, passou-a para Terry. Terry bebeu, verteu uma libação na cabeça da vítima, depois chutou-a no rosto. Como se a ação tivesse disparado energia, Dez imediatamente chutou o jovem na barriga e nas costelas pelo menos meia dúzia de vezes. Dez era assim: se Terry bebia uma caneca, ele bebia seis e ainda assim não se tornava Terry.

O homem no chão emitiu um som animalesco confuso, não de apelo e nem de protesto, apenas uma nota de desespero como o de uma buzina de nevoeiro. Dez cuspiu nele. Sem ânimo, plantou bananeira por uns dois segundos, equilibrou-se e escorregou. Terry colocou a mão dentro do casaco e tirou uma faca de 15 centímetros com lâmina serrilhada.

– Bem... – disse Terry com um tom de patriarca no final de um almoço satisfatório de domingo. – Sabemos onde ele gosta, não é?

Pode-se dizer que foi um julgamento estético. Pode-se admitir a beleza na consumação do sadismo, mas aquela massa confusa de crueldade era uma ofensa. Dez e Georgie, pelo menos, vacilavam com conceitos sentimentais: camaradagem operária; a Rainha; família; mãe; trabalho duro; aquela ilha imperial. Nos dias de jogo, os dois ingleses estariam berrando a plenos pulmões na arquibancada, de braços abertos, em lágrimas. Em contraste, Terry tinha profundidade mas carecia da coragem e da visão que poderiam tê-lo projetado utilmente para mais além, para o mundo dos outros. A imaginação de Terry permaneceria para sempre

grudada nele próprio. Vi a pequena e bizarra imagem dele sentado na privada, o rosto relaxado de absorção nos próprios esquemas – depois, me movi.

Rápido. Risivelmente rápido demais para eles. Georgie estava morto antes que os outros sequer percebessem. Eu arrancara sua garganta (redundantemente, pois eu já quebrara seu pescoço) e ainda tinha boa parte do tubo molhado na mão esquerda ao me aproximar de Terry e Dez. Não havia nada a ser dito. Para mim, foi apenas o alívio de abandonar uma peça ruim. Dez tentou correr. Terry sentou-se meio que em câmera lenta, boca aberta, depois fez a tentativa de levantar sobre as pernas moles como macarrão. Arranquei uma mordida da barriga de Dez à medida que a vida lhe escapava, engoli, vislumbrei em um clarão numa esquina com pavimento de pedras o rosto úmido franzido de uma loura comum – mas parei. Eu já me alimentara ao ponto de saturação. Quando você ingere uma vida, confie em mim, ela enche você. Terry observou tudo como alguém que não consegue propriamente assimilar a festa surpresa nem mesmo depois de todos saltarem e gritarem surpresa. Mas ele falou, quando parei sobre ele arrastando as salsichas quentes dos intestinos de Dez. Por favor. *Por favor.*

Harley, a vítima, arrastara-se alguns metros e parara. Agachei-me ao seu lado. Ele estava no tom de medo que parece calma. Muito delicadamente, retirei a mordida de sua boca e pressionei meu dedo, meu horroroso dedo híbrido – *shshsh* – contra os lábios. Ele concordou com a cabeça, ou tremeu de repulsa. De todo modo, não emitiu nenhum som. Encontrei suas calças na entrada da tumba e levei-as até ele. O rosto do jovem era uma turba de calombos brilhantes. O olho esquerdo estava inchado como uma ameixa, grudado como que com cola. O direito tentou me observar. Desatar as mãos dele foi demorado e desgastante, por causa das

minhas próprias. Os três dedos quebrados de Harley transformaram vestir as calças em um esforço de outro mundo. Não ousei ajudá-lo. Ele estava perto demais do próprio limite. Permaneci agachado a alguns metros de distância. Ocorreu-me que eu não pensara no que aconteceria depois que o livrasse dos atacantes. Caso ele tivesse corrido, caminhado ou se arrastado para longe, suponho que o deixaria, o que me obrigaria a fugir imediatamente (o trabalho da noite já fora ruim o bastante, agora que eu matara na porta de casa), mas não foi o que fez. Ele levantou-se com esforço, deu três ou quatro passos e depois desmoronou, inconsciente.

O céu dizia que faltava talvez ainda meia hora para o amanhecer. Eu não fizera tanta sujeira, pensando bem. Rapidamente, coloquei os corpos e pedaços ensanguentados no Cortina. A manga da camisa de Dez serviu de pavio, colocada no tanque com um graveto. Pela graça do universo aleatório, havia um isqueiro Ronson de aço inoxidável no bolso de Terry. Peguei Harley, pendurei-o no meu ombro, acendi o trapo e corri.

E o resto, como dizem, ficou para a história.

5

Telefonei para Harley do saguão do Zetter.

– Não estão atrás de mim – disse ele. – Acabo de receber um telefonema de Farrell. Eles não sabiam que você esteve aqui. Não estavam seguindo você, estavam seguindo outro cara. Nem sequer era a unidade londrina. Era um dos franceses. Eu poderia estar em casa *na cama*, espero que se dê conta.

O meu jovem, Paul Cloquet, estava sob a vigilância da WOCOP de Paris havia uma semana.

– Coisa leve – disse Harley. – Ele fora visto no lugar errado vezes demais. Além disso, estava trepando com Jacqueline Delon, aparentemente.

Jacqueline Delon é a herdeira da fortuna da Delon Media, além de ocultista compulsiva e louca limítrofe. Vi-a uma vez em carne e osso há dez anos, deixando o hotel Burj Al Arab, em Dubai. Ela devia estar com cerca de 35 anos na época, uma ruiva magra e imaculadamente cosmetizada em um vestido verde apertado, óculos de sol grandes, uma boca com lábios magros insinuando divertimento exterior de seu tédio interior. Eu imaginara um hálito

atraente de espresso e uma leve constipação, psique tão comprimida quanto uma massa de larvas freudianas. O pai, que iniciara no ramo de transportes, era um famoso devasso sadeano. Supostamente, ela herdara os gostos dele, além da fortuna.

– O agente francês nem sequer deveria estar na Inglaterra — disse Harley. — Ele deveria ter telefonado de Portsmouth e passado o caso para nós. Mas os franceses são assim. Pensam que somos todos umas bichas incompetentes.

– Você quer dizer “eles pensam que *todos* somos umas bichas incompetentes”.

– Hilariante. De todo modo, foda-me se eu souber como, mas a verdade é que Cloquet estava observando você em Paris e seguiu-o até aqui. Sonhou em conquistar fama com um grande escalpo. Imagino que seja um candidato rejeitado pela WOCOP com uma *pomme frite* no ombro. O agente francês seguiu-o até aqui e acabou, de modo indireto, pode-se dizer, seguindo você.

– Isso não é possível — eu disse. — Se aquele idiota estivesse me seguindo em Paris, eu saberia. Ele não é muito bom.

– Verdade?

– Verdade.

Cubos de gelo tilintaram em um copo. Harley bebericou e engoliu. Ao meu redor, o saguão do Zetter estava aquecido e suavemente iluminado. O murmúrio e o tilintar do bar que ainda servia proporcionava uma grande sensação de confiança. Duas jovens com blusas engomadas estavam de pé na recepção. Quando entrei, sorriram para mim como se minha chegada fosse uma salutar surpresa erótica. O que importa na civilização é poder hospedar-se em um hotel de qualidade.

– Bem, ele conseguiu de alguma maneira, Jacob, posso lhe assegurar. Acabo de sair do telefone com Farrell, no QG. O agente

francês identificou você e, tardiamente, telefonou para nós. Confie em mim, a WOCOP sabe que você está aqui, mas apenas há dez minutos.

Eu não estava convencido, mas Harley soava exausto e eu não conseguia me fazer preocupá-lo ainda mais. Era verdade que eu estava preocupado em Paris. Uma das minhas companhias estava envolvida em uma grande aquisição e eu tivera contato demais com meus intermediários humanos para que pudesse me sentir confortável. Eu disse a mim mesmo que era bastante possível, com a cabeça cheia de praticabilidades irritantes, ter deixado de perceber que estava sendo seguido, até mesmo pelo idiota com a Magnum. Cujas balas, Harley também confirmara, eram de pura prata mexicana. Quem quer que Cloquet fosse, ele conhecia a natureza de sua Caçada.

– Obviamente, não deveríamos nos encontrar pessoalmente por algum tempo – disse Harley.

– Quanto tempo? Em 27 dias, estarei morto.

Silêncio no lado dele. Remorso no meu.

– Não confia mais em mim, Jake?

– Desculpe-me. Esqueça.

– Não culpo você. Uma bicha velha e triste com hipertensão e um traseiro dolorido. Já deveríamos ter encontrado alguém jovem para você. Deveríamos ter encontrado para você alguém que...

– Esqueça, Harls, por favor.

Silêncio novamente. Era possível que Harley estivesse chorando. Ele ficara inclinado a rupturas emocionais desde a cirurgia de próstata. A verdade é que *deveríamos* ter encontrado outra pessoa, ou melhor, ninguém mais, pois não tenho necessidade de um amigo íntimo humano há um século ou mais. A verdade real é que, para início de conversa, eu jamais deveria ter aceitado Harley, mas

encontrava-me em uma fase de profunda solidão na noite em que o coloquei em uma dívida explorável comigo. Agora, ouvindo-o fungar uma vez e dar um pequeno gole, pensei: isto sou eu. Toda a raiva presente deriva de fraquezas do passado. Basta. *Deixe acontecer.*

— Ignore-me — disse. — Só estou zangado por ter aquele capanga me seguindo.

Harley limpou a garganta. Às vezes, o som dele fazendo isso, ou a visão dele lutando para abrir um pote de picles, ou tateando os bolsos em busca dos óculos que repousam em sua testa partem meu coração. Mas o que é um coração partido? Um sentimento. Eu estava cansado de sentimentos, mesmo que eles não estivessem cansados de mim.

— Bem, não faz sentido deixar o Zetter nesta noite — disse ele. — Já sabem que está aí. Por que não me telefona pela manhã, quando o bom-senso foder com sua cabeça?

— Por que não faço justamente isso?

Outra pausa. Há alguns silêncios nos quais sinto Harley reprimindo a palavra “amor”.

— Quem é hoje? — perguntou ele. — Não aquela com a boceta de plástico?

— Aquela é Katia — respondi. — Esta é Madeline. Nada de plástico. Tudo verdadeiro.

6

Um vampiro escreveu: "A grande assimetria entre imortais e lobisomens (além da assimetria estética óbvia) é que enquanto o vampiro é elevado por sua transformação, o lobisomem é diminuído por ela. Ser um vampiro é obter um aumento na sutileza da mente e no refinamento do gosto; o eu abre a porta de sua quitinete para descobrir a casa de muitas mansões. A personalidade expande-se, indefinidamente. O vampiro obtém a imortalidade, imensa força física, habilidades hipnóticas, o poder do voo, grandiosidade psíquica e profundidade emocional. O lobisomem obtém dislexia e uma ereção permanente. É uma comparação parcamente digna de se fazer..." Por tudo isso, pode-se ler: *Os lobisomens podem fazer sexo e nós não.*

Apesar de não ser misógino, só faço sexo com mulheres de quem não gosto. Emocionalmente, não há alternativa, mas é difícil. Não porque desgostar impeça o desejo (pelo contrário, como sabemos modernamente, pois lidamos bem com isso modernamente), mas porque *meu* desgostar raramente dura, especialmente com prostitutas, cuja maioria esforça-se para ser amável. Um grande

número de acompanhantes metropolitanas é algo ruinosamente agradável. No ano passado, contratei uma garota argentina de 29 anos, Victoria, cuja alma falou com a minha em sua própria língua oculta no primeiro minuto do encontro. Fiz com ela sexo oral, vaginal e anal (nessa ordem; repito, não sou misógino) durante um período de seis horas (3.600 libras), depois fomos fazer compras no Mercado Borough e tomamos café admirando o Tâmis. Atravessando a ponte Hungerford, demos as mãos, o vento levantou seus cabelos negros e ela voltou o rosto de encontro ao meu para o beijo inevitável com o conhecimento já lânguido do que era possível entre nós; gostei enormemente dela e ela disse: "Isto será um problema, não é?" Então telefonei para a agência depois de colocá-la em um táxi em Embankment e disse-lhes para que jamais a enviassem novamente para mim.

Por que então contar com prostitutas, se elas são tão amáveis? Por que não selecionar pelas melhores entre as fileiras de mulheres neonazistas ou pelo registro de mães pedófilas? Há uma razão profunda e outra superficial. Chegarei aos poucos à profunda. A superficial você pode saber agora: em suma, porque as não prostitutas requerem desejo recíproco. Não sou um homem feio (e tampouco um lobisomem feio, a julgar por alguns errantes com cara de pug que vi nos arquivos da WOCOP surrupiados por Harley), mas estou muito longe de desconsiderar a atenção de qualquer mulher. Não posso ficar por aí esperando por alguém que se interesse por mim. Consome tempo demais. Exige muito trabalho. É por isso que recorro às acompanhantes profissionais, para as quais, assim como terapeutas e mercenários (e em uma feliz contradição com Lennon e McCartney), tudo de que você precisa é dinheiro.

Madeline, de pele branca, olhos verdes, cabelo louro alisado, tronco curto e pequenos seios alertas, é autocomplacente, vaidosa,

materialista, repleta de axiomas de tabloides e fluente em clichês. Ela esteve lá e fez aquilo e ainda comprou a camiseta. Ela fica ensandecida. Fica paralítica. Ela quer o homem do realejo, e não o macaco. Ela não mijaria em você nem se estivesse pegando fogo. As novidades pulverizadas de Amis são sua língua franca. A despedida dela ao telefone é *mmbaah*. Isso, mais do que suas carências espirituais, preservaram meu desgosto, mas não pode durar para sempre. Daqui a um mês, posso ver a criança confusa lá dentro, os buracos abertos e calos errados no tecido do amor perdido há tanto tempo. Havia um Pai Suspeito limítrofe e Idólatra, uma Mãe decadente e perversamente Ciumenta. Este é o empecilho de ter vivido tanto tempo e visto tantas pessoas: a biografia transparece, todos os antecedentes mitigantes. As pessoas estão repletas de informações quanto a si próprias e começo a sentir a dor de cabeça de interesse por elas. O que não faz sentido, visto que, quando se chega ao cerne da questão, elas são principalmente e, acima de tudo, *comida*.

Ela aguardava por mim no estúdio de luxo na suíte da cobertura do Zetter, se bem que com a aparência de ter acabado de se arrumar depois de uma rapidinha – fez um bico às minhas custas, já que eu a contratara para toda a noite.

– Oi – disse ela, erguendo o copo, desligando o som da TV e invocando o brilho felino. Estava passando *Extreme Cosmetic Surgery*. Uma mulher estava sendo submetida ao processo de remoção da gordura do abdome para enfiá-la no traseiro.

– Sinta isso – eu disse, esticando minha mão congelada. – Devo colocá-la em algum lugar em você?

A mão de Madeline, com unhas francesinhas, estava quente, tratada com hidratante e até mesmo as impressões digitais úmidas prometiam sexo transacional.

– Só se você gostar de comida de hospital, querido – disse ela. – Quer champanhe? Ou algo do minibar?

– Ainda não. Preciso me lavar da sujeira do mundo. Assista ao resto do programa. Peça o que quiser.

Brutalmente descongelado depois de três minutos no chuveiro, fiquei de pé enquanto os jatos quentes arrancavam os resquícios de lobo dos meus ombros. O hábito deixara-me mentalmente ocupado com estratégias de desaparecimento e pontos cegos da WOCOP (o Oriente Médio, a República do Congo, Sudão, Zimbábue, todos os destinos divertidos), números de contas bancárias na Suíça, celas de detenção temporizadas, passaportes falsos, estoques de armas, transportadoras corruptas – mas, sob tudo aquilo, havia algo como minha própria voz dizendo: é isso que você queria. Pare. Fique em paz. *Deixe acontecer.*

Não que eu conseguisse manter qualquer uma das linhas de pensamento durante muito tempo. Fazia dez dias desde a última vez em que fodera Madeline. Dez dias levam minha espécie ao limite. Sob a Maldição, você fica desesperado por sexo com uma fêmea (se você for hétero, quero dizer; existem, naturalmente, lobisomens gays – há resistência ao termo “lobichas”), enquanto que, sem estar sob o efeito da Maldição, a libido normal é ampliada pela frustração de não *ter feito* sexo com uma Fêmea. É um problema numérico. Os índices de infecção para fêmeas sempre foi baixo, a WOCOP estima que gire em torno de uma para cada mil machos. Como você pode imaginar, nós não nos esbarramos. Jamais conheci uma. Em *Buffy*, haveria um bar de solteiros para uivadores. Não no mundo real. A internet não ajuda em nada: a WOCOP criou tantos *sites* de armadilha (o mais famoso foi o werewolffuckfest.com, através do qual eliminaram quase uma centena de monstros – todos machos; nenhuma fêmea, caso ainda

restasse alguma, respondeu – ao longo de um mês na metade da década de 1990) que ninguém ousa correr o risco. Durante muito, muito tempo, a explicação romântica para os baixos índices de infecção feminina perduraram: a possessão de um útero, supostamente, conferiria uma delicadeza simplesmente incapaz de suportar a perversidade de um coração licantropo. Lobisomens fêmeas, defendia a idiotice masculina, deveriam estar se matando em quantidades loucas. Na primeira lua cheia, passariam pela transformação, devorariam um amado, encontrariam-se incapazes de viver com a culpa, retirariam-se a algum lugar tranquilo e engoliriam um brinco de prata. É consideravelmente extraordinário, levando em conta a riqueza de evidências históricas do contrário, o quanto perdurou tal falácia relativa ao sexo frágil, mas o século XX (anos antes que Myra e as garotas de Abu Ghraib contribuíssem com sua pequena parte) praticamente a fez ir por água abaixo. Agora sabemos: se as mulheres não são contaminadas pelo vírus do lobisomem, certamente não é porque sejam feitas de açúcar, temperos e todas as coisas agradáveis. Seja qual for a razão, jamais houve um número suficiente de Fêmeas para seguirmos adiante. É uma das grandes tragédias sexuais do universo. É também uma das grandes farsas sexuais do universo, pois nada dessa concupiscência atende a um propósito evolucionário. Lobisomens não se reproduzem sexualmente. Garotas uivantes não possuem óvulos, a porra dos garotos que uivam é inócua. Se você não teve filhos antes de se transformar, não terá nenhum, acostume-se com isso. A reprodução licantrópica ocorre através da infecção: sobreviva à mordida e a Maldição será sua.

Mas aqui está a questão, a velha notícia, a manchete gasta: Ninguém mais *sobrevive* à mordida.

Segundo a WOCOP, pelo menos não há cem anos. Vítimas feridas morrem em 12 horas. É um mistério. Fui transformado em 1842 e é possível que eu seja o último lobisomem criado. A WOCOP, leviana com incredulidade científica, capturou lobisomens e *deu* a eles vítimas para maltratarem – sem transmissões bem-sucedidas. Ao longo do último século, a espécie viajou em um trem-bala rumo à extinção, com ou sem o zelo exterminatório da WOCOP. No final do ano da Grande Exposição, estávamos reduzidos a menos de 3 mil. Quando a rainha Victoria morreu, estávamos reduzidos a pouco menos de 2.500. E na época da primeira aterrissagem na lua, éramos uma lista de 793 nomes. Dentro da WOCOP, a Caçada tornou-se uma piada, os caras que faziam o próprio trabalho tão bem acabaram ficando sem trabalho. Anualmente, o orçamento deles é reduzido. Um véu de melancolia caiu. Você será o canto do cisne de Grainer, Harley dissera. Sua obra-prima tardia.

Desliguei o chuveiro, voluptuoso devido ao calor e à pulsação perceptível do corpo de Madeline me aguardando. Uma primeira foda rápida e intensa, *allegro*, para matar a efervescência dentro de mim, depois o segundo, terceiro e quarto movimentos, *adagio*, *ritardando*, *grave*. Desejo e tédio agudo no mesmo copo. Faço o que faço com a desesperança vítrea vista nos superobesos enquanto mastigam ritmadamente suas toneladas de chocolate e galinha frita. Uma das coisas pelas quais tenho esperado é a morte da minha libido. Perdi o interesse em tudo o mais, então por que não? Mas ela continua, pode-se dizer, aparecendo.

Um olhar pré-coito no espelho mostrou a calma do rosto assustadoramente familiar e tranquilo de olhos negros (atualmente, sempre que o vejo, penso, Oh, Jacob, faça um favor a si próprio e *pare*), depois juntei-me a Madeline na cama, onde, atendendo ao meu pedido, ela desligou a televisão e deitou sobre as costas e

abriu as pernas com meias-calças brancas e colocou os braços sobre a cabeça em um misto de infantilidade e submissão e suportou durante cerca de 15 minutos a dura constatação de que eu não teria uma ereção, enquanto fazia tudo ao seu alcance para me deixar duro. Eventual e empaticamente flácido, aceitei a derrota.

– Por mais hilário que possa parecer — disse —, acabamos de fazer história. Isso nunca aconteceu comigo.

Seu ego profissional estava ofendido, e ela não era muito boa em esconder isso. Depois de um suspiro recortado e de um balanço dos cabelos louros para retirá-los de cima da clavícula, ela disse:

– Quer tentar de outra maneira?

É oficial.

Você é o último.

Lamento.

Isso é chamado de choque retardado por um motivo. Até deitar sobre ela, eu estava etéreo por não ter metido, ou por ter pensado duas vezes quanto a aceitar e a rejeitar ao mesmo tempo. Mas coloquei minhas mãos na cintura dela e senti seus mamilos tocando meu peito e a suavidade e o calor de sua respiração levaram-me, como fazem tais mistérios, de volta à uma massa completamente nauseabunda. Foi como se eu estivesse ignorando uma sombra em minha visão periférica somente para me virar e descobrir que era uma onda oceânica de 300 metros seguindo na minha direção. Você é o último.

– Talvez mais tarde – eu disse. – Não é você, diga-se de passagem.

Ela fez beicinho diante do absurdo, desviou o olhar para o documentarista invisível que sempre a acompanha. O narcisismo de Madeline reconfigura momentos constrangedores em oportunidades para perplexidade diante da câmera. Oi, *alô?*

Eu deslizara para descansar minha cabeça sobre a cintura dela e estava deitado inspirando sua boceta jovem e quente com uma grinalda de Dior Addict. A última imagem antes que eu deixasse de tentar usá-la inutilmente foi de Ellis, com seu casaco militar, erguendo a cabeça lupina decepada de Wolfgang enquanto um colega de Caçada filmava tudo para os anais da WOCOP.

– Que tal se *eu* lhe desse uma massagem? – Eu disse.

Se fosse Hollywood, eu a dispensaria com o pagamento completo e altamente bonificada pela preparação ao longo de uma noite de reflexão solitária, uma sequência de planos em *fade* com olhos úmidos que Pacino interpretaria com um minimalismo pernicioso, olhando para a cidade, cigarro aceso, garrafa e copo, a expressão de tranquilidade permitindo que toda a morte e tristeza se acumulassem com uma espécie de sabedoria derrotada. Mas não estávamos em Hollywood. O pensamento de passar toda a noite sozinho disparava uma adrenalina desconcertantemente errada e uma segunda fase de negação. Eu não suportava pensar a respeito. Tirei as meias-calças de Madeline.

– É gostoso? – perguntei um pouco depois. Eu desligara a luz, mas deixara as persianas abertas. Ainda nevava. O céu cinzento e amarelado e a paisagem branca dos telhados proporcionavam uma luz enluarada, suficiente para os brincos dela e o lustro do óleo em sua pele. Eu tinha seu pé esquerdo nas mãos e massageava-o delicadamente.

– Nnnn – disse ela. – Delicioso.

Massageei no que poderia ter sido silêncio se não pelos gemidos ocasionais de Madeline, certo de que, caso parasse, eu não conseguiria tolerar minhas próprias energias ensandecidas. Lembrei-me do quanto Harley soara cansado ao telefone e fazia uma releitura do episódio como o primeiro sinal da disposição dele

a deixar-me partir. Certamente minha morte o colocaria contra a própria história, deixando nada entre ele e os horrores que ele ajudara a ocultar, mas também o libertaria. Ele poderia se aposentar da WOCOP. Seguir o próprio caminho. Viver a cada dia um pouco do que se tornara e esperar viver o bastante para ingerir toda a massa grotesca. No mínimo, encontrar abrigo em algum lugar quente onde pudesse sentar-se descalço na poeira com um chapéu de palha e escutar o que o vazio teria a dizer. Caso necessitasse de uma base lógica altruísta para morrer, ali estava ela.

– Conte-me um pouco mais sobre lobisomens – disse Madeline, engolindo as palavras. Eu passara uma hora massageando-a sem medo de que sua consciência fosse ativada: não há favor ou prazer que ela não engula ou absorva peremptoriamente como parte de seu direito de nascença. No que lhe dizia respeito, eu poderia passar toda a noite mimando-a, todo o ano, pelo resto da vida. A verdade é que ela não é uma prostituta muito boa.

– Pensei que estivesse dormindo.

– Conte-me sobre a primeira vez que matou alguém.

O Lance do Lobisomem. Para Maddy, é mais uma peculiaridade de um cliente, mas na qual está viciada. No final das contas, no mundo pós-tudo, os humanos não conseguem curar-se do vício em histórias. Homero ri por último.

– Uma jovem adorável está deitada em uma cama no escuro, ouvindo um conto de fadas – disse. – Mas ela está nua e as mãos do contador de histórias estão sobre seu corpo.

Ela não falou nada durante um momento, depois disse:

– O quê?

– Nada. Busco correlações para as épocas. Deixe para lá. Matei minha primeira vítima em 14 de agosto de 1842. Eu tinha 34 anos.

- 1842... Então, isso dá...
- Completarei 201 anos em março.
- Não está em más condições, então.
- A forma humana é mantida durante a transformação. É o lobisomem que desenvolve artrite e catarata.
- Você deveria ir à televisão para contar isso.

Conte-me sobre a primeira vez que matou alguém. Para o monstro, e também para o homem, a vida é uma surpresa longa e cada vez menor diante de quanto espaço você encontra para seu eu desgraçado. Mas há as exceções, os desagradados únicos, os tumores inoperáveis...

– Um mês antes de matar minha primeira vítima — continuei —, eu estava de férias com um amigo... Meu melhor amigo na época, Charles Brooke... Em Snowdonia. O ano, como disse, era 1842. Éramos cavalheiros ricos e educados de propriedades vizinhas em Oxfordshire, portanto encaramos a viagem como encarávamos tudo o mais: com um ar bem-humorado de estarmos em nosso direito. Charles estava comprometido a se casar em setembro. No verão anterior, eu chocara meu pequeno mundo ao me casar com uma mulher americana de 30 anos que não tinha nenhum centavo, a qual eu conhecera e por quem me apaixonara na Suíça.

- O que fazia na Suíça?
- Charles e eu estávamos em uma turnê pela Europa. Não como as dos Rolling Stones.
- O quê?
- As pessoas iam para a Europa conhecer os lugares, esse era o hábito. Arabella viajara para lá com a tia, uma velha chata e mal-humorada, mas que era seu único sustento. Conhecemo-nos no hotel Metropole, em Lausanne. Foi amor à primeira vista.

Passei o polegar muito delicadamente sobre a dobra úmida do ânus de Madeline. Um pornôgrafo em Los Angeles disse-me há não muito tempo: o cu está acabado. Tudo se acaba. Você continua inventado coisas loucas para as quais não acredita que encontrará garotas, as quais finalmente acabarão com as garotas. Mas as garotas continuam aparecendo e acabando com essas coisas. É deprimente.

– Há algo que você goste aí? – perguntou Madeline, arqueando as costas.

Removi o polegar e recomecei a massagem.

– Não, apenas pareceu-me momentaneamente apósito. A palavra “amor”.

Ela abaixou o traseiro, esticou a mão até o balde de gelo e ergueu a garrafa de Bollinger, agora sem gás, para dar um gole.

– Ah – disse ela, apenas se perguntando vagamente o que “apósito” poderia significar. – Então, tudo bem.

– Charles e eu acampamos em uma clareira na floresta a poucos quilômetros da base de Snowdon. Pinheiros e vidoeiros, um riacho cintilando como lantejoulas sob o luar. Era lua cheia, naturalmente.

– Quer dizer que é realmente isso, não é? A lua cheia?

Em nossa noite de núpcias, Arabella e eu arrastamos as cobertas da cama para onde a faixa de luar penetrava pela janela. Queria vê-la sobre sua pele.

– Sim, a lua cheia é realmente o que importa – disse. – Todos pensamos estupidamente que terminaria depois que os astronautas foram até lá e caminharam nela em 1969. Houve uma depressão palpável na espécie quando ficou óbvio que o pequeno passo de Armstrong não mudara nada para os lobisomens, por maior que tenha sido um salto para a humanidade.

– Não se desvie da história – disse Madeline. – Você sempre faz isso, muda de assunto e fico perdida. Isso me deixa louca.

– É claro que deixa – disse. – Sinto muito. Você é uma filha de seu tempo. Você quer a história. Apenas a história. Muito bem. Resumindo: Charles e eu fizemos uma fogueira e montamos a barraca. Apesar do céu claro, estava quente. Jantamos carne salgada e geleia de ameixa, pão, queijo, café quente e, depois, bebemos juntos quase uma garrafa inteira de conhaque. Recordo da sensação de liberdade, da lua e das estrelas no céu, os espíritos antigos da floresta e da água, do companheirismo de um bom amigo... E, como uma radiação de casa, a quilômetros dali, o amor e o desejo de uma mulher linda, gentil e fascinante. Mencionei há pouco que nos sentíamos como que em nosso direito, não foi? Era verdade, de modo geral, mas havia momentos em que me sentia humilhado pela noção da minha própria boa sorte.

– Como você faz isso, diga-se de passagem?

– Faço o quê?

– Falar assim, como a televisão?

Parara de nevar. O quarto era um ninho de conforto contemporâneo atraente. Sob a nova luz parada, digna de ficção científica, poderíamos estar em outro planeta. Os diários estão em um cofre particular em Manhattan. Todos, menos o atual. Este aqui. O último. A história inenarrável. Harley tem a senha, a chave sobressalente, a autorização.

– Prática – eu disse. – Tempo demais nas mãos. Devo continuar?

– Desculpe, sim, continue. Vocês tomaram o conhaque e sentiam-se, sei lá, livres.

– Charles tinha a cabeça fraca para bebida e estava exausto depois dos quilômetros que andamos naquele dia. Pouco depois da meia-noite, ele recolheu-se para a barraca e, em uma questão de

minutos, estava roncando, baixinho. – Tirei o cabelo de Madeline do caminho e massageei os trapézios da escápula ao osso occipital. O latim anatômico é um amigo imparcial quando você precisa rasgar pessoas e comê-las. – Enquanto Charles dormia, deitei-me ao lado da fogueira, pensando em Arabella. Eu me considerava o homem mais sortudo do mundo. Nem ela nem eu éramos virgens quando nos conhecemos, mas a pouca experiência que eu tivera em *boudoirs* não me prepararam para o que veio depois com ela. Arabella tinha uma paixão rica, constante e amoral. O que o mundo teria chamado de perversão era, entre nós, um retorno à inocência angelical. Nenhuma parte do corpo era vergonhosa. Todas as partes do corpo eram sagradas.

– Para mim, soa como *tesão* à primeira vista – disse Madeline, não sem um toque de irritação. Ela não aprecia não ser a mulher principal no ambiente, mesmo que a competição esteja morta há um século e meio.

– Certamente, havia tesão – eu disse. – O mais sagrado dos tesões. Mas não se engane, não era possível que estivéssemos mais profundamente apaixonados. É importante que entenda isso. É importante para o que vem depois.

– Hmm.

– Compreende que estávamos apaixonados?

– Entendi. Oh, por Deus, sim, massageie minhas mãos. Você se esquece das mãos.

– Se fosse Poe, Stevenson, Verne ou Wells, eu teria sido atraído para longe do acampamento por um som estranho ou por alguma figura vista de relance.

– O quê?

– Deixe para lá. Não é importante. Levantei-me e afastei-me da fogueira, na direção do riacho. Pensar em Arabella, veja bem,

deixara-me em um estado de excitação insuportável. Eu precisava, vernacularmente, me aliviar.

Madeline não disse nada, mas uma microcorrente de destreza profissional correu por sua pele sob minhas mãos. Ah. Certo. Retornando. Lá vamos nós.

– Caminhei talvez vinte passos até as árvores na margem do riacho, desabotoei as calças e, com a garganta erguida para a lua, comecei a me satisfazer. Eu sabia que contaria a Arabella que fizera aquilo quando voltasse para casa. Para ela, seria mais um doce sacramento... – eu começara a história com uma tortuosidade mecânica mas fora tragado por ela à minha própria revelia. Senti, de repente, não o quanto duzentos anos demoravam para passar, mas sim como passavam tão rápido. Ali estava o começo do lobisomem, como um espinho que me arranhara há apenas um segundo. Contudo, de alguma maneira, entre aquele momento e agora, havia quase 2 mil vítimas. Pensei nelas em uma pilha em um campo de concentração. Minhas entranhas são uma cova coletiva. Poderia tão facilmente não ter acontecido. Poderia tão facilmente ter acontecido com outra pessoa.

– Continue – impeliu Madeline. A massagem interrompera a narrativa. Paciência não é um dos pontos fortes dela.

– Foi o último momento da minha vida como ser humano – prossegui, massageando suas coxas. – E foi um bom momento: o perfume das coníferas, o barulho do riacho, o ar quente e o luar balsâmico. Gozei, deliciosamente, com a imagem mental dela olhando para mim sobre o ombro enquanto eu a fodia por trás.

– Estou entendendo, querido.

– Foi quando o lobisomem atacou.

– Oh.

– Digo “atacou”, mas a verdade é que eu apenas estava no meio do caminho. Ele estava fugindo. Eu ainda estava com o pau na mão quando ouvi um distúrbio repentino na vegetação rasteira e, em menos tempo do que levo para contar, ele estava sobre mim... Gigante, com um cheiro forte, frenético de medo... Depois, sumiu. Durante um segundo de clareza, senti tudo, a velocidade e o volume dele, as garras de açoite, o fedor de carne em seu hálito, o gelo da mordida e um único vislumbre dos lindos olhos... Em um instante, ele disparou em meio à escuridão e fiquei deitado sem fôlego, um braço no riacho, minha camisa absorvendo o peso de meu próprio sangue. Água fria, sangue quente, algo agradável no contraste. Foi como se ficasse deitado ali durante muito tempo mas, na verdade, só podem ter se passado poucos segundos antes que eu visse a Caçada. Não tinham esse nome naquele tempo. Na época, chamavam-se SDL, os Servidores da Luz. Na margem oposta, três homens encapuzados a cavalo, armados com pistolas e lanças com pontas de prata, um com um arco e uma aljava de flechas reluzentes.

– Sério, você deveria escrever isso.

– Não me viram, e o barulho do galope teria abafado minha voz mesmo que eu tivesse forças para chamá-los. Em um instante, também desapareceram. Durante algum tempo, fiquei deitado, estranhamente despreocupado, entre a consciência e o oblívio. Não sei quanto tempo passou. Os segundos poderiam ter sido dias. O luar sobre mim era como um anjo e as constelações apareciam sobre mim com ternura: *Pegasus, Ursa Maior, Cisne, Orion, as Plêiades*.

– Quando me arrastei de volta ao acampamento, o ferimento parara de sangrar. Charles dormira durante todo o episódio e uma náusea repentina disse-me para não o despertar... Na verdade,

disse-me para não contar nada a respeito do que ocorrera. O que eu *podia* dizer? Que uma criatura de 3 metros, parte homem, parte lobo, surgira do nada e me mordera para depois desaparecer perseguida por três caçadores a cavalo? Restava um pouco de conhaque na garrafa, então derramei-o sobre a ferida e envolvi-a da melhor maneira que consegui com um par de lenços. Alimentei a fogueira e acomodei-me para observar o que restava da noite. Não tínhamos armas, mas eu poderia pelo menos avisar caso a criatura retornasse.

Agora, estava deitado ao lado de Madeline, fazendo um *shiatsu* habilidoso com a mão direita ao longo de sua vértebra lombar. Boa parte dela estava ocupada absorvendo o prazer da massagem. Um pouco dela mantinha o motor profissional em ponto morto. Somente um pedacinho insignificante estava irritado quanto à possibilidade de que todo aquele lance de lobisomem pudesse revelar-se uma espécie de problema mental.

– Naturalmente, adormeci – eu disse. – Quando acordei, a ferida tinha praticamente desaparecido, de modo que, durante os últimos quatro dias da excursão, vivi com o temor de que, na melhor das hipóteses, eu enfrentara alguma espécie de ilusão poderosa e de que, na pior das hipóteses, eu estivesse enlouquecendo completamente. Sempre que pensava em contar a alguém... Em primeiro lugar, a Charles, e depois a Arabella, quando voltasse para casa... A sensação de náusea culpada tomava conta de mim e eu mantinha a boca fechada. – Madeline, finalmente sintonizada em certas mudanças de frequência, tocou meu pau muito levemente com as unhas. – Obviamente, manter o segredo de Arabella era um calvário por si só. Os olhos da minha esposa procuravam os meus em busca do velho reconhecimento, mas encontravam neles uma diferença que teria sido menos perturbadora caso fosse menos sutil.

– Ei – sussurrou Madeline. – Veja o que encontrei.

– Tive dificuldade para dormir, oscilava entre a euforia e o desespero, duas ou três vezes fui acometido por uma febre inexplicável e, cada vez mais, à medida que passava o mês após o ataque, lutei contra uma nova e violenta força de desejo. – Madeline virou-se, insinuou-se habilidosamente com o traseiro e orientou o que encontrara para dentro de sua fenda. – Durante o dia, eu era atormentado por fantasias e, à noite, estava à mercê dos sonhos. Arabella... O que poderia ela fazer além de derramar seu amor sobre mim? O amor era o que ela possuía. E ele açoitava-me como a luz do sol sobre pele queimada.

Pelos movimentos dos ombros de Madeline, deduzi que ela realizava uma busca habilidosa dentro da bolsa que estava no chão. Uma pausa. O estalar de papel alumínio. Tudo isso através dos músculos magros de sua mão, braço, ombro, até mim. Meu coração batia contra as costas dela. Ela aguardava precisamente pelo momento certo. Senti a pequena dificuldade que ela ainda enfrentava em suprimir a parte de sua personalidade que não queria ser uma prostituta. Minha própria intumescência lembrou-me do quanto a mão do jovem rapaz deve ter latejado.

– Arabella jamais me parecera tão desejável – eu disse. – Contudo, sempre que me aproximava dela, algo me impedia. Não era impotência. Eu poderia ter quebrado rochas com as ereções que tinha. Era, na verdade, uma compulsão por esperar, esperar...

Madeline abriu o preservativo e, lentamente, esticou a mão até meu pau. Juntos, colocamos a camisinha com o mínimo de mau gosto. Outro mergulho na bolsa onisciente forneceu o lubrificante, o qual ela aplicou com prodigalidade calculada nos dedos indicador e médio da mão esquerda. Levantei-me da cama com extremo cuidado, como se qualquer coisa... Um ranger do colchão... Pudesse

destruir o momento. Ela recuou de quatro na minha direção, parou na beirada da cama, joelhos juntos, bunda erguida em uma submissão elementar. Não importa o interesse que tivesse pela história, o único interesse que tinha agora era profissional, um instrumento afrodisíaco. Aquilo exigia sabedoria, ela sabia; era o tipo de coisa que poderia sair pela culatra. Ela esticou o braço uma segunda vez para lubrificar o ânus.

– O que aconteceu depois? – sussurrou ela.

Arabella pressionada contra a cama, nua, uma versão de seu rosto que eu jamais vira. Eu mesmo refletido no espelho giratório dourado que Charles nos dera como presente de casamento, a absurda realidade prosaica de minha forma modificada.

Enfiei meu pau no cu de Madeline enquanto a imagem mudou-se para a dela, Madeline, fazendo compras atrevidamente na King's Road. Ela emitiu um pequeno ruído pela garganta, falsas boas-vindas. *O que sobreviverá de nós é nada.*

– Não conto essa parte da história – eu disse.

Esta é a razão profunda pela qual só faço sexo com mulheres de quem não gosto.

7

Foi uma longa noite depois que Madeline adormeceu, em torno das 3 da manhã, deixando-me sozinho nas horas inadequadamente chamadas de pequenas, quando tantas coisas grandes acontecem no coração. Fiquei deitado por algum tempo no chão do banheiro, no escuro. Fumei. Fui para o terraço da suíte na cobertura, onde a neve caída e não perturbada era profunda (e viçosa, e plana) e olhei além dos telhados de Clerkenwell. A neve torna as cidades inocentes outra vez, revela a fragilidade do gesto humano contra o vazio. Pensei em acordar Maddy para compartilhar da beleza estranha e tranquila do cenário – e senti o impulso ser tragado imediatamente pela fornalha do absurdo, para onde todos os meus impulsos desse tipo devem ir, acompanhados por uma sensação de hilaridade inerte. Depois de algum tempo, a única coisa que se pode fazer com a solidão é rir dela. Tomei as bebidas do minibar, uma de cada vez, com reverência por suas diferentes personalidades. Assisti à televisão.

Não conto esta parte da história.

Não contei. Ainda.

Caminhões removedores de neve atravessavam a escuridão com inadequação jovial britânica, mas quando a cozinha do Zetter começou a funcionar, a neve caía forte outra vez. Os londrinos acordariam, olhariam para as ruas e ficariam gratos: não era o de sempre. Graças a Deus. Qualquer coisa, *qualquer* coisa que não o de sempre. O amanhecer foi a lenta revelação de um daguerreótipo. Madeline acordou – ela faz isso com uma brusquidão enérgica impressionante – e deixou claro através da contorção dos tornozelos que esperava pelo sinal de que não havia mais risco de outra relação sexual.

– Por que não vai para o chuveiro – disse – e eu peço o café da manhã?

E foi o que presumi que chegara quando, 15 minutos depois (o mero preâmbulo ou ajuste da ablução de Maddy mal havia começado), bateram na porta.

– Oi – disse Ellis com um sorriso quando abri a porta. – Não é o serviço de quarto.

Ele sabia que tinha apenas um instante antes que eu batesse a porta ou saltasse sobre ele, de modo que levantou as mãos imediatamente e disse:

– Desarmado. Só vim conversar.

Voz suave, sotaque californiano. Há três anos, em uma noite congelante nas Dolomitas, ele e Grainer caçaram-me e quase me mataram. Ellis não mudara: cabelos brancos até a cintura repartidos ao meio sobre um rosto de cera com um grande declive côncavo entre os ossos da face e a mandíbula. Durante um segundo, se poderia pensar que fosse albino – mas os olhos diziam o contrário: lápis-lazúli, repletos de uma estranha autoconfiança. Caso fosse de estatura mediana, seria um homem grotescamente impressionante. Com 2 metros, beirava os limites da ficção

científica. Era impossível suprimir a sensação de que começara a vida como uma garota hippie esbelta de São Francisco e depois tivera os genes diabolicamente manipulados. Usava calças pretas de couro e um casaco Levis desbotado.

– Posso entrar?

– Não, não pode.

Ele girou os olhos e começou:

– Oh, vamos lá, Jake, é...

Em seguida, chutou-me entre as pernas com a precisão e a velocidade de um ginasta.

Já fui bom em lutas, no passado. Eu era perigoso. Sei lutar caratê, kung fu, jiu-jítsu, sei matar uma pessoa com uma chave Yale. Mas é preciso manter a prática, e há décadas não batia em ninguém como humano. Fiz o que um homem faz, inspirei repentinamente em meio à explosão de luz branca e desmoronei, caindo primeiro de joelhos e, depois, segurando minhas partes com as mãos, rolei de lado, sabendo que jamais expiraria outra vez. Ellis deu um passo sobre mim em uma lufada de botas úmidas de motociclista e de pés com cheiro de cogumelos e fechou a porta. Sob a ducha poderosa, Madeline espirrou. Ele ignorou-a e sentou-se na beirada da cama.

– Jake – disse ele –, queremos que saiba de uma coisa. Sabe o que vou dizer?

Eu não sabia, mas responder estava fora de cogitação. Tudo que não consistisse em permanecer encolhido segurando minhas bolas e inspirando mais e mais ar estava fora de cogitação.

– O que vou dizer é: você é o último. Todos os recursos estão dedicados. Não restou mais ninguém. É tudo para você.

Fechei os olhos. Não ajudou. Abri-os de novo. Tudo que queria era expirar, mas meus pulmões estavam enrijecidos. Ellis estava

sentado com os joelhos afastados, cotovelos nas coxas. Atrás dele, as janelas estavam tomadas por nuvens pálidas, e a neve parecia cinzas caindo. A história concedeu à neve novas opções evocativas: chuva de papel picado em um desfile; cremações nazistas; final de Copa do Mundo; partículas do 11 de Setembro.

– Você sabia? – perguntou ele.

Muito delicadamente, balancei a cabeça. Não. Ele deu de ombros em desconsideração – obviamente, caso soubesse, eu dificilmente admitiria e provaria que havia um vazamento de informações na WOCOP –, depois abaixou a cabeça e girou o pescoço como que para aliviar a tensão no mastoide. Ele respirou profundamente um par de vezes, relaxou os ombros e depois ficou ereto, encarando-me.

– Eu deveria ser o vilão malicioso – disse ele. – Consigo sentir, uma espécie de coerção narrativa no éter. É aqui, neste quarto, você sabe, que eu deveria levantar-me e mijar em você ou algo parecido. – Os dedos dele eram longos e tinham juntas grossas, dotados da destreza feia que se vê nos guitarristas virtuosos. – Não se preocupe – disse ele. – Não farei isso. Apenas senti vontade de ver você antes que nós... Você sabe, chegássemos aos finais. O último hurra. – Ele olhou para a neve e disse: – Jesus, mas que *clima*. – Durante alguns instantes, ambos observamos em silêncio os flocos que caíam girando. Depois, ele virou de costas para mim. – Para ser sincero... – disse ele – sou ambivalente quanto a tudo isso. É tudo ambivalência agora, não é? Áreas indefinidas. Moralidade reduzida a aproximações. Sei que sabe disso, Jake, que todo mundo é mais ou menos legal, levando tudo em consideração. Veja aquele cara, como era o nome? Fritzl, estuprando a filha no porão durante anos. Não nos importamos com ele, na verdade.

Sabemos que haverá a psicologia, sabemos que haverá *causas*. Estamos cansados de ficar chocados. Além do bem e do mal.

No chuveiro, Madeline ajustou a ducha para a opção “massagem” e suspirou. Ocorreu-me que Ellis estava drogado. O rosto dele estava úmido.

– Fracassamos, você sabe – disse ele –, em encontrar você. Um agente da França veio para cá no encalço de um suspeito e, no final das contas, o suspeito estava seguindo você. Pensávamos que ainda estivesse em Paris.

No auge absoluto da respiração presa, falei muito rapidamente:

– Por que o agente não me matou?

– Vamos lá, Jake. Você é estritamente do Grainer. Você sabe disso. Toda a Caçada sabe, toda a WOCOP. É como um dos Cinco Pilares.

A dor estava diversificando-se: pontadas no abdome; uma dor de cabeça vermelho-escuro; algo perverso e afiado no cólon; a necessidade de vomitar. Apoiei-me em um cotovelo e arrotei, o que teve a sensação de um milagre.

– Não mentirei para você – disse Ellis. – Lamentarei ver você partir. Não gosto de finais, não nessa escala, não *de uma era*.

Um das meias-calças de Madeline estava ao lado da mão dele. Ele passou os dedos pelo tecido despreocupadamente, com seus horrorosos dígitos de aspargos brancos, e pareceu pela primeira vez estar reconstruindo minha noite. Era irrelevante para ele. Lembrei-me da descrição que Harley fizera de Ellis: magnificamente abstraído, carrega dentro de si um esquema de coisas inescrutável, perto do qual seu próprio parece insignificante. É preciso lembrar-se de que ele é assim simplesmente porque é parcialmente louco.

– Há um anticlímax literário disponível – prosseguiu Ellis, largando a meia-calça. – Você e Grainer encontram-se cara a cara e

ele percebe que matar você eliminará o propósito dele, sua identidade, então deixa você viver. Discuti isso com ele. Ele não desconsiderou a ideia de imediato.

Eu estava explorando alternativas posicionais enquanto Ellis falava e acabara (novamente, digo que apesar de Deus estar morto, a ironia segue viva e faceira) exatamente na postura que Madeline adotara à noite para ser enrabada. O humor torna as coisas mais leves.

– Mas ele desconsiderou a ideia – grunhi com voz de quem inalou hélio.

– Ele desconsiderou. Ele pensou, ponderou e desconsiderou. A honra filial supera tudo.

Honra filial. Há quarenta anos, matei e devorei o pai de Grainer. Grainer tinha 10 anos na época. Sempre há o pai de alguém, a mãe de alguém, a esposa de alguém, o filho de alguém. Esse é o problema de matar e devorar pessoas. Um dos problemas.

– É uma pena. – Falei preocupado.

Ellis não riu. (Ele *não* ri, Harley dissera a mim. Não é que ele não entenda. É que a diversão não o faz rir mais. Ele transcendeu demais.)

– Concordo – disse Ellis. – É *realmente* uma pena dos diabos. Mas, infelizmente, não é minha decisão.

Com um atraso monumental, perguntei-me o que ele fazia ali, manifestamente não colocando uma bala de prata no meu cérebro ou decependo minha cabeça. A questão me perturbava, meu outro eu, aquele que não estava repleto de alegria por ter simplesmente conseguido expirar um pouco.

Alguém bateu na porta.

– Deve ser seu café da manhã – disse Ellis. – Deixarei aqui para que o tome.

Ele levantou-se e, passando outra vez sobre mim, abriu a porta.
Ouvi-o dizer:

– Traga para dentro, por favor.

Em seguida, ele partiu.

Um jovem rapaz com cabelo engomado, vestindo um uniforme do Zetter, entrou com o café da manhã inglês completo de Madeline sobre uma enorme bandeja.

– Cãibra – arfei. – Estou bem. Apenas deixe sobre a cama.

8

O telefone de Harley estava desligado quando tentei falar com ele, o que significava que estava ou no escritório da WOCOP ou morto. Eu não conseguia livrar-me da convicção de que sabiam sobre ele. Uma hora depois da partida de Madeline (passei quase todo o café da manhã cuidando das minhas ameixas chorosas na cama enquanto ela comia – com uma gula calculada, já que ela só se permite comer uma refeição frita por mês), eu chegara à conclusão de que a visita de Ellis fora simplesmente para reforçar a história de como tinham me encontrado. O estilo mental do homem – oblíquo, tangencial, possivelmente chapado – tornava-o difícil de interpretar, mas com certeza havia algo falso acerca da maneira com a qual oferecera aquele *Fracassamos, você sabe. Em encontrar você.* O único motivo que fazia sentido era o desejo da WOCOP de preservar a ilusão de que o disfarce de Harley estava intacto. O que significava que não estava.

Passei a tarde em supino com um pano gelado pressionado contra a testa, acompanhando o lento retorno das minhas gônadas à quiescência, CNN na tela de plasma gerando o ruído branco

adormecedor. Sou imune a notícias, ao *noticiário*, notícias de último instante, notícias correntes, *flashes* de notícias. Viva tempo o bastante e nada é notícia. "As Notícias" são "as coisas novas". Tudo bem, até que cem anos se passam e você percebe que não há nenhuma coisa nova, somente estruturas e ciclos sólidos que se repetem através dos diferentes detalhes da época. Estou com Yates e suas espirais. Até mesmo As Notícias sabem que não existe uma notícia real e esforçam-se cada vez mais para comunicar novidades urgentes em seu conteúdo. *A palavra é sua*, essa é a mais recente inaniidade, âncoras lendo e-mails dos espectadores: "E Steve, em Birkenhead, escreve: 'Nossas leis de imigração são objeto de gargalhadas no mundo. É o enlouquecimento da mentalidade Alimente o Mundo...'" Consigo me lembrar de um tempo quando algo assim teria me incomodado ou ao menos me divertido, que a democracia que realmente excita os ocidentais é a que transforma todo idiota com um blog em um crítico e todo fascista com boca espumante em uma autoridade política. Mas, agora, nada sinto, apenas um distanciamento tranquilo. Na verdade, o *noticiário* já me parece apocalipticamente redundante, como se (dunas silenciosas lá fora, insetos do tamanho de carros) eu estivesse sentado em uma entre os bilhões de casas vazias assistindo a filmagens em vídeo de todas as coisas que costumavam importar, perguntando-me como qualquer pessoa jamais pensara que importassem.

– Recebi uma visita – contei a Harley do bar do Zetter, quando, depois das 20 horas, finalmente o contatei. – Ellis esteve aqui de manhã.

– Eu soube – disse ele. – Não estou surpreso. O consenso na Caçada é que você deve ser pego no ato e punido.

– Não é isso que me preocupa. Foi encenado como um ato para contar a versão oficial da história sobre "como encontramos você".

O que quer dizer que não foi assim que me encontraram.

– Jake, não. Você está paranoico. Eu mesmo falei com o cara francês.

– O quê?

– O idiota com a Magnum. Cloquet. Trouxeram-no para ser interrogado. Eu estava lá durante o interrogatório. Ele *estava* seguindo você. *Estava* seguindo você em Paris durante uma semana.

Beberiquei meu uísque. O bar estava a meia-luz, em tons escuros e com mobília macia, uma atmosfera cuidadosamente projetada de indulgência merecida. Os longos tornozelos brancos de uma morena taciturna com uma perna cruzada sobre a outra sentada em um banco alto no outro lado do bar ofereceu uma distração temporária. Ela mexia o coquetel com um canudo. Na versão cinematográfica, eu iria até lá e abriria com um gambito de brilhantismo gasto. Somente nos filmes uma mulher sozinha em um bar é realmente uma mulher sozinha em um bar. O pensamento foi acrescentado à algazarra mental que eu não aguentava mais. Agora, todo filme de Hollywood faz parte do índice de exaustão ocidental. Tive uma visão da minha morte como um menir solitário em uma paisagem vazia. Você apenas caminha na direção dela. Simples assim. A paz de envolver com os braços a pedra fria. Paz, finalmente.

– Para quê? – perguntei.

Ouvi o *zip* do Zippo de malaquita de Harley e a primeira tragada imoderada.

– É isso que ainda não está claro – disse ele. – Ele alega que é um agente livre com rancor por lobisomens, mas está fornicando há um ano com Jaqueline Delon, de modo que não pode ser tão simples assim. O problema é que ele está um pouco louco. Alto

como uma pipa quando o pegamos. Farrell disse-me que tinha cocaína suficiente para colocar um cavalo em órbita. Imagino que mesmo sóbrio ele seja um psicótico limítrofe. De todo modo, Madame Delon é a última pessoa que encomendará o assassinato de um lobisomem. Ela ama vocês todos. – Harley percebeu o que dissera. – Desculpe, desculpe, desculpe. Péssima escolha de palavras.

– Esqueça – disse. Cheirei meu uísque. Deveria ser Oban, mas o sabor estava errado. – E quanto ao agente da WOCOP que o seguia? Falou com ele?

– Broussard – disse Harley. – Voltou para a França. Não falei com ele, mas Farrell falou. A história foi confirmada: estava de olho em Cloquet, saiu de sua jurisdição, percebeu que Cloquet seguia *você* e, muito timidamente, entrou em contato conosco. Jake, é sério, pare de se preocupar. Estou bem. Estamos bem. Ninguém sabe.

Eu deixara o quarto para telefonar para Harley no caso de Ellis ter colocado uma escuta que eu não conseguira encontrar, apesar de ter passado duas horas procurando. Talvez eu *estivesse* paranoico. De todo modo, senti-me cansado, de repente, carregado novamente com os alforjes de *ses* e *entãos* , a bagagem de dinheiro morto. Há um fedor interior que às vezes emerge como fruto de toda a carne e sangue que desceu pela minha goela, as sobras nas quais enterrei meu focinho, as entranhas que revirei e com as quais me refestelei. A incisividade de Harley lembrou-me de como não estávamos vendo aquilo da mesma forma.

– Certo, escute – disse ele, como que por clarividência. – Precisamos resolver sua situação. Precisaréi de uma semana, talvez dez dias, para providenciar uma fuga segura. É péssimo, eu sei, mas neste clima tudo deve ser conferido quatro vezes. Estou pensando...

– Harley, pare.

– Jake, não continuarei com esta discussão.

– Engraçado, não é mesmo, como agora que chegou a isto, ambos sempre soubemos que chegaria a isto?

– Por favor, não.

Com o tempo, desenvolve-se um instinto para deixar que o silêncio faça o trabalho duro. Nos três, quatro, cinco segundos que passaram sem que nenhum de nós dissesse nada, os muitos caminhos que a conversa poderia seguir vieram e passaram como filmes em *time-lapse* de flores desabrochando e morrendo. Quando terminou, toda informação relevante fora absorvida. Paradoxalmente, aquilo renovou nossa licença para fingir.

– Vá se foder, Jake – disse Harley. – É assim que funcionará. Providenciarei uma fuga para você de qualquer modo. Se ainda estiver inclinado a esse absurdo melodrama suicida quando chegar a hora, não será obrigado a utilizá-la. Mas estarei lá. *Estarei* lá.

A pena e a irritação azedaram, insinuando o quanto de energia eu precisaria para combatê-lo. Bem, que seja. Ele precisava daquilo para si próprio. Eu era secundário. Foi a isto que o reduzi: um humano cuja *raison d'être* é manter um lobisomem vivo.

– Certo – disse.

– É bom mesmo, diabos.

– *Certo*, já disse.

– Bem, por Deus. Por que está fungando, diga-se de passagem?

– Pedi Oban. Acho que me deram Laphroaig.

– As cruzes que você carrega, Jake. Você deveria receber um prêmio.

Discutimos a logística imediata. Naturalmente, o Zetter estava sendo vigiado. A WOCOP tentara hospedar um agente, mas uma conferência internacional de vendas de medicamentos começara

hoje e o hotel estava lotado e permaneceria assim pelas próximas 48 horas. O gerente me conhecia e poderia confiar nele para interferir levemente, mas os funcionários poderiam ser suscetíveis a subornos. Precisávamos presumir que meus movimentos estivessem sendo vigiados.

– O que é adequado para nós – disse Harley.

– Por quê?

– Porque você deixará a cidade amanhã e a vigilância partirá com você. Não posso providenciar uma fuga com toda a organização vigiando Londres. Sou bom, mas não sou *Deus*. Preciso da atenção deles voltada para outro lugar.

É assim: você fica alerta, espera, sente uma peça encaixar, conhece o prazer da inevitabilidade estética. Eu disse:

– Certo.

– O quê? Sem chiquetes?

– Há algo que preciso fazer. Desejarei paz e tranquilidade. Importa para onde irei?

– O que precisa fazer?

Não conto esta parte da história. Ela olhara dentro dos meus olhos e dissera, *é você, é você.*

– Acertar contas – eu disse. – Cornwall fornece a você espaço de manobra suficiente?

– Cornwall era o que eu estava pensando.

– Deveríamos trocar de telefones outra vez.

– Não há tempo. Precisaremos confiar na sorte.

– Nem sei se há trens.

– Toda hora de Paddington ou Waterloo. Tem um 4x4 reservado para você no escritório da Alamo em St. Ives. Use a identidade de Tom Carlyle. Tem mais uma coisa que deve saber.

– O quê?

– Alguém atacou um dos locais de Mubarak no Cairo há três meses. Guardas neutralizados com tranquilizantes de ação rápida. Sem arrombamento, foi alguém de dentro.

Housani Mubarak, comerciante egípcio de antiguidades roubadas. Em um momento ou em outro, metade do mercado do Oriente Médio passava pelas mãos dele.

– O que importa – prosseguiu Harley – é que deixaram tudo no lugar. Levaram uma pequena caixa de lixo inútil que pertencia ao museu iraquiano em Bagdá. Mubarak está em pânico. Não consegue superar o fato de que não havia nada de valioso na caixa.

– E o que havia na caixa?

– O livro de Quinn.

Durante um instante, não falei nada. Sofri uma segunda descarga horripilante de pena e irritação. Era doloroso ver até que ponto Harley estava disposto a tentar.

– Harls – falei, delicadamente. – Por favor, não seja ridículo.

O livro de Quinn, se é que jamais existiu, era o diário de Alexander Quinn, um arqueólogo do século XIX que supostamente, em 1863, na Mesopotâmia, deparara-se com a história da origem autêntica dos lobisomens e a anotara no diário. A palavra principal é “supostamente”. Nem Quinn nem o livro conseguiram deixar o deserto. Há cem anos, localizar o documento fora uma obsessão idiota minha. Agora, poderíamos muito bem estar falando sobre Papai Noel ou a Fada dos Dentes.

– Estou apenas lhe contando – disse Harley. – É uma possibilidade. Você nunca foi o único a procurá-lo.

– Não estou procurando. Não o procuro há anos. Não me *importo* mais com nada disso.

– Certo. Você não quer saber como tudo começou. Não quer saber o que tudo significa.

– Já sei o que significa.

– O quê?

– Nada.

Silêncio novamente. A insistência proeminente do real e o esforço palpável de Harley para ignorá-lo. De vez em quando era assim, ele cobrindo os olhos, tapando os ouvidos e contendo as palavras até que fosse absolutamente impossível negar que estávamos *no fim*. E depois, o quê? O que ele poderia me dizer, além de adeus? Ou eu a ele, exceto que sinto muito? A tristeza atravessou-me como um relaxante muscular. Tantos momentos levam-me à conclusão de que não quero mais momento nenhum.

– Ligue para mim quando chegar a Cornwall – disse ele, e desligou.

9

Apouco mais de 1 quilômetro de Zennor, ao sul do promontório conhecido como Cabeça de Gunard, a costa de Cornwall é como uma sanfona de angras estreitas e baías serrilhadas. As praias – é um exagero *chamá-las* de praias – são de cascalho e rochas e até um dia inteiro de sol as deixa literal e figurativamente frias. A água cor de ônix se surpreenderia caso você se afogasse nela. Adolescentes locais encurralados entre o quase autismo ou a violência turbulenta vêm aqui e bebem e fumam e fazem fogueiras e executam com desejo entorpecido o cálculo da fornicção. As rochas elevam-se íngremes nos dois lados.

“Os Pinheiros” é uma casa alta com vista para uma das angras, atrás da qual há uma colina com a floresta de coníferas que lhe deu o nome. Ela fica na extremidade de um vale na direção do mar, acessível por uma trilha de terra (SEM SAÍDA) que sai da estrada secundária que liga as aldeias costeiras por 16 quilômetros em cada direção. Uma antiga fazenda de gado, agora um centro equestre, fica a 1.600 metros para o interior, e a residência doméstica mais

próxima fica fora de vista e do alcance dos ouvidos no outro lado da floresta, onde se sai da estrada e pega-se a trilha de terra.

Este lugar deveria, considerando o motivo pelo qual vim aqui, ter uma importância especial, mas não tem. Não nasci aqui. Não me tornei lobisomem aqui. Nunca matei ninguém aqui, e uma vítima poderia gritar até a cabeça estourar sem que fosse ouvida por nada além de aranhas e camundongos.

No decorrer dos anos, houve itens valiosos (liquidados ao longo do último meio século), mas nenhum estava guardado aqui, nenhum Holbein escondido no sótão, nenhum Rodin sob a escada. Adquiri a propriedade porque não tinha nada no sudeste e porque as baías diabolicamente retorcidas são ideais para as fugas de Harley através do mar. Por causa de tudo isso, usei a casa três ou quatro vezes em vinte anos.

Contudo, aqui estou. Com excelência, Mailer classificou escrever como "a arte assustadora". Estava certo. Há muita tagarelice no lobo frontal, muitos lápis apontados e dedos estalados e rascunhos e *conversa*, mas as grandes decisões são tomadas no subconsciente inacessível, decisões não somente sobre o texto mas também sobre as *condições* para escrever: decido-me pela única história que jamais contei e pronto! Aqui estou sentado, escondido em uma casa que não significa nada para mim, certo até os ossos de que nenhum outro lugar servirá. A arte, até mesmo a arte humilde do autobiógrafo, evoca necessidades ocultas. Os quartos úmidos possuem o pé-direito alto e estão praticamente vazios. A mobília, ou o pouco que há, é uma miscelânea de segunda mão: um sofá de vinil cor de creme dos anos 1970; uma mesa de jantar de fórmica; uma cama prestes a cair, sobre a qual algo está entocado com o que parece fúria sexual. Tudo foi mastigado, mordido, penetrado, colonizado, tomado por teias. Na última noite, três raposas subiram

do porão e sentaram-se perto de mim no chão, atordoadas pela minha autoridade. (Família canina. Todo canino sucumbe. Há lindas mulheres em Manhattan que teriam casado comigo em um instante devido ao quanto encantei seus cães. Uau, ele normalmente *odeia* homens. Nunca o *vi* assim. Você mora por aqui?) A calefação central funciona, mas depois da primeira noite, dirigi até Zennor e comprei madeira para as lareiras. O QG é na sala. Tenho um estoque de Camels, uísque, itens essenciais do minimercado. Sem TV, sem internet, sem rádio, sem livros. Nada para auxiliar a procrastinação. A procrastinação, no final das contas, sai-se bem o bastante sem ajuda: Esta é a terceira noite que não consigo escrever aquilo que vim escrever aqui. As horas passaram comigo olhando o fogo ou o mar ou simplesmente deitado em um breve sono à base de uísque no parentesco mudo das raposas.

A vigilância seguiu-me, como planejado. Fiz uma longa e elaborada caminhada simbólica a caminho de Paddington, mas fiz com que pelo menos três agentes da WOCOP ainda estivessem comigo no trem para Penzance. Se não tivessem carros os esperando, teriam me perdido em St. Ives mas, à meia-noite, a escuridão disse que tinham me encontrado de novo. Não era um trabalho confortável para eles. Você está seguindo o último lobisomem vivo do mundo mas, na maior parte do tempo, está pensando em sua garrafa térmica, suas frieiras, seu traseiro congelado, o paraíso de deixar a neve e entrar de volta na van. Pensei em convidá-los a entrar. Rejeitei a ideia: mais procrastinação. O medidor subiu um ponto no Dia Dois; acho que Ellis chegou. Grainer, dizem minhas entranhas, está mantendo distância, não quer desperdiçar a tensão. Somos como Connie e Mellors no final de *O amante de Lady Chatterley*, separados, castos, purificando-nos alegremente em honra à consumação vindoura.

Muito bem. A noite caiu. As raposas estão caçando lá fora. Há fogo na lareira e Glenlivet no meu copo.

Mas um cigarro, com certeza, irá me ajudar a ordenar os pensamentos.

Como se já não estivessem ordenados. Como se não tivessem *sido* ordenados, em uma fúria de olhos vermelhos, durante 167 anos.

10

Nova, quarto crescente, primeiro quarto, cheia crescente, cheia, cheia decrescente, segundo quarto, quarto decrescente, nova. No verão de 1842, eu não sabia os nomes das fases da lua. Eu não sabia que o ciclo completo era uma *lunação*, ou que a lua cheia fica cheia durante uma noite apenas (apesar de poder parecer cheia por duas ou três), ou que a expressão “uma vez a cada lua azul” é derivada da ocorrência de duas luas cheias no mesmo mês, um fenômeno esperado uma vez a cada 2,7 anos. Eu sabia, por cortesia de uma educação clássica desperdiçada, que para os gregos a lua era Selene (posteriormente, Artemis e Hecate), irmã de Helios, que se apaixonara pelo jovem e belo camponês Endymion, tivera cinquenta filhas com ele, não suportava a ideia de o amado morrer, então o colocou em um sono eterno. Como um cavalheiro de Oxfordshire, o conhecimento do campo era obtido através dos meus arrendatários, que me asseguravam que se as pontas da lua apontassem levemente para o alto, o mês seria bom, e que se a silhueta da lua pudesse ser vista, havia chuva em vista. Uma empregada tristonha que lavava

louças, com a qual troquei sexo oral três ou quatro vezes no final da adolescência, assegurava-me que fazer uma mesura para a lua e deixar cair as moedas que tiver no bolso dobraria seu dinheiro em um mês. A única coisa que eu sabia sobre a lua que acabou sendo útil era que seu nome em Latim, *luna*, é a raiz da palavra *lunático*. Útil porque, no meio de agosto de 1842, eu havia me transformado em um.

– Isto é a morte – disse Arabella, com o que parecia distanciamento. – Estar com você e ver você e sentir você mas não ser reconhecida por você. Não consigo suportar. – Estávamos no estúdio em Herne House, eu em uma cadeira baixa, ela de pé ao lado da lareira que não fora acesa. As janelas francesas fechadas do quarto abriam-se para uma varanda de pedra e um jardim coberto de flores, cores de verão alternadamente perdendo o brilho e ficando mais vívidas à medida que o dia clareava e escurecia. – No entanto, aqui estou eu, suportando – disse ela. Eu olhava para o tapete de Bengala desbotado. Meu avô fizera a fortuna da família vendendo ópio indiano aos chineses. – É a este ponto que se chega? – perguntou ela. – Suportar o insuportável? O melodramático ensinou uma lição, a retórica da paixão é reduzida às devidas proporções? Suponho que a palavra “insuportável” seja uma mentira por definição. A menos que você se mate imediatamente depois de usá-la.

Desde meu retorno de Snowdonia, Arabella passara por fases próprias. Inicialmente, preocupação inocente. O médico fora chamado duas vezes por causa da febre e das câibras mas, nas duas ocasiões, os sintomas tinham passado quando chegou. Havia outros sintomas – dores de cabeça, perturbações visuais, pesadelos, momentos de transe ausente –, mas eu os ocultara da melhor maneira possível. Ocultar deixou-me furtivo e taciturno,

levou Arabella à fase seguinte, de preocupação menos inocente, uma pergunta ou duas sobre “umas companheiras de passeio interessantes” que Charles e eu poderíamos ter encontrado na viagem, uma nova determinação investigativa na cama, algo curioso e irritado que se transformava em medo quando, ocasionalmente, eu me soltava de seus braços como que com nojo ou desprezo. Depois, tendo em vista meu humor errático e atos inexplicáveis (eu a agarrava, trancava a porta para evitar a entrada dos criados, afrouxava sua roupa, sentia ela se abrindo para mim em um conluio aliviado – em seguida, encolhia-me novamente, praguejava, implorava por perdão, abandonava-a e saía cavalgando ou caminhava durante horas pela propriedade), veio a fase atual: uma convicção quase completa de que aquilo que eu um dia amara nela era agora o que eu desprezava.

– Posso realmente ter enganado-me tanto? – perguntava ela. Eu podia senti-la olhando para mim, mas mantinha meus olhos fixos no tapete. O latejar do preto e do castanho acompanhava o ritmo do meu sangue. – Posso realmente ter imaginado que sua alma fosse tão maior do que é? – Outras mulheres teriam culpado a si próprias. Ela, não. Arabella continuava com uma autoconfiança magnífica. Das profundezas da minha fuga, eu abençoava sua raridade. – Não acredito que pudesse estar tão errada – prosseguia ela. – Contudo, talvez estivesse. Sou americana. Somos um povo afligido pela doença do progresso. Jacob? Olhe para mim.

Ironia grande o bastante para um festival: Ela pensou que eu estava sofrendo uma reversão moral. Ela pensava que aquilo, meu comportamento depois de voltar para casa, era uma ressurgência da propriedade: uma mulher para a cama, mas jamais para casar, de acordo com o consenso local. Em nossa primeira conversa compartilhando uma mesa de café da manhã no Metropole, os

olhos dela anunciaram um interesse luminoso e franco. *No lugar de Eva, eu teria feito o mesmo, e você também faria o mesmo no de Adão. Deus investiu na vergonha e perdeu. Agora, cabe a nós tirarmos o máximo do que conquistamos* – tudo enquanto passava manteiga em uma fatia de pão e conversávamos sobre Genebra e a tia dela tagarelava para Charles e a toalha de mesa iluminou-se pela luz do sol e a prata cintilou. Eu soube desde o primeiro momento. Arabella também. O conhecimento era uma hilariedade latente perpétua entre nós. Ela tinha cabelos escuros, era branca como leite e flexível, um pouco pesada na cintura. O pai dela lutara contra os ingleses na Guerra da Independência. Ela fora atriz, modelo de um artista, uma ou duas vezes concubina, sempre uma leitora voraz. Tempos depois, sem um centavo, quase morrera de pneumonia em Boston. A única parente viva, a grandiosamente dispéptica Tia Eliza, viera da Filadélfia e trouxera-a consigo com o único propósito de encontrar um marido rico para Arabella, preferivelmente europeu, que a levasse para longe e a tirasse para sempre da consciência de Eliza. A submissão de Arabella ao plano era parte curiosidade, parte exaustão. Ela tivera paixões passageiras, mas jamais amara. Quinze anos sem jamais dizer não à vida despira-a de medo – e de convenções. Na primeira vez que fomos para a cama, fizemos com uma ânsia delicada tudo que pudemos imaginar, o que, entre nós, depois que superei minha própria perplexidade, era quase tudo que se pode fazer. Eu não sabia até então que o desejo era capaz de dissolver identidades, fundindo-as e dissolvendo-as. Eu não conhecera a indiferença do amor, a *condescendência* do amor em relação a Deus. Ela era um ano mais velha do que eu, dez mais profunda. Ela amava como um exercício imperioso e casual de um direito de nascença. Eu amava com horror de perdê-la. Os criados em Herne House não poderiam

ter ficado mais impressionados se eu tivesse me casado com uma orangotanga de Bornéu.

– O que você quer? – perguntara a ela certa manhã na primeira semana do casamento. Estávamos na cama, ela deitada com os punhos cruzados acima da cabeça, eu apoiado em um cotovelo, acariciando seu corpo nu. (A carne continha o infinito. Eu precisava conhecer pelo toque mas cada centímetro renovava seu mistério no instante que minha mão se movia. Futilidade infindável e deliciosa.)

– Estar como estou neste momento – disse ela. A luz do sol caía sobre ela como uma inteligência benigna. – Uma criatura feliz. Quero conversas e grama sob meus pés e água fria para beber e isto – ela pegou meu pau – ficando duro para mim, faminto, e um vislumbre ocasional da minha própria morte para me manter consciente da beleza e da preciosidade da vida. Pronto. Este é o desejo completo de Arabella Jackson... Arabella Marlowe. *Senhora Arabella Marlowe*, na verdade. O que acha?

Os espíritos da casa estavam aterrorizadamente impressionados com ela.

– Acho que estarei para sempre correndo para acompanhar você – respondi.

Assim, durante um ano, aproveitamos e aproveitamos e aproveitamos tranquilamente sem excessos aquela herança que se renovava diariamente.

Então, no meio de julho, fui com Charles para a Snowdonia.

A pergunta é: quanto tempo dura a incredulidade? Quanto tempo você segue dizendo *essas coisas não existem* depois que uma dessas coisas salta da escuridão e crava os dentes em você? A resposta é: não muito tempo. Minha mãe era uma consumidora de romances góticos a ponto de lambe os beiços de prazer, porém, mais do que os *Vatheks* e *Frankensteins* e *Monks* e *Udolphos*, minha

escolha infantil na biblioteca era um convenientemente ilustrado *Bestiário de mitos e folclores*. Era em alemão (meu pai, monoglota convicto, deve ter comprado o livro por causa das fantásticas ilustrações), e eu não conseguia ler uma palavra sequer. Eu não precisava. As ilustrações bastavam. De volta do País de Gales um dia antes do esperado (Arabella estava fora de casa, caminhando), corri da carruagem diretamente para as pilhas bolorentas de livros. Era uma tarde quente com sombras trêmulas sob as folhas das árvores. Havia poeira sobre os tapetes que não eram perturbados desde a Gloriosa Revolução. Obviamente, o livro continuava lá. Todos aqueles anos de sentiência silenciosa. Agora, sentiência ruidosa. A Bíblia do rei James. *Ensaio*, de Locke. Obras completas de Shakespeare. *Principia Mathematica* de Newton. Virando as páginas do bestiário, tomei consciência daqueles tomos se retesando e cerrando os lábios, uma família respeitável que sabia que seu vergonhoso segredo estava prestes a ser revelado. O cômodo estava quente e era banhado por uma luz dourada, laboriosamente turbulento de poeira. Minhas mãos tremiam. Nós sabemos uma fração de segundo antes de vermos.

WEREWULF.

Na gravura de página inteira, de pé sobre as pernas traseiras, boca aberta, língua curvada marcialmente.

Você pode pensar que aquilo tenha resolvido a questão. Não resolveu. Em vez disso, inaugurou um curto período de ceticismo simpático, *aliviado*. Ridículo. Absolutamente ridículo. Fechei o livro não como se ele contasse uma verdade dilacerante, mas como se revelasse uma mentira absurda.

Um curto período, eu disse.

A transformação não é nada para mim agora (tudo termina em menos de dois minutos), mas não foi sempre assim. O processo

precisa conhecer você, revistar você, encontrar o caimento ideal. Como assassinato, como sexo, como tudo, na verdade, fica mais fácil quanto mais vezes você fizer, quanto mais vezes você for feito, mas não há padrão, não há consistência. Ela aprende o jeito de alguns em três luas, outros continuam atravessando o inferno por décadas depois da Primeira Mordida. Mas não importa quanto tempo a transformação leve para se adaptar, a *primeira* transformação é algo que nenhum uivador jamais esquece.

Em meus sonhos, um pequeno lobo dormia dentro de mim e não se sentia confortável. Movia os calcanhares, os cotovelos e as patas, lutando para abrir espaço entre meus pulmões, meu estômago, minha bexiga. Ocasionalmente, uma garra raspante perfurava algo e eu acordava. O que estava sonhando? Arabella queria saber. Eu sabia que *e/le* estava sonhando. Estava sonhando com o próprio nascimento. A forma e a escala da ocupação variavam. Às vezes, as pernas do lobo eram minhas pernas, a cabeça dele minha cabeça, as patas minhas mãos. Noutras, mal era do tamanho de um filhote de gato, a azia queimando e contorcendo-se sob meu esterno. Eu acordava e, por um momento, sentia meu rosto transformado e levantava a mão para tocar o focinho que não estava lá.

Dias passaram-se e permanecer acordado não assegurava coisa alguma. Você segura uma xícara de chá ou a rédea de seu cavalo e ali está sua mão, seu braço, igual ao que sempre foi – mas a massa está errada, o alcance, a empunhadura. Por fora, é você. Por dentro... não. Não é *você*, Arabella dizia sempre. Ainda sou eu, mas você não é mais você. Eu continuava evitando o toque dela, seu olhar. Apaixonar-se torna o desconhecido conhecido. Deixar de estar apaixonado reverte o processo. Observei o mistério de mim mesmo ficando mais espesso entre nós, formando uma carapaça.

Quando se deixa de amar alguém, quebrar seu coração é apenas uma obrigação desagradável que você precisa deixar para trás. Meu Deus, você realmente não me ama mais, não é? Não importa o quanto seja decente, a incredulidade da vítima é potencialmente hilariante. Você *consegue* não rir. Mas partir o coração de alguém a quem ainda ama é um raro horror, nada divertido, não importa para quem, exceto talvez para Satã, caso tal ser existisse, e até mesmo o prazer dele seria estragado por não ter participado do processo, pelo *acidente* estúpido e o desperdício de tudo aquilo. O Demônio procura um significado, assim como o restante de nós. Uma vez, de madrugada, quando achava que ela estava dormindo de costas para mim, Arabella disse “abra-me”, e eu o fiz, segurei seus seios e enterrei o nariz no declive de sua nuca – e senti outra mordida da fé dela morrer porque, apesar da minha pele contra a dela, algo nos mantinha afastados. Eu. Você não pode vir até mim?, ela disse, apertando-me mais forte. Ainda estou aqui. Espero por você.

As tarefas mais simples exigiam imensa concentração: descer uma escadaria, abrir uma porta, calçar uma bota de montaria. Eu tinha memórias que não me pertenciam. Árvores passando por mim. O luar em um pequeno lago nas montanhas. Uma jovem em um leito de samambaias verdes, olhos abertos, morta. Jacob, onde *está* você? Arabella queria saber. Está vendo algo? Eu certamente estava. Campânulas eram esmagadas sobre seu calcanhar trêmulo e enrugado. Os três cavaleiros iluminados pelo luar como um Uccello vivo. O muco como um chocalho dentro do focinho. Senti-me adormecido em minha cadeira com o braço pendurado e acordei sentindo o fluxo suave e frio do riacho e minha camisa quente e pesada de sangue. Eu sempre precisava levantar-me e deixar o cômodo, a casa, *ela*.

Assim, as duas semanas após meu regresso do País de Gales se passaram e, todos os dias, sofri a tortura de torturar a mulher que eu amava, a mulher que me amava. Em certos momentos de autocomiseração, odiava-a por isso. Na noite anterior, acordado de boca aberta, língua para fora, corpo a ponto de se romper sobre a forma trêmula do lobo, deixei-a dormindo e fui para o jardim. A lua sabia. A lua sabia algo que eu não sabia. A lua era uma gravidez inescrutável, uma mitigação contida, um amor mais ardiloso do que o de uma mãe. A lua tinha um segredo a compartilhar. Mas ainda não. Não por enquanto. Eu caminhara pelos campos, arrastara-me na umidade do orvalho antes do amanhecer. Para Arabella, despertar para ver que eu desaparecera arrancara outra camada de negação.

– Isto quase, mas não propriamente, irá me matar – ela dizia agora, ainda com a neutralidade ominosa, à medida que a empregada de rosto pequeno no saguão cruzou a porta carregando um vaso com rosas brancas. – Este amor não pode competir com os sussurros dos vizinhos ingleses. A puta americana de Marlowe. Lembra-se de rir disso? Lembra-se de ter chamado isso de *esquisito*?

Eu lembrava. Lembrava-me de como aquele “estranho” libertara-me com uma benevolência superior, de como, com aquela única palavra, as rédeas que constringem o mundo – as *algemas forjadas pela mente* citadas por Blake (a revolução heroica ressuscitara quadros e poemas mortos) – haviam desabado. Agora, ela acreditava que eu queria outra coisa. Como não poderia acreditar? Fiz outra coisa. *Com veias mais azuladas, mais suave, mais docemente branco / Do que Venus quando surgiu / Da concha na qual se aninhava.* Juntos, celebráramos o gozo da Carne caída. Agora, eu sabia que havia uma Queda mais além, no gozo de

devorá-la. (E uma queda além *daquela*. Ou era o que a lua dizia. Ou era o que a lua escondia. Ainda não. Não por enquanto.)

– Aonde vai? – perguntou Arabella. Eu acabara de me levantar da cadeira e cruzara a sala até as janelas francesas. – Jacob? Não vai olhar para mim? Por Deus.

Minhas pernas cederam. Caí lentamente de joelhos, uma mão úmida escorregando da maçaneta. Ela correu na minha direção – ou foi a criatura; o éter rasgou-se por um instante e não sei dizer qual. Logo depois, os braços e o perfume de flor de laranja estavam ao meu redor, meu rosto perto de seus seios brancos *tome a vida dela tome a vida dela tome a vida dela por favor Deus faça com que pare deixe-me morrer tome ela*.

– Não – disse ela enquanto me sentava ereto. – Não tente levantar-se.

Mas eu estava de pé novamente como se um espírito tivesse me erguido pelas axilas.

– Preciso partir – disse. Eu sabia o quanto aquilo soava insano para ela. – Vou ver Charles.

O distanciamento dela, eu via agora, fora um experimento, um dedo do pé mergulhado nas águas emocionais nas quais ela poderia precisar entrar. Na verdade, ainda esperava que eu voltasse para ela. Ainda assim, eu não voltara. Ela encarou-me, impôs pelos olhos suspeita, raiva, preocupação, um perdão em potencial; admitir diretamente a incompreensão *seria* uma morte. Havia algumas gotas de suor em seu lábio superior: astuta receptividade que seguia para a confirmação infinitamente tranquila e agradável. Para um homem, uma mulher não tem presente maior a dar. E ali estava eu, destruindo-o.

– Não é você. – Consegui dizer. Eu abrira a porta. O cheiro e o peso do jardim eram uma gravidade na qual eu poderia fluir. – Não

é você. Eu te amo.

– Então, por quê...

– Por favor, Arabella, como me ama, acredite que não há nada...

Preciso...

Saí para a varanda. E vomitei de repente em um jato quente. O som foi um talho na tarde silenciosa.

– Jacob, tenha piedade, por favor. Você está *doente*.

Algum alívio, naturalmente, com a recorrência de um sintoma físico: melhor minhas entranhas do que minha alma, do que *eu*.

– Estou bem – disse, endireitando-me, procurando meu lenço. – Isso ajudou. Nojento. Perdoe-me. Por favor, apenas me deixe em paz um pouco. Deixe-me caminhar até a casa de Charles. Ficarei lá hoje e amanhã tudo será diferente, prometo. Apenas me dê esta única noite para clarear minha cabeça – eu ouvia o grau preciso no qual minha voz não soava correta. Meu corpo trabalhava sob pesos macios e invisíveis. Com um esforço sobre-humano, arremessei até a superfície a versão de mim mesmo da qual ela precisava, virei-me para ela, vi a esperança acender em seus olhos, peguei as mãos dela nas minhas. – Não pense o que tem pensado – disse. – Você faz mal a nós dois pensando assim. Alguma coisa está me perturbando, algo... Por minha vida, Arabella, não posso ficar aqui hoje. Você deve me deixar partir. Amanhã, tudo... Juro que tudo será diferente. Por favor. Deixe-me ir.

Durante dias, eu não conseguira olhar em seus olhos. Mas o fazia agora e ela continuava calorosa e aberta para mim. A aparência dela era de súplica constante, do retorno à cumplicidade, à renovação de votos silenciosos, de *reconhecê-la*. O verão trouxera um salpicar de sardas sob seus escuros cílios inferiores. Em Lausanne, ficamos atordoados na cama depois da primeira vez em que fizemos amor. Ela dissera:

– Meu Deus, isso foi bom. Seja lá o que for, Jake – disse ela –, você sabe que me equiparo. Não estou perguntando isto a você, estou lhe dizendo algo que você já sabe.

Por um momento, senti-me completamente normal. Era ela. Era eu. Compartilhávamos de uma superação ultrajante. A distância entre nós desapareceu em chamas. Os últimos dias foram uma inversão absurda.

– Eu sei – disse... Mas o sangue corria cada vez mais grosso, subindo das solas dos meus pés e vi a cintura da garota como um tesouro de rubis vomitado e, apesar de mal terem batido as 15 horas, eu já sentia o prazer da lua ascendendo lentamente. Virei-me e parti atravessando o jardim.

11

Mataram as raposas.
Ouvi algo lá fora e fui ver o que era. As cabeças decepadas foram deixadas na varanda dos fundos, viradas para a porta, duas com os olhos fechados, uma – a mais jovem, orelhas grandes demais para a cabeça, como um morcego – com os olhos abertos. Um único rastro de pegadas na neve vindo da margem das árvores, a 7 metros de distância. *Podemos chegar até a casa sem que você nos ouça.* Fiquei parado na porta e olhei para a floresta. Nada visível, mas uma escuridão repleta de consciência. Presumi que fosse Ellis. Para espantar o tédio e impressionar os inferiores. Em referência a Wolfgang. Para anunciar o produto. Eu deveria ser o vilão malicioso, ele dissera no Zetter. Se fosse trabalho dele, fora feito com uma eficiência inabalada. O centro do eu do homem é distante. Imagino Grainer observando o protegido em ação e reconhecendo com uma triste fratura interior que a tocha fora passada para um novo e estranho portador.

Enterrarei as cabeças de manhã. Está frio demais agora, e não fará a menor diferença para as raposas.

*

Eram quase 10 quilômetros através do campo até a casa de Charlie, e parei – cerrava os punhos, vítreo, enjoado, durante períodos isentos de qualquer espécie de vontade – muitas vezes no caminho. Quando deitei na terra, ela era uma continuação da minha pele, cheia de vida frenética e sussurrante. A gravura do *WEREWOLF* na grama, nos troncos das árvores, nos átomos que zuniam no ar. Fiquei de quatro e refresquei o rosto em um riacho raso de pedras polidas pela água. Os ombros do lobo flertavam com os meus, as pernas traseiras, o pergaminho de sua língua. Apesar de tudo isso, houve interlúdios de sanidade. Restava-me o bastante de religião, de modo que oscilava entre acreditar ou não que aquilo era uma punição, superficialmente pelo excesso carnal mas, na verdade, por viver em um amor que tornava Deus insignificante, opcional, obsoleto. Não terás nenhum outro deus além de mim. O Primeiro Mandamento de Yahweh, e um dos quais ele não tinha vergonha de substanciar: Não te curvarás diante deles, tampouco os servirás: Pois Eu, o SENHOR seu Deus, sou um Deus ciumento... Ele tinha todo o direito de sentir ciúmes de Arabella. Não eram as fodas, as lambidas, as chupadas, e sim que, com ela, tais atos avivavam a alma em vez de matá-la, elevavam a existência em vez de degradá-la. Para que vocês próprios não se tornem parecidos com deuses. A leitura da serpente da proscricção do Éden estava correta. Nós éramos nossas próprias imagens divinas, não esculpidas, mas de carne e osso, e Deus encolhia diante da luz de nossa divindade. Cristo nasceu de uma virgem e ele próprio morreu virgem. O que *e/e* sabia? As verdades do corpo eram nossas, não dele. O amor humano não erradicava Deus, mas colocava-o apropriadamente em um distante segundo lugar.

E por isso, por tua vil arrogância, transformei-te em um monstro. Às vezes, eu meio que me convencia de que conseguia ouvir – nos sussurros das árvores, no borbulhar da água, no suave clamor do ar fresco – a condenação do Todo-Poderoso. Mas a sensação era sempre expulsa por um sentimento pior: que onde deveria haver a petulância retumbante de Deus havia, na verdade, um bloco de silêncio do tamanho do universo. Aquela intimação, do céu noturno como um armazém de estrelas abandonado, ou a terra deslocando das camadas do solo flora e fauna em uma ausência de sentido épica, era um horror tão inesperado que me levava de volta à convicção da ira de Deus com uma espécie de alívio. *Foi Ele quem fez a ovelha que fez você?*

Estava escuro quando cheguei a Archers Grange, a mansão de 200 anos que Charles compartilhava com a mãe, a irmã mais velha, um tio surdo, três bullmastifes e 24 criados. A mãe e a irmã estavam passando o verão em Bath. (Uma bênção: Lady Brooke reprovava minhas origens mercantis e Miss Brooke reprovava minha esposa.) Esforcei-me com Charles. Minha história era a de que Arabella e eu acabávamos de ter nossa primeira briga, que eu dissera coisas absurdas e esquentadas e saíra enfurecido, que o que eu precisava era de uma garrafa do porão de Brooke e de uma cama para a noite, que a caminhada até lá me proporcionara tempo suficiente para perceber que eu fora um tolo, que amanhã retornaria em penitência reconciliatória. Tudo muito bem, mas meu amigo não era cego. Eu estava molhado de suor e tremia. Por Deus, eu parecia ter brigado com um urso. Precisávamos chamar o doutor Giles. Um criado seria enviado... Argumentei contra, mas o esforço quase me matou. Somente a humilde admissão de que eu escorregara, caíra no riacho e machucara o joelho e a concessão em tomar conhaque quente e levar uma das lendárias compressas

herbais da governanta cedo para a cama mantiveram o médico de fora. Ainda assim, Charles insistiu que ele próprio me ajudaria. Prestes a se casar, ele queria detalhes da briga doméstica ficcional e, enquanto amarrava o malcheiroso cataplasma da senhora Collingwood, eu, em uma descrença que beirava a hilaridade, inventei coisas sem sentido sobre os gostos malucos da minha esposa para decoração interior e minha relutância em alterar qualquer mobília de Herne House. Foi uma atuação e tanto. Eu estava no maior dos quartos de hóspedes, com vista para os ornamentados jardins diante da residência de Grange e o jardim com a fonte. A lua subiria sobre a fileira de álamos, na extremidade do jardim. Faltava menos de uma hora. Duas vezes, o ímpeto de rasgar o rosto de Charles com minhas próprias mãos quase me dominou. Somente o conhaque – do qual eu bebera meia garrafa quando ele me deixou para descansar – o salvou.

Parecia que eu ficara muito tempo ali deitado aguardando pela coisa que eu não acreditava que aconteceria e acreditava que aconteceria e sabia que não poderia acontecer e sabia que deveria acontecer. O cheiro da madressilva amarrada logo abaixo da janela aberta combinou-se com os odores de madeira velha e da roupa de cama com lavanda do quarto. Por alguma razão, decidi combater o impulso de levantar e andar de um lado para o outro. O cataplasma parecia um carrapato enorme. Arranquei-o e atirei-o no penico. Agarrei a vela ao lado da cama para ver se a cera derreteria na minha mão. Não derreteu. Larguei-a no chão. Saí de meu corpo por alguns instantes, o bastante para olhar para baixo e vê-lo tremendo na cama. Pálido, suando, joelhos encolhidos. Charles emprestara-me um camisão para dormir. Tirá-la queimou e esfolou minha pele. Ideias de estilo loucas dos americanos, eu diria. Aquilo me fez rir alto. Ela não teria se importado se morássemos em um barraco. Os

olhos escuros dela eram salpicados de um dourado avermelhado. Quando adormeço com você, ela disse, é como se dormisse *em* você. Flutuei de volta para meu corpo. Ele não era um homem e não era um lobo. Campânulas esmagadas por um membro que não era pé nem pata, um híbrido cor de couro. Um olho como uma joia e um brilho constante das vidas que ele tomara. O olho dele dizia: "A alimentação mais profunda, algo como o amor. Algo como o amor. Você verá. Você verá."

A lua nasceu.

O sangue arrastou-se para cima, todo o volume contido no corpo comprimido sob o topo do meu crânio, uma acomodação impossível, uma respirada concentradora antes da redistribuição brutal. Vi minha boca abrir-se e meus dedos movendo-se durante aqueles momentos de semiliberdade atormentadora da minha carcaça. Escapava, lutava, era puxado de volta para dentro. Era um novo sacramento, franco e obscuro, algo objetivo, seguro de si. Houve partículas de resistência – pensei em correr de cabeça contra a coluna de pedra entre as janelas –, mas a outra coisa as empurrava para os lados. A outra coisa. Realmente. Um irmão, um gêmeo alto de antes do nascimento cuja ordem do dia era uma recalibração revigorante. Ele chegou com necessidades não negociáveis – ou necessidades negociáveis somente quanto às suas potenciais expansões: o bastante agora não era nenhuma garantia de que seria o bastante depois. Meus ombros mudaram e, não sem dificuldade, aprenderam o estranho jogo da osteomorfose, suportaram os apressados movimentos tectônicos, a sensação de virar gelo e o descongelamento chocante que resultou em uma nova gramática de movimento. Ombros, pulsos, tornozelos – os primeiros a transformarem-se, os últimos a transformarem-se de volta. Deitei de lado. Como em um conto de fadas, estava grande

demais para a cama, pois tudo crescia. As não unhas mas também não propriamente garras arranharam o acabamento de pau-rosa. Caí no chão estonteado pela invasão da sinfonia noturna de cheiros, das rosas fechadas no jardim à riqueza em esterco dos campos. Um acre de trigo no sul estalava e emitia sons úmidos. Mãos invisíveis gigantes agarraram meu pescoço e torceram-no em direções opostas, o braço torcido pelo *bully* no pátio da escola em letras garrafais, o que acabou revelando-se uma necessidade para a mágica nada graciosa da transformação da cabeça para os traços mais ostensivamente predatórios. Meu gêmeo lupino estava impaciente. Um ser não é nada sem um corpo. As pernas traseiras lentas testaram a tolerância dele à dor e a minha à dor. Meu novo crânio tremeu e meus intestinos aliviaram-se de uma bosta fervente. Ainda éramos ele e eu, mas olhamos um para o outro sabendo que tudo dependia da superação das diferenças. A cooperação viria, os dois filamentos formariam uma trança para que *nós* se transformasse em *eu*, mas ele tinha o direito de nascença de tomar à força o momento inaugural. *Faça o que digo. Você fará o que eu* – muitas das primeiras falas dele foram interrompidas pela urgência inarticulada da necessidade animal. Ela caía como uma guilhotina. Eu sabia qual era a necessidade. Não existia não saber. Não havia lugar algum para esconder o pensamento de que eu não iria... que eu *jamais*...

Muitas das minhas falas também foram interrompidas.

Por um instante, acocorei-me em minhas novas pernas traseiras peludas diante da janela aberta. A matéria, violada e reestruturada, murmurava o trauma nas células trêmulas. A consciência, percebia-se, era suave, poderia ser ferida por algo áspero que se enfiasse ao seu lado. *Ele entrou à força em mim*. Pensei nas empregadas estupradas do passado – e fui corrigido aguçadamente por ele,

como um tapa: sem anacronismos, idiota. O velho mundo está morto.

Uma pausa, como o clangor de um sino abafado. O tumulto suave da noite cessou. Silêncio e imobilidade absolutos. Aquilo era sofrimento por parte dele, um momento concedido para marcar o final da vida que eu conhecera. (Para ele, *esta* era a obrigação de partir o coração da qual precisava se livrar rapidamente.) Olhei para o topiário iluminado pelo luar, as flores pálidas, o jardim prendendo a respiração. Aguardei. Nada. Ali estava novamente o silêncio colossal no qual a voz de Deus, de alguém, de qualquer um, deveria estar. Aprenda agora esta lição, disse meu irmão, não a ensinarei duas vezes. Não existe nada. Não *significa* nada. Depois, a noite expirou e voltou a fluir. Eu soube com um cansaço clarividente que regressaria incontáveis vezes à questão do porquê, do como, mas também sabia que carregava a resposta dentro de mim. Ela entrara como uma partícula de poeira tóxica inalada. A vida não é nada além de uma afirmação do que existe por acaso. *Isto* é tudo que tu sabes na terra e tudo que tu precisas saber. Alguns segundos não eram muito tempo para engolir um universo de ausência de sentido, mas foi todo o tempo que tive.

Uma brisa atçou a madressilva, os pelos nas minhas orelhas e meu delirante focinho molhado. Meu escroto se contorcia e minha respiração passava sobre minha língua. Meu ânus estava delicadamente alerta. Imaginei meu eu humano saltando os quase 7 metros, senti o choque dos tornozelos esmagados e das canelas rachadas – depois, o novo poder como um pequeno indício de devassidão. Saltei pela janela e rumei para a noite.

12

Campos corriam sob mim. A grama seca pelo verão e o azedo frutuoso da bosta de vaca. Margaridas e ranúnculos eram luzes frágeis na ferrugem da terra. Gado e ovelhas fugiam, encolhiam-se, espremiavam-se contra as cercas vivas. *Não esses.* Tudo bem, mas o ar abundava e latejava com a vida quente dos corpos e o fedor de medo, e a lua era uma mulher cujo sorriso e franqueza total queimavam com uma exigência generosa. Minhas longas mandíbulas e mãos híbridas doíam com o que poderiam fazer. Orion ergueu-se sobre a floresta e a pergunta de há quanto tempo nós...? Gregos? Egípcios? O mito de Lycaon. E eu não lera em algum lugar que as tribos americanas... Mas as árvores fecharam-se ao meu redor e em seguida, cedo demais, o odor doce de carne de porco e ferroso de carne e sangue humanos atordoaram-me, obrigando-me a parar, tonto.

Meu irmão era um agravo caprichoso. Em alguns momentos, o empuxo dele era leve. Agora, caí para ele como se um alçapão se abrisse sob mim.

Bragg era o couteiro de Charles.

Era a choupana dele.

Bragg estava fora, perseguindo caçadores ilegais.

Era a esposa de Bragg.

Era não. Era sim. Era ele. Era eu.

A natureza não julga. Uma minhoca enrolou-se e desenrolou-se sob meu pé. O ar ofereceu seus odores – sálvia, serragem, madeira molhada, adubo composto, lavanda, carvão – enquanto me arrastava na direção da mulher. Quinze passos. Dez. Cinco. Perto o bastante para ver através da janela. Ela estava de perfil diante de uma pia de latão raspando uma frigideira com fuligem. A mesa rústica mostrava os restos do jantar: um pão branco rasgado, cebolas no vapor, um queijo coberto com musselina, manteiga amarela, uma vasilha de estanho salpicada com bolhas de sabão. Um fogo brilhante ardia na lareira caiada, avivando a meia dúzia de peças de cobre ou metal no cômodo. Uma criança de cabelos escuros com 2 ou 3 anos estava sentada no chão brincando com uma caixa de carretéis de algodão vazios.

A mulher mal deixara de ser menina, era pálida, com rosto de roedor, cabelos oleosos presos sob uma touca. Mãos magras com a pele áspera por causa de água fria em excesso. Eu queria seu nome. Sally? Sara? Eu falara com ela uma vez, quando...

Era como se ele estivesse mantendo em cheque a força do que éramos para maximizar o impacto quando a liberasse. Não que a tenha liberado plenamente. Em vez disso, reteve apenas o bastante para que eu pudesse sentir minha própria impotência na enxurrada de nossa vontade. *Viu?* Sim, vi. Uma descarga de apetite alfinetou minhas glândulas salivares e, com um único golpe de lascívia experiente, ergui meu pau lupino a um ponto de rigidez até então desconhecido – mas, em segundos, estava mole de novo. Não, não aquilo. Só se ela se transformasse. Você acha – mas não é. Não é...

Senti a irritação de meu irmão, como se euoubesse nele como uma gola apertada demais. Minha ignorância era um trabalho enlouquecedor que deveria ser superado com um ranger de dentes. *Se você tentasse, não funcionaria – Não é isto que nós...*

Meu pau endureceu de novo quando ela assoprou a franja que cobria seu rosto úmido – mas amoleceu pela segunda vez. Um momento de silêncio interior absoluto, depois uma fome ruidosa e repentina, a outra fome, retumbando como um timbale. A compreensão veio: o desejo sexual era um reflexo equivocado, uma fase de ajuste, que seria superada em pouco tempo. O novo desejo fazia o primeiro parecer um capricho. Somente se ela se transformasse. Somente se ela. Foder matar comer. Foder matar comer. *Havia* um mistério da Trindade, mas somente se... mas somente se...

Ele acelerou o ritmo do tambor. O raciocínio escorregou e caiu como neve descongelando em um telhado. O braços magros da mulher estavam descobertos dos cotovelos para baixo. Gola aberta. Os tendões do pescoço retesavam enquanto ela esfregava. Insignificantes pernas brancas de garota flutuando nos dois lados de Bragg no cio, como uma antena de um inseto confuso. Dedos dos pés pálidos e lastimosos. Um umbigo em espiral. Uma garota tranquila. Humanos vestem suas histórias como microclimas. Ela jamais se destacara entre os oito irmãos, fora vagamente amada somente quando percebiam sua presença, permanecera sem forma até Bragg, depois viu a chance de um único salto para a identidade. Contudo, seu centro não se mantinha. Mesmo dar à luz não a estabelecera; atravessara a mulher como um fogo em um campo, uma agonia aleatória que a deixara doída e encolhida, abraçando as pernas. Ela passava horas à deriva, vagava pelo que sentia como

os devaneios de outras pessoas, apesar de lavar e fazer faxina e cuidar da criança e abrir as pernas para o homem.

Você não toma apenas o corpo. Toma a vida. *Ingere uma vida.* Para dentro de si próprio. O alimento mais profundo. Algo como o amor. Você verá. O espaço entre vocês incha com um potencial insustentável. Os pequenos seios do tamanho de maçãs e sua garganta de pele fina com a jugular pulsante já estavam em minhas mãos, entre meus dentes, esticadas e rígidas, prontos para a ruptura. Fiquei fora da choupana. Vi como seria. Nada além das garras de meu irmão segurando as rédeas conteve-me.

Não ela.

Ele deixou o pensamento em paz, sem floreios.

Não ela.

13

Ele correu. Eu corri. Nós corremos. Todas as pessoas, o plural e os dois singulares justificados. Eles agarravam-se, separavam-se, fundiam-se, desfrutavam momentos de unidade. Fora da floresta, o luar pintava-me do focinho ao traseiro, uma lambida palpável de amor infinitamente permissivo que só me pedia para que eu *fosse completamente eu mesmo*. Que pedido mais generoso pode um amante fazer? Fora o que eu pedira de Arabella. Fora o que ela pedira de mim. Até agora.

Ele corria. Eu corria. Nós corríamos. Em certos momentos, o triunvirato dissolvia e não era nem ele, nem eu e nem nós, e sim um aspecto não pensante da noite, inseparável do vento na grama ou dos odores no ar, um estado – como perder-se em uma música – reconhecível somente quando se sai dele.

Herne House.

Meu lar.

A 100 metros de distância, senti o cheiro do suor dos cavalos no estábulo, ouvi-os movendo as patas nas baias, um som adorável, o misto de estalido e de arranhão do ferro na pedra. Saltei a entrada

de cascalho e atravessei o ondulante jardim da frente. Do mordomo ao garoto do chá, a casa abrigava 17 corações humanos. O luar deixava os batentes prateados. A suíte principal era no segundo andar. Naquelas noites quentes, dormíamos com a janela aberta. E ali estava ela, aberta. O 18º coração.

Há uma visão de que a única coisa a se fazer com a atrocidade é relatá-la. Fatos, e não sentimentos. Digam-nos as datas e os números, mas fiquem fora da cabeça de Hitler. Isso é tudo muito bom quando o cronista está fora da atrocidade. Não convence quando o cronista é a atrocidade.

Ela dormia, deitada de bruços, rosto virado para mim, um braço e um ombro descobertos sob um luar tão forte que eu não acreditava que não a tivesse acordado. A suntuosidade pictórica foi registrada perifericamente: os longos cachos escuros contra o travesseiro marfim, os botões fechados de lilases de seus olhos, aquele braço branco de Afrodite sobre a colcha cor de damasco. Perifericamente porque o que eu via importava muito menos do que eu cheirava: o hálito de vinho e o perfume de flor de laranja, o suor doce e salgado de um dia de preocupações (ela banhara-se superficialmente) e da comida praticamente intocada (salmão cozido; uma compota de alguma fruta de verão; café), o destemido sangue de fêmea, uma breve e excitante lufada de merda e o cheiro penetrante de sua esperta boceta de seda quente sob as cobertas. E o que eu cheirava importava muito menos do que aquilo que eu sabia: que, por um instante, eu estaria mais próximo dela do que jamais estivera, que todo segredo seria revelado, todo tesouro entregue, toda vergonha exposta, cada fatia do ser rendida. Eu sabia – foi passado dele para mim, a antiga e estúpida verdade divina – que nenhuma união arrebatadora se compara a matar a quem se ama.

Minha mulher não despertou até que eu estivesse totalmente dentro do quarto. Eu estava ao mesmo tempo ardendo de consciência e enterrado na fome como uma semente solitária enterrada profundamente no solo. Você é aquilo que não quer ser, e é um prazer. Ela deveria ter gritado. Mas as pessoas nunca fazem o que a ficção diz que fazem. Em vez de gritar, abriu a boca e emitiu um pequeno som de choque e repulsa gigantescos, quase um soluço. Como se tivesse todo o tempo do mundo, apoiou-se em um cotovelo. O rosto dela sempre tivera aquela versão inchada – terror –, mas só agora eu a via. Coloquei uma garra nas roupas de cama e puxei-as. Meu pau levantou outra vez com a visão dela nua. Minha própria saliva caiu nele. O espetáculo impôs um breve hiato. Depois, ela virou-se para saltar da cama e agarrei seu tornozelo e puxei-a na minha direção. Quando a toquei, meu membro encolheu. Foder matar comer. Fodermatarcomer. Mas não com...

Ela chutou com o pé livre e errou, pois eu tinha tempo demais para mover-se. Eu era tão rápido que era como ter o dom da premonição. Depois, ela realmente abriu a boca para gritar – e reconheceu-me. Era por aquilo que eu esperava. Você não sabe pelo que está esperando até acontecer. Congelamos. Arabella olhou nos meus olhos. Ela disse:

– É você.

Depois, porque eu sabia que ela me conhecia, e porque eu podia matar tudo nela antes de matá-la, e porque aquele era o ardil que conduzia à paz que supera a compreensão, e porque a única maneira era começar com o pior, permiti que acontecesse.

A carne da cintura dela abriu-se com um jato de sangue quente. Ela parecia salpicada de vermelho escuro. Ela repetia “é você” e agarrei-a pelo pescoço e puxei-a para perto de mim. A fome encaixa-se como um útero. Você nasce dela. Você precisa nascer.

Saboreie este momento, ele avisou. Saboreie porque em muito pouco tempo você não sentirá o sabor dos detalhes. Eu gostaria de poder falar com ela. Gostaria, do fundo do coração, que pudesse dizer “sim, sou eu”. Que não pudesse eliminar a menor fração do horror dela. E, apesar de minúscula, nós, eu e meu irmão, sentimos aquela fração como uma farpa. Interrompi o fluxo de ar na garganta dela e olhei nos olhos dela. Meu Deus, aquilo era gostoso. *Saboreie o momento* – mas eu não tinha o autocontrole dele. O cheiro de sangue era uma finalidade. Meus joelhos fraquejaram. Quando não aguentava mais, empurrei-a contra o colchão e cravei os dentes – o *primeiro arrebatamento, agradável e despreocupado* – em sua garganta.

Existe o frenesi (nosso cronista não atroz enumeraria os fatos *post-mortem*: rompimento da traqueia, das artérias carótida e femoral; grande perda de tecido do torso, cintura, nádegas; intestinos rompidos, rins, fígado e coração ausentes; lacerações nos seios, na vagina e no períneo), mas o frenesi contém um centro, como o olho de um furacão, e aqui algo mais está ocorrendo, uma consumação mesmerizada. Aqui está você, tirando uma vida. Você não é capaz de engolir tudo de uma vez. Você consome feixes, mordidas, goles, pedaços. A vida de Arabella Marlowe, *sobrenome de solteira* Jackson. Ela aproximava-se de sua paz interior. Nascida nela através do conturbado parto de se livrar de restrições. Ainda o velho clarão de desprezo por si própria – *vadia, puta* – como relâmpagos distantes, mas impotente, na verdade, contra seu eu maior, mais sábio, mais completamente humano. Memórias: o cheiro de farinha e lavanda da mãe. Um campo vermelho arado sob um céu azul. Um cavalo pintado em um parque de diversões. Um gambá morto no jardim. Os membros dela mais alongados. A chegada dos seios enchendo-a de orgulho donzelesco. A chocante

pequena pérola de prazer lá embaixo. *Tu me amas? Eu sei, tu dirás – Sim; E acreditarei em tua palavra.* O pai dela tinha as obras completas de Shakespeare. Ela aprendeu as falas e penetrou nos personagens. Havia um contrato incompletamente firmado entre a arte e Deus. Ela atraía a atenção masculina. Uma ou duas vezes, algo tímido e feroz em um homem insinuara como seria o amor, um índice das insuficiências enlouquecedoras do corpo. Ela tirava as roupas para pintores, escultores, amantes, aprendeu pôquer, conheceu a amizade áspera do uísque de centeio. Conhecendo os perigos, mergulhou ainda mais na experiência, sofreu, ardeu em chamas, rolou na terra para apagá-las. Mergulhou ainda mais profundamente e adoeceu. Pneumonia. Tia Eliza, a quem não via há 15 anos. Ela emergiu do interrogatório feito pela morte sabendo que jamais estaria tão desperta quanto sonhara um dia. Depois, a Europa, a Suíça, montanhas brancas, eu. Amor à primeira vista.

Engoli-a, roubei-a, a riqueza que você jamais contabiliza até que seja roubada. Ela penetrou em mim, um enriquecimento obscuro, um banquete de lucros imundos. Ela resistiu o quanto pôde. Ela queria a vida. Sem dúvida, desejava a vida. Ela não podia gritar. Eu destruíra suas cordas vocais na primeira mordida. Cinco segundos. Dez. Vinte. O instinto diz a você quando estão partindo. (Assim como um espírito da mesma espécie diz a você quando está gozando.) Olhei para ela, mostrei-lhe meu rosto de lobisomem escurecido pelo seu sangue, minhas presas enfiadas em seus tesouros rasgados. Agora ela estava além da dor. Os olhos de Arabella diziam que a dor a abandonara, estava de pé na grade olhando de volta para as docas. Embarcação. Eu jamais poderia não amá-la sem me transformar em outra pessoa. Mas eu me tornara outra pessoa. Ela piscou, uma vez, lânguida. Os lábios dela se moveram. Um pedaço molhado de sua própria carne crua cintilou

vermelha em sua bochecha. Olhos castanho-escuros salpicados de dourado. Olhos que diziam: estou partindo. Ela estava além da velha língua: assassinato, moralidade, justiça, culpa, punição, vingança, as palavras eram uma moeda sem valor em sua viagem. Seus olhos diziam: então, é assim. No momento antes de se fecharem, ela fez uma última mudança: no verdadeiro final da vida, não há preocupação com como se chegou à morte. Eu não era Jacob, tampouco seu marido, ou assassino, ou um monstro; eu era apenas a coisa que destrancara a porta. Agora, ela via através de mim e da matéria deste mundo em uma escuridão final e solvente ou luz aniquiladora. Eu não importava mais. Os olhos dela abriram uma vez, depois fecharam.

Em algum ponto, nosso embate deve ter atingido a mesa de cabeceira, pois o lampião caíra, estilhaçara, derramara óleo e espalhara uma pequena poça de chamas. Uma das cortinas da cama pegara fogo. O fogo subia por ela em uma consumação sem pressa, até a cortina seguinte. Quando a luz do corpo se apaga, a fome admite um traço de nojo, um realismo pós-coito antes que o ato seja concluído. Você come rápido, em um humor cada vez pior, com desdém pela vulgaridade criativa de Deus em equiparar consciência e carne. Você come rápido porque a repulsa está em seu encalço. Quando ela o pegar – persegue você como o longo braço da lei – você precisará parar, não conseguirá seguir em frente.

O fogo espalhou-se. Em um gesto da chama, todo o tapete ardia. Vi a mim mesmo pela primeira vez no espelho móvel, debruçado sobre o corpo ensanguentado. Era uma composição horrenda, uma pornográfica peça complementar para o Pesadelo de Fuseli – ou uma sátira de seus excessos. O braço esquerdo dela, branco, dependurado, magro, flexível, milagrosamente intocado, a mão

semiaberta, dedos presos como que em meio à evocação de algo delicado e elusivo. Meu Deus, era bonito.

A saciedade emboscou-me. Demais, rápido demais. Uma dilatação protelada para acomodar tamanha quantidade. Alimentada pela carne dela, minha própria enchia-se. A vida roubada passava pela minha consciência como sobras de nuvens rápidas. Descobri que eu tirara uma perna do chão para me equilibrar. Abaixá-la exigiu esforço. Sangue ingerido fica espesso como melado. Você arrasta-o durante um tempo, desconfortável. Saia, agora, antes que o fogo o impeça. O calor fervia nas minhas costas. Uma das cortinas já ardia em chamas.

Deixei o que restava dela cair dos meus braços de volta sobre a cama, agora em chamas. Desligue-se. Desligue-se de tudo. Na janela, parei tempo suficiente para sentir meu lado direito chamuscar e o esquerdo coberto pelo bálsamo da lua, depois saltei para baixo, caí, levantei-me e corri.

14

O fogo consumiu metade da casa e matou nove dos 17 empregados. E, como pretendido subliminarmente, reescreveu a história de como Arabella morrera.

O pobre Charles sofreu, não somente a perda de minha esposa (de quem ele no mínimo gostava imoderadamente e, no máximo, por quem estava culpadamente apaixonado), mas também de minha amizade. No dias seguintes ao incêndio, eu estava compreensivelmente distante, era como ele via. Mas a distância tornou-se alienação, depois ausência. Coloquei o administrador da propriedade à frente da reconstrução e parti para a Escócia duas semanas depois. Não tinha planos, era apenas um reflexo para ficar o mais longe possível das pessoas.

Levei uma única lembrança.

A pequena sala no térreo voltada para a extremidade oeste do jardim fora o estúdio de Arabella. Não havia muita coisa ali: uma estante de livros; uma escrivaninha de madeira de nogueira; um esfarrapado tapete indiano e uma poltrona enorme na qual minha falecida esposa costumava encolher-se com seu diário e rabiscar

durante tardes inteiras. O diário ficava guardado na escrivaninha em um pequeno e exótico cofre de ferro com um punhado de berloques talismânicos de sua vida arriscada, e apesar de a mesa ter sido perdida nas chamas, o cofre – e o diário – sobreviveram. Agora, o diário está no cofre particular em Manhattan, junto com minhas crônicas, mas nas semanas e nos meses após o incêndio, decorei boa parte dele. Somente poucas linhas são necessárias aqui.

O comportamento dele fica mais perturbado a cada dia. Outras pessoas me condenariam por guardar segredo, mas ele está tão errático que temo o efeito de uma revelação feita em um mau momento. Foram tantos os momentos ao longo da última semana nos quais quase contei a ele. As palavras são ouro sob meu coração, mel sob minha língua: Jacob, estou carregando seu filho.

15

Na última noite, pouco depois que larguei a caneta (*quad scripsi, scripsi*), começou a chover. Choveu a noite toda e ainda chove agora, no final da tarde. O último resquício da luz do dia mostra um céu baixo de nuvens macias e escuras, sob as quais, ocasionalmente, passam tiras de nuvens mais brancas ("pannus" para os meteorologistas, "mensageiros" para os pescadores; duzentos anos, momentos de ócio, livros). O mar parece carne marmorizada. Contra ele, o branco das gaivotas possuem detergente e pureza. A chuva está destruindo a neve, obviamente. Ainda há bastante aqui no vale, na floresta, mas em Zennor as calçadas estão reaparecendo. Quando eu chegar de volta a Londres amanhã, a mágica terá praticamente acabado. A cidade estará fria e triste, ridícula diante de seu lapso, do pequeno sonho no qual as coisas seriam diferentes.

– Fez o que precisava fazer? – Harley perguntou-me ao telefone há uma hora.

– Havia uma lacuna no registro – respondi. – Preenchi-a. Devo enviá-la para a caixa postal ou para o clube?

Ele compreendeu: aquele diário seria o último. Não haveria mais registros, pois eu não existiria mais. Uma maneira ruim de iniciar a conversa. Imaginei-o fechando os olhos e contraindo a mandíbula antes de se permitir recomeçar.

– Tudo está providenciado – disse ele. – Mas não posso tirar você do país até o dia 17. Será por pouco, eu sei, mas não há opção. Você trocará de carro três vezes entre a cidade e Heathrow. Tem uma reserva no voo da tarde da Virgin para Nova York com a identidade de Tom Carlyle. Esta é a interferência. Na verdade, você voará em um avião particular alugado até Exeter como Matt Arnold. Esses são pacotes com identidades novas em folha. Passaportes, carteiras de motorista, números de Seguro Social, está tudo aí. De Exeter...

– Vou para o País de Gales, Harley.

– O quê?

– Você ouviu. Snowdonia.

– Não diga tal absurdo.

– Desaparecerei onde surgi. Ciclo completo.

Ele parou outra vez. Trabalhosamente, acendeu um cigarro.

– De *Exeter* – prosseguiu ele em voz baixa –, você tem opções. Pode voar até Palma e de lá para Barcelona ou Madri, ou, caso não esteja absolutamente convencido de que os despistou, providenciei outras duas mudanças de carros entre lá e Plymouth. Reggie irá esperar por você até a meia-noite do dia 17. Ele transportará você através do Canal, depois você estará sozinho.

– Você fez o trabalho, Harls – eu disse. – Você é um *rock star*.

– Sim, bem, então não me venha novamente com essa baboseira quanto ao País de Gales.

Deixei para lá. Ele sabia. Eu sabia que ele sabia. Ele sabia que eu sabia que ele sabia. De pé na janela da sacada do salão do The

Pines, olhando para baixo através da chuva até a angra, senti o afeto familiar por ele sendo mordiscado pela minha impaciência. Quanto mais tempo me agarrasse, pior ficaria a situação. Não é possível viver unicamente para outra pessoa sem a odiar mais cedo ou mais tarde. Comecei a perguntar sobre a entrega das novas identidades falsas, mas ele me interrompeu.

– Eu mesmo lhe entregarei os documentos – disse ele. – Não quero ninguém fazendo merda.

– É um risco estúpido para você.

– Não descansarei até que os entregue a você pessoalmente, em mãos. Faça da minha maneira, Marlowe, por favor.

O que era uma concessão dele. Se você vai morrer, então quero ao menos vê-lo mais uma vez. Um último aperto de mãos antes do fim.

– Algo mais sobre Cloquet? – perguntei a ele. Era a primeira vez que pensava no rapaz com a Magnum desde que saíra de Londres, mas agora que pensara nele, senti-me desconfortável outra vez.

– Deixamos que partisse. Ele não sabe de nada. Colocamos escutas nele e o observamos durante um ou dois dias depois de ser solto. Ele jogou um pouco de boliche, cuidando da mão, da qual, diga-se de passagem, tratamos. Depois, eventualmente, fez uma visita penitente à própria Jacqueline Delon. Ela ficou furiosa com ele por ter perseguido você. Ele recebeu ordens de ficar no hotel até que alguém do grupo dela viesse para acompanhá-lo até Paris. Vinte e quatro horas depois, dois caras... a serviço de Delon... apareceram e foi justamente o que fizeram. Caso encerrado.

– Sabe por que inventaram a frase “caso encerrado”?

– O quê?

– Para que a plateia soubesse que não estava.

– Faça como quiser, Jacob. Está perseguindo ilusões. Deveria estar preocupado com Ellis.

– Não com Grainer?

– Grainer é paciente. Aguardará a lua cheia. Mas Ellis aí, vigiando você sem mais porra nenhuma para fazer... Além disso, há um par de garotos loucos por tiros com ele.

– Eles decapitaram minhas raposas.

– O quê?

– Deixe para lá.

– Apenas tome cuidado, é tudo que estou dizendo.

As providências dignas de um espião, por mais que soubéssemos o quanto sejam supérfluas, foram tomadas. Graham Greene tinha uma relação semiparódica com os gêneros explorados em seus romances, uma estranha tolerância de suas exigências e figuras de linguagem. Inevitavelmente, tenho a mesma relação com minha vida. Identidades falsas, senhas, designações, vigilância, voos noturnos. Tolices de espionagem. E isso sem nem mesmo *começar* a mencionar as armadilhas da História de Horror. Se isto fosse um romance, eu o rejeitaria junto com toda a produção do gênero que por definição defrauda a realidade. Infelizmente, é a realidade para mim.

Eis o elefante na sala: matei e devorei minha esposa e meu filho que ainda não nascera. Matei e devorei *amor*. O que deixava duas alternativas: expandir ou morrer. Matar-me ou viver com aquilo. Desistir ou encarar, no linguajar moderno. Bem, aqui estou.

Foi um erro. Não digo moralmente, mas estrategicamente. Eu deveria tê-la transformado. Era a minha chance. *Aquela* era minha chance. Ela teria sido um lobisomem melhor do que eu. Era maior, mais corajosa, mais blasfema. O potencial dela seria liberado. *Ela* teria liderado a *mim*. Meu irmão, em sua pressa, perdeu a cura para

a solidão. Estava em seus braços e ele não conseguia ver. *Estou casado e feliz com minha esposa há 11 anos. Temos dois filhos adoráveis. Tenho um bom emprego e uma linda casa. Ela é minha alma gêmea em todos os aspectos – exceto um. Na cama, gosto de...* Casamentos do tamanho de catedrais desmoronam porque ela não quer mijar nele ou ele não quer amarrá-la. Nada preserva o amor como um vício em comum ou uma perversão em conluio. Nos anos após tê-la matado e devorado, tive tempo suficiente para pensar em como poderia ter sido com Arabella sob, pode-se dizer, a lua do amor. Imagino-a de meias-calças claras em uma cadeira eduardiana iluminada pelo sol ao lado da janela, um cigarro em uma longa piteira, lendo em voz alta:

– “... A história da civilização humana mostra além de qualquer sombra de dúvida de que há uma ligação íntima entre crueldade e o instinto sexual...” Espere, não é esta parte... ah, aqui está: “Segundo algumas autoridades, este elemento agressivo do instinto sexual é, na realidade, uma relíquia de desejos canibalísticos – ou seja, é uma contribuição derivada do aparato para a obtenção da posição de mestre, o qual se preocupa com a satisfação do outro e, ontogeneticamente, a mais antiga das grandes necessidades instintivas...” Pronto, viu? Eu *disse* a você. Afinal de contas, a que horas devemos chegar no baile?

Mataríamos juntos e teríamos *brilhado*.

Apesar de todas as aparências contrárias, não deixei o bem e o mal completamente para trás. Absurdamente, ou de qualquer outra maneira, ainda acredito na expiação. Matei o amor. Logo depois de estraçalhar Arabella e nosso segredo fetal, minha psique determinou a sentença para meu coração: a partir de agora, você resistirá, sem amor. Você matará, sem amor. Viverá, sem amor.

Morrerá, sem amor. Tal proscricção não parece grande coisa, não é? Experimente-a durante alguns séculos.

Como digo, houve e ainda há uma loucura ética residual. Ao longo dos anos, procurei e ajudei os humanos oprimidos, de judeus fugitivos nas florestas da Polônia a peões aterrorizados nas montanhas de El Salvador. Fundei movimentos trabalhistas no Chile e vendi armas para os antifascistas na Espanha. Grande coisa, eu sei. Nem mesmo a SS usava balas de *prata*. Você pode achar que os fanáticos por ocultismo entre os *Reichsführers* teriam insistido, mas não. Todavia, salvei muitas vidas e, quando me alinhava do jeito correto, matei muitas pessoas desprezíveis. Minha fortuna (reduzida em 31 por cento na última crise) distribuiu muitas máquinas de hemodiálise e scanners, colocou comida nas barrigas dos famintos e inoculantes no sangue dos que corriam riscos. A filantropia é autossustentável agora, as Fundações, os trustes. Tudo construído (Deus está morto, mas a ironia continua etc.) a partir da papoula indiana. Meu pai, um diretor londrino da Companhia das Índias Orientais até pouco antes da primeira Guerra do Ópio, seguiu meu avô na liderança do negócio e fez de mim um jovem formidavelmente rico quando morreu, em 1831. Havia terras, havia propriedades, havia cotas da própria John Company. O ópio virou algodão, que virou carvão, que virou aço, que virou... É uma longa história. Diversifiquei. A década de 1930 atingiu-me com força, mas me recuperei. Renuncie ao amor e você poderá atingir uma concentração demoníaca. Quando tomei a decisão de permanecer vivo, outras decisões foram tomadas sozinhas. Eu precisaria de mobilidade, anonimato, segurança. Ou, em outras palavras, de uma riqueza preservada. Mas os primeiros diários cobrem isso. O que importa é que não peço desculpas e tampouco perdão. Sou um homem. Sou um monstro. Um coquetel de contrários. Não pedi para

me tornar lobisomem mas, quando isso aconteceu, acostumei-me muito rapidamente. Você surpreende a si próprio. Surpreende a si próprio e depois percebe que até a surpresa foi um pouco simulada.

Durante 167 anos, adiei escrever sobre Arabella e a morte do amor. Agora que escrevi, o quê? Sinto-me mais leve? Purificado? Envergonhado? Absolvido?

Algo está acontecendo com esse negócio de falar sobre sentimentos. Ele está ficando moribundo. O analisando no divã em Manhattan abre a boca para começar, "sinto que...", e sabe que, caso tivesse o mínimo de decência, fecharia-a prontamente. Os humanos rumam para uma nova fase, uma fase baseada no conhecimento de que falar sobre os próprios sentimentos jamais os levou a lugar algum. A Era Demonstrativa... Não estarei por aqui para vê-la. *Assim*, já que eu mesmo fiz a pergunta, é como me sinto, mais certo do que nunca de que meu relógio estava correto todo o tempo, que já tive o bastante, que está na hora de partir, que realmente não aguento mais viver, matar e vagar pelo mundo sem amor.

16

Sou um artífice bom o bastante na escrita para reconhecer um ponto final natural quando vejo um, portanto duvido de que teria escrito mais ontem, mesmo que o vampiro não tivesse aparecido.

Em minha forma lupina, o fedor dele seria óbvio. Na condição em que me encontrava, não o senti até quando, alertado por um rangido anômalo no andar superior, eu já subira metade da escada.

Uma lufada quase imperceptível de ar com aroma de neve disse que ele entrara por uma das janelas do quarto. Recuei na ponta dos pés, como em um desenho animado, revendo mentalmente, às pressas, a mobília da casa em busca de qualquer coisa que pudesse servir como uma estaca de madeira. (Então é realmente o lance da estaca de madeira, é? Madeline perguntaria, sem dúvida. Sim, é realmente o lance da estaca de madeira. Ou a luz do sol, ou a decapitação. Sem dúvida, arme-se com crucifixos e água benta e alho e latim – depois, prepare-se para uma decepção fatal.) Os pelos das costas de meu *wulf* fantasma eriçaram-se. Na verdade, deixe-me lidar com isso da maneira mais objetiva possível:

lobisomens e vampiros não se dão bem. A repulsa mútua é visceral e sem exceção – e isso antes de abordarmos a estratégia de sobrevivência dos chupadores de sangue, sua *realpolitik*, a qual, em um espírito de análise desinteressada, sou obrigado a admirar: há quase trezentos anos, as cinquenta mais poderosas famílias de vampiros formaram uma aliança e fizeram um acordo com a Igreja Católica. (A WOCOP – ou SDL, como era chamada na época – era originalmente uma ramificação eclesiástica. Contudo, na metade do século XIX, tornara-se uma corporação secular com um exército particular.) Além de pagar uma porcentagem de todos os lucros dos vampiros para os representantes de Deus na terra (seres noturnos são homens de negócio incomparáveis), eles concordaram em manter a própria população mundial em torno de 5 mil vampiros. O que significa, já que sempre há alguns rebeldes e infratores que não conseguem resistir à criação de novos vampiros, a eliminação anual de certa quantidade de membros da espécie. Imagine focas adultas batendo com varas nos filhotes. Em retribuição, a Caçada permite que as Cinquenta Famílias operem sem interferência. Houve explosões súbitas de violência, é claro, houve brigas (e, naturalmente, um pouco de manipulação dos números) mas, de modo geral, o acordo é mantido. Os Dons vampirescos mantêm o controle de suas residências e as caixas registradoras da WOCOP cantam. Metade dos contratos de “reconstrução” para o Iraque pós-guerra foi concedida sem licitação para companhias de propriedade de vampiros (a cujos favores financeiros, querido Presidente Obama, os Republicanos recorrerão a qualquer momento). Uma delas, a Netzer-Böll, possui uma subsidiária fabricante de armas especializada não oficialmente em SFP – Sistemas de Fornecimento de Prata. Um punhado de chupadores especialmente cínicos efetivamente *trabalham* para a WOCOP. A Caçada utiliza-os como

rastreadores. De lobisomens. Grainer, por ser da Velha Guarda, não aceita nada disso.

Sendo assim, que merda aquele vampiro fazia aqui?

Você afia rapidamente um galho – não, um pé de cadeira – não, um cabo de vassoura – não, um lápis – não, um – *maldições...* Na cozinha, virei de lado o solitário banquinho de madeira, prendi-o com um pé e, com o outro, pisei com força. Nada. Pisei uma segunda vez. Um fraco som do encaixe cedendo. Peguei a maldita coisa e golpeei-a com força contra a parede da chaminé. (Oh, como seria bom ter a mobília daquelas brigas nos *saloons* dos filmes de caubói.) Nenhum efeito, exceto por um terrível choque trêmulo nos pulsos. Recoloquei o banquinho no chão e preparei-me para pisá-lo pela terceira vez – mas já era tarde demais.

Ele estava na entrada da cozinha, um vampiro jovem e esguio com cara de pug, vestindo calças militares e uma jaqueta de motoqueiro preta com *piercings* nas sobrancelhas e cabelo branco descolorido raspado rente ao crânio, segurando um grande rifle. Digo “jovem” mas, pelo que sei, poderia estar vivo desde os dias de Gilgamesh. Ele ergueu a arma e apontou-a para mim.

– Espere – eu disse.

– Não posso – disse ele, e sorriu. Antes de acontecer o que aconteceu em seguida, tive apenas tempo de pensar: não, é um jovem. Os olhos não morreram. O tempo ainda não fez sua parte. Um vampiro antigo nem sequer pararia para dizer “não posso”. Depois, aconteceu o que aconteceu em seguida.

De fora, veio um estridente grito feminino, interrompido com uma brusquidão chocante.

Um silêncio de riqueza desconfortável durante dois segundos. Depois, uma cabeça decepada de mulher estilhaçou a janela da cozinha e quicou grotescamente nos azulejos antes de parar ao pé

do fogão. Os longos cabelos escuros caíram e revelaram olhos verdes, parcialmente revirados, a boca horrivelmente frouxa. Presas ensalivadas. A pele já começava a ficar preta.

– Laura? – disse o vampiro, em voz baixa. Então, uma estaca de madeira abriu o peito dele por dentro com um som úmido de trituração. Ele franziu os olhos. Largou a arma, que caiu com estrépito no chão, e desmoronou de joelhos, a rede capilar das mãos, da garganta e do rosto escurecendo. Ellis, em uma farda militar de inverno e segurando um Lança-Estacas da Caçada topo de linha, estava atrás dele. O cabelo louro comprido fora penteado para trás e amarrado em um coque extraordinariamente sólido.

– Oi, Jake – disse ele. – Você está bem?

Expirei lentamente e larguei do banquinho de madeira.

– Entre – disse. – Junte-se à festa.

– Bem, já que você mencionou – disse ele –, eu poderia assassinar uma bebida.

– Que merda está acontecendo aqui?

– Realmente não sei.

Ele contornou o corpo encrespado do vampiro e chamou pela janela:

– Russell?

– Oi!

– Tudo bem?

– Tudo bem.

– Certo. Mas você quebrou a janela do senhor Marlowe.

– Minhas desculpas, senhor. Exuberância.

Ellis não respondeu. Ao invés disso, pegou a cabeça decepada e jogou-a de volta para fora. Sons de deleite dos subalternos. A pele no corpo que escurecia estalava suavemente.

– Permita-me livrar-me disso para você – disse Ellis.

Ele agarrou o cadáver pela gola da jaqueta de motociclista e arrastou-o para fora pela porta dos fundos. A decomposição dos vampiros não é a transformação instantânea em cinzas que facilita tudo para as telas de Hollywood, mas é particularmente rápida. Em uma hora ou duas, não haveria nada além de manchas de sangue para mostrar que os chupadores estiveram aqui. Fui para a sala de estar, joguei um tronco novo na lareira, acendi um Camel e servi dois Glenlivet puros.

– Sem ressentimentos? – disse Ellis quando voltou para dentro e entreguei-lhe o copo.

– Não vamos nos empolgar.

– Entendido. L'Chaim, de qualquer maneira.

– Tim-tim.

Ele sentou-se no braço do sofá e apoiou o rifle do vampiro ao seu lado. Eu, frio e enjoado devido ao contato com os mortos vivos, permaneci de pé ao lado da lareira. Cercada e vigiada, a casa mantivera a sensação de ser um abrigo frágil. Agora, com o ar gelado entrando pela janela quebrada na cozinha e Ellis realmente aqui *dentro*, a mágica desapareceu. Dava no mesmo, pois eu partiria de manhã.

– E então? – disse ele. – Qual é sua teoria?

– Eu esperava que você tivesse uma.

– Nenhuma. Provavelmente, você tem inimigos no lado dos vampiros.

– Acreditaria que não. Não tenho nada a ver com eles.

– Mas já teve, certo? Pelo meu entendimento, durante algum tempo, nos anos 1950, você foi uma espécie de fonte de aborrecimento para eles.

Verdade. Veja em *Filantropia dos Lobisomens*. Negócios administrados por vampiros pagaram aos nazistas uma fortuna por

dados genéticos obtidos por meios escusos durante a guerra (a busca deles por uma solução para o problema da noturnidade continua) e aos Aliados uma fortuna pelo que restara depois. Eles *fizeram* uma fortuna atravessando tesouros apropriados pelo Reich, aumentada pela atividade paralela muito lucrativa de retirar clandestinamente criminosos de guerra da Europa. (Décadas depois, naturalmente, fizeram mais dinheiro vendendo informações sobre a localização dos antigos nazistas a judeus interessados, mas àquela altura eu desistira de interferir.) Nos primeiros anos do pós-guerra, eu era o dinheiro por trás e, muitas vezes, o líder de uma dúzia de grupos diferentes, convencido de que a ação direta contra certas organizações atendia às suas diferentes causas. Comunistas, anarquistas, defensores de direitos dos animais, vigilantes, teóricos de conspirações – durante cerca de uma década, racionalizei o ativismo antivampiros através da *proteção dos humanos*, para compensar as perdas que eu mesmo estava impondo ao velho ser humano. Loucura, eu sei, mas é verdade.

– Atirei algumas pedras – disse. – Petulância, na verdade. De qualquer modo, foi há muito tempo.

Ellis bebericou e olhou ao redor da sala, sem piscar. Nada, aparentemente, perturbava o ar do homem de estar com a mente voltada para algo mais importante do que você. Dava vontade de esbofeteá-lo.

– Sim, mas esses caras são o clube do rancor – disse ele. – Cinquenta anos? O que é isso para eles? É ontem. Cinco minutos atrás.

– Bem, talvez você deva trocar umas palavras com eles. Diga-lhes que há uma fila.

– Eles não estavam tentando matar você.

– O quê?

Ele pousou o copo no sofá e pegou o rifle. Ou melhor, o que eu pensara que fosse um rifle. Os dedos compridos e assustadoramente ágeis começaram a trabalhar, abriram a câmara e retiraram a munição. Ergueu-a para mostrá-la a mim. Um dardo.

– Tranquilizante – disse.

– Tranquilizante. Se não fosse por nós, você estaria no sétimo sono e a caminho.

– A caminho de onde?

– Pensilvânia.

– *O quê?*

Ellis sorriu – de modo alarmante, pois o rosto dele adquiriu uma qualidade infantil repentina e nua.

– Minha irmã dá aula para a segunda série. Um garoto contou ao colega sobre o Conde Drácula. Disse que ele vive em um castelo grande e assustador na Pensilvânia. Você sabe, em vez de Transilv...

– Entendi. Hilariante. Você conhecia os dois?

Ele enfiou o dardo em um dos inúmeros bolsos do casaco. Pegou de volta o uísque. Agora que o sorriso desaparecera, era como se jamais tivesse existido.

– A garota – disse ele – talvez seja Mangiardi. O cara, nunca vi.

Mangiardi é uma das casas italianas, uma das Cinquenta Famílias. Devo ter bombardeado um par de laboratórios deles na época, mas não conseguia acreditar que tivesse sido um ataque vingativo atrasado. Vampiros não caem nesse tipo de coisa. Não por nenhuma espécie de princípio, mas porque nove em cada dez vezes eles simplesmente não podem se dar ao trabalho. Toda a motivação é derivada do fato primário da mortalidade. Retire a mortalidade e a motivação perde a... motivação. Por isso, vampiros

passam muito tempo sem fazer nada e olham pela janela e descobrem que não podem se dar ao trabalho.

– Bem, não significa nada para mim – disse. – Mas suponho que deva lhe agradecer. Seja lá o que desejem para mim, não imagino que seja agradável.

– É tudo parte do trabalho, Jake. Mas escute, se estiver realmente agradecido, há algo que deveríamos discutir.

– O quê?

– Benefício mútuo. Temos algum... – O fone de ouvido dele emitiu um clique: um comunicado do pelotão. O rosto branco e ceráceo e os olhos lápis-lazúli muito imóveis enquanto ele escutava, processava, concluía. – Entendido – disse ele. Depois, para mim, cobrindo o microfone: – Por Cristo, eles não podem ser deixados sozinhos por cinco minutos. – Ellis engoliu o resto da bebida e levantou-se. – Isso precisará esperar. Mas, escute, encontraremos algum tempo, falo sério, certo? – O tom dele teria sido perfeito se fôssemos dois executivos do segundo escalão de estúdios.

– Não gostei do gesto com as raposas, diga-se de passagem – disse.

– Eu sei. Posso apenas pedir desculpas. Esses novatos. Lamento, Jake, de verdade.

– E agora vocês quebraram minha janela.

– Vamos consertá-la logo de manhã. E, novamente, falo sério, lamento quanto às raposas. Bichos de estimação podem ser tão reconfortantes. Eu adoraria ter um cachorro, mas com a vida que levo? Não é justo com o animal. Conversaremos de novo.

A tentação, imediatamente após Ellis partir, foi de telefonar para Harley. Resisti: mais uma vez, o Caçador poderia ter colocado uma escuta. Eu fora descuidado ao deixá-lo sem supervisão mesmo que por um instante, mas os vampiros deixaram-me desconcertado.

Além disso um relatório seria enviado à noite para a WOCOP; Harley saberia da história sem minha ajuda. O que não me renderia nenhum favor, agora que pensei a respeito, pois ele já estava excessivamente ansioso. A última notícia – vampiros estão atrás de Jake – apenas lhe daria algo a mais com o que pudesse desperdiçar tempo e energia ficando preocupado. Enviei-lhe uma mensagem de texto: “Áudio comprometido. SMS apenas, até segunda ordem. Pequeno incidente aqui. Você saberá por Ellis. não se preocupe. estou bem.”

Vampiros estão atrás de Jake. É ridículo. Nem sequer *vejo* um vampiro há mais de vinte anos. Um engano? Ou alguma nova reviravolta da Caçada? Mas ali, além de qualquer argumentação, estava o dardo com tranquilizante. Se não fosse por nós, você estaria no sétimo sonho e a caminho.

A caminho de onde? E para quê?

Aqui está novamente, aquela coisa enfadonha, a compulsão da vida em se queixar, a pretendente que não aceita não como resposta. Vampiros, Jake. O que significou *aquilo*? Fique por aqui. Veja o que acontece.

Sim, bem, sei o que acontece. Acontece *mais*. Variações sobre a mesma meia dúzia de temas. Existem apenas seis tramas, ou doze, ou nove... seja qual for o número, é finito, é pequeno. Se isto é a vida tentando me enredar de volta com sua narrativa, não funcionará. Não entrarei, estou saindo.

Circulei pela casa, fechando todas as janelas. Lá fora, a escuridão estava ruidosa, agora que eu parava para prestar atenção, com o som da trama aleatória desenvolvida infatigavelmente pela Vida, o chiado bisbilhoteiro de um novo ataque contra minha determinação. Fui tomado por uma emoção triste e peculiarmente delicada de vazio, como quando você pega

sua mulher na cama com outro homem e percebe que não se importa, não se importa há anos, sente um pouco de pena deles e deseja a ambos boa sorte.

De volta ao sofá com um Camel novo e um copo de Glenlivet cheio até a boca, chutei meus sapatos para longe, estiquei as pernas diante da lareira e bocejei. Eram apenas 18 horas, mas a bebida e o tumulto deixaram-me com sono. Em uma concessão à Vida, revisei meus anos de ativismo antivampiros, pesquisei as memórias em busca de sanguessugas de alto escalão que eu pudesse ter deixado particularmente irritados. Não consegui encontrar nada interessante. Certamente, a Casa Mangiardi não despertava nenhuma lembrança, e eu jamais vira a recém-decapitada Laura ou seu jovem companheiro, disso eu tinha certeza.

Engoli o resto do uísque, levantei os pés, descansei os olhos. Fodam-se, de qualquer maneira, não importa o que queiram. Por ordem de Grainer (Deus estando morto, a ironia etc.), a Caçada cuidaria de mim. Eu tinha um encontro suicida com o maestro matador de lobisomens da WOCOP marcado para daqui a pouco mais de uma semana e, com chupadores ou sem chupadores, eu pretendia comparecer.

Mesmo por conta própria, sou muito convincente como mulher, mas para o encontro com Harley em Londres tive ajuda profissional.

– Tem certeza de que isso é necessário? – perguntei. – Quero dizer, por que não posso usar calças? As mulheres usam calças, afinal de contas.

– De calças, você se moverá como um homem. A linguagem corporal entregará o disfarce.

Eu estava com Todd Curtis, um amigo de Harley, e ele depilava com cera as minhas pernas, do joelho para baixo. Eu fora instruído a depilá-las antes de deixar o Zetter. A cera era uma precaução adicional e – na minha opinião – desnecessária.

– Escute, se eles chegarem tão perto, não acho que serão as pernas que... Ai! Jesus *Cristo*.

– Só mais três e estará pronto.

Todd, bonito, moderadamente musculoso, com cabelo escuro muito curto encaracolado e um rosto magro de uma tranquila crueldade de mafioso, era o tipo de gay que pouquíssimos

heterossexuais poderiam dizer que era gay – contudo, começariam a se perguntar a respeito depois que descobrissem sua profissão. Ele e sua equipe eram especializados em transformismo de elite. Para cinema, teatro e televisão, sim, mas também para clientes particulares e competições de transformistas. Ele me disse que, ano passado, os rendimentos ficaram pouco abaixo de 1 milhão de euros.

– O clima está a nosso favor – disse ele, escolhendo um casaco de chinchila falsa com três quartos de comprimento do cabideiro que a assistente trouxera. – O casaco fará boa parte do trabalho. Como estão os sapatos?

Estávamos em um cubículo para massagem em um spa de estética em Knightsbridge. Era apertado e o ar-condicionado estava ajustado para nudez. A peruca não coçava (minhas perucas não coçam, dissera Todd, calmo como Deus), mas a maquiagem gerava uma claustrofobia moderada. Eu fora seguido desde o Zetter mas despistara os dois agentes em Covent Garden. A WOCOP conectava boa parte dos circuitos fechados de câmera da cidade, mas Harley sabe onde ficam os pontos cegos. Eles, mais quatro mudanças de táxi, virtualmente asseguravam que eu chegasse a Halcyon Days sem ser detectado. Apesar da certeza virtual, a vida de Harley estava em jogo. Por isso estava com Todd, por isso aquele novo eu.

– Uau – eu disse, olhando no espelho de corpo inteiro. – Talvez apenas levarei a mim mesmo de volta para o hotel.

– Sim, você está gostosa – disse Todd, sem emoção aparente. Ele executara a transformação com uma espécie de concentração impessoal e, agora que estava terminada, tive a forte impressão de que tinha outros lugares para ir, outros homens para transformar em mulher. – Suba e desça aqui algumas vezes para se acostumar com os saltos.

O disfarce seguia minha coloração escura natural. Eu parecia uma mulher sem graça com ossos grandes que recorrera ao máximo ao uso de cosméticos mas mesmo assim permanecia algo sobre ela que a tornava assustadoramente impossível de foder. É impossível negar que senti uma leve excitação. As coxas, particularmente, transmitiam uma firmeza secreta estimulante. Uma ereção insinuou-se sem muito entusiasmo. Você ficará maravilhado ao ouvir, querido Harley, que...

A assistente de Todd colocou a cabeça para dentro da porta.

– O carro está aqui – disse ela.

O ataque dos vampiros em Cornwall deixara a WOCOP em polvorosa, apesar das buscas de Harley não terem revelado nada até o momento. Foram trocados telefonemas entre o QG e a maioria das Cinquenta Casas, mas as principais famílias, incluindo a Casa Mangiardi, simulavam ignorância, ou *realmente* não sabiam de nada. Laura Mangiardi, alegaram, abriu mão dos direitos familiares ao fugir com párias, vampiros transformados ilegalmente que escaparam da eliminação anual. Os Dons diziam que estavam tão aborrecidos quanto a WOCOP. Os esforços seria redobrados, os controles seriam mais rigorosos. Uma falha lamentável, ninguém fora prejudicado, a longa tradição de respeito mútuo, blá-blá-blá. Harley, é claro, permanecia cético. Não importa, falei para ele. Nada disso importa. Em sete dias...

Que merda, cale a boca, por favor? Ele dissera.

O recepcionista no Leyland presumiu duas coisas. Primeiro, como segui diretamente para os elevadores praticamente sem olhar para ele, que eu era uma prostituta. Segundo, como eu não era atraente, que eu era uma prostituta de uma perversão ou sujeira atordoante.

– Seu *concierge* acha que sou uma puta – disse a Harley como saudação. – Uma especialista em coprofilia. E estes sapatos de merda, não me importo em lhe dizer, estão me matando.

Harley sorriu, mas ambos sabíamos que meu tom não era bom o bastante. Eu estava no quarto havia cinco segundos e a atmosfera já ficara frágil. (Não suba na plataforma comigo, dizemos, sabendo como será: a frivolidade forçada, a não conversa, os minutos que não podem ser deixados vazios.) A suíte era grande, enfadonhamente corporativa, decorada com um excesso de azul-marinho: cortinas, roupa de cama, sofás de veludo cotelê. A janela dava para telhados empoçados, exaustores de ar, claraboias, o pátio nos fundos de um pub com os guarda-sóis fechados e a mobília de plástico molhada. Ainda havia algumas cicatrizes sujas de neve, irritantes agora que o grande sonho branco terminara.

Todos os documentos de identidade eram novos em folha, impecáveis aos meus olhos. Contudo, depois que Harley jogou-os para onde eu estava sentado na cama, não falamos sobre eles. Eram a última esperança de Harley, talismãs para trazerem a mágica morta de volta à vida. Ele fizera tudo que pudera – e provara que nada do que poderia fazer seria o bastante. Durante o que pareceram minutos, permanecemos em silêncio, eu na beirada da cama com pernas cobertas de nylon cruzadas, ele de perfil ao lado da janela, somente sua silhueta visível sob luz cinzenta e leitosa da tarde londrina.

– O que vai fazer? – perguntou ele.

– Vou para o País de Gales. Snowdonia. Jamais voltei para lá, você sabe.

Ele abriu a boca para dizer algo – um reflexo de objeção –, mas fechou-a novamente. Ambos pensamos que haveria coisas a serem ditas, que *encontraríamos* coisas para dizer, mas Harley olhou sobre

os lagos que tremiam nos telhados e eu soube que ele estava sentindo o primeiro sabor verdadeiro de como seria a vida sem mim, um efeito como o gosto antisséptico de borracha de uma cirurgia dental. *Todas as pessoas que Marlowe matou.*

– A visão que tenho de você – disse –, na América do Sul. Pijamas de algodão branco. Mangueiras. Um jardim empoeirado. Céu azul quente e meia dúzia de nuvens estáticas absolutamente brancas. Vá para onde há beleza. Você pensa que Deus jamais o perdoará, mas o único Deus é a beleza, e a beleza sempre perdoa. Ela perdoa com sua indiferença infinita.

Acendi um Camel, olhei-me no espelho, uma mulher nada atraente com aspecto *noir*, sentada em uma cama, fumando. Em algum lugar, no fundo de nossas mentes, acreditamos que eu travestido aliviaria o horror. *E se eu rir de qualquer coisa viva, é porque não posso chorar.* Aquilo fracassara da mesma maneira que música cômica pode fracassar em um funeral. Ele sentou-se em um dos sofás de veludo cotelê azul, colocou a bengala entre os joelhos, acendeu distraidamente um Gauloise e coçou lentamente o grande domo de sua testa.

– Não acredito nisso – disse ele.

– Harls, deixe disso.

– Um pai não espera enterrar o filho.

A fumaça de cigarro fazia espirais como que se esforçando para formar a representação de algo. As memórias do quarto eram de representantes de venda masturbadores e de casais adúlteros.

– Sinto muito – disse. Dizer aquilo pela primeira vez fez-me sentir o primeiro indício do *quanto* eu sentiria, do quão exaustiva aquela partida teria a capacidade de ser. Era como se a decisão de morrer tivesse eliminado a energia necessária para levar-me até a morte.

– Também partirei – disse Harley, prosseguindo com esperteza satírica: – Um mês de férias. Não quero estar aqui quando cortarem sua cabeça, não é mesmo?

– Para onde vai?

– Caribe. Barbuda. Um enclave ballardiano. Esposas entediadas de neurocirurgiões. Astronautas aposentados. Executivos da indústria farmacêutica. O panfleto parece um mundo virtual. Concreto branco e céu ultramarinho. Um imaculado ponto final da modernidade. Imagino um silêncio que na verdade é o rumor baixo do ar-condicionado e dos umidificadores.

– Bem, você tem as roupas para isso. Ainda acho que deveria ir para o Brasil. Pelos garotos, mesmo que por nada mais. Você não está morto, Harls, então viva.

– Sim, bem, doutor, cure-se a si próprio, porra.

Um silêncio começou a se solidificar entre nós. Não podemos nos dar a tal luxo. Levantei-me, cambaleando sobre os saltos altos, vi Harley pensar imediatamente ainda não, não tão cedo, não desta forma, espere.

– Nada será a coisa certa a ser dita – disse. Ele olhava para o tapete. Cinza de cigarro caiu em suas calças. – Estamos matando tempo esperando que isto não seja tão doloroso quando, na verdade, quanto mais tempo ficarmos, apenas ficará cada vez mais doloroso.

Ele não se moveu. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Ele deu um trago agressivo no Gauloise, expirou pelo nariz. Uma lágrima caiu na lapela com um *pof* audível. O momento exigia ação e tudo que tínhamos era paralisia. *A essência de ficar de pé é que você não pode voar.*

– Só lhe pedirei isso uma vez – disse ele. – Para que eu saiba que pedi.

Esperei. Alguém passou pela porta empurrando um carrinho de limpeza. Lá fora, Londres estava voltada para uma concentração de franzir o cenho, sorumbaticamente centrada em superar a enxaqueca econômica. Sobre mim, estava o peso da capacidade do mundo de seguir em frente, produzindo um dia único após o outro, hasteando guerras e conversas, sanguinariamente parindo bebês e silenciosamente engolindo os mortos. O inconsciente coletivo humano não consegue aguentar, o pensamento de *coisas* acontecendo para sempre, portanto, decidiu (coletivamente, inconscientemente) acabar com o planeta. O eco-apocalipse não é um acidente, é uma estratégia profunda da espécie.

– Não faça isso – disse Harley. – Não me deixe sozinho. Não tenho coragem de cometer suicídio. Você sabe. O que é mais uma década para você? Estarei morto nesse tempo. Apenas fique.

– Não posso.

– Você é um babaca egoísta, sabia?

– Sim.

Harley abriu a boca outra vez, percebeu a futilidade, deixou para lá. Ele pegou um lenço branco amarrotado e secou os olhos. Muito lentamente, pousou o copo e apagou o cigarro. Quando olhou para mim, vi o medo que sentia de tudo que viria depois daquele momento. O futuro guardava um horror – ele próprio – e ele não olharia até quando precisasse, até quando não tivesse escolha, até quando eu tivesse partido. O rosto dele tremia como a água sobre os telhados planos.

– E então? – disse ele. – Apenas dizemos adeus?

– Apenas dizemos adeus.

– Você ainda tem uma semana. Mudará de ideia.

– Venha aqui.

Senti Harley como um velho em meus braços, pele e ossos em uma roupa larga, cabelo ralo e o cheiro do couro cabeludo. Algo medicinal, também. Bálsamo do Tigre ou Vicks. Por força do hábito, revirei meus sentimentos, descobri tristeza, pesar, algo como uma perda, mas também um tédio inegável e uma espécie de impotência do coração. Minha voz interior repetia *bast*, *bast*, *bast*.

Na porta, virei-me e olhei para ele. Não tínhamos coisa alguma a dizer, ou coisas demais. Ele apenas observou, olhos úmidos, mãos pesadas, sendo preenchido, enquanto eu olhava, pela areia de seu futuro. Todo ato de partir tem a sensação de vitória. A emoção daquele era minúscula, fraca, inútil, quase nada.

Harley permaneceu imóvel, sem piscar. Deixando-o a sós com a própria consciência era como deixar uma criança a sós com um pedófilo.

– Você foi um bom amigo – eu disse. Ele não respondeu. Virei-me, abri a porta, saí para o corredor e fechei-a atrás de mim.

18

Eu imaginara, ao atravessar a fronteira de Clwyd sob um céu carregado com nuvens escuras, que encontrar o local exato onde fui atacado há 167 anos não seria fácil. Eu vislumbrara horas examinando mapas e pesquisando nos cérebros octogenários, debulhando pântanos, ficando perdido na floresta. Mas estamos no século XXI. Simplesmente aluguei um carro e dirigi para o norte, partindo de Londres, e depois para o oeste, atravessando o Parque Nacional da Snowdonia até Beddgelert (o *dd* pronunciado como um *th* vocalizado em galês), uma aldeia 8 quilômetros ao sul da floresta de Beddgelert, onde após uma única tarde de exploração encontrei a clareira na qual Charles e eu tínhamos acampado há tantos anos. Dali, vinte passos até o riacho, o local do ataque, o caminho cavalgado pela Caçada, ou os Servos da Luz. Sentei-me em uma rocha na margem e fumei um cigarro. Nada mais além disso.

Beddgelert não tem muito a oferecer, portanto hospedei-me no Castle Hotel, em Caernarfon, meia hora de carro ao noroeste da cidade, sobre as águas repugnantes do Estreito de Menai.

Cinco dias para matar antes de morrer.

Todo o trabalho prático fora realizado anos antes. As companhias passam para o controle das diretorias. Uma porcentagem dos lucros flui para instituições de caridade. O mesmo com lucros das vendas de imóveis e propriedades. A riqueza pessoal (descarreguei a arte, as bugigangas, as antiguidades ao longo dos últimos cinquenta anos) será dividida entre certos indivíduos que conheço (apesar de eles não me conhecerem) pela virtude de alguma qualidade notável: compaixão, talento, bondade, humor, consciência. Parte irá para pessoas comuns que conheci e das quais gostei. Nada irá para as famílias de pessoas que matei e comi pelo simples motivo de que descobrir de onde o dinheiro viera (uma possibilidade, não importam as precauções) as enlouqueceria, pois não desejariam abrir mão dele, mas precisariam, e acabariam odiando o morto.

Provavelmente há uma dúzia de coisas que você poderia pensar em fazer caso tivesse apenas mais cinco dias para viver. Duvido que elas incluíam visitar o Inigo Jones Tudor Slateworks, ou o Museu Aéreo de Caernafor, ou o Parque de Animais de Foel, ou o Zoológico Marinho. Ainda assim, parte em um ato de autorridicularização, parte por uma vacuidade inesperada, passei um dia visitando esses lugares. Tomei um sorvete sob a garoa. Coloquei moedas em um caça-níqueis delirante. Bebi uma xícara de chá em um café repleto de pensionistas úmidos. Atualizei este diário. Tudo como distração da Maldição que se apressava, a qual, indiferente ao cativante drama de despedida, anunciava-se em meu sangue em obediência à lua crescente. E, no quesito inchaço e sangue, minha libido estava enlouquecendo. Eu pensara, considerando o quase fracasso do último encontro com Madeline e os dias de quietude sexual em Cornwall (nada, nem mesmo uma punheta), aquele desejo finalmente acabou comigo. Tanatos

avança, Eros recua. Não é assim. No final do segundo dia, eu andava por aí com uma careta mais ou menos permanente. Entrar em uma fila era correr risco de prisão.

Uma consulta à internet móvel revelou que Caernafor oferecia não uma, mas quatro agências de acompanhantes, com as quais me virei até, em torno da meia-noite do Terceiro Dia, incredulamente, cobrando-me duzentas milhas e carregando uma mala de final de semana Louis Vuitton, Madeline chegou. Eu prometera a ela o triplo por hora e um generoso bônus de *sayonara*. Sim, eu estava Partindo.

– Você está *tão* perto de ter uma barriga tanquinho, querido – disse ela, quando abri a porta. – O que está *fazendo* aqui?

– Morrendo. Há um pouco de champanhe. Beba e vá para a cama.

– Nossa! Posso tirar o casaco primeiro?

– Se achar necessário, mas se apresse, por favor.

Maddy não fora a única coisa trazida de Londres. Eu praticamente anunciara minha partida da capital, de modo que, naturalmente, fora seguido pela vigilância da WOCOP. Eu detectara agentes em toda parte, apesar de Grainer e Ellis terem se recusado a aparecer. Perguntei-me o que pensavam que eu estava fazendo, aquela vagueação, aquela despreocupação. Para eles, deveria parecer a preparação para o maior truque de fuga da história. Visibilidade tão imprudente só poderia ser uma distração para uma fuga extraordinária. Só Deus sabia quais maquinações eles imaginaram que eu planejava.

– Ai! – exclamou Madeline quando rolou sobre algo não macio na cama. – É seu maldito telefone.

Era o final da tarde do Quarto Dia e acabávamos de acordar. As cortinas estavam fechadas e o que restava da luz do dia chegava ao

fim. A noite fora cansativa, para Madeline, pois eu a fodera seis vezes com uma resistência absurda, e para mim porque, não importava o quanto a fodesse, não poderia suprimir o quarteto psicológico de medo, tédio, tristeza e fome que se revezava entre ser eu e, às vezes, não se revezava e, em vez disso, intumescia como um efeito especial impressionante. Estava com a cabeça cheia de champanhe e as entranhas cheias de cocaína, mas ainda mais intensos eram os primeiros calafrios e as contrações do lobo, da transformação se aproximando. A Última Maldição.

– Você tem uma mensagem de voz, diga-se de passagem – disse Madeline. – Aqui está. Preciso fazer xixi. Deus, estou acabada.

O telefone, é claro, era o telefone, o número de Harley. Bateria quase no fim. Ícone de mensagem piscando. O trecho de voz feminina que não vinha de uma pessoa (uma descendente um pouco retardada do Relógio Falante) disse: *Mensagem. Recebida. Ontem. Às. Sete. Horas. E. Quatorze. Minutos.*

Era Harley.

– Jesus Cristo, Jake, escute. Há...

Era tudo.

Ouvi outra vez, sem motivo, pois ouvira perfeitamente na primeira vez. O corte era absoluto, tecnológico. Disquei o número. Caixa postal. Disquei de novo. Caixa postal.

Um pouco mais da luz parecia morrer. O quarto cheirava a carpete de hotel, champanhe sem gás e sexo. A adrenalina vibrava e saltava em meus ombros e pulsos, passava pelo meu couro cabeludo, pelas bolas, pelos joelhos. Fiquei ali de pé olhando para o nada, tentando ver através das paredes, dos quilômetros, das horas, das outras pessoas.

Disquei novamente.

Caixa postal.

Maddy saiu da *en suite*. Ela lavara o rosto, escovara os dentes e prendera o cabelo com fivelas. Em dez minutos, pareceria tão boa quanto um carro novo. O tempo de recuperação dela é impressionante.

– Olhe para *isso*, muito obrigado – disse ela, virando o rosto e mostrando-me uma pequena marca de mordida em seu pescoço jovem e flexível. – Isso é uma *marca*, não é?

– Vista-se – disse. – Darei a você mais mil, mas somente se você se vestir e descer agora para o restaurante. Preciso de apenas alguns minutos.

– Não posso descer assim.

Encontrei o vestido da noite anterior e joguei-o para ela.

– Mais mil, além do resto. Vá. Descerei em um instante.

Sozinho no quarto depois que ela partiu, fiquei de pé (vestido, brutalmente desperto) com todas as luzes acesas e o celular na mão, tentando não entrar em pânico.

Jesus Cristo, Jake, escute. Há...

Há o quê?

Era um risco, mas liguei para a casa em Earl's Court. Você ligou para o Antiquário Elite. Por favor, deixe seu nome, número de telefone e uma breve mensagem que retornaremos assim que possível. Obrigado.

– Sim, olá. Aqui é o senhor Carlyle. Ouvi que você adquiriu um *Malleus Maleficarum* do século XVI, no qual eu gostaria muito de dar uma olhada. Por favor, ligue de volta para...

Não havia motivo para não deixar o número do hotel. A WOCOP sabia que eu estava ali e, se estivesse monitorando os telefonemas da casa de Earl's Court, já saberia sobre Harley. Desliguei e telefonei para a Fundação. Não, o senhor Harley não estava lá no momento. Havia algum recado?

Jesus Cristo, Jake, há...

Recorrer a algum artifício não era impossível para Harley. Trazer-me de volta à Londres para outro ataque contra minha determinação. Ele estava desesperado. Desesperado o bastante para deixar *aquela* mensagem? Possivelmente. Você é um babaca egoísta, sabia? Disse da maneira que dizíamos essas coisas, indicando afeto. Mas, no fundo, ele falou sério. Por que não? Era verdade.

Acendi um Camel. Abri as cortinas e espiei lá fora. Crepúsculo. Chuva. Faróis de carros. Pedestres sob guarda-chuvas. De vez em quando, você olha para o mundo e sabe que seus deuses foram completamente para outro lugar. A personalidade dele fica evidente, o garoto abandonado terrivelmente cedo que sobreviveu pagando um preço alto demais.

– Quem é?

– Sou eu – disse Madeline. – Deixe-me entrar um segundo.

– Mas que merda.

Abri a porta. Tive uma fração de segundo para registrar Ellis segurando um extintor de incêndio e Grainer segurando Maddy – depois, o extintor atingiu-me na cara.

19

Não fui nocauteado, mas derrubado e, como resultado da detonação vermelha do golpe, fiquei suficientemente atordoado para que Ellis conseguisse algemar minhas mãos atrás das costas. Grainer conduziu Madeline sob a mira de uma pistola com silenciador até um sofá, mandou-a sentar e depois ficou de pé atrás dela com a arma contra a parte de trás de seu crânio. A mobília do quarto adquiriu uma consciência repentina e tensa. Para seu crédito, Maddy estava de boca fechada. Tive a impressão de que aquela não era a primeira vez em que estivera na companhia de homens armados, o que me fez sentir ternura por ela, lamentar por não a ter beijado mais.

Grainer perdera peso desde a última vez que o vira e parecia mais bonito em consequência disso. Cabelo escuro oleoso salpicado de cinza, um rosto largo, olhos marrons pequenos e duros, pele marcada pela varíola. Sangue de nativos americanos em algum lugar, o que lhe dera os ossos da face altos, a distância inescrutável. Nas Dolomitas, vestia uma farda leve da Caçada e

óculos de visão noturna. Agora, parecia um gângster arrumado com roupas esporte escuras e um sobretudo preto de qualidade.

Cuspi um dente da frente ensanguentado. Meu nariz estava quebrado.

– Não se preocupe, Madeline – falei com a boca amassada. – Sou eu quem eles querem.

Ellis encontrou o dimmer e reduziu levemente a luz, sem motivo, aparentemente, além das próprias sensibilidades estéticas. Pegou a cadeira da escrivaninha, colocou-a diante de mim e sentou-se. Em um filme, ele começaria a limpar as unhas ou a descascar uma maçã. Na realidade, apenas ficou sentado, cotovelos nos joelhos, em um estado de prontidão relaxada. Hoje, o cabelo branco e comprido estava preso em um rabo de cavalo.

– Bem, é o seguinte – disse Grainer. – Sabemos sobre Harley.

Mudança estrutural instantânea. Como se uma parede ou porta desaparecesse de vez e agora entrasse um ar gelado.

– Ele está morto?

– Não tente conduzir isto, Jake. Você é o passageiro.

Você acha que o horror chega espetacularmente. Não é assim. Ele apenas aparece de modo prosaico. Mesmo nos primeiros segundos, você já sabe que encontrará espaço para ele. Pensei (por que não?) no rosto de Harley na despedida, no quanto ele parecera delicado nos meus braços. Senti uma pontada de cansaço, como se o coração liberasse um estimulante que não funcionasse. Simultaneamente, havia uma certeza corporal lúgubre de que exigiriam algo de mim, de que eu precisaria *fazer* algo.

– Sabemos quais são suas intenções para amanhã à noite, Jake – disse Grainer. – De aceitar e se deitar. Não gostamos disso.

– Nenhum desafio para você.

– Exatamente. Sabe que tenho *sonhado* com isso? Em um sonho, você está sentado... Totalmente transformado à luz do dia... Sozinho em uma daquelas mesas de piquenique em uma floresta. Quando saio entre as árvores, você fica feliz em me ver. Você *acena* para mim, por Cristo. Quero dizer que eu faço, corto sua cabeça, mas você apenas está ali sentado, sorrindo, concordando. É deprimente como o inferno. Não quero isso.

– Há quanto tempo sabem sobre Harley?

– Há anos. Vocês dois foram muito descuidados. Isso tampouco foi um desafio.

– Vigilância?

– Tudo. Os telefones, os celulares, a casa de Harley em Earl's Court, o clube de Harley. Jesus, Jake, grampeamos *você* uma dúzia de vezes.

Um certo alívio, naturalmente. Não se pode viver temendo alguma coisa durante muito tempo sem começar a desejá-la.

– Quer dizer que a história do francês, aquele idiota, Cloquet, é besteira?

As perguntas acumulavam-se. Apenas uma importava: o que fizeram com Harley? Jesus Cristo, Jake, escute. Há...

Grainer balançou a cabeça.

– Esse cara, Deus, que maluco. Não, a história que ouviu de Harley era verdadeira, até certo ponto. Cloquet estava seguindo você em Paris e o agente da WOCOP o seguia. A única coisa que Harley não sabia era que sabíamos tudo a respeito. Sabemos de seu paradeiro mais ou menos continuamente desde 2003. Harley *foi* quem o vigiou, mas sem saber. De todo modo, quando ficou claro que Cloquet planejava matar você, ele foi impedido. Por mim, diga-se de passagem. Como sabe, considero você minha responsabilidade. Exclusiva.

– E Cloquet é?

– Namorado de Jacqui Delon, ou um deles. Um vagabundo viciado em cocaína. É tudo que sabemos. Ela pareceu bastante irritada quando descobriu que ele apontara uma arma para você.

– Você é um espião? – Madeline perguntou-me em voz baixa.

– Não – disse.

– Ele é um lobisomem, querida – disse Grainer. – Com certeza contou a ela, não é, Jake?

– Na verdade, contei. – Senti-me cansado outra vez. O olhar de excesso de informação de Maddy. Eu esperava sinceramente que não a matassem. Sobreviver àquela experiência poderia ser justamente a epifania que a tiraria da prostituição.

– Não é assim que se termina uma guerra, Jake – disse Grainer.
– Sentar-se e apenas...

– Deixe que aconteça?

– Deixe que aconteça. Não toca no lugar certo do universo.

– É desta maneira que o mundo acaba – eu disse.

– Não o seu mundo. Você é o último de uma grande espécie.
Você deve algo melhor à narrativa.

– Não há narrativa. Você sabe disso.

– Há a que nós fazemos. É nossa responsabilidade.

Ellis concordou com a cabeça.

– Só porque a vida não faz sentido, não quer dizer que não a possamos experimentar significativamente – disse ele.

– Uau! – exclamou. – Você deveria patentear essa frase. Também tenho uma: você não precisa ser louco para trabalhar aqui, mas ajuda.

A raiva, afinal de contas, subia pelas veias. Não diante da banalidade de Ellis (tampouco da arrogância de Grainer), mas por ser obrigado a fazer algo quando, na verdade, eu não queria nada.

– Bem – disse Grainer. – Madeline descerá conosco por um momento. Você ficará aqui. Ela será enviada de volta com a chave das algemas e a informação da qual precisará.

– Informação?

– Sobre Harley. Madeline, faça isso e estará completamente livre para partir. Faça merda ou tente qualquer coisa e será morta. Entendido?

Maddy concordou com a cabeça e engoliu em seco. Suas pequenas narinas fumegavam. Sob a delicada orientação da arma, levantou-se sobre os pés em saltos finos. Um tremor quase imperceptível nas pernas. Ellis levantou-se e colocou a cadeira no lugar.

– Espere quieto, Jake – disse Grainer. – Ela voltará logo.

Esperei. O quarto esperou. A lua cheia de amanhã cutucava e contorcia e açoitava. Existem umas bobagens que antecedem a transformação, espasmos fantasmas, músculos e ossos querendo se adiantar. O monstro sabe a duração da espera como o cão sabe o comprimento de sua coleira mas, assim como o cachorro, puxa e fica sufocado. Meu dente da frente já recomeçara a crescer com uma coceira fibrosa. Informação sobre Harley. Tinham-no em algum lugar, presumivelmente. Este é o acordo: ele ficará vivo desde que você aceite. Desista e ele morre. Ideia de Ellis, tenho certeza. Um esquema de simples simetria entregue de sua altura remota. Eu pensara... *No que* eu pensara? Ajoelhar-me como Ana Bolena enquanto a lâmina de Grainer refletiria o luar? Sentado em postura de lótus sorrindo para o cano de uma arma carregada com prata? De qualquer modo, eu pensara em *ceder*. Silêncio, estrelas, reverência pelos últimos detalhes beneficentemente indiferentes. Uma morte feliz.

A porta abriu-se e Madeline entrou, desacompanhada, carregando uma pequena bolsa de couro. Também tinha a chave das algemas. Ela fechou a porta quando entrou e colocou a bolsa no chão. Depois, ajudou-me a levantar e abriu as algemas. Ela emanava um calor úmido. Na clivagem sob o vestido de frente única escuro, os seios estavam molhados. Era lancinante vê-la daquela maneira, despida de sua identidade profissional, uma humana, com medo. Perigosa, também: a humanidade sincera tornava-a erroneamente apetitosa. Agora que ela fora obrigada a se aprofundar, eu queria matá-la e comê-la. De um jeito ou de outro, meu tempo com ela chegara ao fim.

– Preciso dizer algo – falou. – O que me disseram. Mandaram-me dizer a você: “Considere isto um incentivo.” Agora, você deve abrir a bolsa.

Ela não abria a bolsa. Mandaram-na não abrir. Ela deve tê-la carregado no elevador negando que estivesse lá, negando a própria mão que a segurava, o braço, o ombro, todo o lado do corpo. Porque, obviamente, o animal inferior dentro dela sabia. O animal inferior sabia e o animal superior ergueu a muralha de gelo da negação. Ela não disse nada enquanto me ajoelhei e abri o zíper, apenas apoiou as costas na porta, joelhos despídos uma fração mais alta do que o normal. O instinto dizia a ela que aquele era um grande momento. Ela poderia não conseguir seguir como quem fora antes. A possibilidade deu-lhe uma sensação de estar viva que ela jamais sentira, como se tivesse sido erguida repentinamente para 300 metros de altitude. Apesar de tudo, uma parte de mim perguntava-se o que ela poderia se tornar. Esta é a lenta e triturante compulsão que não aguento mais, a inevitabilidade de se interessar pelas pessoas. Você ama a vida porque a vida é a única

coisa que existe, Harley insistira. Não existe Deus e este é Seu único mandamento.

Dentro da bolsa, havia uma outra de plástico transparente, fechada cuidadosamente com fita adesiva. Dentro, estava a cabeça de Harley.

20

Havia um bilhete colado sobre a boca dele, com uma mensagem escrita com hidrocor preto: não foi indolor. não foi rápido.

– Oh, meu Deus – disse Madeline. Seus ombros brancos nus ficaram levemente curvados e as mãos pressionaram a barriga. – Maldito Jesus Cristo.

O rosto fora espancado. À vontade, imaginei. Dobras no plástico continham bolhas de sangue, como acontece com carne lacrada a vácuo no supermercado. Elas asseguravam que os olhos dele ficassem abertos.

Apenas fique, ele dissera.

Seria encorajador dizer que me debilitei em lágrimas. Não foi o que fiz. O momento meramente atualizou o inventário de todas as coisas que eu deveria sentir mas não sentia. Com muito cuidado, abri o lacre, coloquei a mão na bolsa e descolei o bilhete da boca dele. Gostasse ou não, ocorreu-me a imagem de eu mesmo colando-o sobre os lábios de Grainer depois que o encontrasse e o matasse, o que, obviamente, era a ideia. Ideia de Grainer afinal de

contas. Ellis teria mantido Harley vivo. Ellis apostava na culpa, na consciência, na responsabilidade – as minhas. Grainer apostava na vingança olho por olho – a minha. Novo e Velho Testamentos, respectivamente.

– Jake? – disse Madeline. – Isso é de verdade? Não é de verdade, não é?

Fechei os olhos de Harley. É preciso. Abertos, os olhos dos mortos são uma caricatura, uma paródia, ridicularizam os falecidos. Abertos, os olhos dos mortos efetuam a subtração mais indecente, mostram a pessoa sem vida. Sei agora que, em todas as vezes que vislumbrei a solidão recuperativa de Harley depois da minha morte, eu jamais acreditara realmente nela. Os piores horrores confirmam uma suspeita que você escondeu até mesmo de si próprio.

NÃO FOI INDOLOR. NÃO FOI RÁPIDO.

Estou acostumado com o corpo como algo separável violentamente em suas partes constituintes. Para mim, um braço arrancado não é mais marcantemente lúgubre do que uma coxa de galinha o é para você. Ainda assim, era Harley, o que restava dele, um testamento direto das violações que sofrera. Um testamento farsesco, caso se permita ver desta maneira. Naturalmente, os torturadores riem enquanto trabalham: a estúpida obediência do corpo à física (puxe forte o bastante e isto sai, aperte forte o bastante e aquilo salta para fora), contra a qual as nuances da personalidade da vítima não contam em nada, possui uma das raízes da comédia: a subserviência do espírito à carne. Você pode cortar uma cabeça e enfiá-la em uma bolsa, enfiá-la em uma estaca, jogar vôlei ou futebol com ela. Hilariante, entre outras coisas. Também estou cansado disso, da fragilidade dos limites, da proximidade de extremos opostos, do deprimente sangramento de pesar em riso, de bem em mal, de tragédia em farsa.

Enquanto isso, Madeline estava tomada por energias descontroladas. Eu sabia que, se ela ficasse, o choque passaria e a exigência de coerência tomaria seu lugar. Manuseando com cuidado, coloquei a cabeça de volta na bolsa, fechei delicadamente o zíper, vi-me desejando, por puro hábito, que a escuridão fosse um alívio para ele.

– Você deveria ir – disse a Madeline.

– Quem é ele?

– Não importa.

– Precisamos ligar para a polícia.

– É melhor que você apenas vá. A polícia não faz parte disso.

– Mas...

– Ninguém fará mal a você, prometo. Apenas vá e deixe-me cuidar disso.

Minha janela de oportunidade era o sistema de Madeline ter travado temporariamente. Agarrei tudo dela que encontrei e enfiei à força na Louis Vuitton. Madeline continuava empacada ao lado da porta.

– Aquele cara disse que você era um...

– É uma palavra em código. É uma palavra usada pelos agentes.

Ele é um lobisomem, querida. Naturalmente, aquilo fora registrado. Naturalmente, ela fizera a ligação.

– Mas *você* disse... Tudo aquilo. Não é verdade. Essas coisas não existem. – A última frase sem muita convicção, quase uma pergunta.

– É claro que essas coisas não existem – disse. – É apenas um número que faço, um truque. Não é nada. Vamos lá. Aqui, pegue o dinheiro... Seis mil.

Madeline pegou o dinheiro, porém estava entorpecida. O rosto dela estava úmido, veias visíveis nas mãos brancas adoráveis.

Precisei continuar a empurrá-la para a frente, contra a vontade dela de parar, voltar, rever, compreender. No final, meio que a empurrei pela porta. Eu sabia que, muito possivelmente, ela iria direto para a polícia.

O que explica o fato de eu também ter arrumado as malas e fechado a conta no hotel às pressas. Coloquei a bolsa com minha mala no bagageiro do Vectra e dirigi. Para o sul. Nada específico, apenas a repentina necessidade claustrofóbica de trocar o tumulto da cidade pelos espaços vazios da costa.

Estava escuro e chovia. Várias vezes, imaginei discutir tudo aquilo com Harley – para, em seguida, dar-me conta de que Harley estava morto. Era um loop mental, amplificado pelo mantra dissílabo dos limpadores do para-brisa, *tchac, tchac, tchac*. Creio que estava sentindo algo parecido com pesar (ou autocomiseração), porque entendi a boa resposta do volante e o cheiro de vinil novo como simpatia antropomórfica. Não chorei. Coisas reais não me fazem chorar. Só as falsas ou sentimentais conseguem fazer isso. Nesse aspecto, sou como a maioria dos humanos civilizados. Em vez disso, dirigi, fluentemente, com reverência pelas pequenas ações, ainda circulando no mesmo loop de imaginar eventos conversacionais com Harley para, em seguida, dar-me conta de que ele estava morto. Quando o loop cedeu, um grande vazio contido tomou seu lugar.

A estrada descia pela costa. Para o oeste, a Baía de Caernarfon e o Mar da Irlanda, luzes ocasionais de barcos, um petroleiro ou dois. Para o leste e o sul, a terra elevava-se em outra pilha de colinas famintas por vogais: Bwlch Mawr; Gyrn Ddu; Yr Eifl. É claro que eu estava sendo seguido, desde quando deixara o hotel. Um furgão preto, o que era incomum para a Caçada, que costuma usar algo mais rápido.

Você ficou feliz em me ver. Foi deprimente como o inferno. Não quero isso. É claro que ele não queria. Ele passara quarenta anos se preparando para vingar a morte do pai. Não seria propriamente uma vingança se o assassino ficasse agradecido a ele por isso. Portanto, provoque o assassino a sentir algo que não gratidão.

A pergunta era: funcionara? Teria sido a morte de Harley (ou, como devo deduzir, tortura e morte) incentivo suficiente para despertar o lobo para a briga?

Os padrões humanos me condenariam por uma fraqueza obscena se a resposta fosse não. Harley, um homem que dedicara a vida à minha proteção, que me amara, cujo amor eu explorara quando me convinha e rejeitara quando não, fora mutilado e morto por minha causa. Eu sabia quem era seu assassino, ou assassinos, tinha os recursos e a experiência para vingar o crime e, se não o fizesse, ninguém mais faria.

Mas meus padrões não são humanos. Como poderiam ser? O pensamento em resistir a Grainer amanhã à noite enfraqueceu minhas mãos no volante do Vectra. Vingança exige crença na justiça, o que não tenho. (Você não pode considerar minha filantropia monstruosa, minhas boas ações de lobisomem. Isso é um vestígio, um hábito, um sistema de contabilidade pessoal moribundo. Não é derivado de um princípio, apenas fornece o equivalente moral de se aliviar com a própria mão.) Sei o que *deveria* sentir. Eu sabia que Grainer (e Ellis, já que ele teria participado) deveria ser obrigado a pagar. Mas *deveria* e eu nos separamos quando assassinei minha esposa grávida e a devorei e segui vivendo.

Saí da estrada principal em Trefor e o veículo da WOCOP me seguiu. Parou a simbólicos 30 metros atrás de mim quando estacionei na extremidade litorânea da aldeia. Eu suava. A Maldição

tocava prévias de estrondos de *free jazz* no meu sangue, na minha pele arrepiada. A mão que levantei para secar o rosto era o fantasma impaciente da outra mão, da coisa híbrida, pesada, elegante, com garras nas pontas. Faltavam menos de 24 horas para a transformação. O calor do meu corpo acumulava-se no carro. Saí.

Melhor. Vento frio e chuva. Mãos, garganta, rosto, couro cabeludo, tudo resfriou. A praia ficava perto. Uma trilha pálida descia até ela. Segui o caminho, sobretudo revoando. Uma porta abriu-se na van da WOCOP e fechou-se. *Isto* ficaria insuportável muito em breve, essa tecnologia atrasada, essa vigilância *panto*, com certeza ordenada por Grainer, uma irritação satírica adicional, mas eu não conseguia pensar a respeito agora. Havia uma única coisa para pensar, uma única decisão a tomar.

NÃO FOI INDOLOR. NÃO FOI RÁPIDO.

A vegetação rasteira sobre os pequenos montes deu lugar a dunas de areia baixas. O repentino odor áspero e fresco do mar. O velho sobrevivente de Somme contorceu-se: o ar salgado de Margate entrara pela janela aberta e misturara-se com o adorável sabor entre as pernas de sua garota. (As memórias deles entopem-me como coágulos arteriais. Estou *cheio*, eu dissera a Harley. Atingi o fodido *plenum*.)

Uma boia sinalizadora tiniu, abafada pelo vento e pela chuva. As luzes de um petroleiro cintilaram, invocaram a visão de uma galé aconchegante, casacos espessos de tricô, canecas de lata, fumaça de cigarros enrolados à mão. Eu ouvia um helicóptero em algum lugar mais afastado da praia, um som como uma metralhadora disparando incessantemente.

Qual é a minha *motivação*? É o que atores péssimos querem saber. Grainer dera-me uma *motivação* legítima. *Matei seu amigo, agora você quer me matar.*

Quase funcionou. O pavio da bomba emocional apropriada foi aceso, crepitou, brilhou, ofuscou a vista por algumas batidas do coração, depois falhou, engasgou, morreu. Eu não conseguia fazer com que significasse o bastante. Não conseguia fazer com que significasse coisa alguma. Vingança pelos assassinatos pressupõe que os mortos desfrutem de uma pós-vida longa o bastante para apreciar seus esforços. Os mortos não desfrutavam de nada do gênero. Os mortos não iam a lugar algum, exceto, se você fosse o monstro que tirara suas vidas e os devorara, para dentro de você. Esse é o presente que eu deveria ter dado a Harley, ou melhor, deveria ter feito Harley dar a mim. Pelo menos, dessa maneira, estaríamos juntos no final.

Virei-me para o interior, leve no coração e pesado como o Mar Morto, pensando: "Então, obrigado, Grainer, mas não" – quando duas coisas aconteceram.

A primeira foi que coloquei as mãos nos bolsos do casaco e senti em uma delas o gorro de lã que Harley insistira para que eu levasse naquela noite na neve. Sua *cabeça* dura congelará, idiota, ele dissera. Porque ele me amara e eu não o amara, moldamos a relação como a de um pai irascível e dedicado com um filho temperamental. Começara constrangidamente, jocosamente, mas, como muitas coisas que começam dessa maneira, adquiriu um pouco da substância emocional que satirizava. E essa memória, ao modo perverso dessas coisas, realmente me perfurou, despertou uma dor no lugar vazio onde deveria estar a energia para ir atrás de Grainer.

A segunda foi que o agente, que me seguira e estava agora ajoelhado sobre uma perna a não mais de 7 metros de distância, atirou diretamente na minha direção.

Senti uma única pontada gelada na coxa, três segundos eternos de algo como ultraje moderado – depois, todas as luzes se apagaram.

21

S seja lá o que tenham usado, não acertaram a dosagem na primeira vez. Flutuei de volta à consciência por tempo apenas suficiente para deduzir – pelo tremor, pelo barulho, pelo formato do teto – que estava em um helicóptero. Imobilizadores prendiam meus braços, minhas pernas, o peito e a cabeça. Uma voz de homem (definitivamente *não* a de um vampiro) disse em francês: “Cacete, ele está acordado” – depois, senti a picada de uma agulha e a escuridão fechou-se novamente sobre mim.

*

A transformação despertou-me para o cheiro de ferrugem, combustível e algas marinhas. Eu estava deitado de costas, em espasmos, em uma mesa de metal e os imobilizadores tinham sido removidos. Minhas roupas também. Ombros, canelas, cabeça, mãos e coxas desviavam o sangue e impeliam os ossos de atenderem a demanda metamórfica da Maldição. Meu circo de vidas consumidas

contorceu-se. O mundo parecia estranhamente ondulante. Pensei: “Bem, espero que estejam prontos para isso, sequestradores filhos da puta, não importa quem sejam.” Depois, latejando de fome por carne viva, uivei e rolei de lado.

A luz halógena brilhante revelou que eu estava em uma jaula.

No que parecia um porão de carga de um navio.

Sendo filmado.

Além das barras, três homens e uma mulher estavam de pé entre um par de câmeras com sensores de movimento montadas em tripés. Um dos homens era o agente que me aplicara tranquilizante, 30 e poucos anos, com uma cara emburrada de porquinho-da-índia, usando um brinco no nariz e um chapéu preto de lã. Os outros dois eram *skinheads* grandes que usavam fardas diferentes e Timberlands. Um, braços cobertos de pelos dourados, era preocupantemente vítreo. O outro tinha rosto de bebê, com olhos surpresos e uma covinha no queixo. Ambos estavam equipados com rifles automáticos e armas menores.

A mulher, com calças brancas justas e um apertado top vermelho sangue, era Jacqueline Delon.

Ela não mudara muito em dez anos. Magra, seios pequenos, com um abdome mínimo e rosto fino. Cabelo vermelho curto no estilo usado por meninos em que somente as mulheres francesas parecem conseguir ficar bem. Na última vez em que a vira, diante do Burj Al Arab, em Dubai, grandes óculos escuros cobriam seus olhos, e minha dedução – de constipação e uma sexualidade proveitosamente perturbada – fora tirada (desejosamente, preguiçosamente) da boca com lábios finos e o narcisismo patente no jeito de se mover. Ali, no entanto, *estavam* os olhos, estreitos e de um verde sujo, cheios de inteligência insone, uma fronte brilhante de jocosidade compulsiva em relação a só Deus sabia o

quê, medo da morte, evitação de si própria, culpa monetária, solidão, fome de amor – possivelmente, apenas um tédio imenso.

– Ele consegue falar? – perguntou, *en français*, o *skinhead* com cara de bebê.

– Não – disse Jacqueline. – Mas entende. Portanto, não diga nada de que possa se arrepender.

Sem a menor contração muscular de aviso, atirei-me rosnando contra as barras.

Para seu crédito, Jacqueline mal vacilou. Os homens – por causa de um homem – saltaram para trás, os dois grandões estúpidos com armas levantadas, o Tranquilizante com um impagável grito em falsete.

Imediatamente, acalmei-me, agachei-me, balancei minha cabeça como que pensando *Deus, oh meu Deus*, uma parte da dignidade recuperada. A mesa sobre a qual eu despertara era, eu via agora, um enorme baú de metal. Meneei nervosamente de volta a ela e agachei-me, mãos dobradas sobre a barriga, tornozelos cruzados. Jacqueline gargalhou, com uma charmosa musicalidade contida.

– *Cacete* – disse o *skinhead* com rosto de bebê.

– Ele está brincando com vocês – disse Jacqueline. Depois, para o Tranquilizante: – Por Deus, não seja um bebezão. Desligue as câmeras.

Apesar da aparente indiferença, eu estava cada vez mais faminto. E em uma jaula. Mentalmente, adiantei para dali a algumas horas, para a cena da abstinência a seco de todo filme sobre viciados em heroína. Por favor, cara, qualquer coisa, você precisa me dar *alguma* coisa. Não vou *conseguir*. Ah, Deus, como dói...

Jacqueline avançou e colocou os dedos com unhas vermelhas (combinando com a blusa) ao redor das barras da jaula.

– Jacob – disse ela, em inglês. – Lamento muito por tudo isso. Não é o que parece, juro. Sei que não pode responder, portanto apenas me deixe falar por um instante. Meu nome é Jacqueline Delon. Desejo falar com você há algum tempo. Tenho uma proposta a lhe fazer. Mas ela pode esperar. Você deve estar se perguntando onde está.

Não me movi. A jaula estava aparafusada ao chão. Exceto por outros poucos baús de madeira, alguns montes de cordas, rolos de lona impermeável e meia dúzia de tambores de combustível, o porão estava vazio.

– Você está a bordo do cargueiro *Hecate* e estamos a caminho de Biarritz, onde tenho um lugar confortável e espero que possamos ter uma conversa mutuamente recompensadora. Exceto pela atual indignidade, não lhe desejo nenhum mal ou desconforto, portanto, assim que você não for mais um risco para mim ou minha tripulação, o que deve ser... – ela consultou o relógio – ...em aproximadamente oito horas, você será libertado e eu, pessoalmente, farei tudo em meu poder para lhe compensar por tal inconveniência. Enquanto isso, como uma oferta de paz, por favor, aceite meu presente para você.irá encontrá-lo no baú sobre o qual está deitado.

Ela afastou-se da jaula e disse tranquilamente:

– Vamos.

– Tem certeza?

– Tenho.

– As câmeras?

– Deixem-nas desligadas. Consegui o que queria.

Os homens partiram na frente dela. Na porta do porão, ela virou-se e olhou de volta para mim.

– Estou tão animada por finalmente conhecer você – disse ela. – Você é tudo que eu esperava que fosse. Sei que isto pode ser o princípio de algo excepcional.

Depois que ela partiu, obriguei-me a ficar deitado sem me mover, ouvindo a fome aumentar o volume no meu sangue, o coração o zumbido latejante do som de um carro com os graves no máximo.

Fique deitado.

Uma ordem idiota.

Fique deitado.

Porque você e eu sabemos.

Fique deitado.

O que está sob nós na caixa.

Não é acidental que os grandes filósofos morais também tenham escrito invariavelmente sobre estética. Decifrar o que tornava algo Certo (ou Errado) era análogo a decifrar o que tornava algo Belo (ou Feio). Hoje em dia, os cientistas estão se intrometendo: diante das orlas cosmológicas, a beleza dá um jeito. Agora, modelos matemáticos são supermodelos: possuem graça, simetria e elegância. Não é de surpreender. Tendo a modernidade eliminado os Valores Morais Absolutos e a Realidade Objetiva, *resta* apenas uma beleza. À qual teoria não aderiremos se for bela? Qual atrocidade não desculparemos?

Ou qual instinto (para permanecer, como Madeline gostaria, na história) não superaremos?

Durante algum tempo, de pé com minhas mãos letais e quentes envolvendo as barras frias da minha jaula, resisti a abrir o baú. Na verdade, sentia-me um pouco mareado. A ponta do meu focinho estava seca. Além do meu confinamento, a lua cheia manifestava sua sugestão incansável, mandava seu amor infalível, estranhamente misturada naquele instante com a memória do rosto

magro de Jacqueline Delon e de seus seios na blusa apertada. *Enquanto isso, como uma oferta de paz, por favor, aceite meu presente para você.* Claramente, ela fora além dos limites costumeiros. Uma cortesia da riqueza. *Você é tudo que eu esperava que fosse.* A observação era uma afronta, sujeito e objeto em lugares trocados. *Eu atendo às expectativas dela?* Que merda ela pensava que era?

Este, obviamente, era o constrangedor cerne da questão. Eu era um animal que fora capturado, enjaulado e observado através de câmeras. Meu escroto encolheu pela vergonha de ter sido visto em transformação – pior, de ter sido *filmado* em transformação. E agora fora deixado em paz para me apresentar, para fazer o que era parte da minha natureza. Eu era *l'objet d'une voyeuse*. Até mesmo o leão reconhece sua humilhação, montando sobre a parceira enquanto a multidão entediada no zoológico segue observando. Matar e comer aqui, agora, em cativeiro e em exibição (eu suspeitava das câmeras apesar das instruções de *Madame*; eu suspeitava de *outras* câmeras, circuitos fechados de televisão, monitores) seria uma degradação rica e vulgar, uma ofensa (querida Maddy) estética.

Com isso, a fome percebeu o primeiro indício de que a resistência estava no jogo. "Você está brincando, certo?", disse a fome. Depois, um pouco mais severa: "Você está brincando, *certo?*"

Fui rapidamente até o baú e abri a tampa.

Dentro havia um jovem nu, branco e epiceno, talvez com cerca de 20 anos, amordaçado, amarrado e, julgando por suas pupilas, fortemente drogado. Cabelo louro seboso e mamilos minúsculos. Braços de *junkie* e um pênis longo e fino. Seja lá quais drogas fossem, não eram o bastante contra a visão que *eu* devo ter proporcionado. Os olhos dele, inicialmente tristes, primeiro

focalizaram e depois envesgaram. Ele rugiu sob a mordança. Um odor de medo no ar, emanando amargo de suas narinas.

Ah, a fome disse. Ah, que doce, que coisinha mais *doce*.

Em sua prisão celular, meus mortos devorados despertaram. (Uma consequência de comer pessoas: os ingeridos anseiam por companhia. Cada nova vítima acrescenta uma voz ao coral mensal.) Os tornozelos e os punhos de Ganimedes tinham hematomas de sangue onde ele resistira aos imobilizadores. Veias azuis interligadas apareciam sob a pele branca de sua barriga. As secreções de dar água na boca do terror transbordavam pelos poros do jovem. Devidamente, minhas glândulas salivares entraram em ação. Diante daquela... daquela *carne*, o pensamento de mais oito horas sem me alimentar fazia meus dentes e minhas unhas doerem. Meu *cabelo* doía. Mentalmente, a fraqueza trabalhava seu ponto de vista: seria inútil resistir. Eu cederia, mataria o rapaz e o devoraria, e Jacqueline Delon assistiria enquanto lhe chupassem ou fumasse um cigarro ou comesse uma *crème brûlée* ou lixasse as unhas.

Ainda assim.

Permanecia a profunda repugnância estética. Ou, menos altivamente, nojo de mim mesmo. Por ter sido capturado de modo tão débil. Por me ver como O Entretenimento. Pelas décadas desperdiçadas cansado de Ser um Lobisomem. Por seguir em frente, não obstante. Por custar a Harley a própria vida. (A pobre cabeça dele deveria estar ainda no bagageiro do Vectra. Os moradores locais sentiriam um mau cheiro. Chegaria aos noticiários, transmitido para o mundo por meio da descrença no *teleprompter* do âncora: "Hoje, na aldeia de Trefor, no País de Gales, a polícia descobriu a *cabeça decepada* de..." Cristo, a exaustiva previsibilidade daquilo tudo.)

O jovem debateu-se, gritando atrás da mordaça. O navio fez algo, ofereceu alguma grande resposta inclinada para o mar, e pensei genuinamente (Deus estando morto etc.) que poderia vomitar sobre a criatura desgraçada. Deixei a tampa cair e fechar o baú. Depois, fiquei preocupado caso ele se sufocasse. Jacqueline abrindo o baú para descobri-lo não estraçalhado, mas sim asfixiado, não era nem um pouco o desenlace que eu procurava. Uma rápida conferência revelou buracos para ventilação nas laterais do aço. Muito bem. Mas a fome fora percebida, de verdade. Nada de arame farpado, nada de comprimidos de anfetamina, nada de clorofórmio, nada de gás hilariante. Nada de correntes, nada de cadeados temporizados. Nada de provocação ou gracejo. Apenas Jake Marlowe, abstinência a seco, dizendo *Não*.

Houve um silêncio interior enquanto a fome assimilava tudo aquilo.

Voltei para as barras (pensando em Tântalo, em Cristo, em Getsêmani, injustificadamente em Sansão nos Pilares Filistinos), apertei os dedos ao redor do aço, fechei os olhos e esperei pelo começo da agonia.

SEGUNDA LUA

FODERMATARCOMER

23

Leitor, comi o rapaz.

Cerca de três horas depois de ter decidido que não o comeria.

Durante o banquete solitário e enfadonho, o refrão de “Mariana”, de Tennyson, repetia-se nos espaços quentes de minha cabeça empanturrada:

Ela só disse Minha vida é lúgubre, Ele não virá, ela disse.

Ela disse, estou cansada, cansada, gostaria de estar morta.

Queria que estivéssemos... Contudo, ali estava a carne que recebia meus dentes em uma suculência indefesa e a quente e amarga fonte de sangue, o momento de perfuração que jamais envelhece mas deixa de ser o bastante. E depois, a dor de cabeça latejante do meu eu nada surpreso, o velho e exausto reconhecimento de todas as vezes que jurei serem a última e todas as vezes que não foram.

Não me entenda mal: não havia culpa. Somente a cavidade antes ocupada pela culpa. Isso e o fardo da minha própria permanência pesavam sobre mim como um cadáver. Durante muito

tempo, fiquei deitado na posição de recuperação, olhos fechados. A autorrepulsa total é uma espécie de paz.

Ao amanhecer, Jacqueline retornou, acompanhada pelo *skinhead* com cara de bebê. Ambos usavam botas de borracha sobre roupas cirúrgicas. Da porta, desenrolaram uma longa extensão de plástico para formar uma passarela até a jaula. Uma mangueira foi desenrolada de um canto do porão. Entendi: uma cena de assassinato na era do CSI. Os restos estavam no baú. A carcaça semidevorada do garoto em uma sopa gelada de gelo. Resquícios do lobo contorciam-se sob minha pele humana como ratos em um saco. Minhas unhas, como sempre depois do retraimento das contrapartes lupinas, doíam como o diabo.

– É água quente – disse Jacqueline. – Você se incomoda? Ajudarei da melhor maneira que puder, com sua permissão.

Fiquei sentado (nu, obviamente) de perfil para meus captores ao lado da jaula com as costas viradas para as barras, joelhos encolhidos, rosto sujo e saciado. Estava de barriga cheia, pesado sobre os membros novamente humanos. As dimensões fantasmagóricas do lobo brincavam comigo quando me movia, o peso do focinho e os longos pés híbridos, os quadris ainda lutando para descarregar a massa perdida. O valentão apontava a arma para minha barriga mas, atendendo a um gesto da mestra, abaixou-a.

– Aqui está – disse Jacqueline, entregando-me uma garrafa plástica de apertar. – É apenas um detergente esterilizante. Você prefere que ele segure a mangueira?

– Decoro e eu não mantemos companhia – falei com a garganta doída por causa dos uivos. – Além disso, o papel de carcereiro lhe cai bem. Siga em frente.

– Lamento muito – disse ela. – De verdade. Prometo que este é o último desconforto que sentirá como meu hóspede. Por favor, perdoe-me.

Repito: a autorrepulsa total é uma espécie de paz – porque mais ignomínias não podem acrescentar nada a ela. De pé ali, lavando-me diante dela, fiz uma concessão intelectual à degradação, mas foram apenas instantes e eu logo estava desfrutando o sabão suave e a temperatura perfeitamente ajustada da água. Colocassem a música de fundo apropriada e eu poderia estar anunciando um gel de banho.

Sequei-me com uma toalha branca que poderia ter sido fabricada no paraíso. A carne não consegue resistir. A carne meramente informa. Quando terminei, estava cansado, rosado e curiosamente satisfeito com meu presente fracasso.

– A munição é de prata pura – disse Jacqueline. – Digo isso não como uma ameaça, mas somente para que você saiba que morrerá caso decida me atacar no instante que eu abrir a porta. Eu não o culparia. Você deve estar furioso comigo. Mas há um helicóptero nos aguardando e que nos deixará na minha casa em trinta minutos. Uma vez lá, prometo a você nada além de luxo, descanso e conversas. Se preferir, posso tomar providências para que seja levado a qualquer destino que queira, e jamais o incomodarei novamente. Mas realmente espero que concorde em ouvir o que tenho a dizer. Posso abrir a porta com segurança?

O ato heroico seria recusar. Acreditar na palavra dela e fazer com que o helicóptero me deixasse no aeroporto mais próximo. *Foda-se* a conversa. Mas eu estava exausto. A tentação de colocar-me nas mãos de outra pessoa beirava o sensual.

– Presumo que tenha um bar completo em casa?

– Três bares completos.

– Então, pode abrir a porta com segurança.

Quando ficamos de pé sobre o plástico, olhando um para o outro, ela ofereceu-me a mão. Fiquei tentado a pegá-la e a arrancar um dedo com uma mordida (ainda restava bastante do lobo para isso), mas me conformei apertando-a delicadamente.

– Agora, podemos relaxar – disse ela. – Estou tão feliz por conhecer você.

Segui-a até a porta. A gárgula com a arma ficou parada. No curto corredor diante de nós, havia uma pequena mesa dobrável, sobre a qual estavam minha roupas (incluindo o chapéu de lã que Harley me dera), lavadas, secas, passadas. Ela abriu uma porta à esquerda, a qual revelou um pequeno vestiário. Vi uma ducha, uma cadeira de plástico e um vestido cor de trigo em um cabide.

– Só preciso tirar isto – disse ela, indicando a roupa cirúrgica. Eu estava checando o bolso interior do sobretudo em busca do diário. Estava lá, junto com os passaportes e a carteira. Não perdi tempo perguntando-me se ela o lera.

– E? – perguntei.

– Fascinante – disse ela. – Mas vamos discutir isso tomando um drinque.

A *villa* de Jacqueline Delon fica poucos quilômetros ao sul de Biarritz em uma colina com uma floresta um pouco ao oeste da cidadezinha de Arbonne. Moderna, branca, vidro, madeira de carvalho e aço, cercada por oito acres particulares. Toda a pompa que era de se esperar: heliporto, piscina com horizonte infinito, quadra de tênis, academia de ginástica, circuito fechado de televisão, uma equipe de empregados e seguranças. Os quartos são grandes, cheios de luz, ornamentados com artefatos que refletem a obsessão dela pelo ocultismo. Dos andares superiores (são três, além do terraço), pode-se olhar para baixo, além das sempre-vivas, e ver a praia branca, a arrebentação, o oceano. No porão, há uma biblioteca que rivaliza com a de Harley. Todo o equipamento tecnológico é de ponta. Realmente há três bares – na sala de estar, na piscina e na suíte master –, e foi para o primeiro deles que Mme. Delon e eu nos recolhemos a sós quando chegamos.

– Há muito tempo que não preparo drinks – disse ela. – Sempre há mais alguém. Mas achei que seria melhor apenas nós dois.

Ela sentara-se – o bar tinha seis bancos giratórios altos de couro branco – ao meu lado e cutucava os cubos de gelo de seu coquetel com a unha do indicador. A parede à minha esquerda era de vidro, e olhei para um pátio com tijolos de terracota e um jardim de cactus. Terra vermelha como pimenta chili em pó. Estávamos apenas no meio de março, mas o céu estava claro e o ar, parado. Dava para sentir o brilho ofuscante que os verões deveriam ter aqui. Passarinhos zuniam indo e vindo de um alimentador preso à uma parede branca.

– Bem – disse ela. – Devo me explicar. O que acontece, Jacob, é... – Ela baixou os olhos, sorriu, travou um breve diálogo interior consigo mesma, deixou os ombros caírem, depois deslizou para fora do banco e ficou de pé diante de mim. – Venha comigo – disse ela, oferecendo-me a mão. Ela poderia ser uma menina de 9 anos querendo exibir uma casa em uma árvore. – Venha.

Peguei a mão dela (sem largar o Camel e o G&T), levantei-me e a segui.

Atravessamos duas salas grandes (uma com uma lareira central circular feita por algum designer e uma grande pedra de pé, e quase nada mais) e descemos um corredor até uma porta de aço aberta por meio de uma senha numérica. Atrás da porta, degraus de madeira de carvalho envernizado desciam até a formidável biblioteca. Ar condicionado e a sensação de paredes com isolamento acústico. Mais além, recomeçavam as portas pesadas, também com teclados para as senhas. Jacqueline parou diante de uma delas, olhou-me nos olhos por um momento, depois digitou a senha de acesso e abriu a porta.

O cômodo revelado era pequeno e sem janelas. Um arquivo, uma mesa, um computador – e a parede acima deles coberta de recortes de jornais. Todos, de uma maneira ou de outra,

relacionados comigo. ENCONTRADO CORPO DE GAROTA DESAPARECIDA. CORAL INDUSTRIES FUNDA INSTITUIÇÃO SUBSAARIANA DE CARIDADE PARA AIDS. VECTOR EM AQUISIÇÃO AGRESSIVA. ENCONTRADO CORPO MUTILADO. FAMÍLIA MASSACRADA EM ATAQUE AO ESTILO DE MANSON. DOADOR MISTERIOSO FINANCIADA PESQUISA PIONEIRA CONTRA O CÂNCER. QUEM DIRIGE A LAERSTERNER INTERNATIONAL? TESTEMUNHA OCULAR DE "LOBISOMEM" É USUÁRIO DE DROGAS CLASSE A. DOADOR ANÔNIMO INJETA NOVA VIDA NA DISTRIBUIÇÃO DE VACINAS. "BALAS DE PRATA" ENCONTRADAS DEPOIS DE NOITE DE TIROS MISTERIOSOS. VECTOR PASSA A NEGOCIAR COMO HERNE. POLÍCIA REAFIRMA QUE ASSASSINATOS NAS LUAS CHEIAS SÃO COINCIDÊNCIA.

– Aperte *enter* – disse Jacqueline.

Os resquícios do animal não gostam de espaços pequenos. Forcei-me a superar isso e sentei-me diante da mesa. Apertei a tecla, conforme instruído. Instantaneamente, imagens filmadas começaram a passar. Eu saindo da área de chegadas internacionais em Tóquio. Legenda: JM Tóquio, 02.07.06. Eu deixando o Algonquin. Eu na praia em Galveston. Eu indo para a casa de Harley em Earl's Court. Eu caminhando pela Rue de Rivoli. Eu em um café no Cairo. Tudo filmado nos últimos três anos. Na última sequência, eu vestido de mulher, saindo de um táxi e entrando no Hotel Leyland.

– Suponho que deveria estar surpreso? – disse.

– De modo algum – disse ela. – Apenas convencido quanto à minha dedicação.

Não havia nada onde pudesse apagar o cigarro, então bebi todo o Tanqueray e joguei a guimba no copo.

– Bem, você agora tem a filmagem da transformação. Essencial para uma operação de nomear e humilhar. A morte também, sem dúvida. Parabéns. Prepare-se para o peso da indiferença pública.

– Por favor, não me insulte. Você sabe que não é disso que se trata.

– Então, o que é?

– Uma chance de refúgio.

– O quê?

– Quero que permaneça vivo. Estou lhe oferecendo proteção, indefinidamente. Proteção *séria* – acrescentou ela, vendo a desconsideração tomar forma em meu rosto. – Não isso... não com o que está acostumado. Não creio que tenha a menor compreensão da perda que sua morte representaria ao mundo. Você é algo magnífico, Jake. E resta tão pouca magnificência.

– Muito obrigado. Creio que partirei agora.

– Escute-me, por favor.

– Não há nada a discutir.

– Você precisa me dar uma chance de...

– Não seja ridícula, diabos.

Ela ficou em silêncio. Como uma menininha, abaixou a cabeça e mexeu em uma cutícula. Uma representação de mau humor comprimido. Lembrei-me dos pequenos seios túrgidos e do abdome convidativo. O sangue no meu pau contorceu-se. É claro que sim. O tesão pós-Maldição. Repetindo: a carne não resiste. Gargalhadas, desejo, tédio e exaustão fizeram o que fazem em equipe, encurralaram-me em uma paralisia única. Minhas mãos nas minhas pernas como dois caranguejos mortos. *Apenas fique*, Harley dissera.

Independentemente do que mais houvesse de errado com Jacqueline Delon, seus instintos sexuais eram bons. Ela deu os dois passos necessários para colocar-se ao meu alcance. Para que tais momentos funcionem, é crucial saber quando não falar. Em silêncio, muito cuidadosamente, ela colocou as pernas do lado dos meus joelhos, mas permaneceu de pé. Com isso, logo acima do meu

caranguejo morto esquerdo, estava a abertura quente da saia. Para a qual a mão, que agora despertava, ascendia lentamente (sempre ascenderá, deve ascender, apesar de os deuses terem partido e de o planeta estar morrendo e de a humanidade ter endurecido ao ponto da indiferença terminal e não foi indolor e não foi rápido) pelas zonas cada vez mais quentes até a secreta e macia intumescência em flor de sua boceta.

25

Ela tinha o repertório completo, toda a galeria de *personæ* sexuais e, apesar de estimulado pela cocaína e de termos flertado com várias delas, foi somente quando deitei sobre ela e ela olhou inexpressivamente para mim enquanto eu a penetrava que conseguimos alguma espécie de alinhamento. Sensível e com ressaca da Maldição, eu permanecia sob o risco de cair em gargalhadas histéricas ou de me debulhar em lágrimas. Mesmo quando gozei (ela deu-me as sobrancelhas erguidas e o meio sorriso de triunfo sinistramente maternal), foi com uma ruptura triste, uma frágil noção dos ferimentos e das coisas que poderiam ter acontecido no pobre mundo antigo e minha própria infame lista de perdas. Seguida de perto por uma sensação de fraude profunda: além do momento insípido, eu continuava igualmente cansado do planeta fedido no qual me encontrava, da minha pequena identidade puída.

Contudo, como os velhos hábitos de decência morrem com dificuldade, a fiz gozar, oralmente, sem a mais remota ilusão de que ela se importasse muito, apesar de ela ter segurado minha cabeça

e ferido meus lábios com a púbis e emitido um som masculino de aparente satisfação quando gozou.

– Vou pedir que tragam comida – disse ela. – Você não quer nada, eu sei.

Estávamos na suíte master no andar superior da *villa*, iluminado pelo sol, um espaço grande com perfume Chanel e carpetes altos, também com uma parede toda de vidro. A decoração era em marfim, com grandes afirmações aqui e ali: uma *chaise-longue* de couro de boi; um candelabro de vidro vermelho; um Miró original. Ainda era apenas o começo da tarde, apesar da sensação de que o *Hecate* fora semanas antes. Menos de 48 horas haviam se passado desde quando segurara nas mãos a cabeça decepada de Harley. Toda minha vida foi assim, experiência demais espremida em muito pouco tempo. Duzentos? Você sente como se fossem 2 mil.

– Você sabe? – disse.

– Ainda está cheio. Levará pelo menos uma semana até que sinta fome. É por isso que fuma e bebe tanto. O tédio da boca. Eu estava observando, diga-se de passagem. Parece desonroso não lhe dizer agora.

Observando meu banquete de sangue no porão, fora o que ela disse. Desonroso agora, que seríamos amigos.

– Não seremos amigos – disse.

– Não? Presumo que queira outro drinque, pelo menos?

Ela pediu a comida. *Pâté de foie gras*, frutas frescas, iogurte, uma seleção de carnes curadas e queijos, trazidos por um garoto com cerca de 13 anos, de pele escura e brincos de ouro, vestindo pijamas brancos enrugados. Sorrindo em silêncio, ele colocou a travessa em uma mesa japonesa baixa embutida na parede de vidro. Sorrindo em silêncio, ele partiu. Jacqueline, em um robe de seda perolada (cubra-se; dê incentivos novos à imaginação pós

coital do cavalheiro), preparou os drinques no bar minimalista. Acendi um Camel.

– Diga-me uma coisa – falou ela. – Por que desistiu de procurar o diário de Quinn?

Oh, Deus.

– O quê?

– Você ouviu. O diário de Quinn. Por que desistiu?

As palmas das minhas mãos formigavam. Quarenta anos desperdiçados. Quando comecei a procurar o infame livro, Victoria estava no trono britânico e Tchaikovsky estreava a *Abertura 1812* em Moscou. Quando parei, George V reinava e *The Waste Land* era o gigantesco tumor de iluminação na Europa.

– Quem não teria desistido? – eu disse. – Você se cansa de não encontrar o que procura.

– Mas você acreditava. Do contrário, por que se dar ao trabalho?

– Não sei em que acreditava. Queria respostas. Queria a história. Quem não quer a história? Se alguém me dissesse que havia uma lavadeira cega, surda e com uma perna só na Sibéria que soubesse a origem dos lobisomens, eu mesmo teria alugado um iaque e partido em busca dela. Há um período no qual nos preocupamos com grandes questões. Não dura para sempre.

– Ainda me preocupo – disse ela.

– Você é francesa. Caso vocês parassem de se preocupar, a indústria do café e do tabaco entrariam em colapso.

Ela riu. Trouxe meu drink, administrou uma leve carícia com a unha na minha coxa e depois caminhou sedosamente até a mesa japonesa. Ajoelhou-se e começou a se servir sem nenhuma delicadeza. Veias apareciam em suas mãos brancas e nos tornozelos; meu pau tremeu em um reflexo idiota e irritante. Ela

não era material de se apaixonar, mas o pensamento de comê-la, a uma grande distância, já começava a se tornar atraente.

– Lobisomens não são um tema para a *academe* – disse ela. – Mas sabe o que os professores diriam caso o fossem. “Monstros morrem quando o imaginário coletivo não precisa mais deles. A morte de uma espécie como esta não é nada mais do que uma mudança no propósito psíquico agregado. Em eras passadas, a besta dentro do homem ficava escondida no escuro, repudiada. A transparência da história moderna impossibilita isso: vimos a nós mesmos nos campos de concentração, nos *gulags*, na selvas, nos campos de matança, lemos sobre nós mesmos nos anais de *True Crime*. A tecnologia aumentou as luzes e, agora, é impossível evitar o fato: a besta é redundante. Durante todo o tempo, éramos nós mesmos.”

– Sim – afirmei. – Repito para mim mesmo que sou apenas uma ideia fora de moda. Mas, você sabe, você se vê rasgando uma criança e engolindo o coração dela, é difícil não ser sobrepujado pela... realidade concreta de si próprio.

Outro sorriso. Ela estava gostando daquilo. Pior, eu mesmo estava gostando um pouco. Ainda assim, a menção do diário de Quinn e a recordação dos meus anos quentes, quando Significado significava alguma coisa, reviraram uma poeira que estava acomodada havia muito tempo.

– E, de todo modo – disse ela –, ainda existem vampiros. Se a psique humana está tão em paz com si própria, por que *eles* se saem tão bem?

– Não me importo com vampiros – disse.

– Eles consideram vocês primitivos – disse ela. Depois, desviando o olhar: – É a ausência de linguagem, naturalmente.

O segundo drinque descera com uma facilidade vergonhosa. Sua maldita *cabeça* congelará, idiota, Harley dissera. Pobre Harls. Certa vez, com o coração partido por um jovem atraente, brilhante e tóxico, bebera até ficar em um estado de semicoma que durou dois dias. Quando recobrou os sentidos e percebeu que *eu* ficara lá todo o tempo, cuidando dele, Harley disse confusamente: Meu Deus, como você é gentil. Depois, adormeceu de novo.

– Desculpe – disse, perdendo o fio da meada. – Pode repetir?

– Lobisomens não podem falar. *Les vampyres* acham isso hilariante.

– Sim – disse. – É claro que acham.

Uma das grandes submaldições da Maldição, a perda da fala. É um fracasso atingir a monstruosidade absoluta. Com certeza, é profundamente prazeroso abrir a barriga da vítima com a garra do indicador, mas não tão prazeroso quanto seria caso fosse possível falar com ela ao fazer isso. É você, Arabella dissera – e a mudez animal negara-me a apoteose de dizer: “Sim, sou eu.” A mais pura crueldade exige que a vítima saiba que sofre por sua livre escolha. É você. Sim, querida, sou eu. Agora, observe.

– Para começar, são inclinados ao esnobismo – disse Jacqueline.

– Esse negócio da inarticulação do lobisomem é a grande justificativa. Eles possuem um corpo literário realmente grande.

Esta tem sido uma das grandes alegações vampirescas, a de que eles constituem uma civilização: eles têm arte, cultura, divisão de trabalho, sistemas políticos e legais. Não existe paralelo na licantropia. A explicação grosseira é que estamos ocupados demais correndo atrás de carne e mulheres, mas a verdade é que a língua do *wer* é execrada pelo *wulf*. Depois de algumas transformações, seu eu humano começa a perder interesse por livros. *Ler* começa a resultar em uma dor de cabeça latejante. As pessoas descrevem

você como lacônico. Enunciar as frases parece um trabalho gigantesco e impuro. Ouvi a respeito de uivadores que passaram décadas praticamente sem dizer uma palavra sequer.

– É – disse para Jacqueline enquanto acendia outro Camel. – Não somos muito bons para as *belles-lettres*.

– Exceto você.

Bem, sim. Obviamente, *eu*, anormalmente, ainda não consigo calar a porra da minha boca. Soltei um anel de fumaça.

– Como você leu o diário, não faz sentido negar – disse.

– Como explica isso?

– Como uma puta, preciso descarregar meu coração com palavras.

– É claro, mas por quê?

– Logorreia congênita.

– Jake, *por favor*. É tão óbvio.

– Ainda assim, não consigo enxergar.

Ela balançou a cabeça, sorrindo. Enfiou um morango na boca, mastigou, engoliu. Limpou as mãos em um guardanapo espesso.

– Sim, você sabe. Só está constrangido. Você prendeu-se à linguagem porque, sem linguagem, não há moralidade.

– Ah, sim, passo muito tempo considerando a moralidade, quando não estou matando pessoas e engolindo todas elas.

– Estou falando sobre testemunho. Estou falando sobre *testemunhar para si próprio*. O que é isso... O que são os diários... Que não a compulsão de dizer a verdade quanto ao que você é? E o que é a compulsão de dizer a verdade se não uma compulsão moral? É perfeitamente Kantiano.

Ela apresentava uma atraente figura peculiarmente irritante sentada ali sobre as pernas dobradas em seu robe de seda cor de marfim.

– Qual era sua frase? “Deus se foi, ou seja, também, contudo, a fraudulência estética ainda possui o poder de envergonhar...” Veja bem, fraudulência *estética*. Dizer a verdade é um belo ato, mesmo que a verdade em si seja feia... E, meu querido, não é possível deixar de se importar com a beleza. *Esse* é seu verdadeiro problema, sua verdadeira maldição.

– É fascinante como as outras pessoas veem as coisas – disse. – Mas, realmente, preciso partir.

Balancei as *minhas* pernas sobre a beirada da cama e estiquei a mão para alcançar as calças.

– Tenho o livro de Quinn – disse ela.

Mentiras possuem uma qualidade aural distintiva. Aquilo não tinha. Precisei fazer algum esforço para manter – depois da mais breve hesitação – a determinação com as calças. Fiquei de pé e vesti-as. Você veste as calças e tudo parece um pouco menos desesperador. Ainda assim, sentia-me enjoado. Você fica habituado que ninguém tenha nada (exceto a carne e o sangue, exceto suas *vidas*) que você possivelmente pudesse querer. Você passa a negligenciar a própria suficiência. Você esquece que ela é um contingente. Esquece que é um luxo.

– Bom – disse ela, observando. – Vejo que sabe que digo a verdade. Isso nos economiza algum tempo.

– Como o conseguiu? – Perguntei, apesar de ter praticamente certeza de que já sabia. A memória de Harley (*alguém invadiu um dos lugares de Mubarak há três meses*) como um final de piada que faz você gemer.

– Ah, é uma história longa demais para agora. Fique para o jantar e contarei tudo. Agora, preciso imediatamente de um banho.
– Ela levantou-se.

– Quer dizer então que essa é a técnica? Deixar-me na expectativa?

– Bem, se você não tiver bom-senso.

– O que faz você pensar que dou a mínima hoje em dia? Não dou a mínima, na verdade, agora que penso a respeito.

– Então, esteja à vontade para partir. Se genuinamente não tiver nenhum interesse, saia por onde entramos. Encontrará meu motorista no portão. Ele foi instruído a levar você a qualquer lugar que quiser.

– O que você *realmente* quer de mim? – perguntei.

Ela virou-se, uma mão no bolso do roupão, e olhou para fora, através da parede de vidro.

– Já lhe disse – respondeu ela. – Quero que você viva.

26

Terminei de me vestir. A luz do sol encheu o quarto perfumado. Fui até a enorme janela e, como Jacqueline fizera, olhei para fora. Coníferas escuras estendiam-se até a linha pálida da praia e o brilho do mar. Um céu azul sem nuvens, a neve recente de Londres a um mundo dali e um século antes, apesar de ainda estarmos na Europa, ainda no começo de março. O sexo nos carregara até o final da tarde. Meus ombros doíam. A vida devorada do *junkie* estava encontrando espaço, incrivelmente, o último lugar em uma arena lotada, aquela multidão sólida e ensurdecidora de mortos vivos. Em algum lugar entre eles, um feto em formação do tamanho de uma ameixa, minha filha, meu filho.

Havia duas explicações para o que eu fazia ali. Uma era que Jacqueline Delon estava suficientemente entediada e desvairada para que manter um lobisomem como bicho de estimação erótico parecesse uma novidade estimulante. A outra era que tinha um motivo ainda desconhecido que exigia, além da lisonja de me sequestrar e tornar-se cúmplice de um assassinato, uma

dissimulação temporária. Uma mulher de uma ambiguidade intrigantemente aguda, mesmo sem a isca do livro de Quinn.

Oh, Jesus, o livro de Quinn.

Aos 37 anos, Alexander Quinn partiu para a Mesopotâmia pela terceira e última vez na primavera de 1863. Graduar-se com louvor tanto em história clássica quanto antiga em Oxford deveria tê-lo prendido no mundo acadêmico pelo resto da vida, mas quando deixou Kings em 1848, estava faminto pelo mundo além dos muros da faculdade. Empregos de curta duração no Museu Britânico, no Gabinete de Relações Exteriores (Burma) e na Companhia das Índias Orientais (Bombaim) obtidos de modo escuso pelo pai Velho Etoniano confirmaram a futilidade de enfiá-lo atrás de uma mesa e, em 1854, Quinn partiu em sua primeira expedição arqueológica no Oriente Médio, sob o olhar báquico do lorde William Greaves, um conhecido ocultista libertino, a quem Quinn (tampouco preguiçoso com as mulheres) conhecera e com quem fizera amizade como um camarada cliente do prostíbulo de Kate Hamilton. Greaves, um colecionador de antiguidades religiosas e estudante de magia negra, ficara empolgado ao ler sobre as descobertas de Botta em Nineveh e em Khorsabad e estava convencido de que antigos objetos de poder talismânico estavam à disposição de quem simplesmente tivesse o dinheiro, a vontade e a inclinação para ir até lá e escavá-los. Quinn, desesperado para colocar a mão na massa e praticar seu árabe coloquial, simulou interesse por diabolismo e ofereceu seus serviços como intérprete-transformado-em-braço-direito. O que, durante os nove anos seguintes, foi exatamente o que se tornou. Além de administrar o sítio e catalogar as descobertas, Quinn molhava as mãos dos burocratas, proprietários de terras, anciões tribais e oficiais de alfândegas

necessários e ainda encontrava tempo para conseguir ópio e garotas para o lorde.

Como sei tudo isso?

Porque passei muito tempo descobrindo.

Por que passei tanto tempo descobrindo?

Porque antes de sua morte, em 1863, Quinn alegou ter descoberto a origem dos lobisomens.

É uma história ridícula, é claro, mas a história está cheia de histórias ridículas. *Não se pode inventar esse tipo de coisa*, você encontra-se dizendo sempre que o aparentemente prosaico velho mundo tira o véu de suas sincronicidades. Enquanto isso, o aparentemente prosaico velho mundo dá de ombros: ei, não me pergunte. Apenas trabalho aqui.

Como acontece frequentemente com as Grandes Descobertas, o homem que procurava estava em busca de outra coisa. Quinn viajara para as cidades de Al Qusayr, de onde chegara aos ouvidos dos arqueólogos o rumor sobre um templo subterrâneo a 24 quilômetros dali, no qual um pastor de cabras retardado literalmente caíra. Greaves, cético (os nativos aprenderam rapidamente que era possível fazer dinheiro vendendo “informações” para Europeus excêntricos), dera o sítio a Quinn como um projeto de estimação, e seu protegido partira do campo em Al Qusayr com camelos, um guia e dois criados, um dos quais seria enviado com o guia de volta ao lorde para convocarem mãos e equipamentos caso a veracidade dos rumores fosse comprovada.

O que, para a surpresa de todos, aconteceu. As escavações subsequentes em Gharab revelaram não apenas um templo, mas toda uma aldeia afundada datada do terceiro milênio antes de Cristo. O lorde Greaves pôs a situação em ordem e conduziu a escavação, em parte porque a riqueza dos artefatos chocaram-no a

ponto de resultar em uma renascença de interesse genuíno e em parte por respeito pelo bom homem que fora perdido.

Pois Alexander Quinn jamais retornou ao acampamento. Ele e seu pequeno grupo de reconhecimento foram emboscados por salteadores na viagem de volta. Quinn, o guia e um dos criados foram mortos. O outro criado, John Fletcher, apesar de abandonado para morrer, sobrevivera a um ferimento à faca no ombro, caminhou delirantemente durante um dia no deserto e depois foi encontrado por uma caravana mercante. Pela força da única palavra que compreendiam, "Qusayr", dois dias depois os mercadores entregaram-no a Greaves na cidade, onde, tendo resistido à febre e evitado milagrosamente uma infecção, ele contou toda a história ao lorde.

Na noite que antecedeu o ataque, Fletcher relatou, o grupo, acampado ao lado do sítio do templo, ficou assustado com a chegada de um homem impressionantemente velho envolto em trapos, que aparecera se arrastando de quatro da escuridão. Esquelético e quase cego, falava em um dialeto que até mesmo o próprio guia só entendia parcamente, mas não precisaram do tradutor para ver que o velho camarada estava perto da morte. Quando Quinn se propôs a pedir ajuda, o velho impediu-o. Não havia motivo. Hora de morrer. Mas, escute. Guarde a história. Não tenho filhos, então conto a você. Escreva. Guarde a história. Ele gargalhara quando dissera isso, aparentemente para si próprio. Fletcher achou que o velho fosse louco. Quinn, resistindo a simplesmente deixar o velho morrer, mandou os criados de volta para a aldeia em busca de ajuda. Contudo, quando retornaram, o velho falecera. Naquelas duas horas, Quinn dissera, ele contara uma história extraordinária, uma história que, se a origem fosse autêntica, fora passada desde os tempos antes de Etana e que

forneceriam o relato mais antigo da origem de um mito de alcance praticamente mundial – o de humanos que se transformam em lobos.

Quinn, através da tradução do guia, anotara tudo em seu diário.

Mas não acabava por aí. Exceto pelos trapos nas costas, a única posse do velho, embrulhada no que restava de uma bolsa de juta, era um pedaço de pedra, com 25 por 20 centímetros, claramente um fragmento de uma tábua maior, na qual havia hieróglifos que Quinn não conseguiu decifrar, mas que, segundo o velho, eram a prova da veracidade da história que contara.

O que não é muita coisa, não é mesmo? Não o suficiente, você pensaria, para constituir a base de uma obsessão neurótica que durou quase quarenta anos. Porque *durante* quarenta anos, a ideia do diário perdido de Quinn – e a história dos Homens Que Se Transformavam Em Lobos – jamais deixou de drenar minhas energias.

Existe um limite para o que se pode fazer. Entrevistei John Fletcher, lorde Greaves, todos os membros sobreviventes da expedição de 1863. Viajei com um intérprete para Al Qusayr e fui ao templo escavado em Gharab. Procurei chefes de salteadores e ofereci recompensas por informações. Mantive meia dúzia de comerciantes de antiguidades e de livros antigos de olho no mercado, apesar da probabilidade risivelmente esmagadora de que o diário de Quinn fora simplesmente considerado sem valor e descartado para permanecer, desde então, engolido pelas areias do deserto. Tudo exigia tempo, dinheiro, doença mental. Eu sabia que era uma obsessão ridícula. (Cada um conhece a própria loucura, de modo geral. De modo geral, o conhecimento é vazio. O conceito de batizar a besta a ser conquistada é o otimismo idiota da psicoterapia.) Quando o *Times* relatou a história em maio de 1863,

eu era lobisomem havia 21 anos. As grandes questões, no final das contas, não foram embora. Uma vez por mês, eu me transformava em um monstro, parte homem, parte lobo. Bastante justo. Eu matava e devorava humanos, começando pela minha esposa. Muito bem. Mas onde aquilo tudo se *encaixava*? Seria a minha espécie criação de Deus ou do Diabo? *A Origem*, de Darwin, publicada quatro anos antes, dissera, efetivamente, nenhuma das duas coisas, mas hábitos antigos demoram a morrer. O que aconteceria comigo quando *eu* morresse? Eu ainda tinha uma alma? Onde e quando surgiram os lobisomens?

É claro que eu *lera*. Histórias populares, compêndios de mitos e superstições, estudos acadêmicos. A licantropia, até mesmo uma investigação superficial revelará, tem lugar em muitas culturas. Eu viajara para a América do Norte e aprendera o que pude sobre o *Wendigo* e os transmorfos, para a Alemanha, onde os mais rústicos ainda mantinham a prata à mão e valorizavam o acônito (o qual, diga-se de passagem, apesar de tóxico para os humanos e praticamente para todos os animais, não tem absolutamente nenhum efeito sobre nós), para a Sérvia, para ouvir sobre os *vulkodlaks*, e para o Haiti, para aprender o que conseguisse sobre os *je-rouges*. Nada foi conclusivamente convincente. Eu era um lobisomem mas, para mim, as histórias de lobisomem ainda pareciam contos de fadas. Comecei a me perguntar se meu ceticismo seria congênito, se o uivador seria naturalmente dotado de um faro bom para a própria origem verdadeira, ou pelo menos seus biógrafos falsos. As histórias deixavam-me com a mesma dúvida deprimente que a criança que cresce começa a sentir em relação ao Papai Noel e à Cegonha, aquelas insinuações unicamente desanimadoras de que o mundo, de alguma maneira, *simplesmente não é assim*. (Ainda eram os dias antes de eu

realmente encontrar qualquer outro lobisomem, diga-se de passagem. Não que a meia dúzia que conheci desde então tenham ajudado em alguma coisa. Um tinha 403 anos e recusava-se completamente a falar. Outro era o fundador de uma sociedade [falida, naturalmente] de lobisomens na Noruegua, um secto baseado na adoração de Fenrir, o filho lobo ilegítimo de Loki e Angrboda, o que o eliminava de qualquer conversa séria. Para os outros quatro – um em Istambul, um em Los Angeles, um nos Pirineus e outro, incrivelmente, em um cruzeiro pelo Nilo em 1909 –, todos monomaniacamente desesperados por uma Fêmea, eu era simplesmente uma competição sexual indesejável e tivera sorte de escapar com vida.) Em contraste, contra todas as probabilidades, a história de John Fletcher sobre o encontro de Quinn parecia... se não verdadeira, pelo menos não totalmente falsa. A própria inadequação – lobisomens na Mesopotâmia? – atribuía a ela um ar de autenticidade louca.

Um encontro com Fletcher bastara para me convencer de que a história *dele* era verdadeira (o que estava nos dizendo era o que Quinn lhe contara), pelo simples fato de que o homem era incapaz de inventar algo assim. Portanto, aceitando a veracidade do testemunho de Fletcher, o que Quinn escrevera no diário? Qual era a história de 4 mil anos sobre Os Homens Que Se Transformavam Em Lobos?

O que eu esperara, o que eu percebera que *estivera* esperando desde quando as palavras “tenho o livro de Quinn” saíram da boca de minha anfitriã, era uma certeza profunda e material de que eu não mais me importava. O que faz você pensar que dou a mínima hoje em dia? Estou pouco me fodendo, na verdade, pensando melhor. Bravas palavras. Na verdade, sentia-me enjoado. *Levado* a ficar enjoado, pela combinação de saber que era tarde demais e

sabendo que, mesmo agora, não era tarde demais. “O livro de Quinn” era ao mesmo tempo um fetiche de infância que fora superado e um amor morto milagrosamente ressuscitado. Eu sabia como seria libertador levantar e partir, com um sorriso triste, como em uma renúncia final que traz a paz.

A beleza da ambivalência crônica é que até mesmo minúsculas mudanças em detalhes têm o poder de virar as balanças. Jacqueline desligou o chuveiro e expirou pesadamente, e o som despertou-me do meu torpor. De repente, a incerteza da minha posição ali – era ou não prisioneiro? – ficou intolerável. *Tenho o livro de Quinn*. Ela não estava mentindo (e, mesmo agora, a ideia dele ao meu alcance depois de tantos anos era como uma queda violenta na pressão arterial), mas eu não suportava o pensamento de simplesmente *esperar para ver o que aconteceria*. Com o cessar abrupto do fluxo d’água e aquele único suspiro feminino, as semanas de passividade alcançaram-me e levantaram-me com um sobressalto (involuntariamente, eu voltara para a cama e me sentara), em um paroxismo contido de autorrepulsa. Atravessei o carpete macio, peguei meu sobretudo de onde o largara, ao lado da porta, e saí silenciosamente do quarto.

Apenas saía daqui era tudo que eu tinha. Não era muito, mas era o bastante. Aceite a palavra dela e veja até que ponto conseguirá chegar antes que alguém me impeça. Antes que alguém tente me impedir. Era o que eu queria, algo concreto no que pudesse me lançar, fisicamente, em parte pelo alívio de não precisar pensar, em parte para escapar do peso da vergonha que se acumulara. Ela faz você de tolo e você lambe a mão dela. Ela mostra aquele brinquedo de bebê, o livro de Quinn, e você baba e arrulha. Enquanto isso, não foi indolor e não foi rápido.

A casa era de um silêncio sólido. Se havia criados, estavam escondidos, apesar da inconfundível protoconsciência do circuito interno de televisão seguindo-me enquanto ia de um cômodo vazio para outro. Atrás da fachada máscula, eu continuava na tentativa de me convencer a desistir de procurar pelo diário de Quinn. Ele não estaria visível, tampouco acessível. E, de todo modo, que sentido fazia? Suponhamos que eu o encontrasse e ele dissesse que os lobisomens vieram do céu em uma nave de prata há 5 mil anos ou foram criados magicamente em um buraco em chamas no solo

por um mago sumeriano, ou foram desenvolvidos engravidando mulheres com sêmen de lobo – e daí? Seja qual for a origem da minha espécie, ela não teria um sentido cósmico maior do que a de qualquer outra. Os dias de fazer sentido, cosmicamente ou de outra maneira, acabaram há muito tempo. Na realidade, tanto para o monstro quanto para a minhoca quanto para o homem, o mundo não possui nem alegria, nem amor, nem certeza, nem paz, nem ajuda para a dor, e estamos aqui como em uma planície sombria... Encontrei a sala de estar, abri uma das portas de vidro e saí.

A casa fora construída, eu via agora, no topo plano de uma série de pátios trabalhados por paisagistas. À frente, um pequeno jardim de cactus com terra vermelha conduzia através de degraus de pedra (uma escadaria no lado leste, outra no oeste) para uma fileira de oliveiras e ciprestes intercalados com lavanda e tomilho, com mais degraus que desciam para um mezanino pavimentado sobre as garagens, além do qual começava a entrada para carros com cascalho branco entre as sempre-vivas escuras.

Parei no topo do primeiro lance de escadas e passei os olhos pelo terreno. Ninguém em vista. O silêncio no interior da casa persistia fora dela, carregado, rico em vigilância. Imaginei capangas manuseando um console de circuito fechado. Ele acaba de deixar o saguão, Madame. Devemos interceptar? Ainda não. Estão todos em posição? Ótimo. Esperem minha ordem.

Em menos de um minuto, sem ser molestado, cheguei à entrada para carros. O sol descera abaixo do piso superior da casa e o pequeno suor de desdém por mim mesmo esfriava na minha pele. À frente, as coníferas formavam um escuro túnel resinoso, um odor parecido com uma overdose de natal vinda de um pesadelo. Comecei a andar.

Nos lados da entrada, um chão de folhas mortas de pinheiros e, no alto, abetos abraçados como companheiros de luto. Uma memória de estar no armário da minha mãe quando criança, a excitação do claustro secreto. Presumivelmente, uma representação freudiana de um retorno ao útero. A percepção de que eu não pensara na minha mãe há anos. Em um universo *sans* vida após a morte, os mortos logo se tornam dignos de negligência. A menos que sejam os mortos que você tenha matado e devorado. Nesse caso, você é o pós-vida, a abarrotada prisão do espírito, o hotel fantasma superlotado.

Caminhei lentamente com a cabeça baixa, repleta de pensamentos – ainda assim, quando veio o ataque, eu estava preparado. Apesar de mim mesmo, os eventos recentes reativaram os sistemas de defesa, tiraram a poeira do esquema de combate. Jake devaneando em um passo majestoso, sim, mas com a aura loucamente vigilante, disjuntor ligado, com sensores de movimento, hipersensível, de modo que, quando a figura saltou da escuridão das árvores, eu estava espetacularmente pronto.

A reversão ocorreu muito rapidamente. Em um instante, ele estava a praticamente um braço de distância de mim, um dardo com ponta de prata em rota de colisão contra o meu peito. No instante seguinte (a prata impunha uma onda de náusea, como se eu tivesse olhado para baixo e visto meus pés a 2 centímetros da beira de um precipício), ele estava de bruços no cascalho, gemendo. Houve um segundo vertiginoso no qual agarrei a arma, mas agi rapidamente, arranquei-a da mão dele, girei-a como um João Pequeno faria e golpeei-o bem baixo nas canelas, para derrubá-lo. Como ele caíra de cara no chão com as pernas convidativamente abertas, chutei-o com força no saco – o terrível chapinhar dos testículos contra o osso. Depois, com certa irritação

diante do quanto a descarga fora inadequada, coloquei o pé sobre a nuca de meu atacante e enfiei a ponta do dardo cerca de 2 centímetros em sua nádega esquerda. Ele contorceu-se, sem emitir nenhum som, já que não podia respirar. Puxei o dardo e perfurei novamente ao lado do primeiro furo. Removi o dardo pela segunda vez, coloquei o pé sob a coxa dele e virei-o sobre as costas. Reconheci o jovem de lábios grandes outrora armado com uma Magnum, Paul Cloquet. Vestindo o mesmo casaco militar, o mesmo rímel ridículo. A mão direita dele tinha agora um curativo sujo.

– Oh, por Deus – eu disse. – Você?

Falar estava temporariamente além das capacidades do homem, por conta do trauma testicular e das perfurações no traseiro. Ele levantou os joelhos e rolou de lado, olhando para as pontas dos meus sapatos. Revistei-o em busca de mais armas, mas nada encontrei. Em vez disso, achei um pequeno recipiente dourado de cocaína e uma colher, um maço amassado de Marlboro vermelho, um Zippo de cobre, fósforos soltos, um iPhone, um par de binóculos, uma garrafa de bolso, uma carteira cheia de cartões de crédito e 500 euros em dinheiro. Além disso, tocantemente, um saco de castanhas-de-caju. Como ele não iria a lugar algum, parei um minuto para me assegurar de que não houvesse cúmplices à espreita. A consciência viçosa da floresta dizia que não, havia apenas aquele maluco. Estávamos em uma parceria silenciosa contra o puramente humano, eu e a floresta. A natureza anima-se diante do animal latente, aceita que você contenha um fragmento divino do todo panteísta, que você seja, pelo menos parcialmente, parte daquilo. Um simples cão doméstico vagando ociosamente pela floresta sabe disso, sente, fica feliz.

– Bem? – eu disse, retribuindo. – O que tem a dizer?

Ele fechou os olhos tingidos, passou o que me pareceu um período imoderadamente longo abrindo e fechando os lábios de Mick Jagger sobre os dentes incrivelmente grandes. Balançou a cabeça lentamente: ainda não consigo falar. O saco. Preciso esperar pelo saco. Acocorei-me e comecei lentamente a massagear as costas do homem. Foi o que eu desejara que alguém fizesse comigo quando Ellis esmagou minhas bolas naquela manhã no Zetter. Como acontece depois que dois homens compartilham a intimidade da violência, Cloquet interpretou o gesto como a coisa mais natural do mundo. Os olhos dele se abriram.

– Por que está tentando me matar? – perguntei a ele, em francês. – E por que é tão sobre-humanamente ruim nisso?

Ainda sem chance. Ele apenas seguia engolindo. Seu hálito era ruim. Consciente de nossa conspicuidade, meio que o carreguei, meio que o arrastei para fora da entrada para carros até as árvores. Eu deixara os cigarros no *boudoir* de Jacqueline, então surrupiei um dos Marlboros dele e o acendi. Incrivelmente, com as mãos trêmulas, ele encontrou a parafernália de cocaína e cheirou duas grandes carreiras. Primeiro, ficou confuso, depois se estabilizou.

– Sente-se melhor? – perguntei.

Ele concordou com a cabeça.

– Não me mate – disse ele, em inglês. Depois, acrescentou com uma espécie de ternura: – Seu babaca de merda.

Há tempos que eu não ouvia nada que me fizesse rir. Aquilo cumpriu o papel. Além disso, havia o insulto francês padrão de ignorar seu francês e responder em inglês.

– Uma dica quente – eu disse. – Se estiver tentando evitar que alguém o mate, evite chamá-lo de babaca de merda.

Ele sorriu e pegou novamente a cocaína. Arranquei-a de suas mãos e coloquei-a de volta no bolso.

– Basta – disse. – *Quid pro quo*, compreende? Não receberá isto de volta até me dizer o que quero saber.

Algo morreu nele, visivelmente. Apesar de ainda estar deitado mais ou menos de lado, agora parcialmente apoiado contra o largo tronco de uma árvore, ele fraquejou. Os olhos brilhantes e pintados diziam que não dormia há algum tempo.

– *Quid pro quo*, Clarice – disse ele, em uma personificação surpreendentemente precisa de Hopkins-Lecter.

– Você entendeu. Agora. Por que me quer morto?

– Por que ela quer você vivo.

– Jacqueline?

– Já a fodeu?

Só Deus sabe por que, mas menti:

– Não – disse.

– A boceta dela é consciente. Ela conhece você. Tudo a seu respeito. Como Lúcifer. Deus é onisciente, mas não consegue distinguir o conhecimento útil. Entende? Ele não consegue *distinguir*. Para isso, você precisa do Diabo ou da boceta dela.

– Por que ela me quer vivo?

– Para os vampiros.

– *O quê?*

– Você não sabe de nada. Não acredito que tenha vivido tanto tempo. Não falarei com você. Você é inferior a mim.

Levantei-me da posição de joelhos e fui de volta à entrada dos carros, onde deixara o dardo.

– Posso usar isso de várias maneiras – disse quando voltei. – Elas não matarão você, mas doerão. Você gosta, imagino, do seu olho direito? Quero dizer, deu-se ao trabalho de maquiá-lo.

Alinhei a ponta do dardo com o órgão em questão.

Lágrimas, para minha surpresa, acumularam-se e rolaram pelas bochechas dele. Ignorando a ponta de prata da arma (era como se ele genuinamente não reconhecesse que estivesse ali), Cloquet ergueu as mãos e, delicadamente, cobriu os olhos.

– Oh, Deus – disse tranquilamente. – Você não sabe como é com ela.

– Pelo amor de Maria – eu disse. – Entendi, ela tem uma boceta bonita. Diga-me o que preciso saber e você poderá voltar lá para cima para tentar entrar nela de novo. Que história é essa de vampiros?

Ele abaixou as mãos, secou as lágrimas, gargalhou como que diante de uma ironia visível somente por ele. Com o rímel agora borrado, parecia Alice Cooper.

– Eu pensava que era grande – disse ele. – Até conhecê-la. Pequenos pecados dos quais temos orgulho. Nada. Migalhas na mesa dela. Agora, não há mais volta.

– Não posso acreditar que você vai me obrigar a machucá-lo de verdade – disse, erguendo o dardo. – Mas se for a única...

– Projeto Helios – disse ele. – Sabe a respeito do Projeto Helios?

– Bem, sei o que é – disse. Não era um grande segredo: o Projeto Helios é a tentativa persistente dos vampiros de tornarem-se imunes ao poder destrutivo da luz do sol. De uma maneira ou de outra, trabalham nesse sentido desde os Dez Mandamentos.

– Bem, sei o que é. – Ele imitou em um falsete satírico. – Você sabe, *loup-garou*, que eles agora possuem três casos de tolerância à luz do sol?

– Não.

– Não. É claro que não sabe. Até agora, não duraram mais do que 72 horas, mas você pode imaginar a excitação deles. Sabe o que os três casos têm em comum?

– O quê?

– Ataques de lobisomens. Todos os vampiros que apresentaram uma resistência ao sol intensamente aumentada foram mordidos por lobisomens.

Suspirei. Provavelmente, eu não suspirava há trinta anos, mas a questão era justamente aquela. Está vendo, Jake? Dizia a vida. Vê como as coisas começam a *tomar forma* se você permanece tempo suficiente? Os pontos tornavam-se visíveis; eu sabia com uma certeza enfadonha que os próximos poucos momentos os uniriam em *algum* tipo de desenho idiota. Ainda assim, prosseguimos automaticamente.

– Não faz sentido – disse. – Houve muitas mordidas ao longo dos anos. Somos como cães e gatos.

– Sim, Clouseau, mas o que aconteceu há duzentos anos? Os lobisomens pararam de se multiplicar. As vítimas deixaram de sobreviver à mordida. Um vírus, é o que diz a WOCOP. Quem sabe. Mas o que quer que seja, quando transmitido a um vampiro, confere a ele, mesmo que em um grau pequeno, uma resistência à luz do sol. – Ele pegou o Marlboro. Deixei que acendesse um. Desde quando deixara a casa, o final da tarde tornara-se crepúsculo. A floresta ao nosso redor ficou repentinamente rica de escuridão. O cascalho branco da sinuosa entrada de carros seria a última luz a desaparecer. – Os vampiros estão irritados porque demoraram tanto para detectar – prosseguiu Cloquet. – Agora que perceberam... – os lábios abriram-se para libertar o sorriso equino – ... *Sorte!*... Resta apenas um lobisomem.

Ele riu com aspereza, atingiu-me delicadamente com o hálito imoral, esqueceu de não colocar peso no traseiro, ganiu e curvou-se de lado novamente. Eu realmente gostaria de tê-lo perfurado em um lugar menos desagradável.

– Escute – disse. – Não gosto de vampiros, mas eles não são burros. Não é possível que tenham levado tanto tempo para descobrir isso.

Ele revirava os bolsos – na verdade, para encontrar a garrafa de bolso. Ajudei-o a desenroscar a tampa. Depois de um gole e fiz uma careta, ele disse:

– Claro que é. Em primeiro lugar, os casos ocorreram em intervalos de tempo muito longos. Um em 1786, um em 1860, um em 1952. No incidente de 1952, o vampiro jamais contou a ninguém que fora mordido. Estava constrangido. Ano passado, um subordinado encontrou a informação no diário do vampiro e a relatou. Além disso, você está superestimando os casos de contatos entre lobisomens e vampiros. A verdade é que, quando vocês se encontram, simplesmente dão meia volta e seguem em direções opostas, não é? Conflitos reais ocorrem raramente. – Ele balançou a cabeça. – É engraçado demais. Eles estão *lívidos*.

Sentei-me de volta sobre os calcanhares. *Jesus Cristo, Jake, escute. Há...* Presumivelmente, *um plano dos vampiros para capturar você. A incapacidade dos lobisomens de infectar as vítimas é o resultado de um vírus que, quando transmitido através de uma mordida para um vampiro, confere a ele alguma resistência à luz do sol.* O impulso de gargalhar surgiu mas morreu imediatamente. Fechei os olhos. A pequena agitação do combate deixara-me com um peso pós-adrenalínico, acentuado agora pela previsibilidade do desenho revelado depois que os pontos foram ligados.

– Jacqueline, envelhecendo, está me vendendo aos chupadores – disse. – Em troca da imortalidade.

– A boceta imortal. *Le con immortal.*

– Então você me mata e não haverá nada para ela vender. Querido Deus, rogai por nós. E depois? Você manda para ela flores

e um tonel de Botox e ela aceita você de volta?

Ele torceu o nariz, como que reconhecendo um pequeno obstáculo inesperado. Depois, sorriu. Ele tinha uma espécie de idiotice teimosa cativante.

– O livro de Quinn – eu disse. – Ela o tem?

– Ah, Os Homens Que Se Tornaram Lobos. O lugar onde tudo começou! Não é uma história muito salutar, pelo que ouvi. Cães selvagens e cadáveres. Nojento pra cacete.

Meu couro cabeludo ficou quente. Pressionei a ponta do dardo contra a carne macia da garganta do francês.

– Tudo bem, tudo bem, merda. Ai...

– Ela tem o livro ou não?

– Tem. A pedra também.

– A pedra? A pedra original?

– Você não a conseguirá. Está em um cofre subterrâneo. Você não tem ideia. É como Fort Knox lá embaixo.

– Como ela a obteve?

– Como ela consegue qualquer coisa? Você sabe com o que está lidando. Ela é sobrenatural. Conhece Crowley? Faça o que tu queres? Ela possui a... As coisas *alinham-se* para ela. Ela comprou um lote das porcarias saqueadas no Iraque durante a guerra. Tem contatos militares, na Blackwater, na CIA, no Departamento de Estado dos EUA. Eu disse a você: a boceta dela é uma inteligência gigantesca. O que vai fazer agora?

Apaguei o Marlboro. Bem no limite da audibilidade, o som de um carro aproximando-se.

– Bem – disse. – No momento, ir embora daqui ainda parece uma ideia luminosamente boa.

Mas você não conseguiu o livro, a pedra, o começo. Náusea redux, a antiga e insustentável simultaneidade de saber que era

tarde demais e saber que não era tarde demais. Uma história de 3 mil anos. Uma história. Uma *história* de merda. Cães selvagens e cadáveres. Falei para mim mesmo que estava imaginando, o reconhecimento nos ossos, *nas células*, o antigo sabor da vergonha. Não, Jake, ressonância mítica ou memória da espécie ou alguma lembrança revivida ou algo que bateu. Cães selvagens e cadáveres. Uma história nojenta é melhor do que nenhuma história.

– Como você entrou aqui?

– Atirei nos dois guardas no portão sul.

– Com o quê, por Deus?

– Minha arma. Provavelmente, está lá. Larguei-a.

Ele indicou o local da emboscada fracassada. Uma busca rápida revelou a arma, uma Luger CZ 75 B 9mm com silenciador, número de série apagado. Conferi a munição. Balas de prata.

– Por que você não usou isso? Eu estaria morto a esta altura.

– Eu sei. Mas precisei fazer o dardo por encomenda. Vê estas letras na haste? É meu nome e o dela em manuscrito angelical.

O carro estava mais perto. O carro – era impossível negar – estava Vindo Para Cá.

– São eles – disse Cloquet, tentando levantar-se, conseguindo apenas ficar de quatro com um olhar de quem está prestes a vomitar. Coloquei a pistola no bolso e arrastei-nos ainda mais para entre as árvores. O veículo, uma minivan preta com vidros espelhados, passou lentamente sobre o cascalho claro, em torno do qual a escuridão agora era completa.

– Por que não me pegaram no navio? – perguntei. – Eu já estava em uma jaula.

Cloquet balançou a cabeça.

– Não sei. Pensei que esse fosse o plano. Manter você a bordo até o pôr do sol. Ela deve ter ficado em dúvida quanto à eficácia do

suborno pago à guarda costeira. Talvez a WOCOP tivesse uma embarcação por perto. Não sei. Talvez ela apenas quisesse foder com você. Você apaixonou-se por ela porque ela mostra a você diretamente que jamais sentirá nada por você.

Precisamos encontrar um caminho entre as árvores para conseguir uma vista a favor do vento, um esforço para Cloquet, que mancava, uma mão cobrindo a perfuração nas costas e a outra protegendo suas bolas que cantavam em discordância. Quando paramos sob a copa de uma árvore não muito longe da frente da casa, ele caiu de joelhos e vomitou, silenciosamente. Em voz baixa, repetiu *merde, merde, merde*, até que eu sussurrasse para que calasse a boca.

Cinco vampiros saíram do carro. Três machos, duas fêmeas. Além disso, estava escuro demais para detalhes. Jacqueline Delon, flanqueada por dois valentões armados (armados com o quê? Balas de madeira?), apareceu no topo da escadaria em um vestido claro para recebê-los.

– O que aconteceu? – perguntou um dos vampiros. O tédio característico (uma versão do tédio do adolescente que acha que já viu de tudo, perdoável, já que tantos deles já viram de tudo) não estava presente em sua voz.

– Subam – disse Jacqueline. – Apenas subam. Conversaremos.

Quatro deles subiram os degraus. A quinta, uma das fêmeas, parou na metade e virou-se. Olhou diretamente para nós. Senti Cloquet prendendo a respiração. Percebi que também prendia a minha. Como eu não a sentia, ela não deveria, por direito, sentir-me. Mesmo contra o vento, o cheiro dela era muito leve; o meu seria imperceptível. Mas ali estava ela, alerta. O cheiro do vômito de Cloquet, talvez?

Ah, merda: o sangue no ferimento dele.

São as coisas óbvias sobre as quais você não pensa.

Ela hesitou, ergueu a cabeça, tirou as mãos dos bolsos, deu um passo à frente e inclinou-se na escuridão.

– Mia, venha aqui.

Por um instante, os sentidos ampliados dela quase agarraram nossa aura. Depois, passou, perdeu-nos, contraiu-se de volta ao próprio centro. Ela virou-se e subiu rapidamente os degraus.

28

agora? – quis saber Cloquet.

—E Boa pergunta. O que eu queria mesmo era me deitar sobre as folhas mortas e macias dos pinheiros e deixar-me ser levado por um sono profundo, aconteça o que acontecer. Havia um conforto profundo naquilo, na expressão *aconteça o que acontecer*.

– Direi algo a você – disse. – Você achará difícil acreditar, mas tudo que estou tentando fazer é permanecer vivo até a próxima lua para que um homem cujo pai matei e devorei há cinquenta anos possa decepar minha cabeça de lobisomem ou colocar uma bala de prata em meu coração de lobisomem.

Cloquet estava de quatro ao meu lado, aparentemente a posição que mais aliviava seu traseiro, suas bolas e entranhas.

– Não me sinto bem – disse ele. – Perdi muito sangue.

– Praticamente nada. Não seja um bebezão. Aqui, dê uma fungada.

Entreguei-lhe o pequeno recipiente de cocaína. Duas fungadas. Um gemido profissional de prazer.

– *C'est bon. Aie. C'est beau. Vão matá-la?*

– Quem sabe? Provavelmente não serão capazes de evocar o *vim* necessário.

– *Vim?*

– Energia.

– Mas o que faremos?

– Nada. Observe e espere. E quem diabos somos “nós”? Starsky e Hutch?

Ele gargalhou, ofegante. A cocaína animara-o.

– De certo modo – disse ele –, eu gostaria que você a tivesse fodido. Então, saberia. Você conheceria o sublime... O cu dela, por exemplo. É como uma austera secretária coquete e mimada trabalhando para Himmler...

– Cale a boca, por favor? Preciso pensar. Dê-me um cigarro.

O mais razoável seria quebrar o pescoço de Cloquet e fugir. Os vampiros queriam-me vivo – e daí? Aumentava o vocabulário dos meus problemas, mas a gramática permanecia inalterada.

Exceto pelo livro de Quinn. A história nojenta. Cães selvagens e cadáveres e o sabor ferroso de uma memória antiga. A iluminação proximal era uma dor de cabeça latejante que não passava.

Cobri o Zippo com uma das mãos, acendi o cigarro e traguei furiosamente. Os fatos permaneciam iguais, não importasse o quanto eu ficasse ali parado embaralhando-os: ou a história era verdadeira, ou era falsa. Ou Jacqueline tem o livro, ou não o tem. Caso o tenha, posso pegá-lo ou partir. Caso o pegue, ele pode ou não fazer diferença para mim.

Simultaneamente (na voz interior de uma professora de Estudos Culturais Americanos): somente o sentido pode fazer diferença e todos sabemos que não há sentido. Todas as histórias expressam um desejo por sentido, não o sentido propriamente dito. Portanto, qualquer diferença causada por saber a história é uma ilusão.

Cloquet estava agora deitado de lado com os joelhos encolhidos. Na escuridão, eu mal conseguia discernir os grandes olhos negros piscando e o brilho da garrafa de bolso.

– Estou morrendo de fome – disse ele. – Suponho que não tenha nada para comer, ou tem?

Lembrei-me dos binóculos e comecei a revirar os bolsos de Cloquet para encontrá-los.

– Há um pequeno lugar em Le Marais – disse ele, aparentando não se incomodar com a revista –, que faz a melhor massa *choux* do mundo. Eu mataria por um de seus *éclairs* de baunilha agora mesmo. Esta é a beleza de não ser mais modelo. Posso comer o que quiser.

– Você era mesmo modelo? Isso é hilariante. Aqui, tome isso.

– Minhas castanhas. Graças a Deus. Mas o que realmente quero é algo doce. Quando ela goza, você sabe, ela olha para você com um ódio tão claro, puro e remoto. O desprezo... É o desprezo. Passei muitos anos procurando por uma mulher que realmente me desprezasse.

Os binóculos não ajudaram muito. Mme. Delon possuía tecnologia de ficção científica nas janelas, as quais estavam agora, sem a ajuda de cortinas, persianas ou venezianas, completamente opacas. Três de seus seguranças, vestindo casacos acolchoados e calças de combate, estavam visíveis: dois no chão, um no telhado. Caminhavam de um lado para o outro, mascavam chicletes, fumavam, trocavam palavras ocasionais em voz baixa. Os pinheiros eram uma escura presença fraternal ao nosso redor. Cloquet mastigava as castanhas, respirando pelo nariz. Ficou desconfortavelmente frio. Uma hora se passou.

– Ela negociará – disse Cloquet, servindo-se mais duas carreiras de cocaína. – Você não sabe como ela opera. Sabe a respeito das

crianças africanas? Angola, Nigéria, Congo. Crianças acusadas de feitiçaria. Ela tira as crianças das mãos dos pais, e ainda paga muito bem por isso. E depois? O que acha que ela faz com...

– Silêncio! Merda, quase não os percebi – eu estava observando a frente da casa, mas os vampiros devem ter vindo por alguma saída fora de vista no nível inferior, da garagem. O que me alertou foi o som da porta da minivan sendo aberta. Coloquei o cano da pistola com o silenciador atrás da cabeça de Cloquet.

– Um pio e estará morto.

O ridículo, obviamente, espera apenas pelo momento de seriedade intensa. Em um sussurro quase imperceptível, Cloquet disse:

– Preciso espirrar.

O que não era de surpreender depois do barril de cocaína que cheirara. Larguei a arma e os binóculos e agarrei-o, uma mão fechando as narinas dele, a outra tapando a boca. Uma das portas laterais do veículo fechou-se deslizando com um som áspero e um baque. A vampira fêmea, Mia, parou por um instante, novamente com o nariz erguido em nossa direção. Sob a luz do interior da van, vi um rosto jovem com ossos da face altos e cabelos louros que iam até os ombros.

O momento de Cloquet aproximava-se. Segurei-o com mais força – forte demais. Ele contorceu-se desesperadamente. Rolei sobre ele como que para enrabá-lo e segurei firme. Mia tomou o assento do carona. Pernas e saltos altos que estariam em casa em um anúncio de meias-calças de luxo ergueram-se graciosamente. Ela esticou a mão e segurou a maçaneta.

Chzzn! Com um esforço poderoso, Cloquet livrou o bastante do nariz para liberar aquele espirro bizarro – pela graça dos deuses, precisamente sincronizado com o baque da porta do carona

fechando-se. Quase quebrei o pescoço dele naquele instante. Mas o motor foi ligado e a minivan, transportando imortais, manobrou e partiu.

Uma bolha de catarro de Cloquet estava presa às costas da minha mão.

– Obrigado por isso – disse, limpando-a na lapela dele. – Agora. De pé, soldado.

– O quê?

– Levante-se. Fique de costas para cá, por favor.

Improviso. O cinto serviu para amarrar as mãos de Cloquet ao redor do tronco contra o qual estava encostado. Ele não protestou muito. Evidentemente, tinha uma queda pela rendição. Um pequeno momento formou-se entre nós quando o amarrei. Ele olhou para mim:

– O quê? – perguntei.

– Você mentiu. Senti o cheiro da boceta dela nos seus dedos.

– Ah. Sim. Sinto muito.

– Você voltará por mais. Todos voltam por mais.

– Voltarei pelo livro.

– Você pensa que está seguro. Está errado. Ela já sabe o que você está pensando.

– Vou correr o risco. Também levarei sua Luger e nosso amigo aqui, o dardo feito sob encomenda.

Enrolei os 500 euros, enfiei-os na boca de Cloquet e apropriei-me de metade da atadura no pulso para fazer uma mordança. Só Deus sabe por que não o matei. Ele era absurdo demais para matar. As castanhas e o rímel e a carreira de modelo abandonada. Aquele espirro.

– Posso demorar algum tempo.

Quando você precisa de um plano e não o tem, acaba tomado por uma fé retardatária e leviana. Comediantes improvisadores sabem disso, criminosos e soldados também. A identidade dissolve-se no fluxo e tomará forma novamente no outro lado do trabalho – ou não. De qualquer modo, você está fazendo. De qualquer modo, está *dentro*.

Agachado, avancei silenciosamente entre as árvores, passando de novo por onde Cloquet e eu deixamos a entrada para carros e até a margem das coníferas. Dali, 7 metros de terreno aberto separavam-me das garagens. Escuridão ampla o bastante para enganar olhos nus mas, se um dos soldados arriscasse levantar um par de binóculos de visão noturna... Atravessei em uma absurda disparada na ponta dos pés, fiquei de costas para a janela abaixo da varanda do mezanino, recuperei o fôlego. Um favorável *Deus ex machina* seria encontrar uma das portas das garagens aberta e, dentro da garagem, uma segunda porta para o porão da *villa*. Conferi. As três estavam trancadas. Perguntei-me qual carro Jacqueline dirigia, vi a imagem mental dela em um Mercedes

conversível 65 marfim, interior de couro vermelho para combinar com o batom e as unhas.

Uma imagem agradável, mas nada útil. Procurei algo para jogar. Você joga algo e, segundo as ficções das telas, o barulho leva pelo menos um guarda a sair de posição para investigar. Não havia nada para jogar. O que eu esperava? Vasos de plantas soltos? Pedras? Recipientes vazios? *Alguma* maldita coisa. Bem-vindo ao lado negativo de ir com o fluxo.

No final, joguei os binóculos de Cloquet. Para o alto, no outro lado do mezanino, nos degraus do lado leste da varanda, onde caíram com um ruído (certamente?) intrigante. Um guarda ou, ainda melhor, guardas, viriam conferir, liberando a escada no lado oeste para minha subida furtiva.

– Ouviu isso?

– Ouvi. Informe.

Eu já seguia do meu jeito rápido na ponta dos pés (algo como o passo de ganso das comemorações de *touchdowns* dos jogadores de futebol americano) para a escada oeste.

Tudo certo. Passei pelo mezanino e, como não havia motivo para não fazer, subi às pressas o lance seguinte para o nível das oliveiras e do timo, logo abaixo do jardim de cáctus e da própria *villa*. Ali, acorçado em um fosso de sombras entre a balaustrada e as árvores, parei para fazer o inventário. Um guarda realmente descera para o mezanino, rifle automático em punho, e olhava ao redor com cuidado. O guarda do telhado vasculhava o local com binóculos (de visão noturna!), mas olhava para a direção totalmente oposta. O guarda do segundo andar estava a menos de 3 metros, logo acima de mim.

– É um maldito par de binóculos – disse o guarda que procurava.
– Você informou?

– Sim, informei.

– Acho que há alguém entre as árvores – gritou o guarda do telhado para baixo. – Movimento confirmado nas árvores. Nove horas.

Movimento nas árvores? Seria possível que Cloquet tivesse se soltado?

– Quem está com a chefe?

– Marcel.

– O que consegue ver?

– Movimento.

– Que tipo de movimento, porra?

O guarda mais próximo de mim era um covarde, que Deus o abençoe. Ele deveria ter inspecionado imediatamente o lado oeste. Em vez disso, subiu a escada leste e gritou para o parceiro.

– Volte aqui.

– Movimento em mais de um lugar.

– O que é?

Era a minha chance. Nenhum deles estava olhando para a minha direção. Arrastei-me do esconderijo e saltei prontamente – na verdade, como em um balé, se bem que com os tendões do pescoço tensos – subindo o último lance de degraus de pedra.

Precisamente no instante que cheguei ao topo, uma porta na parede de vidro abriu-se e o fortão com cara de porquinho-da-índia que estava no navio – Marcel, evidentemente – saiu bem na minha frente.

30

Naturalmente, encaramo-nos. Naturalmente, o único segundo que se passou foi mais do que o suficiente para desfrutarmos uma intimidade purificada, para repararmos os detalhes um do outro e sentirmos o peso exato da história de cada um. Naturalmente, nossas essências, peremptoriamente desnudas, trocaram um olhar chocado.

Depois, atirei na cara dele.

Foi por pouco. Por pouco que ele não atirou em mim primeiro, quero dizer. O cano da arma dele estava sendo erguido, certamente. Eu estava ciente disso empaticamente, como se fosse meu próprio braço levantando-a. Na verdade, meu próprio braço, como se fosse o peso na extremidade de um equipamento de musculação usado por outra pessoa, levantou-se em um arco perfeito de 45 graus para nivelar a Luger com a cabeça dele, quando minha mão – outra parte de um mecanismo de precisão sob controle de outra pessoa – puxou o gatilho.

A bala passou pelo silenciador e penetrou na testa dele (um *bindi* grande e grosseiramente aplicado) e ele caiu praticamente

sem emitir som algum. Jacqueline Delon, em um vestido de seda cor de leite desnatado, estava no quarto poucos metros atrás dele. Ela franzira os olhos e os ombros estavam encolhidos, como se tivesse acabado de ouvir alguém deixar cair uma peça de vidro de valor incalculável. Uma conferência rápida à direita revelou os dois guardas do térreo, ambos agora com óculos de visão noturna, examinando as árvores. Eles não escutaram.

Sem tempo para pensar. Saltei através do pátio, puxei o corpo de Marcel da frente da porta e fechei a placa de vidro atrás de mim. Era a sala de estar onde tomamos o primeiro drinque de manhã e, exceto por Jacqueline, eu e o falecido Marcel, estava vazia. Os ombros de Mme. Delon abaixaram um pouco. Um gesto com a Luger tornou clara sua posição: se fizesse qualquer som, eu atiraria nela. Eu realmente atirava nas pessoas. Veja Marcel aqui. Os olhos de Jacqueline diziam que ela entendia. Os ombros baixaram totalmente. Ela relaxou.

– Meu deus – disse ela. – Pensei que tinha perdido você para sempre.

– Sem essa merda, por favor. Sei sobre o acordo com os vampiros. Estou aqui por causa do livro de Quinn e da pedra. Cofre no porão. Sem tempo a perder. Rápido. Sim?

Ela ergueu as sobrancelhas. Música tocava suavemente. “No Easy Way Down”, de Dusty Springfield. Havia também um perfume peculiarmente forte de patchuli. De manhã, o cheiro não era igual.

– Não é tão simples – disse ela. Ela estava fazendo o que parecia um esforço para não olhar diretamente para mim, ou melhor, para nada específico. Lá fora, um dos guardas disse:

– Não, Marcel está com ela. Precisamos de mais dois aqui agora mesmo para uma varredura completa do perímetro. Entendido?

Fui até Jacqueline, agarrei-a pelos cabelos e coloquei a arma sob seu queixo, um movimento que me obrigou a largar o dardo aos meus pés.

– Não faça merda. *Por favor.* Vamos. Agora.

– Você me entendeu mal – disse ela. – Não tenho o livro. Nem a pedra.

– Desde esta manhã. Acho que não.

– É verdade. Estão em posse de outra pessoa.

– Só para me divertir – disse. – De quem?

Certas tensões atíçam a clarividência. Eu sabia que ela olharia para o alto, sobre meu ombro esquerdo, para trás de mim.

– Dele – disse ela.

Levei um minuto para reconhecer que não fazia sentido dizer “*você não espera seriamente que eu caia nessa, não é?*”. Depois, virei-me.

Ele estivera ali todo o tempo. “Ele” era um vampiro e “ali” a 10 metros de distância com as costas contra o teto da sala, diretamente sobre a porta. Um sênior, deduzi, considerando que desafiar a gravidade é um esporte de elite que exige, supostamente, séculos para ser dominado. Enquanto eu observava, ele desceu lentamente, um homem arrumado e esguio com o que parecia pouco mais de 50 anos (apesar de, provavelmente, ter esbarrado com Ramsés), cabelos grisalhos habilmente aparados e um rosto pequeno, elegante e calmo. Olhos verde-azulados e boca fina. Um indício de uma divisão no queixo delicado. Calças pretas justas e suéter preto de gola rulê. Lembrei-me do tempo em que ver alguém mover-se no ar daquela maneira teria sido um choque emocionante, isso antes de todos termos visto incontáveis vezes nos filmes. A inversão mimética da modernidade: você vê o real e

fica chocado com o quanto ele se parece com um efeito especial tediosamente perfeito.

– Como você sabe a respeito do acordo com os vampiros – perguntou o vampiro, quando seus pés tocaram o chão de madeira de carvalho polida –, não percamos tempo. Doe seus serviços voluntariamente em troca do acesso ao livro de Quinn e pela amizade das Cinquenta Casas pelo resto de sua vida.

Não havia sentido em dizer: ou o quê? Agora que via o vampiro, também sentia seu cheiro, sendo a percepção híbrida uma idiota tão suscetível. Partes teimosas de lobo tremeram e contorceram-se em repulsa. Ali estava todo o imperativo quase irresistível de arrancar a cabeça daquele chupador. Havia também, bem guardada nas pernas traseiras do animal fantasma, uma fuga na ponta da agulha. Uma ambivalência de rachar a cabeça: pegue-o. Fuja. Pegue-o. Fuja. Houve uma saraivada de tiros de armas automáticas do lado de fora, disparada pelo guarda do telhado, pensei.

– O que está acontecendo lá fora? – quis saber Jacqueline. Eu ainda a segurava pelo cabelo. Couro cabeludo quente e cheiro de xampu. A overdose de patchuli na sala fora para disfarçar *parfum de vamp*. Ele ficou perfeitamente parado, pés juntos, mãos ao lado do corpo, nenhum sorriso, apenas a característica economia física e o insuportável autocontrole de um mímico ou malabarista. Ele falara inglês com sotaque italiano. Casa Mangiardi? Não importava. O que importava era que eu não contara quantas cabeças entraram na minivan. Quatro partiram, um ficou. Em um instante, ele agiria, tão rapidamente que eu viveria o desfecho do ato (drogado, amordaçado, algemado e com um saco na cabeça) sem perceber o que acontecera. Como lobo, eu teria condições de enfrentá-lo. Como humano, eu poderia muito bem ser uma boneca inflável.

– Jacob, por favor – disse Jacqueline. – Está doendo de verdade.

A rendição tornou-se sensualmente disponível, uma amante que se aproximara silenciosamente por trás de mim e abraçara-me e puxara-me para perto dela e respirava no meu ouvido. Aqui, se eu quisesse, estava a paz de se dissolver na vontade maior. A paz entre Cloquet e a Mme. Delon, sem dúvida.

– Jacob, por favor – repetiu Jacqueline. – Por favor.

Afrouxei a mão em seu cabelo. Soltei-a. Ela afastou-se. Uma mulher pequena com cabeça de elfo e um corpo apenas começando a perder a briga. Pensei no entusiasmo de Cloquet pelo ânus dela e sorri.

– Muito bem – disse o vampiro. – Podemos?

Nada de ilusões. Eu iria por bem ou iria depois de uma briga tocantemente breve, mas iria. Rapidamente, vislumbrei uma montagem cinematográfica louca de eu mesmo assimilado em um campo de vampiros, como prisioneiro, sim, mas tratado com civilidade, trocando histórias de monstros ao lado do fogo noturno, gradualmente reestruturando a repugnância, encontrando um ponto em comum, investir em Helios puramente pela ciência, contra todas as probabilidades – contra a *natureza* iniciando um *verboten* caso interracial, a glacial Mia e suas pernas adoráveis. Corte para uma imagem de mim mesmo na forma lupina, deitado com os membros esticados em uma mesa de aço escovado, cada membro amarrado e a cabeça presa, gritando, atendido pelos chupadores em roupas cirúrgicas brancas e equipamentos invasivos de última geração, sangue escorrendo dos meus ouvidos, meu nariz, meu reto...

Mais tiros do lado de fora. Gritos. Um helicóptero. Perguntei-me onde o pobre Cloquet encontrava-se no meio de tudo aquilo, seja lá o que fosse. Perguntei-me também, pois já há alguns minutos o dardo era algo modesto e pequeno ao lado de meu pé, se eu conseguiria me agachar, pegá-lo e arremessá-lo antes que o

vampiro fizesse comigo o que quer que fosse fazer. Não teria nenhuma utilidade prática (obviamente, pois era de metal, e não de madeira) maior do que mostrar a ele o dedo médio, mas em meu estado abobado, a falta de sentido caracteristicamente *punk* do gesto era atraente.

– Leve-me com você – disse Jacqueline a ele. – Sei que não correu exatamente como o planejado mas, no final das contas, você conseguiu o que queria. Juro que não irá se lamentar.

– Não fale – disse o vampiro, sem olhar para ela. Depois, várias coisas aconteceram ao mesmo tempo.

Uma explosão destruiu a parede de vidro e uma massa de fumaça e chamas *uivou* dentro da sala e, quase imediatamente, recuou de novo. A força da explosão derrubou nós três. Choquei-me contra os bancos do bar e senti uma costela rachar. O dardo também voou, errou minha cabeça por 15 centímetros e enterrou-se na parede de mosaico do bar atrás de mim. O vampiro, que estava mais perto da detonação, flutuou espetacularmente *sobre* o bar e chocou-se com um estrondo contra as garrafas brilhantes com fundos espelhados.

Jacqueline Delon estava de quatro a dois bancos de mim. Um grande estilhaço de vidro projetava-se ensanguentado na lateral de uma coxa. Outro perfurava a canela. Outro no lado da cabeça. Ela ergueu a mão delicadamente, retirou o último e olhou para ele. Ocorreu-me que eu poderia estar igualmente incomodado. E, como era de se imaginar, uma investigação atordoada descobriu um grande fragmento escaleno despontando do meu ombro esquerdo. Segui o exemplo de Jacqueline e extraí-o com delicadeza. O sangue acumulou-se e começou a escorrer. Com uma espécie de apatia abstraída, segurei o dardo. O helicóptero fora de vista era uma evocação ensurdecadora de *Apocalypse Now*. A explosão enchera a

sala de calor, brevemente; agora, o ar frio entrava como um anjo. O dardo não saía do lugar. Lutei para me levantar. Jacqueline, no silêncio do estoicismo *freak* ou do choque profundo, ergueu-se apoiando-se em um dos bancos do bar. Um estilhaço perdera-se no ferimento. Mesmo no estado em que se encontrava, o desequilíbrio era intolerável. Ela esticou a mão e tirou o sapato que ainda estava em um pé. Olhamos um para o outro como se acabássemos de nascer.

O vampiro apareceu atrás dela. Ele não estava ali mas, de repente, estava. É assim que acontece. Rápido. Rápido demais. Seu pequeno rosto elegante estava salpicado de vidro, perfurado pelo vidro, com sardas de sangue. Ele esfregou o rosto, *socou-o*, na verdade, como se estivesse coberto por moscas enlouquecedoras, apesar da expressão de iluminação compacta permanecer intacta.

– Vamos? – perguntou ele.

Foi quando o helicóptero apareceu. Ele desceu de perfil, como a aranha de Miss Muffet. O latejar da hélice e os destroços na sala girando letalmente. Um Bluebottle da WOCOP, leve, rápido, manejável. A frente bulbosa de vidro fumê do helicóptero mergulhou uma vez, como que em um cumprimento decoroso – Ellis sorria para mim do assento do piloto –, depois girou 45 graus para nos encarar com suas luzes brutais.

Eu sabia o que ele carregava. O vampiro também. Portanto, muito provavelmente, Jacqueline também sabia. Chamam a munição de “granizo”: dardos de noqueira com 20 centímetros disparados à velocidade de trinta por segundo. Chamam a arma, naturalmente, de “Maria”.

Ele não saiu ileso. Foi atingido por pelo menos uma dúzia de tiros – vi um atravessar diretamente a garganta dele, outro cravou-

se logo abaixo de um olho –, mas foi rápido o bastante, *apenas* rápido o bastante, para cobrir o coração vulnerável.

Com o escudo mais próximo à mão.

Dois segundos, não mais. Vislumbrei o corpo de Jacqueline iluminado pelos holofotes ser coberto magicamente de setas de madeira antes que o vampiro se lançasse – e ela também – para trás, disparasse sobre os destroços do bar e estilhaçasse a janela no outro lado da sala, desaparecendo na noite.

Não fiquei surpreso, quando Ellis apagou os holofotes, ao ver Graigner com a barba por fazer em traje completo de combate sentado com uma grandiosa casualidade masculina no assento de passageiro, um Lança-Estacas da Caçada pousado entre os joelhos, um cigarro colocado semissatiricamente no canto da boca. Não foi indolor. Não foi rápido. Graigner saudou-me colocando o indicador na cabeça, sorriu, depois se virou e acenou com a cabeça para Ellis, que fez o helicóptero subir, girou-o lentamente e partiu sobre as árvores.

Começou a chover.

31

Não foi muito divertido sair da *villa*. Para começar, houve a remoção de mais dois estilhaços de vidro, um na panturrilha esquerda, outro – excruciante quando dei os primeiros passos – no joelho direito. Durante alguns minutos, fiquei apenas deitado em um dos sofás elefantinos, sangrando e sentindo pena de mim mesmo. Estava agradável, encolhido com uma dor administrável, escutando a chuva cair. Estes são os primeiros minutos de paz, pensei, bufando zangado, que tenho em malditas eras.

Mas aquilo, obviamente, não bastava. Manquei até o que restava do bar, tomei um trago fortificante de Kauffman's, recuperei a Luger entre os detritos e, lentamente, saí para a varanda, triturando vidro sob os pés.

Exceto pela chuva – graças à qual um adorável odor de terra molhada penetrava na fumaça –, a propriedade de Delon estava silenciosa. Perto de mim, os dois guardas do térreo estavam estirados no chão, um deles ainda agarrava os binóculos de Cloquet. Nenhum som no telhado. Usando a mira telescópica,

Grainer teria atirado no vigia no terraço a quase 20 metros de distância. Os reforços convocados não estavam visíveis; eu tinha certeza de que se olharam e, com covardia sincera, concordaram sem palavras: fodam-se os reforços.

O que significava evitá-los caso estivessem agora fuçando por aí tensos e com as armas destravadas.

A questão mais premente era o transporte. Eu certamente não caminharia, não com cortes sangrando e a costela quebrada. (Costelas, plural, pensei agora; dor demais para apenas uma.) Era possível que Cloquet tivesse dirigido até aqui, mas não menos provável que tivesse chegado de paraquedas ou em um *space-hopper*. De todo modo, quem sabia qual era a distância até o “portão sul”? Não. Eu precisava de transporte motorizado, o que, já que uma das muitas coisas que não cheguei a aprender em duzentos anos foi como pilotar um helicóptero (o de Jacqueline usado para transportes entre o navio e a costa estava pronto na plataforma de asfalto), significava encontrar o caminho para as garagens e fazer ligação direta no que quer que houvesse nelas.

Levei um tempo desgastante e peculiarmente indeterminado para encontrá-las, mancando e arrastando-me e praguejando entre os dentes e andando, suspeito agora, em círculos. Acho que posso ter me sentado e apagado por alguns minutos em um dos corredores. Em outro lugar, vomitei desanimadoramente contra uma parede, sob a presidência de uma enorme pintura sub-Bosch de uma Missa Negra. A chuva caía mais forte, como que para evocar com seu sibilar o tempo evaporando-se em nada. Passei por um quarto grande e escuro no qual uma tela plana afixada à parede com o som desligado exibia um *rapper* obeso executando gestos manuais de *rap*, os quais deveriam projetar uma postura masculina *cool* mas, na verdade, parecem uma versão despropositadamente

violenta da língua de sinais dos surdos. O *skinhead* com rosto de bebê do *Hecate* estava deitado em uma poça de sangue, deselegantemente morto, de olhos abertos e uma perna dobrada sob o corpo. Desci mais escadas do que deveria haver.

Eventualmente, com as feridas quentes, o couro cabeludo sussurrando, costelas vociferando contra aquele absurdo de me *movimentar*, descobri a lavanderia e um conforto momentâneo no cheiro benigno de roupas recém-lavadas. Dali, uma porta levava a um corredor em curva, o qual (eu estava sob o mezanino) dava para três outras portas para as garagens.

Cachinhos de Ouro e os Três Carros. Ferrari 458 Italia em vermelho. Sem chaves. Jaguar XK140 1956 em branco. Sem chaves. Volkswagen Super Fusca 1976 em lilás metálico. Chaves. “Está vendo, Jake?”, disse a vida. É uma comédia. Anime-se. Entrei e liguei o motor.

As forças da WOCOP (se é que havia mais alguém além de Grainer e Ellis) tinham se retirado. Quando parei na entrada e abaixei a janela do Fusca, senti a consciência maciça da floresta absorvendo a chuva no escuro, a profunda sede da terra.

– Cloquet? – chamei. – Está aí?

Nada. Só Deus sabe por que me dei ao trabalho. Somos acometidos por compulsões ocultas. Ele lembrava-me de Gollum. Sofreria muito ao ouvir que sua preciosa estava morta. Ou morta-viva, dependendo dos caprichos do vampiro. Chamei outra vez. Sem resposta. Que seja. Pisei no acelerador.

O mais sensato seria trocar para um carro menos chamativo e seguir para um aeroporto. Eu não conseguia encarar. Estava exausto. Meus ferimentos tinham parado de sangrar quando deixei o portão sul de Jacqueline (tanto na forma humana quanto na lupina, curo-me com uma rapidez obscena) e no dia seguinte tudo teria desaparecido. As costelas, mesmo com meu remendo celular veloz, levariam mais um dia. Fisicamente, não era nada, apenas um arranhão. Porém, tudo em mim que não era carne gritava por repouso. O vampiro deixara-me, como devo tê-lo deixado, com uma sensação de contaminação nauseante. Eu queria um banho, um quarto silencioso, uma cama fresca.

Tudo isso, registro humildemente, encontrei. Uma hora mais tarde, depois de me lavar da melhor maneira possível no banheiro público em Arbonne, hospedei-me no Hotel Eugenie, logo a leste da cidade, onde por 240 euros recebi para a noite um grande quarto *en suite* decorado em estilo *chic* rústico: chão de carvalho aquecido, tapetes bascos, a previsível cama com dossel, internet sem fio e – Deus abençoe monsieur e madame Duval – uma enorme banheira

de pés. Ali, obtive um refúgio meditativo com uma flanela gelada sobre os olhos e uma garrafa de Château Léoville Barton 1996 (Saint-Julien) como companhia. Abaixei as luzes e recostei-me no calor da água suave e, por algum tempo ao menos, fui revisitado agradavelmente pela frase sedativa: *Aconteça o que acontecer... Aconteça o que acontecer... Aconteça... o que...*

Não queremos pensar. O que *queremos*, repito, é todo tipo de coisas. Neste momento, a garrafa estava vazia e *aconteça o que acontecer* dera lugar a *que merda você vai fazer?* Praticabilidades como um pequeno aterro de entulho. Os vampiros saberiam onde eu estava, mas não tentariam novamente hoje à noite. Arriscado demais comigo de novo sob vigilância da Caçada. O trabalho de Jacqueline era me manter tempo suficiente fora do radar da WOCOP para uma captura. Ela fracassara. O *Hecate* deve ter chamado a atenção, como disse Cloquet, daí o motivo para o voo apressado até a *villa* Delon. Meu pau ergueu-se entre a espuma de banho em saudação à memória do sexo daquela manhã – depois, afundou com a mesma suavidade quando pensei no livro de Quinn.

Capturado pelos chupadores na esperança de que minha necessidade de obtê-lo me mantivesse vivo.

Outro suspiro. É o que acontece, disse para mim mesmo. A vida, como o bêbado chato na festa do escritório, está sempre procurando você, apoiando-se em você, matando você com baboseiras sem sentido e rindo com mau hálito na sua cara das próprias piadas sem graça.

Saí da banheira, sequei-me com uma meticulosidade irritada, vesti um dos robes brancos de toalha do Eugenie e, em um ato de alegre despreocupação, pedi outra garrafa. Vampiros? Caçadores? Que venham essas merdas! E, falando a respeito, foda-se o livro de Quinn. Se alcançá-lo (a *verdade*, protestava meu romântico interior,

a *verdade*, Jacob, depois de todos esses anos...), se alcançá-lo significasse me submeter aos exames objetivos da ciência dos vampiros, daria no mesmo que o livro não existisse. É claro que eu sempre poderia tentar usar a força. Um lobisomem contra as Cinquenta Casas dos mortos-vivos...

A Taça Um da Garrafa Dois desceu em um par de goles analépticos. Liguei a TV. Um programa francês de reformas domésticas. Um casal chorando horrorosamente diante do milagre da cozinha redecorada de modo barato. Troquei de canal. *American Idol*. Transformação de novo, agora de Ninguém para Superastro. Talvez Jacqueline estivesse certa: hoje em dia, a humanidade obtém seus prazeres metamórficos em outros lugares. Quando é possível assistir à alquimia que transforma idiotas em milionários e estúpidos em ícones globais, onde fica a excitação em homens que se transformam em lobos?

Desliguei a TV. Sentei-me na beirada da cama. Senti a tensão acumulada ceder, acompanhada, incrivelmente, pelo terceiro suspiro do dia. (Como os malditos ônibus, tais suspiros: nenhum em eras e, de repente, três ao mesmo tempo.) Nada, asseverei, respirando com uma dignidade bêbada e trêmula pelo nariz, mudara. Fosse o livro de Quinn verdadeiro ou falso, a existência dele não mudaria meu percurso. Se você consegue viver duzentos anos sem a solução para o enigma de sua natureza, também pode morrer sem ela. Os humanos vão para as sepulturas sem respostas para nenhuma das grandes questões. Por que os lobisomens deveriam se sair melhor?

Um maço novo de Camels fora entregue junto com o vinho. Acendi um. A maior dádiva da licantropia é saber que fumar não matará você. Enchi a última taça da noite. A paz retornou, de certa

forma. Nada, repeti, mudara. Eu aguardaria os 29 dias até a próxima lua cheia, quando Grainer...

Ah, sim. Com uma demora cruel, a imagem do assassino de Harley desabrochou. Naturalmente, a aparição dele no helicóptero fora uma provocação calculada, a tranquilidade corporal, o sorriso de Navajo sem alegria, a saudação zombeteira. Não foi indolor. Não foi rápido. Acorde, Jake, eu conseguia ouvi-lo dizer. Está me dizendo que realmente me deixará me safar com isso? Não foi indolor. Não foi rápido.

Basta. Terminei o cigarro. Apaguei a luz. Deitei-me na cama. Há quanto tempo não dormia? Quarenta e oito horas? Setenta e duas?

Sedimentos de lobo agitaram-se em meus ombros. Quando eu rasgara a garganta do *junkie*, o corpo dele contorcera-se como que em uma ejaculação violenta. Agora, o espírito dele misturava-se no submundo lotado da minha corrente sanguínea, sem amigos em meio à multidão murmurante. É oficial. Você é o último. Lamento. Fechei os olhos.

Passaram-se três semanas.
Tudo mudou.
Maldito Jesus Cristo.

Na manhã após minha noite no Hotel Eugenie, peguei um trem para Paris e passei a viagem colocando estas páginas em dia. Detectei dois agentes da WOCOP depois de fazer a transferência em Bordeaux, os quais foram substituídos por outros dois na capital. Uma questão indiferente para mim – ou talvez não tão indiferente, pois a presença deles mantinha os mortos-vivos em cheque. Naturalmente, os chupadores estavam observando-me através de amigos humanos durante o dia, e pessoalmente à noite. Enquanto pedia um Long Island Ice Tea em um clube noturno em Montmartre às 3 da manhã, uma onda de náusea vampiresca atingiu-me forte o bastante para fazer-me cambalear. Virei-me. Mia, com seus olhos azuis, no lado oposto do bar revestido com neon ergueu seu copo (um objeto cenográfico, obviamente) com um sorriso. Mãos brancas calmas e inteligentes e batom vermelho-escuro. Uma mulher de beleza impressionante que cheirava como um tanque de bosta de porco e carne podre. Você pode avaliar a dissonância cognitiva. De todo modo, ela não se moveu. Fiquei em Paris dois dias, desanimado demais até mesmo para um passeio de

despedida pelo Louvre. Contratei uma acompanhante ruiva de seios grandes e atlética e fiquei surpreso com a veemência do meu clímax. Após o coito, tentei, através de uma correspondência sustentada entre a ejaculação vulcânica e a capacidade de afirmar a vida, desenvolver um pouco de sentimento por ainda estar aqui. Fracassei. A libido, fui obrigado a concluir, era uma guerreira solitária lançando-se no campo de batalha do qual todos desertaram.

Finalmente, cinco dias depois de despertar no porão do *Hecate*, tomei um voo noturno da British Airways do Charles de Gaulle para o Heathrow, em Londres.

*

Onde tudo – *tudo* – mudou.

*

Jesus Cristo, Jake, escute. Há...

Agora sei o que ele iria dizer.

("E você não acredita em destino?", disse ela para mim.)

("Acreditarei em qualquer coisa que você me diga", eu disse.)

Um grande golpe para o departamento do *se* e *então*. Se eu não decidisse tomar o Heathrow Express em vez de um táxi... Se eu não tivesse parado para comprar cigarros no desembarque... Se eu não tivesse tomado o trem para Paris... Se eu não tivesse passado a noite em Arbonne... Se, se, se. Abraça o determinismo e você estará acorrentado até o começo. Do universo. De tudo.

("Não segundo Stephen Hawking", disse ela. "Assisti a um programa na PBS. Ele vê o espaço-tempo como um tubo

tetradimensional e fechado, como a superfície de uma esfera, sem começo nem fim. É uma ideia elegante, mas ainda não consigo deixar de vê-lo à moda antiga, como se o espaço-tempo fosse uma bolha flutuando em meio a, você sabe, algum outro espaço, com algum outro tempo transcorrendo.”)

(“Venha aqui”, eu disse. “Venha *aqui*.”)

Ela estava desembarcando do trem, eu aguardava para embarcar. Três portas além da minha no vagão, ela pisou com saltos altos na plataforma e, em um instante, vi-a ser ajudada pelo casal nórdico com membros longos na frente do qual ela caíra inexplicavelmente de joelhos.

Inexplicável para ela. Não para mim. Li seus lábios enquanto ela falava automaticamente “Oh, céus... Ah... Obrigada, obrigada, sim, estou bem, não sei o que aconteceu, sou tão tola, muito obrigada” e os enormes suecos ou noruegueses ou finlandeses cobertos de pelos louros com uma gentileza gigantesca e queimada de sol ajudaram-na a se levantar e entregaram a ela a mala com puxador e a bolsa – ela agiu automaticamente, sim, mas estava olhando para outro lugar, para todos os lugares, com uma selvageria contida que beirava o pânico pela fonte do poder que derrubara momentaneamente a realidade daquela maneira.

Eu, em outras palavras.

Jesus Cristo, Jake, escute. Há uma fêmea.

Lobisomem.

Sem preparação. Sem aviso. Apenas todo o volume de meu eu estirado diante dela e todos os meus mortos devorados chocados a ponto de ficarem imóveis. Eles deveriam pensar que o fim das coisas – liberação, dissolução final, paz – estaria perto. Em vez disso, Marlowe despertado arrebatadoramente em um mundo lançado na renovação...

Enquanto isso, novamente de pé e livre das mãos que a ajudavam, ela parou trêmula, segurando a bolsa, rosto úmido, o corpo discernivelmente torto. Ela tinha a aparência de uma correspondente estrangeira pega desprevenida por uma explosão no meio de uma reportagem. Pouco mais de 30 anos, olhos da cor de chocolate puro e cabelo similarmente escuro em duas ondas suaves até os ombros. Uma única verruga ou pinta de beleza no canto da boca. Pele branca mas com calor e doçura que revelava – seguramente? – sangue levantino ou mediterrâneo. Certamente, não era “linda” ou “bonita”, mas atraente ao modo de Salomé, visivelmente maculada pelas permissivas sabedorias modernas. Era uma garota que fora amada pelos pais e crescera consideravelmente para além deles. Ela pensava neles agora, com uma pequena dor cauterizada de celebração, como crianças ou simplórios. Vislumbrei mentalmente imigrantes genéricos nos EUA de pé na entrada de um conjunto habitacional, acenando para ela em despedida, cheios de orgulho e com o coração partido. Ela vestia uma capa impermeável bege sobre uma blusa branca e uma saia marrom riscada mas, sem nenhum esforço (já que não havia nada que me impedisse), vi-a dançando nua, exceto por um véu e um rubi no umbigo. Ao ler os lábios dela quando falou com os nórdicos solícitos, identifiquei-a como americana, e a bolsa reforçou a impressão, o merecimento casual de coisas úteis. Enquanto eu absorvia tudo isso, a consciência dela avançava rapidamente pelo túnel, empurrando apressadamente a multidão que se dispersava, sabendo que em algum lugar... em algum lugar muito próximo...

Recuei para uma das saídas da plataforma, consegui – por pouco – não me comprometer e colocar as mãos nela. *Ela!* O pronome elevava-se à primazia. Ali estava o reconhecimento como que de um tempo hermafrodita, antes da divisão do nascimento. A primeira

visão de Arabella no saguão do Metropole gerara uma aceleração de esperança, não de medo, apenas uma gravidade não negociável, uma queda pela fêmea animal pura igual à da guilhotina até o cepo.

Jesus Cristo, Jake, escute. Há uma fêmea.

Ela engoliu em seco e desgrudou a camisa do corpo. O aroma dela era uma perversão quente, um coquetel sujo de *femme* perfumada e o fedor lascivo de lobo. Fresco, é claro, da transformação apenas quatro dias antes. Além disso, ela se alimentara. Ah, sim. O fantasma da empanturrção estava lá, em seus olhos, apesar de ela preservar algo da ingenuidade da jovem recém-formada na faculdade abrindo caminho no chocante mundo do trabalho, determinada a seguir em frente, a assimilar as degradações, a dominar as atrocidades.

O agente de cabeça raspada da WOCOP espreitava ao final da plataforma. Na ausência do cheiro de vampiro, precisei presumir que houvesse algum amigo deles no local, apesar de ainda não o ter identificado. Será que a Caçada ou os mortos-vivos sabiam a respeito dela? *Ela!* Será que *eu* não soubera, em algum lugar nos recantos do decorrer dos dias? Eu mesmo perguntara inúmeras vezes: "O que está esperando, Jacob?"

As narinas dela se abriram. Tornar-se lobisomem quase a destruíra, mas ela resistira. Com isso, ela descobrira a verdade conradiana: o primeiro horror é que há horror. O segundo é assimilá-lo. E ali, nos olhos escuros como café espresso, *havia* a assimilação, a submissão à experiência que ela fizera no silêncio de seu coração, chocada consigo mesma, quando decidira aceitar o que era, quando decidira matar outros em vez dela própria. Agora, ela fora acometida pela fome feroz e realizara atos vis e começara a ensinar a si mesma como aumentar a capacidade de perdoar a si

própria. Você faz o que faz porque é isso ou a morte. Ela tivera uma infância cheia de segredos e, agora, aqui estava o Grande Segredo para justificá-los. Ela era...

Calma, Marlowe. Por Deus, pense! Praticabilidades. Será que sabiam a respeito dela? Como poderiam *não* saber? Harley soubera, eu tinha certeza, e se Harley sabia, por que não também o restante da organização?

Impossível saber. Portanto, presuma que não saibam. E, a partir deste instante, faça tudo que puder para assegurar que nunca, jamais descubram.

Algo mais estava acontecendo. (Não importa o que esteja acontecendo, como observou a finada Susan Sontag, sempre há algo mais acontecendo. O trabalho da literatura é honrar isso. Não é de surpreender que as pessoas leiam.) O algo mais que acontecia era minha admissão distanciada de que a balança pendera de volta – *desabara* de volta, com uma instantaneidade risível – a favor da vida. Admissão distanciada – ou desanimada? Resignação quanto à morte pelo menos simplificava a vida que ainda restava. E agora? Complexidade? Incoerência? *Preocupação*, mais uma vez? E algo *mais* estava acontecendo. (O número dessas outras coisas é infinito, o inferno com o qual a literatura se depara todos os dias. É incrível que qualquer um escreva.) Sob a primeira admissão, havia uma segunda, obstinada: sentir uma única vez o aroma dela fizera o que a tortura e a morte de Harley não conseguira. Esta era minha medida de referência, uma gigantesca pedra ereta de decepção caso eu quisesse olhar para ela. Mas o fedor sensacional dela retornou outra vez – querido *Deus* – e o sangue voltou a inflar meu pau ingenuamente. Que as facções da consciência se preocupem com minúcias: eu tinha trabalho a fazer.

E a vida sem amor?

Meus mortos como um sindicato de trabalhadores em uma legião silenciosa com Arabella, atendente em uma loja, à frente.

O Expresso de Heathrow partiu. Exceto por um punhado de passageiros, todos que desembarcaram haviam atravessado as saídas e apressavam-se rumo às escadas rolantes. Uma espiadela furtiva revelou que ela permanecia na plataforma, aparentemente esfregando uma mancha de fuligem na saia mas, na verdade, com uma consciência arrebatadora, ainda procurando a fonte do odor que a fizera cair. Meu cheiro. Eu. Ela recobrou-se, apesar do rosto ainda brilhante de suor. Ela fora atingida em um ponto fraco, mas agora a curiosidade estava atizada, espertas luzes femininas nos suaves olhos escuros. Ela levantou a mão e, com o dedo mínimo, ajeitou uma mecha de cabelo que se prendera à testa úmida. Muito levemente, ergueu o queixo. Estava com a respiração pesada, uma adorável insinuação dos seios contra a blusa. *Sei que você está aqui, em algum lugar.*

Aguardei até que ela atravessasse a saída mais próxima e deixei passar o máximo de tempo que consegui ousar. Depois, segui-a.

O desafio, seguindo-a pelos túneis ventilados e pelas esteiras rolantes até as luzes brilhantes e os anúncios das partidas, era manter distância. Uma única vez, cheguei perto demais e ela parou, virou-se e deu alguns passos na minha direção. Precisei me esconder em uma entrada para romper a ligação – e com casualidade suficiente para que o agente da WOCOP que me seguia não percebesse nada.

*Havia um vampiro, afinal de contas, um homem negro alto de cabelo grisalho com um brinco, uma argola de ouro, observando do alto, na varanda do andar do *check-in*. Outra dor de cabeça: preciso permanecer perto o bastante da minha garota para encobrir seu cheiro sem fazê-la virar a cabeça ou segui-la a uma distância curta demais. Ela tirara o casaco bege e pendurara-o no braço, revelando uma atraente silhueta e movimentos que transmitiam uma autoconfiança não natural, e sim adquirida. Eu *não* conseguia apagar a ideia dela como a boa filha de pais imigrantes nos EUA, ciente do trabalho e do sofrimento suportados para torná-la o que era, sua *bone fide* Garota Americana, fluente em nomes de marcas*

e armada com educação, seguro de saúde, opiniões políticas, tratamento ortodentário, poder aquisitivo – apesar desta e de todas as outras projeções inaugurais estarem poluídas pela presença do vampiro como mãos pressionando meu crânio do alto.

Ela parou sob um dos monitores de informações. Parei, ostensivamente para dar um telefonema com o celular. Os problemas logísticos acumulavam-se: em um momento, ela encontraria seu balcão para o *check-in*, pegaria o cartão de embarque e passaria pela segurança, para o vasto purgatório da sala de embarque. Como eu a seguiria? Obviamente, compraria uma passagem para onde quer que ela estivesse indo. Contudo, a menos que o balcão atendesse um único voo, como eu saberia para onde ela iria? Eu não chegara perto o bastante para ler a etiqueta em sua mala. E se ela fizesse um *check-in* automático?

Não restava mais nada a fazer: eu precisava abordá-la agora.

Assim que me movi em sua direção, ela afastou-se – mas apenas até a fila de atendimento da Travelex. Ela era a quarta na fila.

– Não se vire – falei em voz baixa. Eu ainda segurava o celular contra o ouvido. Nos vinte passos que dei para alcançá-la, senti-a sentindo minha aproximação, forçando-se a permanecer calma, controlando-se para *não* se virar. O calor envolveu-a como uma aura ondulada. O cheiro dela era um anel atravessando meu nariz de touro. Ela tremia. Era preciso estar próximo para perceber, nos saltos altos, nos pulsos, no cabelo. No último instante, contive-me para não agarrar sua cintura e pressionar minha virilha contra sua bunda e encher as mãos com seus seios e enterrar meu nariz em sua nuca.

– Sei o que você é e você sabe o que sou. Tem um celular?

– Sim.

– Diga-me o número.

Americana, o sotaque confirmou quando ela recitou o número sem hesitação. Digitei o número mas não o salvei nem fiz uma chamada.

– Estou sendo vigiado – disse. – E, até onde sei, você também, portanto faça o câmbio aqui e depois vá para o Starbucks diretamente no lado oposto do saguão e aguarde meu telefonema. Entendeu?

– Sim.

– Não fique com medo.

– Não estou.

– Você está sentindo, certo?

– Sim.

Uma grande escuridão de alívio atravessou meu corpo. Quase desmaiei. Ela foi até o caixa da casa de câmbio e abriu a bolsa.

Só Deus sabia se o celular era seguro. Exceto para ouvir novamente o recado cortado de Harley, eu não o utilizara, mas como ele passara pelas mãos de Jacqueline Delon, eu precisava presumir que estivesse comprometido. Copiei o número nas costas da mão e apaguei-o da tela do Nokia. A Travelex forneceu-me dez moedas de 1 libra e atravessei o saguão até um telefone público.

Ela disse:

– Alô?

– Estou vendo você. Aqueles dois caras com as mochilas conseguem ouvir você?

– Não?

– Certo, ótimo. Mas não olhe muito obviamente nesta direção.

– Você estava na plataforma.

– Sim, desculpe-me por aquilo.

– Eu senti. Isso é... Quem está vigiando você?

– É uma longa história. Não aqui. Para onde vai?

– Nova York.

– É onde mora?

– Sim.

– Qual o horário do voo?

– Onze e meia. – Ela arriscou um olhar direto. Nossa primeira comunicação transparente, a qual nos silenciou por um instante, pois confirmou que tínhamos entrado no reino da inevitabilidade. – Posso perdê-lo – disse ela.

Você está sentindo, certo? Sim. Não somente a abstenção da conclusão sexual, mas também a transfiguração do mundano: carrinhos de bagagens; telas de informação; logotipos de companhias aéreas; famílias feias. Cada humilde átomo glorificado. *Posso perdê-lo.* A certeza mútua poda o discurso e aqui estava nosso discurso, podado. Ela simplesmente não entraria no avião. Tudo que era egoísta e fraco em mim jazia pesadamente sobre o pouco que não era. Ela pegaria um quarto em um hotel do aeroporto. Eu despistaria o vampiro e o policial. Eu iria para o quarto. Ela estaria sentada na beira da cama quando eu entrasse. Ela olharia para cima.

– Não é seguro – disse. – Precisamos saber se sabem a seu respeito.

– O cara negro no andar superior – disse ela. – Tem algo...

– Ele é um vampiro.

Outra primeira vez, revelada pelo rosto dela e pelo silêncio. Mas também, depois, uma pequena demora: por que não? Na verdade, é claro, *é claro*, vampiros. Ela aprendera: o mundo fazia esses movimentos convulsivos repentinos para revelar cada vez mais sua personalidade estranha para uma elite amaldiçoada aleatória. Enquanto isso, a *Bloomingdale's* e *Desperate Housewives* e o Natal e o governo seguiam em frente. Ela seguia em frente por conta própria, em uma fusão extraordinária. Eu percebia em seus ombros

tensos e no rosto vermelho e no cuidado com o qual aplicara a maquiagem. Apesar de se transformar em um monstro. Minha cabeça doía (ah, o coração estava desperto agora, o coração estava *em riste*) por ela precisar ser brava completamente sozinha.

- Ficou enjoada? – perguntei.
- Ainda estou, um pouco.
- Quando começou?
- Logo agora, quando entrei nos *check-ins*.
- E nada antes?
- Nada.
- Nada *nunca*?
- Não, desse jeito, não.

Ótimo. Se ela jamais encontrara um vampiro, era provável que o chupador no andar superior fosse somente para Jacob Marlowe. O cheiro dela deveria estar retorcendo as entranhas dele, mas sem saber que havia outro uivador no local, o vampiro o atribuiria a mim.

– Não olhe até que eu diga quando – disse. – Mas tem um cara tipo Bruce Willis com um casaco de couro marrom e camiseta branca de pé sob as telas de informações à sua esquerda. Preciso saber se já o viu alguma vez. Certo, olhe agora.

- Não o reconheço – disse ela. – Quem é?
- Você não sabe a respeito da WOCOP, não é?
- O quê?
- É uma organização que... Merda, há coisas demais para que eu as explique agora. Tudo que precisa saber por enquanto é que não são nossos amigos. Nem os vampiros. Precisamos tomar cuidado.

Uma pausa. Depois, ela disse:

- Não pegarei o avião.

O que me obrigou a arriscar um olhar por conta própria. Ela encarava-me com uma consciência plenamente desperta. Não importava o que mais fosse verdade, é verdade que aquilo foi um alívio para ela, uma vindicação por todas as horas e dias de se segurar com ferocidade: você *não* está sozinha. A facilidade com que poderia desligar o telefone e andar até ela e tomá-la nos braços era uma tentação satanicamente racional. Eu conseguia me ver fazendo aquilo, sentia o macio encaixe de seu corpo contra o meu. Sei o que você é e você sabe o que sou.

– Eu não *quero* que você pegue o avião – eu disse. – Mas precisamos ter certeza de que não sabem a seu respeito. – Nós já éramos “nós”. É claro que éramos.

– Era você no deserto? – perguntou ela.

– O quê?

– Na Califórnia. Há nove meses. Quando fui atacada. Foi você?

Eu vira o arquivo. No final de junho de 2008, a Caçada matara o lobisomem Alfonse Mackar no deserto de Mojave. O que deixara somente Wolfgang e eu nos registros. Ou era o que a WOCOP pensara.

– Não, não fui eu.

Ela mordeu o interior do lábio por um instante.

– Não, não foi você. Consigo... sentir.

Uma mistura: prazer, constrangimento, alívio. De repente, com nós dois no mesmo local, mesmo em um espaço tão expansivamente sem alegria quanto uma área de *check-in*, ela conseguia sentir várias coisas. Eu também. A intimidade era, literalmente, risível. Rir estava risivelmente disponível.

– Quantos existem... Como nós?

Um esforço para escolher o que perguntar primeiro, repentinamente diante da possibilidade de obter respostas.

– Eu era supostamente o último – disse. – Mas agora existe você. Não sei como. Não sei o que significa.

Ficávamos desviando o olhar um do outro, depois nos olhávamos, desviávamos os olhos, olhávamos de novo. Era hipnótico. Para ela, assim como para mim, havia uma vaga percepção de todas as coisas que nós, em nossa certeza perfeita, não precisávamos dizer, como se páginas de um roteiro de um filme na TV – *Não acredito que isto esteja acontecendo... Eu soube desde o primeiro instante em que vi você* – rolassem em um teleprompter que ambos ignorávamos.

– Não posso ir agora – disse ela. – Você não pode me pedir isso. É ridículo.

Imagine se há 160 anos eu tivesse cruzado com outro da minha espécie em uma estação ferroviária. Alguém que baixasse sua cópia do *Times*, olhasse sobre os óculos e dissesse: Sim, sei tudo a respeito, mas você precisará esperar.

– Sei que é difícil para você – eu disse. – Também é para mim...
– Nossos olhos se encontraram outra vez e ainda permanecia a hilariante transparência mútua, o conluio furioso. – Mas não há outra maneira de termos certeza. Por favor, confie em mim. Quero apenas saber que está em segurança.

– Para que querem você? Querem nós?

Contei o que sabia, saltando tudo, exceto as partes importantes. Helios, os vampiros, o vírus. Ela ouviu com as sobrancelhas levemente franzidas, um braço envolvendo o próprio corpo. Ela poderia ser uma jovem mãe ouvindo um relatório do mau comportamento inadequado do filho na escola. O cabelo escuro emoldurava o rosto dela em duas delicadas meias-luas. Um visual vagamente dos anos 1970, sub-*As Panteras*. Eu estava pensando,

com um misto de amargura e alegria: todos esses anos. Todos esses *anos*.

– Sairei do aeroporto – eu disse a ela. – Você fica. Se não souberem a seu respeito, irão me seguir. Pegue o voo para Nova York. Encontrarei você quando os despistar. Não levará mais de um ou dois dias.

– Espere. Isto é loucura. E se não seguirem você?

– Vão me seguir. Caso contrário, voltarei e pensaremos em outra coisa.

– E se houver outros vampiros?

– Telefonarei para você em trinta minutos. Se houver outros, você ficará enjoada, e se um deles entrar no avião com você, ficará *muito* enjoada. Mas é improvável. Caso coloquem alguém no avião com você, será um colaborador, um humano. Eles não farão nada desde que você permaneça em locais públicos, mas mantenha os olhos abertos.

– E quanto aos caras da WOCOP? – perguntou ela. – Como saberei se estão me seguindo?

O charme das sobrancelhas franzidas em concentração permanecia. Ela parecia agora uma secretária recebendo uma quantidade impressionante de novas instruções, obrigando a si própria a permanecer calma, obrigando-se a ser capaz de atender a demanda desumana.

– Não saberá. Mas não há nada que possamos fazer a respeito agora. De todo modo, eles não agirão ainda. São caçadores de troféus. Esperarão até a próxima lua cheia. – As palavras “lua cheia” fizeram com que nos olhássemos de novo. Todas as coisas importantes sobre as quais nada falamos. Eu estava na última moeda de 1 libra. Memorizei o endereço dela em Nova York.

– Não posso simplesmente *ir* – disse ela. – Preciso de respostas.

– Você as terá, apenas não desta maneira. Preciso saber que está segura.

Uma doce pontada aguda em meu peito quando falei, pela simples razão de que era verdade. De repente, algo importava. Nos filmes, alguém encontra uma nave espacial que ficou enterrada por milhares de anos e a liga – e todo o sistema vibra magicamente de volta à vida, luzes, medidores, indicadores, mecanismos. O adorável e excitante pensamento de que tal capacidade existira todo o tempo, esperando.

– Diga-me uma coisa – disse ela. – Existe uma cura?

– Não.

Ela fechou os olhos. Engoliu em seco. Absorveu. Ela desenvolvera uma nova personalidade glamorosamente deformada para assimilar que era um lobisomem, mas ali, no fechar dos olhos e no engolir em seco, houve um indício do quanto da antiga personalidade restava, permitida a permanecer sob a condição de que ela pudesse fingir que não existisse realmente. Mesmo tal pronunciamento – não, não há cura – não a matou totalmente. Ela provavelmente sobreviveria por décadas, segurando a esperança nas mãos como um carvão em brasa.

– Não fique sozinha depois do pôr do sol e não durma à noite – disse. – Você deve ir a uma boate ou bar ou outro lugar. Durma durante o dia. Com alguém, se for uma opção, mas somente com alguém que conheça bem.

Agora, imprudentemente, estávamos nos encarando. A certeza de *wulf* dentro de nós era tão feia e excitante quanto uma enorme hemorragia em um chão de lajotas brancas. Mas havia também a outra certeza, humana, um choque para nós dois. Anacrônico nestes dias e nesta era, quase constrangedor, vislumbrei Ellis e Grainer e

uma equipe de Caçadores equipados cercando-nos, gargalhando sem parar.

– Espero que venha mesmo atrás de mim, porra – disse ela em voz baixa. A postura não era absoluta. O desespero estava bem ali, apenas aguardando o consentimento dela. Os cílios escuros e a pinta de beleza eram os destaques eróticos do seu rosto.

– Irei.

– Prometa.

– Prometo.

– Isto é loucura. Há tanta... Não sei *nada*.

– Mas saberá. Tudo que sei, o que não é muito.

– Você ligará para mim em meia hora?

– Confie em mim.

Uma pausa. Nossos olhos encontram-se outra vez.

– Você sabe que confio.

Momentos como minúsculas engrenagens; um estalido oleoso e as placas tectônicas movem-se gigantescamente e, de repente, você está dizendo “confie em mim” e ela está dizendo “você sabe que confio”. Por trás das questões imediatas – os *ses* e *entãos* ainda nos cercando – havia a eventualidade carnal, na verdade *duas* eventualidades carnis: o encontro em carne humana, e...

Eu sabia que aquilo permaneceria indizível, a outra consumação, deliciosamente contida na boca, no coração. Ela enviara uma intimação de si mesma para nós de volta do futuro que lacrou nossos lábios. *Esperarão até a próxima lua cheia*, eu dissera, e como que através de uma piscada de um Terceiro Olho, vimos que *nada, nada* se compararia a...

E acabou.

– Eu realmente não quero que você vá – disse ela.

– Eu realmente não quero ir.

Mas fui. Escolhi um táxi irregular de Heathrow, dei uma gorjeta ao motorista (um rastafári com *dreadlocks* e um chapéu de couro do tamanho de uma caixa de correio) e 50 libras adiantadas pelo uso do celular dele. O carro, um Mondeo que não recebera amor, fedia a *ganja* e a comida chinesa. Ela atendeu depois de um único toque.

- Como está se sentindo?
- Nenhum enjoo. Os dois seguiram você quando partiu.
- Perfeito.
- Você não pode falar livremente, não é?
- Não.
- Não consigo suportar isso. São 5 mil quilômetros.
- Estarei lá antes que possa se dar conta.
- Somos realmente os únicos? – perguntou ela.
- Pensei que *eu* fosse o único, mas agora que existe você, não posso ter certeza de nada.

Exceto que agora, pela primeira vez em meio século, estou...

– Isto é como despertar. Estive... – suspirou ela. Imaginei-a apertando as mandíbulas, fechando os olhos, controlando-se. – Você sabe o que é isso? – perguntou ela, pouco depois. – Isso se enquadra em alguma coisa?

“Isso” quer dizer a Maldição. “Isso” quer dizer Ser um Lobisomem. Encaixava-se em algo? Algo tipo Deus ou o Diabo ou OVNIIs ou vodu ou clarividência ou vida após a morte? Não era possível disfarçar o medo dela de que se encaixasse, a esperança de que se encaixasse, a profunda suspeita de que não.

– Não mais do que qualquer outra coisa – disse. – Estamos aqui, fazemos o que fazemos, é tudo. Você leu os contos de fadas, obviamente. – O livro de Quinn, decidi, poderia esperar. Já havia o bastante para ela assimilar sem acrescentar o antigo deserto, cães loucos e corpos mortos. Além disso, o motorista estava escutando. Não um laçao dos vampiros, tampouco da WOCOP, a menos que os agentes tivessem melhorado muito em se disfarçar, mas eu não queria que tivesse nada de útil para dizer quando fosse interrogado. Na verdade, eu precisaria pagar-lhe um valor absurdo pelo celular ou destruí-lo e correr o risco de uma cena. Poucas coisas são mais cansativas do que um taxista chapado com ilusões de artes marciais. – Eu gostaria que houvesse um grande segredo que pudesse revelar-lhe – disse a ela. – Mas não há.

– Eu tinha uma sensação de que você diria isso – respondeu. Ela absorvera a primeira onda de choque: eu, o encontro, a confirmação do mundo no qual caíra nove meses atrás, a atração brutal, o arremesso violento para um novo teatro. Ela assimilou rapidamente, na velocidade de Manhattan. Ali, já no “tinha uma sensação de que você diria isso”, estava sua personalidade maior, mais calma, mais sofisticada, a qual sempre a esperava depois que qualquer furor ingênuo temporário morria. Já havia ali o

reconhecimento de que o que quer que aquilo fosse, era o começo de uma ligação de proporções fabulosas. Já havia ali o aspecto astuto, o curioso, o divertido. Havia ali a inteligência comprometida com a vida, a qualquer custo. *Eu* era quem ainda vibrava, sorrindo, saltitando de excitação. O impulso de agradecer a Deus, no final das contas, persistia. Algo em mim olhou... para o alto, humildemente.

– Alguém sabe a seu respeito? – perguntou ela. – Quero dizer, além dos vampiros e dos agentes?

– Não mais. E você?

– Não. Tenho meu pai, mas isso o mataria. Não posso.

– Compreendo. Não se preocupe. Ajudarei você.

– Você virá me encontrar, não é?

– Você realmente precisa perguntar isso?

– Diga novamente meu endereço.

– Desaconselhável. Por favor, acredite, sei qual é.

O motorista desacelerou para o desvio em Chiswick, pegou um sinal verde e disparou. Começou a chover. Se o chupador fosse capaz de voar, estaria molhado e com frio lá no alto.

– Ainda não entendo por que devo pegar o voo – disse ela. – Por que não posso simplesmente me hospedar em um hotel aqui?

– O país é pequeno demais. Você precisa confiar em mim. Tenho feito isso há muito tempo.

– Quanto tempo?

– Mais uma vez, desaconselhável.

– Você é velho, não é?

– Sim.

Uma pausa. Ela começava a perceber o que significaria obter as respostas. Sem elas, seguir em frente poderia ser um mero reflexo

cego. Com elas, era uma decisão informada. Um lobisomem por opção, pode-se dizer.

– Quanto tempo viverei?

– Muito tempo.

– Cem anos?

– Tente quatro vezes mais.

Silêncio. Eu podia sentir o esforço dela diante da imensa expansão lógica do presente (através da ficção científica, da Microsoft, do programa espacial) para o futuro. Impossível: sabemos que a expansão lógica não dará conta. Sabemos que o futuro distante envolverá saltos inimagináveis, talvez cômicos.

– Mas você terá a mesma aparência – eu disse. – Isso ajuda?

Ela não respondeu. De repente, o peso total da solidão dela – *dela*, não da minha – caiu sobre mim. *Tenho meu pai, mas isso o mataria.* Durante nove meses, ela suportara essa vida. Já encontraram crianças de 3 e 4 anos que sobreviveram sozinhas em suas casas por vários dias, comendo açúcar, ketchup, manteiga. Você não gostaria de pensar como fora para eles. Eles eram repreensíveis, de certo modo. A menos, é claro, que você tenha passado por isso por conta própria. A menos, é claro, que fosse um deles.

– Merda – disse ela. – Preciso fazer o *check-in*. Se eu for mesmo viajar.

– Você vai. Lembre-se: lugares públicos à noite, certo?

– E telefonar para um ex para dormir comigo durante o dia.

– Estou falando sério.

– Certo, mas quanto mais demorar para você chegar, mais tempo precisarei dar para outra pessoa.

– Mudei de ideia – eu disse. – Durma na biblioteca pública. Beba café. Tome estimulantes.

– Nem sei o seu nome.

Pseudônimos como um ciclone de folhas mortas. Eu no meio, eu mesmo.

– É Jake – disse.

– Você tem sorte. Jake é um bom nome.

– Considerando?

Uma pausa. Então:

– É melhor acabar logo com isso, imagino. Meu nome é Talulla.

*

Você não deve se apaixonar por uma mulher porque terminará matando-a.

Não se ela for um lobisomem.

Não inventei as necessidades. Mas sou preso a elas.

*

Não havia o menor interesse em enfrentar o vampiro. Não com meu novo investimento em não morrer. Mais simples aguardar o amanhecer e a mudança de turno com o representante humano. Sendo assim, pedi que o táxi me deixasse no Caliban's, um clube noturno (na verdade, propriedade de uma das subsidiárias de uma das subsidiárias de uma de minhas subsidiárias) na New Oxford Street, onde fiquei, usando como boia salva-vidas as anfetaminas compradas às pressas, até as 5 da manhã. Café da manhã com ovos Benedict (o primeiro alimento humano desde o deprimente banquete individual no porão do *Hecate*) no Mikhail's, em Holborn, sustentou-me até as 6 horas, quando um Audi com vidros espelhados parou para o vampiro e do qual desembarcou um par de

colaboradores. O vigia da WOCOP também fora substituído. *Três* agentes, até onde percebi. Aquilo estava ficando ridículo. Deixei o café, comprei um maço novo de Camels em uma banca de jornal e perambulei até a Trafalgar Square. Londres estava desperta e ativa. A chuva parara e o céu estava absurdamente bonito, uma única camada de pequenas nuvens farinhentas, tingido de cor de pêssego pelo sol nascente. Somente os jovens, os loucos e os recém-apassionados percebiam. O resto da cidade abaixava a cabeça e arava chorosamente para mais um dia de neurose.

Comprei um celular novo e telefonei para Christian, no Zetter. Eu queria um corte de cabelo, uma massagem, um banho quente e um pouco de tempo e espaço para me preparar para o laborioso trabalho de escapologia.

Talulla, luz da minha vida, fogo do meu púbis... Ta-lul-la: a ponta da língua em uma viagem de três pontos ao descer pelo palato.... Ta.Lul.La.”

– Talulla já é ruim o bastante – disse ela. – Junte com “Demetriou” e você entra no reino do ridículo.

Era de tarde e estávamos deitados na cama da Park Suite Edwardian no New York Plaza, e acabávamos de fazer sexo pela quinta vez em aproximadamente seis horas. Jamais tive uma irmã, mas imagino que, caso tivesse, fodê-la teria uma sensação parecida com a de foder Talulla, em algum ponto pouco depois de nossos 20 anos, dando-se conta disso com uma capitulação prazerosa depois de anos de telepatia adolescente suja.

– Talulla Mary Apollonia Demetriou – disse ela. – Mesmo em Nova York, você diz isso e pensam que está falando em vulcano ou algo do gênero.

Foram necessárias menos de 24 horas para despistar os homens que me seguiam, se bem que depois de um cansativo e épico jogo antiquado de gato-e-rato. Com a ajuda de Christian, saí do Zetter

sob uma pilha de lençóis sujos em um carrinho da lavanderia e fui colocado na parte traseira da van da companhia de limpeza. Foi o suficiente para os lacaios dos vampiros. Mas não para o agente, o qual detectei ainda no meu encalço praticamente cinco minutos depois de sair do depósito. Não fiquei muito surpreso. Christian é de confiança, mas não pode mais haver qualquer dúvida de que o informante da WOCOP no Zetter abriu o bico.

Depois de três horas trocando de trens no metrô e de táxis pretos (e quatro agentes), eu estava de volta ao Heathrow, se não absolutamente certo de que os despistara, então motivado além da preocupação pela necessidade premente de revê-la. Viajando na classe executiva como Bill Morris (uma passagem de primeira classe comprada no próprio aeroporto chamaria a atenção de qualquer observador), eu tinha toda a extensão do Atlântico para mimar e tamborilar meu desejo. Quando ela chegou no saguão do hotel usando óculos escuros e um vestido de caxemira, eu atingira o auge da agitação. Considerando que eu esperava uma primeira foda tão intensa, de fazer os olhos explodirem. Na verdade, foi algo de uma deliberação lenta e hiperconsciente. Similarmente, seria de se esperar um mergulho de cabeça na biografia de lobisomem, uma compulsão imediata por comparar anotações de uivadores. Mas não. O reflexo profundo foi o de procrastinação. De falar sobre o que éramos seria, a longo prazo (mas não tão longo assim), falar sobre a morte. Tínhamos aquela única oportunidade de nos unirmos como se o resto do mundo não existisse. Posteriormente, a rosa adoeceria.

Wulf estava conosco. *Wulf* sabia o que estava acontecendo. *Wulf* queria entrar, materialmente. *Wulf* vagueava pelo sangue, subindo rapidamente apenas para efervescer em nada na superfície da pele. *Wulf* balançava e sacudia a cabeça, dependurava sua língua

degenerada e nos envolvia em seu temor feral, um odor tão denso quanto o fedor de um zoológico lotado. Se não estivesse obtendo nada mais de nós, obtia pelo menos a admissão primária, a de que sabíamos o que éramos, que tínhamos os dois sentidos a paz que transmite o conhecimento, que isto, agora, sexo na forma humana, era o precursor imperfeito, o profeta que balbucia, um mero batista para o Cristo vindouro. *Wulf* sabia o quanto seria bom e, mesmo em suspensão, não nos poupou de compartilhar o conhecimento. Portanto, sabíamos. Sabíamos desde o primeiro olhar no aeroporto. Sempre soubemos.

Seis vítimas humanas, contei. Um número suficientemente baixo para que cada uma permanecesse um perfume bruto, resquícios fantasmagóricos no cheiro intrincado e generoso de sua boceta, na flor quente de seu hálito. Ela iria contar-me em seu próprio tempo, ambos sabíamos. Por enquanto, era a obscenidade drapejada. Meus próprios mortos uivantes, descrentes do acordo quebrado, foram descarregados novamente no sangue que corria rápido. Somente o espírito de Arabella permanecia parado, encarando-me com...

Desta maneira?

Sim, desta maneira. Não pare. Não pare.

Encontramos maneiras. Esta é a história, a história humana, a história do lobisomem, a história da *vida*: encontramos maneiras. Beijar, lentamente, foi uma delas. Apesar do cabelo e dos olhos escuros, ela tinha a pele clara, um contraste sensual que exigia uma reapreensão constante. *Tudo* nela exigia isso (ou melhor, todo meu desejo exigia), a repetição, o de novo incessante. A pinta ao lado da boca era uma entre a cerca de uma dúzia espalhada sobre seu corpo. Minhas novas constelações. Não houve representações, nenhuma pornografia, apenas a conversão completa para a religião do outro, aquela equalização erótica que escarnece da distinção

entre o sagrado e o profano, que em um toque anarquiza o mundo moral do corpo. Todo o amor e o mimo dos pais dela estavam ali, na confiança astuta das coxas abertas. Ela sabia a medida de suas riquezas. O lobo primeiro a estuprara e depois a tornara maior, impôs a ela, além dos dons humanos, a isenção nauseante das ordenações e dos limites da cidade moral. Você aceitava o lobo e crescia, ou rejeitava-o e morria. Quando menina, ela tivera os brinquedos macios e o quarto cor-de-rosa, as aspirações para o balé, as fixações por pôneis. Tudo isso ardeu em chamas e mudou, livros, uma boca esperta, encontrando o equilíbrio entre sofisticação e indecência, um pouco de ganância material, a dor de cabeça de ser bonita o bastante para que a politização fosse uma obrigação executada sem qualquer ânimo, depois o trabalho, os negócios e as estratégias de sobrevivência que mudavam todos os dias, as quais tornavam estranhas as discussões entre os calouros ao longo das madrugadas. Tudo isso permanecia ali, diminuído sob o arco do pé do monstro. O desafio era encontrar o perverso pensamento sanguinário para preservar ambos, o que ela costumava ser e o que era agora.

Foder (a expressão “fazer amor” insinuou-se, com certa legitimidade) permitiu que a clarividência se agitasse um pouco entre nós: eu estava olhando através de seus olhos quando ela tinha 8 anos, sentada em uma varanda nos fundos de casa, tremendo nervosa diante das sombras das folhas e sentindo a dor de uma gigante injustiça. Ali estava ela, atrás de mim na biblioteca iluminada pelo sol – *WEREWULF* – em Herne House. Havia um céu brilhante sobre um campo escuro com um celeiro holandês solitário. Em outro lugar, uma loja de carros, luzes refletidas no excesso de vidro. Harley acendendo a lareira à noite e dizendo “bem, isso é um *nonsense* fodido”. Os pés dela despontando em um reluzente banho

de espuma, unhas como uma pequena família de rubis. Mutuamente, vivemos um punhado de momentos da vida do outro, ou imaginamos vivê-los. Gozando, agarrei o cabelo macio e quente acima da nuca dela e encarei-a. Ela encarou de volta. Seus olhos tinham a onisciência fria, a boceta, a quente. Sua boca aberta movia-se muito suavemente, um formato quase imperceptível de aprovação. Isso e a pinta ao lado da boca eliminaram qualquer resolução tântrica à qual eu estivesse me agarrando. Um primeiro clímax de total dissolução, como em Deus ou no limbo – depois, o retorno, a humilde reafirmação de impressões digitais, couro cabeludo, joelhos, língua, coração, cérebro. Você se esquecerá de que o sexo poderia fazer aquilo, lançar o fragmento divino de volta ao todo divino por um momento, depois puxá-lo de volta, arrasado, beatificado.

Assim se passaram as cinco horas carnais.

Mas elas passaram. Agora, deitávamos na cama como estrelas-do-mar. É uma das Formas Platônicas, deitar-se com alguém em uma cama de hotel depois do sexo transcendental. Lá fora, Manhattan estava geladamente ensolarada sob um céu azul de março. Em algum momento nas horas passadas, chovera. Tivemos consciência disso, como um animal inofensivo cuidando da própria vida pode ter ciência de outro animal inofensivo fazendo o mesmo. Agora, o ar continha um otimismo renovado. A ser resistido, avisou o realista em mim, pois o futuro já tateava, como um gigante temporariamente cego, em nossa direção.

– É a Talulla irlandesa – disse ela. – Não a Chocktaw. A família da minha mãe veio na década de 1880. Não que faça diferença. Ainda é uma palavra complicada demais.

“Demetriou”, do pai grego, Nikolai, que viera para os EUA como estudante de pós-graduação em 1967, fora desvirtuado pela

contracultura, por pouco não obteve o doutorado na universidade de Columbia e quase morreu de uma misteriosa infecção estomacal em uma viagem ao México em 1973. Ele sobrevivera, no entanto, e emergira traumatizado, presumivelmente pronto para o amor, pois seis meses depois de deixar o hospital, conheceu, apaixonou-se e casou-se com Colleen Gilaley, herdeira da nada insignificante fortuna representada pelas quatro *delis* e três restaurantes do pai *dela* espalhados por Manhattan e pelo Brooklyn, um império familiar no qual Nikolai foi rancorosamente (e improdutivamente) absorvido. Em 1975 (Ford na Casa Branca, *Tubarão* nos cinemas, Saigon caída, o Khmer Vermelho assolando o Cambodja, *O legado de Humboldt* nas prateleiras dos intelectuais, *Shogun* nas dos menos pretensiosos), Colleen deu à luz quem seria o único filho de Demetrious, uma menina, Talulla Mary Apollonia, agora com 34 anos, divorciada, lobisomem.

– Aconteceu na Califórnia – disse ela, falando em meio ao silêncio qualitativamente diferente que se formara depois da explicação da nomenclatura. (Aconteceu comigo na Califórnia. Agora, estávamos falando sobre “aquilo”. Seria daquela maneira, percebi, as primeiras horas demonstrariam uma delicada esquizofrenia, as múltiplas realidades do que havia para se falar a respeito, do que *éramos*.) – No verão passado. Meu divórcio fora homologado e eu viajara para lá para visitar dois antigos amigos da UCLA em Palm Springs. Supostamente, para celebrar meu retorno à vida de solteira. Na verdade, sentia-me uma merda. Triste, desgastada, feia e sexualmente morta. O divórcio fora apressado pela descoberta de que o ex, Richard, professor em uma escola secundária e aspirante romancista, mantinha um caso com a secretária do chefe dos delegados. Você sabe, Talulla dissera, se fosse alguma gostosa de 19 anos com peitos pneumáticos, eu

poderia ter saído com um pouco de dignidade. Tenho pena de você, Richard, de verdade. Mas a mulher tinha 47 anos. Você pode imaginar o quanto isso me estimulou.

– De todo modo – continuou ela –, cansei das coisas em Palm Springs e aluguei um carro até Joshua Tree para lamber minhas feridas. Fiquei em um pequeno motel com cabanas perto da Rota 62, caminhei no parque durante o dia, bebi tequila com os garotos que cuidavam do hotel à noite. Era reconfortante, o deserto. Acho, diga-se de passagem, que deveríamos pedir uma Cuervo, que tal? Tenho a sensação de que esta é a calma antes da tempestade, apesar de não saber *qual* tempestade.

A licantropia fizera coisas com ela, permitira a tangencialidade, sancionara a intuição, relaxara e a estimulara sexualmente, plenamente, a inteligência. Ela formara-se em inglês e no que se revelara um interesse insuficiente pelo jornalismo. Ela começou a carreira, mas sem muita convicção e, depois de um par de anos, vagara para ajudar a administrar os negócios dos Gilaley. A educação permaneceu, satisfeita como uma pobrezinha indefesa pela sujeira e argúcia de sua identidade de negociante americana. Pedi a Cuervo mais uma dúzia de limões frescos, preocupado pela milésima vez que as identidades de Harley estivessem comprometidas, que meu voo do Heathrow tivesse disparado um gatilho, que Grainer e Ellis já soubessem a respeito de um certo “Bill Morris” no Plaza, acomodado luxuosamente com o novo amasso uivador.

– Então, certa noite – prosseguiu ela –, vagueei e entrei em um filme de terror. Acho que pode ter sido a mais estúpida sequência de ações que jamais executei. Para começar, estava dirigindo sozinha no deserto à noite. Além do mais, fora da estrada principal. Eu passara o dia no lago Havasu e estava determinada a voltar

para o motel sem o tédio da 62 Oeste. Não era tarde. Naturalmente, a lua estava alta. Naturalmente, o carro quebrou.

O Cuervo e os limões chegaram. Encontrei os copos apropriados no bar da suíte e servi a bebida. Aqueles, eu sabia, eram os minutos de alta octanagem, os dias, as semanas nas quais tudo que fizesse poderia puxar a corda fálica. Observá-la virar o copo. A pálida garganta de fêmea e seu cabelo macio pendurado para trás para revelar as orelhas coradas com brincos de pérolas. E isto não é nada, disse *Wulf*. Espere. Apenas *espere*, porra.

– O filme de terror está sempre presente – continuou ela. – Apenas precisa de certas condições para se firmar. Principalmente, a estupidez humana. Você está dirigindo por aí pensando que o que realmente importa é seu pobre coração partido e, de repente, o carro morre e tudo ao seu redor diz, bem, não, querida, o que realmente importa é que você está completamente sozinha aqui e seu telefone está sem sinal e você não vê outro carro há mais de uma hora e, de todo modo, isto é a América, então a última coisa que deveria esperar é que outro carro apareça. Sirva outra dose.

Servi mais duas. Novamente, virando o copo, a garganta tesa, o empinar dos seios, as pérolas.

– Você poderia ser burra e feia – disse enquanto ela secava a boca com a mão.

– Você também.

– Se nós dois fôssemos assim, estaríamos bem. É a desigualdade que gera problemas.

– E se eu fosse esperta e feia?

– Excruciante a princípio, mas melhor a longo prazo. Burra e bonita, eu acabaria matando você. Ou, mais provavelmente, você me mataria. Enfim, prossiga. Seu carro quebrou no meio do deserto.

Ela colocou o copo na mesa de cabeceira e deitou-se de lado, apoiada em um cotovelo, encarando-me. Estávamos sobre a primeira onda milagrosa, os olhos dela reconheceram. Agora, um alívio mais sóbrio e as primeiras sombras de realismo.

– Depois de descer entre 3 e 5 quilômetros da estrada, passei por uma cidadezinha – continuou ela. – Um restaurante, uma loja, um punhado de casas. Eu tinha quase certeza de que também vira uma oficina. Na pior das hipóteses, haveria um telefone. Eu ligaria para a Triple A e pronto. Portanto, caminhei. Acho que andei quase 1 quilômetro quando o helicóptero apareceu.

Eu estudava a mão dela, desfrutando pensar em sua história, saboreando da maneira inana que se deve fazer nesses começos o simples fato de que era a história dela. Corpulenta, unhas longas sem esmalte. Ela usava um grande anel de opala no dedo médio. Quando tocou em seu clitóris, com um direito americano saudável e destro, a visão do dedo anelado deslizando com um propósito ardiloso entre os pelos escuros e macios de seu monte púbico quase acabou comigo.

– Ele apareceu a cerca de 50 metros de distância, acho que através de uma ravina. Pensei de que deveria ser a polícia por causa do holofote. Obviamente, eram os caras da WOCOP.

– A Caçada.

– Certo. Bem, de todo modo, foi incrivelmente rápido. Percebi que perseguiam alguém, algo, mas não conseguia ver o que era. Era bizarro ficar ali, de pé, repentinamente sem uma categoria na qual pudesse inserir a experiência. Foi *por isso* que fiquei apenas parada ali, como uma idiota. Foi quando o holofote moveu-se, cegou-me e, de repente... Do nada... O lobisomem me atingiu.

Lembrei-me do arquivo que eu vira. Haveria nele uma menção a alguma testemunha? Não. Graças a Deus.

– Você mal poderia dizer que foi uma mordida. Foi mais um arranhão com os dentes. Ele realmente apenas passou por cima de mim. Na verdade, os ferimentos foram feitos pelas garras. Lembrome de pensar, mesmo na fração de segundo de tudo aquilo: Jesus, lobisomens existem. Você pensaria que ficaria em estado de choque, não é? Mas não fiquei. Imagino, você sabe, que se você vê algo vezes demais nos filmes... Sofri um grande arranhão no peito e outro na bochecha. Foi tão repentino, como se uma espécie de fogo de artifício gigante explodisse em meu rosto. Depois, ele sumiu. Nunca vi nada se mover tão rapidamente. Jamais *vira*, quero dizer. Hoje em dia, eu mesma sou bastante rápida.

Eu quase disse: veremos o quão rápida muito em breve, mas não falei nada. Ambos ficaríamos desconfortáveis com isso.

– Então, acabou – prosseguiu ela. – O helicóptero partiu e ali estava eu, de novo completamente sozinha, em meio ao silêncio absoluto. Caminhei cerca de vinte passos, creio que em choque. Depois, encontrei o dardo.

– Que dardo?

– Para o lobisomem, mas tinham me atingido. Na panturrilha. Tranquilizante, presumivelmente, pois no instante seguinte apaguei como uma lâmpada.

– Você guardou o dardo?

– Teria sido o mais inteligente, não é? Mas quando você encontra algo espetado em você daquela maneira, você arranca a coisa e a joga fora. Ou é o que faz caso seja burro. Caso seja eu.

Dardos? Era a Caçada. Eles não disparam dardos, eles matam. Eles *decapitam*. Alfonse Mackar era um dos de Ellis. Grainer estava no Canadá procurando Wolfgang. Haveria algo no arquivo sobre usar dardos para a captura? Caso houvesse, eu não me lembrava de nada.

– Não sei quanto tempo fiquei desacordada – disse ela. – Quando acordei, ainda estava escuro, mas a lua estava mais alta. Eu tampouco estava exatamente onde me lembrava de ter deitado. Devo ter me arrastado, imagino. Voltei para a estrada e caminhei os 3,5 quilômetros até Arlette. Pensei seriamente que morrera e que aquilo era a vida após a morte. Quando cheguei à cidade, os ferimentos já começavam a cicatrizar. Na manhã seguinte, não havia nada, nenhum sinal de qualquer ferimento. Mas você sabe como tudo isso funciona. Na verdade, às vezes, ainda sinto uma pontada no peito. Como se houvesse uma farpa nele. Deus, a tequila foi até a ponta dos dedos dos meus pés.

Um momento no qual Manhattan acalmou-se e voltou sua consciência cintilante para nós. Senti as dimensões do quarto de hotel, as ruas lá fora e os limites desgastados da metrópole desenrolando-se em autoestradas e as vastas distâncias do novo país cheio de esperança. E ali estávamos juntos na cama, quentes como um pote de mel no sol. Com um esforço mínimo, eu poderia ter acomodado-me plenamente em paz. Mas agora que passáramos pela primeira camada de sexo, todas as malditas perguntas latejavam.

– A infecção – disse ela, com uma leve telepatia. – Por que eu, agora, depois, como você disse, do quê, 150 anos?

Construir uma fortaleza. Guardas. Um exército de cães. Vítimas levadas para lá, pagas, ludibriadas. Jamais precisaríamos sair. Vislumbrei isso e outras fantasias, senti o formigamento da futilidade, ouvi as forças do mundo como uma orquestra com 1 bilhão de integrantes afinando os instrumentos. Por que, em nome de Deus, estavam usando dardos contra Alfonse Mackar?

– Não sei – respondi. – Minha informação é a informação da WOCOP. Eles são a autoridade, ou eram. Supostamente, a

transmissão fora interrompida por um vírus, o que significa que ou o vírus morreu ou que você é imune. Algo de especial que eu deva saber a seu respeito sob o ponto de vista médico?

– Nada. Tive febre do feno e sou alérgica a amêndoas. Fora isso, *nada*.

– Deve haver algo. De todo modo, não é a prioridade. A prioridade é... Bem, há várias.

– Ainda não, por favor. Sirva outra dose.

Tive no banheiro o confronto comigo mesmo, cujo momento certo passara há muito, enquanto ela dava telefonemas. (Há três anos, a mãe dela morreria de câncer no intestino e Talulla assumira o papel de administrar os negócios ostensivamente com o pai – em segundo lugar, em vez de no lugar dele. Até “aquilo” acontecer. Dois meses depois da Transformação, ela contratara uma gerente geral – Alison Ambidestra, para se libertar.) “Querida, apenas o *ignore*.” Eu podia ouvi-la dizendo, presumivelmente a respeito do intrometido Nikolai. “Eu disse a ele que está louco. Ele faz isso porque sabe que você fica irritada.” Eu estava deitado no chão do banheiro. Mármore frio e a luz estrelada das lâmpadas halógenas embutidas. As coisas haviam me alcançado. Principalmente, a integralidade da minha reversão. O universo, eu já disse, exige alguma espécie de acordo, então você faz um. *Sem* amor. Cento e sessenta e sete anos. Era ridículo falar agora de amor? Não, não era. Ou somente porque sempre é ridículo – fundamentando a ideia em Wittgenstein – falar de amor. Tudo era o mesmo e tudo mudara. Lá fora, a cidade e o tráfego volúvel e os milhões de olhos humanos e bocas falantes e mãos habilidosamente habituadas atestavam: o épico accidental do ordinário segue em frente. Um universo sem deus, de uma contingência debulhadora – agora, com a hilariante diferença de não estar sozinho nele. (De repente, senti saudades de

Harley, com um sentimento de culpa.) Pela cortesia de compartilharmos a mesma espécie – na verdade, os únicos representantes da espécie –, saltamos a fase de deleite incrédulo e fomos diretamente para o vício entranhado. Não foi uma opção. Foi por ela, foi por mim. *Wulf* casou-nos, abençoou-nos, envolveu seus braços ao nosso redor como um padre bêbado malcheiroso. O que escrevi sobre Arabella? “Mataríamos juntos e teríamos *brilhado*.” Sim, e o calor daquele brilho me cobria agora como um crepúsculo. *Aurora*, na verdade, pois retornara através do tempo para um futuro rico em mortes. Talulla olhara para mim quando eu enfiara meu pau em sua boceta, olhara para mim, digo, e sentiu algo de Arabella, cujo espírito vivia em mim, cujo fantasma olhava através dos meus olhos, detectara sua presença e compreendera ao levantar as coxas pálidas em submissão lenta e completa e vitoriosa que a traição, gostasse eu ou não, obviamente aprofundava meu prazer, vendia-me totalmente para a propriedade da nova fêmea, mijava no altar, cagava na sepultura, escavava e violava o amor amado em um sacrilégio plenamente consciente e particular sob as leis de Eros.

Ambos sabíamos que tratava-se de uma fase juvenil que passaria, ou, caso se tornasse uma perversão monolítica, causaria problemas, sufocaria o fluxo sexual, cultivaria a pestilência. Por enquanto, no entanto, ela olhara para mim em um conluio estimulante, sim, eu *sei*. Como não? Como poderia, a seis vítimas de profundidade, não conhecer o prazer da queda sob a Queda?

O frio do chão tornara-se desagradável. Levantei-me e tomei uma ducha quente. Eu queria voltar limpo para ela e enfiar o nariz em sua boceta, minha língua em seu cu doce e jovem, o ardiloso perfume animal lá embaixo que respondia aos anos de súplicas. *E os olhos de ambos estavam abertos, e eles sabiam que estavam nus; e amaram aquilo*. Mas durante todo o tempo e o tempo todo e

todo o tempo, o mundo. Não poderíamos ficar aqui. Aquela história do dardo não fazia sentido. Os dias de Grainger capturar espécimes vivos tinham acabado havia muito tempo. Apesar de que, é claro, era Ellis, e não Grainer, quem perseguia Alfonse no deserto. De todo modo, precisávamos partir. Fora burrice ir para Nova York, para começo de conversa, onde, em meio às multidões, era mais difícil detectar vigilantes.

Escovei os dentes e voltei para o quarto justamente quando ela terminava o telefonema. Ela olhou para mim. Não rimos, mas se fosse um filme, o roteiro ficaria satisfeito com isso como uma maneira de mostrar que a situação era do tipo na qual nos revermos depois de dez minutos em cômodos separados era um retorno à única realidade que importava.

– Você está todo limpo – disse ela.

– Contraste máximo. Quero sua sujeira.

– Eca. Tudo bem.

Fui para a cama e deitei-me ao lado dela.

– Nesta noite, podemos nos deleitar – disse. – Amanhã, temos coisas a fazer.

A paranoia tomou as decisões ao longo dos dias seguintes. Encontramo-nos somente quatro vezes, nunca no mesmo lugar. Ela precisava preparar Nikolai para sua ausência (ele estava inclinado a brigar com Alison Ambidestra, inclinado a *interferir*) e eu tinha questões logísticas para resolver. Placas de automóveis da Califórnia, uma variedade de perucas, óculos, bigodes falsos, principalmente a obtenção de uma carteira de motorista e a transferência de fundos avaliados em torno de 20 milhões de dólares *para* Talulla Mary Apollonia Demetriou. O espírito que reprova o politicamente correto enfiou a cabeça pela porta, mas minha garota dispensou-o. Bem, eu não. Mal dei-lhe ouvidos. Mesmo com a recente roubalheira mundial, 20 milhões são um pequeno acidente em minha viagem. É dinheiro para financiar as viagens, eu disse a ela. Preciso de mais tempo para resolver sua situação apropriadamente. Paraísos fiscais. Suíça. Isso apenas para caso... Sim. Bem. O problema era que o cheiro ruim que cercava a transferência de fundos remetia a garantir o provento dela *após a minha morte*. Nenhum de nós conseguia exatamente deixar isso de

fora. Planejo permanecer vivo, eu disse. Mas, caso isso não ocorra, você terá o que precisa. Apenas me prometa que sempre comprará roupas íntimas bonitas. Você é um negociante duro, mas estou de acordo.

Ainda assim, a paranoia. Eu tinha advogados de negócios em Manhattan (quatro companhias minhas são sediadas lá), mas insisti em me reunir para preparar os documentos e assiná-los fora da cidade. (Tais reuniões são conversas longas e desnecessárias. Meu rosto fica coberto por uma máscara de borracha – já fui Richard Nixon; Marilyn; o Homem-Lobo – e simulo um entre uma dúzia de sotaques. A identidade relevante é confirmada primeiro por senhas e, depois, por tecnologia de reconhecimento de impressões digitais em um dispositivo portátil. Tudo muito cansativo, e tais recursos são usados somente quando não há alternativa.) Aluguei um carro no JFK e dirigi até a Filadélfia. Uma oportunidade, considerei, para conferir se estava sendo vigiado ou seguido. Os resultados foram incertos. Nenhum sinal dos mortos-vivos, mas creio que vi um par de agentes da WOCOP na Filadélfia. Deixei o carro no aeroporto e peguei um voo para Boston, esquivei-me pela cidade durante 24 horas, depois voei de um lugar para outro por três dias, ficando cada vez mais desidratado: Detroit; Indianapolis; Washington; Filadélfia. Peguei o carro, dirigi de volta para o JFK e peguei um táxi para a cidade.

Onde praticamente dei de cara com um vampiro.

Eu estava saindo do táxi na Quinta Avenida e ele deixava uma *deli*, abrindo um maço de American Spirits. O fedor alcançou-me assim que me inclinei para fora do carro. Caí sobre um joelho na calçada, uma genuflexão improvisada. Levantei os olhos para vê-lo parar de repente com uma expressão de repugnância indignada. Não o reconheci. Alto, rosto comprido, cabelo curto e espesso

tingido de roxo-escuro. Jeans puídos, casaco de couro três quartos, botas Converse cor de abóbora. Humanamente, você diria que era um *cyberpunk* com cerca de 25 anos. Levantei-me. Durante alguns momentos, apenas ficamos parados de pé e nos encaramos, estômagos se contorcendo. Parecia que aquilo era novidade para ele, aquele negócio do quanto, por Jesus Cristo, passava mal por se deparar com um lobisomem. Manhattan, era desnecessário dizer, fluía ao nosso redor, buzina, reluzia, piscava, esfumaçava, assobiava, berrava e tremia subterraneamente. Eventualmente, balançando a cabeça, ele recuou, virou-se e partiu cambaleando para o centro da cidade.

– Um acidente, certo? – disse Talulla. – Quero dizer, ele não o estava seguindo?

Mudáramos para o Waldorf Astoria, uma suíte com vista para a Park Avenue. Eu era Matt Arnold outra vez. Não conseguia relaxar em nenhum dos pseudônimos.

– Acho que não – disse. – Estou começando a entender. Eu presumira que *todos* os vampiros soubessem sobre o vírus. Mas não é verdade. Existe um grupo em busca de poder. Por que sou tão lento?

Talulla sentou-se em uma das poltronas rococó vermelhas com os pés apoiados em um tamborete. Estávamos desempenhando aquilo, nossa condição, o que *éramos*, com uma circunspeção inteligente. O horrendo fato central informava tudo que fazíamos, mas somente assumia a propriedade completa e irônica sobre nós quando fodíamos. Na cama, *wulf* era malcheirosamente eloquente, a verdade de cheiro forte em torno da qual tudo o mais evaporava. Fora da cama, admitíamos ser um casal sem filhos que concordara em inventar um filho fictício, a premissa, agora que penso a respeito (com Deus *ainda* morto etc.) de *Quem tem medo de*

Virginia Woolf?, de Albee. Era como se cada um de nós desafiasse o outro a admitir que não era verdade. Na verdade, era ela me desafiando. Ou perguntando a mim. Aquilo me lembrava do quanto a Maldição Ihe era nova, de que ela permanecia disposta a acreditar que tudo aquilo – transformar-se em um monstro uma vez por mês e matar e comer pessoas – ainda pudesse ser um sonho terrível. Evitamos a questão relativa ao que fora fazer na Inglaterra, mas eu sabia: as cinco vítimas, por mais separadamente que as tivesse distribuído pelos EUA, pareciam próximas demais. Você vai para outro país – entra, faz o que precisa fazer, vai embora –, a polícia procura um nativo e você já partiu há muito tempo. Ela escolhera a Inglaterra porque falavam inglês. Você quer o máximo de fluência. Ela sabia que eu decifrara tudo, o que me apresentou à versão culpada de seu rosto, o visual que um âncora de TV teria no ar quando alguém no fone em seu ouvido diz que sabe tudo sobre os abortos ou as fotos picantes, um sutil inchar das bochechas e a boca momentaneamente sem a determinação que a orienta. Tornando-se sexualmente, é claro, o fantasma do olhar de Eva, lábios ainda molhados com o suco do fruto proibido.

Portanto, a obscenidade permanecia coberta. Por enquanto.

– Então isso é bom – disse ela. – Significa que não precisamos nos preocupar com toda a espécie.

Ela usava um vestido quente de lã cinza, meias pretas de nylon e botas de couro até os joelhos. Para que você perceba a maciez do vestido e a rigidez das botas. Como a maciez da coxa e a firmeza da cintura. Sem insolência no modo de se vestir, apenas um saudável instinto para realces sexuais. Já passava da metade da luação e o perfume dela transmitia tons mais escuros. Sob o *glamour* agridoce do Chanel 19, a Fêmea que acelerava dentro dela exalava um cheiro intenso e compacto de conhecimento predatório.

O calor pulsava ao redor dela. A fome era uma segunda pulsação ainda muito abaixo de sua própria. A próxima dúzia de dias e noites seriam a história de sua ascensão. Em nós dois. Em sincronia.

– Sim – concordei. – Mas o perigo são esses delatores desprezíveis. Pareceu-me como a primeira vez em que se deparou com um lobisomem. Uma experiência a ser discutida com seus semelhantes. Caso haja na cidade outros vampiros que *saibam* a respeito, não há motivo para não morderem a isca. Ele conta a história de sua primeira vez como vampiro depois do jantar e eles vêm atrás de nós. Não. Devemos partir.

– Agora? Hoje à noite?

– Você consegue? – Ela levantou-se da cadeira, caminhou até onde eu estava, ao lado do *escritoire*, deslizou os braços ao meu redor e beijou-me. – Não devemos viajar juntos – disse, sem muita convicção.

– Não seja louco.

– Eles ainda não sabem sobre você. Se chegarem a você por minha...

– Esses dias acabaram. Somos você e eu, agora. Isso é tudo.

Por mais ridículo que pareça, já sei que jamais haverá um momento quando colocar as mãos nela não mitigará a certeza da morte. A sensação da cintura dela entre as palmas das minhas mãos é formada por aquela geometria profunda que leva você adiante ou para trás através dos incidentes encarnados para o reino elemental, o reino da alma, sentimos vontade de dizer, sabendo que estamos perdendo a razão. Tê-la nas mãos é uma beleza-verdade keatsiana. Não sei o que fazer com isso. Sei que não há nada a fazer com isso. Apenas viva nisso e deixe que isso traga o que trazer.

– Poderíamos esperar meia hora – disse, movendo as mãos para o volume firme de seu traseiro.

– Será sempre assim tão forte?

– Não sei.

– Apresse-se – disse ela. – Rápido e com força. Por favor.

Deixamos Nova York naquela noite (de táxi até a Grand Central, Amtrak noturno para Chicago) praticamente sem discutir. Ela sabia que eu tomara providências, mas explicá-las seria, segundo as propriedades intuídas dos lobisomens, vulgar. Em vez disso, contornamos a questão, nossa enorme feiura, nosso ponto final imperdoável, sujamente enriquecido, como crianças molestadas, por sabermos tudo e não dizermos nada. Vi em seus momentos abstratos que ela permanecia enojada apesar dos meses de autobatismo violento. Ela tornara-se mais dura no sangue, mas nem todos os resquícios delicados estavam mortos. Era um monstro, sim, mas tudo que perdera poderia emboscá-la, voltar seu olhar para a infância e obrigá-la a olhar. *Você Não Pode Voltar Para Casa.* (Thomas *Wolfe*, *Jesus*, quanto mais?) Aquilo doía, e muito. Ela fora querida por tantos, a pequena Lula de olhos negros com a testa alta e a pinta ao lado da boca. Tornar-se lobisomem deveria tê-la afastado de tudo aquilo, mas não. A continuidade da identidade persistia. Era como ser torturada por uma criança inocente.

– Como você lida com o fato de que já deveria ter morrido várias vezes? – perguntou ele. Para qualquer um, exceto novos amantes, o metro e meio de largura da cama do Amtrak seria uma provação. As cortinas da pequena janela estavam abertas, revelando um céu noturno carregado, iluminado por trás das sólidas nuvens cinzentas e azul metálico que apenas começavam, em retalhos, a se abrir. O

trem cheirava a café coado e a ar condicionado. – Você nasceu em 1808... O que é uma frase que jamais imaginei que diria... E aqui estamos, duzentos anos depois. Deve ter havido perguntas a serem respondidas.

Poderíamos discutir tais praticabilidades do passado. Praticabilidades *do passado*.

– Ficou mais fácil – disse. – Agora, é mais fácil do que nunca, se tiver dinheiro. Sempre é dinheiro. O princípio não muda: você paga especialistas em tecnologia de manipulação de identidade. Costumavam ser velhos em porões com lupas, tintas, placas e prensas, agora são jovens em *lofts* com computadores. Esse é o nível primário, o simples negócio de adquirir uma certidão de nascimento falsa, ou um passaporte, uma carteira de motorista, um número de seguro social. Você ficará surpresa até aonde se pode chegar apenas com estas coisas: contas bancárias, cartões de crédito, hipotecas, empréstimos, fundos de investimento. Ao longo de uma vida de duração normal, é mais do que suficiente. O tempo equivalente a várias vidas torna tudo um pouco mais arriscado. Não acredito no que fiz na primeira vez. Não acredito que pensei que seria capaz de *continuar* fazendo aquilo.

– O que você fez?

– Tornei-me meu próprio filho.

– Minha nossa.

– Jacob Marlowe “pai”, por assim dizer, tornou-se um recluso aos 42 anos, no ano de 1850. Não podia adiar mais: as pessoas começaram a perceber que eu não envelhecia *nada*.

Ela tremeu ao meu lado.

– O que foi?

– Você. 1850. Penso que estou acostumada com a ideia, mas ela me pega de novo.

– Para dizer a verdade, não me lembro muito a respeito de 1850. Dickens publicou *David Copperfield*. Wordsworth morreu. Precisarei pensar a respeito.

– Não são os grandes acontecimentos, mas sim as coisas comuns. Um mordomo aquecendo as mãos. Aquelas casas grandes e úmidas. Um gorro sobre uma cadeira. – Ela estava tentando imaginar a época na qual o presente estaria tão distante dela quanto 1850 está para mim. Ela sentia a contracorrente ou o turbilhão do futuro distante: um fluxo frio. Ela tremeu, virou-se para mim, deslizou a perna direita sobre a coxa. – De todo modo, prossiga. Jacob Marlowe Senior.

– Jacob Marlowe Senior entrou em reclusão... Essa palavra existe? Você imaginaria que eu deveria saber a esta altura.

– Ninguém se importa, querido. Continue.

– Marlowe Senior entrou em reclusão, se é que tal palavra existe, em 1850. Não na Inglaterra, mas em um local secreto conhecido somente pelos meus advogados. Na verdade, eu raramente estava lá. Não podia me dar ao luxo. – *Porque, como você sabe, não podemos deixar que as vítimas se acumulem em algum lugar.* Ela sentiu quando nos desviamos para evitar aquela praticabilidade *atual*, um movimento parecido com o de uma pipa mergulhando no vento. – Todas as decisões de negócios foram executadas por representantes e advogados autorizados, os quais foram instruídos por escrito por ele... Eu tinha códigos, senhas, cifras, a porra da coleção completa. Um acordo frágil. Erros evitados por muito pouco ou prejuízos catastróficos quando as mensagens não eram transmitidas rápido o bastante. O telégrafo foi um grande alívio quando inventado. O telefone... Bem, dá para imaginar. Logo após deixar a Inglaterra, estava “casado” e, menos de um ano depois, tive “um filho”, Jacob Junior. Tudo ficção. Um novo

testamento foi redigido – Jacob Junior herdaria tudo –, e pronto. Depois, tudo que precisei fazer foi evitar todos que me conheciam.

– Está falando sério?

– É claro. Você precisa ter em mente que era muito mais fácil não ser visto naquela época: a fotografia ainda estava na infância. Não havia televisão, tampouco circuitos fechados de televisão. Meia dúzia de nomes falsos mantiveram-me na Europa... e, eventualmente, aqui... por 35 anos. Repito, eu tinha dinheiro. Dinheiro e mobilidade, é assim que se faz.

– Obrigada mais uma vez pelos 20 milhões, diga-se de passagem. Mais uma frase para a qual jamais imaginei que teria utilidade.

– De nada.

– E a esposa fictícia?

Outro mergulho da pipa. A esposa fictícia evocava a verdadeira. O prazer afrodisíaco que o fantasma de Arabella nos dera ao ser obrigada a nos observar, a promessa de uma iluminação sombria. Todo mal aparente promete o mesmo. Seja lá o que estiver fazendo – estuprando uma criança, exterminando 1 milhão de pessoas em câmaras de gás – é apenas mais uma coisa que sabe fazer. O universo não se importa. Certamente, não lhe dá em troca o conhecimento divino. Todo o conhecimento e toda a divindade já estão lá, em você fazer o que quer que esteja fazendo. Quem sabe isso melhor do que os monstros?

Ainda assim, meu pau endureceu ao lado do calor úmido da mão dela, e ela pegou-o e segurou-o, e aquele era todo o reconhecimento que o momento exigia.

– Febre tifoide – disse. – Pobre Emily. Tinha apenas 22 anos. E Jacob Junior mal completara 1 ano.

– Certidões de nascimento e óbito falsificadas.

– Exatamente. Segui-os para a sepultura em 1885, cortesia de um ataque do coração. Cultivei um grande bigode para meu retorno como Jacob Junior, adotei um par de óculos, mudei o penteado. Meu sotaque mudara, naturalmente. As pessoas veem o que lhes mandam ver, na grande maioria das vezes.

– E filhos verdadeiros? Você deve ter vários espalhados por todo o mundo a esta altura.

Ah.

Assim que as palavras foram ditas, ela sentiu vontade de voltar atrás. Foram os últimos segundos antes que algo se fosse para sempre. Por um instante muito breve, cogitei mentir.

– Não podemos ter filhos – disse.

Senti a informação penetrar nela, encontrar o lugar que já a aguardava. É claro que ela soubera, e negara, mas ainda soubera.

– Minha menstruação parou.

– Sinto muito, Lu.

– Richard e eu deveríamos ter começado a tentar. Mas descobri sobre o caso.

Durante alguns instantes, ficamos deitados sem falar. O conforto igual ao de um berço no balanço do trem. Aquele seria um percurso tranquilo até a morte, pensei, o embalar cada vez mais profundo, um túnel que escurece até que você mesmo, eventualmente, mergulhe na escuridão. Vai embora, vai embora de verdade. Abracei-a, mas não como se o abraço pudesse fazer qualquer diferença. (O feroz abraço masculino é invariavelmente condescendente à fêmea abraçada.) Ela ainda segurava meu pau. Senti pesar e raiva e futilidade percorrendo-a enquanto ela permanecia completamente imóvel. Era como se estivesse sendo queimada e precisasse aguentar sem se esquivar ou emitir qualquer som.

– Eu sabia – disse ela. – Continuei tomando pílula, recusando-me a aceitar. Suponho que o que deveria dizer é “bem, melhor que seja assim”.

Havia espaços maiores de céu aberto agora. Estrelas.

Até que, de repente, a lua.

– E apenas para *esfregar na minha cara...* – disse ela, sentindo a insinuação impossível de ignorar que a lua a possuía onde sua luz a tocava na pele. Depois, quando não falei nada: – Pelo menos tenho um cara que sabe quando manter a boca fechada. Imagino que isso seja o que duzentos anos façam por você.

Eu também tinha pensamentos nos quais ardia em chamas, silenciosamente e sem dor enquanto ela me girava sobre minhas costas e subia gradualmente sobre mim. Queimar – ou deterioração acelerada, como um filme em *time lapse* de decomposição, meu trio de raposas sem cabeça transformando-se de cadáveres inchados em pó através da orgia das larvas em uma filmagem granulada. A imagem repetia-se enquanto fodíamos (enquanto *eu* era fodido por *ela*), interrompida quando ela se reclinou e o luar percorreu, com uma devassidão libidinosa, sua barriga e seus seios. Terminou quando terminei. Um rolo de filme com a ponta ainda girando e batendo no projetor.

Quando terminamos, ela adormeceu imediatamente, parcialmente me cobrindo. O peso dela possuía a finalidade do novo fato, uma paz brutal agora que a questão fora encarada e absorvida. *Não podemos ter filhos*. Em alguma parte do sexo, ela odiara-me por isso, é claro, e soubera que eu sabia e abri espaço em mim mesmo para seu ódio. Em algum lugar no sexo estava a compreensão de que o amor estava entre outras coisas que abriam espaço para as vinganças irracionais do amado.

Alugamos em Chicago um Toyota apenas para a ida. Evitamos as autoestradas. Meu raciocínio era que quanto mais vazio o lugar, mais facilmente detectaríamos um vampiro ou alguém da WOCOP nos seguindo. Iowa. Nebraska. Wyoming. Utah. Aqueles estados de amplitude seca, arenas gigantes para a geometria colossal de luz e clima. Ali, a apresentação principal ainda é planetária, um trabalho introspectivo com as massas e pressões que geram enormes acidentes de beleza: nuvens de tempestade como bigornas flutuantes; uma nevasca repentina. O tempo geológico, você percebe, segue em frente.

– Mas você está dizendo que existem exorcistas na WOCOP – disse ela. – O que exorcizam?

Retorna-se à metafísica, mas com uma urgência cada vez menor. A premissa é que novos fenômenos devam preencher o quadro. Mas se o quadro for infinito, que diferença podem fazer mais meia dúzia de novas espécies? Ela já via isso. Sentava-se com uma estranha elegância no assento de passageiro ao meu lado, joelhos juntos, mãos nos bolsos do casaco. Ela prendera o cabelo e o pescoço

comprido descoberto atribuía-lhe uma aparência de atraente vulnerabilidade.

– Demônios – disse. – Pelo que sei, demônios. É o jargão. É a terminologia.

– O que significa céu e inferno, certo? Demônios e anjos. Deus e o Diabo?

– Você poderia pensar que eu deveria saber de alguma maneira ou outra a esta altura, não é?

Fiquei impressionado com quanto tempo havia passado desde quando eu considerara esse tipo de coisa, o quanto tais questões haviam ficado para trás. Eu tinha apenas uma memória genérica de conversas com Harley de madrugada, apesar de conhecer muito bem o ponto de vista dele, que havia um mundo transcendental, mas que falava muitas línguas. Em uma das línguas, Isis era uma palavra. Em outra, Gabriel. Em outra, Afrodite. Tudo que sempre tivemos foi a língua. Nós próprios éramos uma língua. A coisa *por trás* da palavra permanecia desconhecida. Naturalmente: a Palavra estava com Deus. Que utilidade isso teria para ela?

– Mas você viu essas coisas? – perguntou. – Você viu demônios?

– Vi pessoas com algo dentro delas que não eram elas, que era definitivamente uma entidade distinta. Eu vi... *sentí*, na verdade... sair deles.

– E eram más?

Esta, é claro, é a questão principal. Na verdade, não importa a linguagem, mas somente se há uma gramática moral transcendental por trás dela. Ninguém se importa realmente com o nome do inferno ou quem o administra. As pessoas simplesmente não *querem* ir para lá.

– A sensação era a de que desejava mal para os humanos – eu disse. – Mas não era como se tivessem muita escolha quanto a isso.

O Mal precisa ser escolhido.

Ela manteve as mãos nos bolsos. Olhou para a estrada adiante. Este era o problema de conversar. Mais cedo ou mais tarde, chegava neste ponto. Cedo ou tarde, tudo chegava neste ponto.

No anoitecer do quinto dia desde que deixamos Nova York, paramos no meio do nada para que eu mijasse. O pôr do sol era uma fresta entre terra e nuvens, como um olho estreito ou uma gema rompida de um dourado róseo, violeta, crepúsculo. Em ambos os lados, pradarias planas até o horizonte, um efeito que refazia a terra como um disco de grama clara. Adiante, a estrada seguia reta até desaparecer; gire 180 graus e olhe para trás, o mesmo. Talulla saiu do carro, espreguiçou-se, inclinou-se contra o capô do Toyota, acendeu um dos meus cigarros. (Eu disse a ela que fumar não lhe faria mal e ela disse tudo bem, diabos, é algo para fazer.) Ainda não disséramos nada quanto a para onde estávamos indo ou o que faríamos quando chegássemos lá, e o não dizer nada era para ela como moscas aglomerando-se em sua pele, mais a cada hora, a cada dia. Nas duas últimas noites, a fome mantivera-nos acordados sob a luz trêmula da TV, bebendo *bourbon*, fodendo até ficarmos assados, incapazes de encontrar conforto deitados e parados. Faltavam oito dias para a lua cheia.

– Quando eu estava dirigindo no deserto – disse ela, olhando para o horizonte –, eu viajava 160 quilômetros e não via nada, apenas a paisagem vazia.

Ela vestia um casaco de couro preto, *jeans* azuis, um suéter creme com gola rulê. Eu pensava nos versos de um poema de Thom Gunn: *Reclinam-se contra o carro que esfria, as costas pressionadas / Sobre a poeira de um continente marrom, / E observam o sol, agora a oeste do oeste deles...*

– Mas, de repente – continuou Talulla –, no meio de todo aquele vazio, como uma piada, eu via um *trailer* solitário. Um varal de roupas, uma caminhonete, um cachorro. Alguém vivendo ali, completamente sozinho. Brinquei com isso, no começo, apenas para me afastar o máximo possível das pessoas. Alasca, talvez. O Ártico.

– Uma brisa chiou como fervura lenta na grama da beira da estrada. Ela deu a última tragada, largou a guimba e esmigalhou-a com a ponta da bota. – Mas não fui feita para isso – disse ela. – Solidão.

Coloquei os braços ao redor dela e beijei-a, senti seu calor compacto sob o casaco de couro. O cabelo dela cheirava a fumaça de cigarro e ar fresco. Eu estava muito ciente das dimensões precisas que ocupávamos naquele instante, dois corpos, todas as milhas ao nosso redor.

– Sabe com o quê você se parece? – perguntei. – Parece uma daquelas atrizes em um episódio de um programa policial da década de 1970, *Cannon* ou *McCloud* ou *Petrocelli*.

– Não quero assustar você, mas nunca ouvi falar em nenhum deles.

– “Coestrelando Talulla Dimitriou como Nadine. Uma produção de Quinn Martin.” Elas eram tão bonitas, aquelas garotas, que os corações dos homens doíam. É sua pinta e sua testa alta e seu cabelo dividido no meio.

– Isso não soa muito atraente – disse ela. – E você pode chamá-la de verruga, certo, pois é o que é.

Afastei-a levemente de mim e olhei para ela. A fome afinara a pele ao redor das órbitas, mas o rosto dela mantinha os centros de riqueza, os cílios longos e os olhos escuros, a boca cor de carne crua. Um aspecto de controle frágil sobre energias demoníacas. Fora tão intenso apenas nós dois que mal houvera necessidade de

chamar o outro pelo nome, mas no começo daquele dia, em uma loja de conveniência, ela dissera algo e eu não ouvira e ela disse Jake, e a amei, um repentino acesso de amor penetrante e ridículo simplesmente porque estava ali em sua voz, dizendo meu nome, a nova familiaridade profunda e excitante.

Mais tarde, dirigindo novamente no escuro, ela disse:

– Contemplei a outra coisa também, no começo. A solução radical.

Suicídio.

– Mas?

Ela não respondeu imediatamente. Olhos de gato piscaram. A fase noturna da noite acumulava-se. A luxúria estava disponível para mim, movia-se como que com músculos doloridos em direção às mãos dela sobre o volante do Toyota, os pequenos e firmes volumes de seus seios, os joelhos, a pinta ao lado do lábio. Ela mantinha os olhos na estrada.

– Acontece que tampouco fui feita para isso – disse ela –, eu não queria morrer. Encenei querer morrer durante algum tempo, só isso. Eu não conseguia acreditar que seguiria em frente, mas ali estava, seguindo em frente. Não faz sentido dizer que porcos não voam quando estão lá no alto pegando pombos.

O universo exige alguma espécie de acordo, então você faz um. Sim.

– A verdade é que eu era um monstro muito antes de tudo isso. Tinha o narcisismo de minha mãe e a compensação excessiva de meu pai imigrante. Se for eu ou o mundo, o mundo se ferrou. É claro que isso é nojento. E libertador. É o problema do nojo. Você supera. Sente-se maior e mais vazio.

Tal observação derrubou alguma barreira nela, uma última resistência a lidar com especificidades manifestas. Senti isso –

ambos sentimos – com a mesma certeza de que ouviria um pneu explodir. Ela compreendia as restrições sexuais, as decências que deveríamos observar. A visão moralmente confortável possibilita que abracemos a monstruosidade somente como uma reação ao sofrimento ou como um ato de ira contra o Todo-poderoso. Louis, o vampiro entrevistado, está desesperado com a morte do irmão quando aceita a oferta de Lestat. A criatura de Frankenstein é levada à violência pela violência cometida contra ela. Até mesmo a rebelião de Lúcifer emerge da agonia do orgulho ferido. A mensagem é clara: transforme-se mesmo em uma abominação – mas somente enquanto estiver perturbado por pesar ou ira. Por direito, Talulla sabia, ela deveria ter se tornado órfã ou abusada pedofilicamente ou terminalmente doente ou suicidamente deprimida ou furiosa com Deus por causa da morte da mãe ou, de algum modo, perturbada de *alguma* maneira caso devesse ser perdoada por não ter matado a si própria quando se tornara evidente que precisaria matar e devorar pessoas para permanecer viva. O mero desejo de *permanecer* viva, seja qual forma carregue – lobisomem, vampiro, Pai das Mentiras –, realmente não poderia ser considerado um argumento bom o bastante. Contudo, ali estava ela, permanecendo viva. Você ama a vida porque a vida é tudo que existe. Isso, senhoras e senhores do júri, era o caso contra ela, da cabeça aos pés.

Naquela noite, deitados lado a lado de costas em uma cama no Motel 6, eu soube o que estava por vir.

– Matei animais – disse ela, em voz baixa.

Nove luas, seis vítimas humanas. Simples aritmética.

– Sim.

– Você experimentou fazer isso?

– Sim.

Chovia. O motel estava praticamente vazio. O quarto cheirava a reboco úmido e a polimento de mobília. Um caminhão buzinou na estrada molhada a quase 1 quilômetro dali. Ela estava pensando nos pais. Na mãe morta e no pai morando sozinho na grande residência dos Gilaley sob a sombra dos bordos na Park Slope. Boa parte das forças dela concentrou-se em não permitir que a Maldição lhe roubasse o calor entre ela e Nikolai, que, sem pensar, passaria a mão suavemente pela bochecha dela como se a filha ainda fosse uma menininha.

– É claro que não funcionou – disse ela. – Mesmo enquanto fazia, já sabia que não funcionaria. Dá para saber.

Com certeza. Não se iluda, a Maldição especifica: carne e sangue *humanos*. Não se trata de uma amenidade. Um animal não “serve”, em caso de emergência. Negue à fome o que ela exige e veja o que acontecerá. A fome não fica nem um pouco satisfeita. A fome assume a incumbência de lhe ensinar uma lição. Uma lição que você jamais esquecerá.

– Pensei que iria morrer – prosseguiu. – Mais tarde, ao vomitar, senti como se estivesse tentando revirar-me pelo avesso. Fiquei aliviada. Imaginei que resolvera o problema, envenenara a mim mesma, suicídio acidental. Mas, é claro, passou.

Minha mão descansava logo acima de seu monte púbico. A pergunta era se deveria utilizar eroticamente o que viria em seguida. Eu sentia que ela estava ciente da opção. Ela estava indecisa. Mentalmente, havia uma mistura grande demais: a morte da mãe, a solidão do pai, *não podemos ter filhos*, vítimas inocentes, a perspectiva de uma expectativa de vida de quatrocentos anos.

– Piorou – disse ela. – Na vez seguinte. Depois do terceiro mês, eu sabia que não sobreviveria a mais uma transformação sem me alimentar apropriadamente. – Ela precisou fazer certo esforço para

colocar para fora aquele “alimentar”. A voz dela endureceu com a palavra. Ocorreu-me que aquela poderia ser a primeira vez em que precisara colocar aquilo *em* palavras. Os rituais inenarráveis de Kurtz. – Estava louca – disse ela. – Duas horas antes do anoitecer, simplesmente dirigindo a esmo por Vermont. Não sei o que tinha em mente. Talvez ser morta. Entrar em um hotel e simplesmente passar por todo o processo de transformação no saguão. – Ela fez uma pausa. Fechou os olhos por alguns momentos. Abriu-os novamente. – Bem, é claro que *não* dirigia a esmo. Você sabe o que está fazendo, mas finge que não. Havia um lugar que eu conhecera durante as férias, alguns anos antes. Uma grande floresta entre duas cidadezinhas. Casas isoladas. Escolhi uma aleatoriamente. Não fui cautelosa, simplesmente entrei. As portas nem sequer estavam trancadas. Era um garoto de 19 anos. Chamava-se Ray Hauser. Era a última semana de suas férias de verão. Os pais dele estavam na cidade assistindo a uma produção teatral local de *Titus Andronicus*. Posteriormente, li a respeito nos jornais.

Não falei nada. Terapeutas e padres e entrevistadores sabem tudo sobre não dizer coisa alguma. Quando você morrer e for julgado, Deus estará sentado ali e permanecerá indefinidamente sem dizer nada e você fará sozinho todo o trabalho de amaldiçoar a si próprio.

– Sinta – disse ela, abrindo levemente as pernas.

A boceta dela estava molhada. Havia matar. Havia comer. E havia aquilo. A monstruosidade central. Como fazia você se sentir. O que fazia por você. Não é possível viver com isso sem viver com isso.

Mantive a mão ali. Acariciei-a. Aquela monstruosidade central quase a fizera matar a si própria. Mas ela não fizera isso. E quando você não se mata, tudo está acabado.

– Sou mais inteligente quando me transformo – disse ela. – Em todas as piores maneiras. Em todas as maneiras que importam.

– Eu sei, Lu.

– Você poderia pensar que uma nuvem vermelha baixaria, uma espécie de escuridão animal para apagar todo o resto e deixar somente o instinto surdo, mas não é assim.

– Não.

– Sei o que estou fazendo. E não apenas gosto disso... Não é simplesmente gostar...

– Eu sei.

– Eu *amo*.

Mantivemos um silêncio respeitoso. Seu cabelo era uma coroa escura e suave ao redor da cabeça dela sobre o travesseiro. O mal deve ser escolhido.

– Eu provei – continuou com tranquilidade. – Tudo. A juventude dele, o choque, o desespero e o horror. E quando senti o sabor pela primeira vez, soube que não pararia até que consumisse tudo. A pessoa inteira, todo o maldito banquete. – Ela moveu as coxas muito delicadamente em reação à carícia. A discussão consigo mesma sobre o que ela era, o que estava disposta a ser, estava efetivamente terminada. Seu ser mais elevado seguiu em frente e aceitou. Eram obrigações emocionais residuais.

– Então, depois – disse ela, levantando lentamente enquanto meu dedo deslizava para dentro de seu ânus. – A grande conversa, as promessas a mim mesma de que jamais faria aquilo novamente.

Ficará mais fácil, eu poderia ter dito. É a história, a história humana, a história do lobisomem, que as coisas difíceis ficam mais fáceis. Siga em frente e, em um ano ou dois, você consumirá vítimas como uvas de um cacho.

– Isso é o pior – disse ela, virando-se na minha direção, fazendo pressão contra minha mão. – É o pior.

Nós somos o pior, era o que queria dizer. Somos o pior porque, para nós, a pior coisa é a melhor coisa. E é somente a melhor coisa para nós se for a pior coisa para outra pessoa.

Existem momentos quando dizer “eu te amo” é uma blasfêmia digna do Diabo.

– Eu te amo – disse.

*

Muito mais tarde, depois de ficarmos deitados por um longo tempo ouvindo a chuva no escuro, senti a última barreira entre nós dissolver. Foi como se o aparato tenso da noite desmoronasse de repente. Ela disse:

– Você matou sua mulher, não matou?

Ela já sabia a resposta. Fodera comigo sabendo. Estava deitada comigo sabendo. Acomodar aquilo, ainda mais do que acomodar os próprios assassinatos, era a prova de que entrara em um novo mundo.

– Sim – disse.

Silêncio. Mas de cogitação, não de choque. Eu a sentia tentando encontrar um ângulo justificável – *porque, cedo ou tarde, você precisaria, a alternativa seria transformá-la, o que seria tão ruim quanto matá-la, com quatrocentos anos para que ela passasse sem jamais perdoar você* –, mas encontrando a verdade injustificável: porque nada se compara a matar aquilo que se ama.

– Foi bom – disse ela. Conclusão, não pergunta. O *insight* que murcha a velha flor e permite que a nova floresça.

– Sim.

– Porque você a amava.

– Sim.

E ali estávamos na lógica delicada. Eu pensava: ela será um lobisomem muito melhor sem mim. (E com *este* pensamento, veio a primeira percepção verdadeira de que tinha menos de um quinto da minha idade, que metade de sua vida seria vivida após a minha morte em um mundo além da minha imaginação.) Ela já tinha a compreensão de que eu levava décadas para conquistar. Muito em breve, um ano, dois. Eu lutaria para acompanhar seu ritmo.

– Talvez você vá *me* matar – disse ela, pressionando a mão aberta contra meu peito. – Talvez seja o que desejo.

Ocorrera-me que ela poderia querer aquilo, uma estratégia de saída. Mas havia o tempo passado. Talvez fosse o que *eu* desejasse. Caso ela quisesse, não queria agora. Ou, pelo menos, não puramente.

– Há algo melhor do que matar quem você ama – disse. Desenredei-me de seu abraço, forcei-a delicadamente sobre as costas, segurei seus pulsos acima da cabeça, deitei sobre ela, senti as coxas aquecidas pela cama abrindo-se suavemente. Os olhos dela e os brincos e lábios e dentes cintilavam no escuro.

– Algo melhor?

Penetrei-a quando ela levantou a cintura.

– Matar *com* quem você ama – disse.

Foi somente depois, quando ela dormia (perguntando-se se saber o pior seria uma das coisas que a deixaria desperta; agora, tendo permitido a entrada e encontrado espaço para ele rendera-a à exaustão, um delicioso desenrolar rápido para o sono), que eu sabia que nenhum propósito, nenhum mesmo, seria atendido dizendo a ela que Arabella estava grávida e que, ao assassinar e

devorar minha esposa, eu também matara e devorara o único filho que jamais teria.

Os grandes espaços abertos diluem os deuses americanos: Elvis, John Wayne, Marilyn, Charles Manson, JFK. Neles, são como frágeis nuvens se rasgando, nada atrás deles além do vazio azul. Isso enlouquece algumas pessoas. Os americanos sabem e reúnem-se nas costas por intuição coletiva.

A vida reduzida às dimensões de um carro. Falta de sono e o movimento cada vez mais profundo dos quilômetros borravam todas as categorias, geravam absurdas sequências de diálogos, da carreira de Tom Cruise à genética na WOCOP a Obama à fragmentação do feminismo à história da Caçada à adaptação cinematográfica de *O senhor dos anéis*. Enquanto isso, Texaco, gospel, nuvens de tempestade, espantalhos, Jack Daniels, Camel Filters (a divindade da *marca* prova ser surpreendentemente resistente), foder, estrelas, máquinas de vendas e a torção constantemente mais forte da fome. Ela queria saber de tudo, Harley, Jacqueline Delon, Cloquet, Ellis, Grainer, as Cinquenta Casas dos vampiros. E aquilo era apenas a questão temporária. Eu tinha duzentos anos de lugares que visitara, de pessoas que conhecera,

coisas que vira. Não importava o quanto contasse a ela, sempre haveria mais. Mas ela também queria conversar. A Maldição deixara as memórias dela intactas, mas não a noção de que tinha direito a elas. *Elas* tornaram-se inenarráveis. Agora, ali estava eu, aparentemente com o bolo do meu passado e comendo-o. O pesar não remediado dela era pela perda do calor familiar. O clã da mãe fora grande, tinha personagens irlandeses, estereótipos de irlandeses em alguns casos, bebedores e sentimentalismo colossais, e com a grande tapeçaria manchada de sangue do catolicismo romano para embrulhar tudo. Os Tios. Quando ela era criança, aqueles homens pegaram-na com mãos enormes com dedos de salsichas e colocaram-na sentada em seus ombros em meio ao cheiro de uísque e cabelo desgrenhado e falaram absurdos fabulosos. As mulheres iniciaram-na nas fofocas e nas artes da deflação masculina. Aquele fora o modelo de felicidade para ela. Aquilo e a profunda parceria com o pai tão sofrido, de quem ela era sua pequena fada e que a satisfazia, despreocupadamente, e que não tinha somente heróis e deuses para entretê-la, mas também buracos negros e cometas e o peso exato do sol. Entre a tribo de Galilei, a ortodoxia grega já insignificante de Nikolai desaparecera.

– Ele começou com a capitulação – disse Talulla. – Realizou a farsa da conversão para casar com minha mãe. Aquilo o tornava menor aos olhos dela, é claro, apesar de que ela jamais teria casado com ele sem a conversão. Ela mantinha todos os paradoxos, casualmente. Não que eu possa dizer, com o lixo que ainda carrego por aí.

– Quer dizer que acredita em Deus?

Estávamos em Nebraska, ao sul do rio Middle Loup, a leste das Colinas de Areia. Era de noite, fazia frio, granizo começara a cair depois que paramos para colocar gasolina, havia uma hora. Eu

percebera que o caixa cheio de acne nos olhara de soslaio. Aquilo era novo. Na forma humana, eu nunca deixava de passar por um simples humano. Seríamos, juntos, mais palpavelmente Outros?

– Não é crença – disse ela. – É só que você está preso a isto, à maldita mobília que você não consegue trocar. Meu lado educado sabe que o inferno não é nada, uma ficção que herdei por acaso. O outro lado sabe que irei para lá. Deve haver uma dúzia de *lados meus* atualmente, revezando-se em desviar o olhar.

– É a solução pós-moderna – disse. – Distúrbio controlado de personalidades múltiplas. Escolha uma ficção e designe-a a um aspecto de si mesmo.

– Mas você não acha que a história no livro de Quinn seja ficção, não é?

Contei a ela o que eu sabia, o quanto eu estivera perto do livro de Jacqueline Delon, Os Homens Que Se Transformavam Em Lobos.

– Ridículo, não é? – perguntou. – Permitir que tudo o mais tenha seu lugar em uma evolução sem propósito mas exclua *meu* grupo. É apenas uma ressaca... – eu iria dizer “dos dias de humano”, mas senti como aquilo aproximaria de novo o fato da infertilidade. – É a mesma merda de sempre – corrigi. – O desejo de saber de onde viemos na esperança de que esclareça por que estamos aqui e para onde estamos indo. O desejo de que a vida signifique algo mais do que baboseiras subatômicas aleatórias.

– E, agora, está nas mãos dos vampiros – disse ela. – Presumindo que realmente acredite que o tenham?

– Penso realmente que eles têm o livro.

– Sei que é loucura, mas não consigo superar muito bem toda essa história de vampiros. Que eles realmente existam.

– É o tédio de serem obrigados a dormir durante o dia. Isso e não fazerem sexo.

– Eles não fazem?

– Não. O desejo desaparece. Quero dizer, eles dirão que trepar não é nada em comparação com chupar todo o sangue de uma vítima, mas isso sempre me soou um pouco desesperado. É um dos motivos pelos quais nos odeiam.

Nós. Senti a palavra evocar para ela uma tribo, uma família, uma *espécie* – em seguida, o efeito dissipou-se. Uma espécie inteira transformada em poeira prateada.

– Como sabemos com certeza que não há nenhum outro? – perguntou ela, partindo desse pensamento, girando a cabeça um pouco para aliviar os nós do pescoço do lobo que se acumulava. – Alfonse Mackar transformou-me. Certo. Você diz que deve haver alguma anomalia em mim que possibilitou a infecção. Mas e se fosse uma anomalia nele? Se o que estiver interferindo com a infecção for realmente um vírus, talvez *ele* fosse imune. Neste caso, quem poderia afirmar que ele não transformou outros? Poderia haver dúzias, ou centenas...

– Não centenas. A WOCOP saberia. Harley saberia.

– Alguns, então. É possível, não é?

Aquilo me ocorrera. Mas, sem nenhum motivo que eu possa dignificar com nada mais elevado do que a autoridade de um instinto de duzentos anos, eu não acreditava.

– É possível – disse. – É claro que é possível.

– Mas você acredita que não.

– Não. Não sei bem por quê.

Outro silêncio, a inteligência dela em ação. Depois, um sorriso muito sutil.

– É porque seria menos romântico – disse ela.

Dirigíamos longamente à noite, pois fazer isso proporcionava alguma distração da fome pelo menos a quem estivesse atrás do volante. Nossos cheiros formavam uma mistura suja no carro, penetrava em nós, absolutamente se recusava a deixar o desejo adormecer. O sexo abafava o retumbar dos tambores por uma ou duas horas. Depois, o ritmo recomeçava – pior. Retornando cada vez mais rápido. Às vezes, eu sentia Talulla revendo a vida de lobisomem antes de nos conhecermos e sentindo uma espécie de vertigem ou náusea retroativa à qual sobrevivera sozinha durante tanto tempo. Era como se o sol tivesse nascido e lhe mostrado pela primeira vez o quão perto da beira de uma queda de 300 metros ela estivera andando na escuridão. Apesar de tais reflexões (eu também sentia), ela fazia diariamente a mudança estética ou disposicional: enquanto ainda considerar o suicídio, a Maldição poderá se desenrolar como uma tragédia. Quando você está determinado a viver, somente a comédia servirá.

A menos que você se apaixone, Jacob.

(O fantasma de Harley? De Arabella? Quem quer que fosse, ignorei.)

Comprei coisas de que precisaríamos. Uma mochila leve. Binóculos. Cordas com fivelas. Talulla não perguntou. Não para evitar, mas sim porque pela primeira vez em nove meses desfrutava estar inteiramente nas mãos de outra pessoa. Nas primeiras horas do oitavo dia depois de deixarmos Nova York, estávamos em um motel Super-8 em Wyoming.

– Quanto mais penso a respeito – disse ela –, menos parece possível que não saibam a meu respeito. A WOCOP, quero dizer.

Era pouco antes do amanhecer. Minha cabeça estava pousada na coxa dela. A única janela do quarto, cortinada, era um losango de luz azul esfumaçado. Estávamos com os olhos secos, despertos. A

fome nos afastara à força de comida comum. É assim, como Jacqueline Delon sem dúvida sabia, que funciona: o apetite humano ocupa aproximadamente os 14 dias intermediários do ciclo. No resto do tempo, você está descendo a montanha, ou subindo-a. Agora, a quatro dias da lua cheia (cheia crescente), estávamos reduzidos a água, café preto, bebida, cigarros. Até mascar um chiclete parecia categoricamente errado.

– Isso também me preocupa – disse. – Estou certo de que Harley sabia; caso soubesse, não há motivo para que o restante da organização não soubesse. Mas você nunca sentiu que estivesse sendo seguida ou observada?

– Eu *deveria* sentir? Certamente não, se eles são bons.

Verdade. Minha própria sensibilidade à vigilância levara muito tempo para se desenvolver. Ela era uma criança. Uma convicção assolou-me de repente, a de que o motel estava cercado, de que a porta seria arrombada a qualquer segundo. Saltei da cama, destranquei a porta, olhei para fora. Nada. A mica reluzente do estacionamento. A estrada. As montanhas, brancas nos cumes. Ar frio e limpo e a sensação da inocência da terra logo antes do amanhecer. Voltei para o quarto.

– Talvez eu esteja enganado quanto a Harls – disse enquanto ela acendia um Camel para cada um. – É só que, quando vi você no Heathrow, no instante que a vi, foi como se a mensagem cortada dele fosse completada. Era algo tonal, você precisaria conhecer a voz dele. Mas talvez não fosse isso que ele estivesse me dizendo. Poderia muito bem ser que descobrira que os vampiros estavam atrás de mim por causa do vírus. Ou que soubesse que seu disfarce fora descoberto, que seus próprios colegas sabiam. Cristo, poderia ser tantas coisas.

– Já me perguntei se eles nem sequer me viram naquela noite no deserto – disse ela. – Quero dizer, foi uma questão de dois segundos. O helicóptero estava com dificuldade em manter a luz sobre ele. Podem não ter me visto. Quero dizer, *podem* não ter visto. Do contrário, não voltariam para me pegar?

– Você não foi citada no relatório que vi – disse. – E, de todo modo, presumiriam que estivesse morta em 12 horas. Não havia motivo para voltar. Para eles, a única coisa na qual você se transformaria seria em um cadáver.

Ela pensou a respeito por alguns momentos, olhando para o teto. Os efeitos de *não podemos ter filhos* persistiam. Ela estava se perguntando para onde o pesar poderia ir, que forma poderia assumir. Raiva – ou melhor, malícia concentrada – era uma possibilidade. Eu a sentia considerando a hipótese, a completa devoção de si própria a apenas um punhado dos seus aspectos: inteligência, crueldade, destruição. Ela se tornaria Kali.

– Bem – disse ela. – Isso os ensinará a serem complacentes, não é?

O medo da perseguição aumentou em proporção inversa às evidências de perseguição. A parte de trás da minha cabeça e a nuca desenvolveram uma hipersensibilidade cega. Meus olhos doíam de tanto conferir o retrovisor. O escrutínio anormal de todo recepcionista e camareira e gerente de loja e garçomete. O mundo era dos vampiros ou da WOCOP até que se provasse inocente.

Mas os quilômetros passavam sem nenhum indício de que estivéssemos sendo seguidos ou observados.

Dirigimos para o oeste, atravessando as Rochosas. Má ideia, com o *wulf* tão próximo. A criatura latente ansiava e concentrava-se nos espaços íngremes. Flancos iluminados de montanhas talhadas de

neve. Grandes joelhos de pedra despontavam de lagos de floresta. Quando paramos e saímos, o ar estava fino e mineral. Talulla era acometida por surtos de febre, e nos piores suava e tremia, enrolada em um cobertor, mas passava de tais fugas para um estado de consciência renovada, como uma criança depois do banho noturno. Precisávamos falar cada vez menos. O céu do crepúsculo com o primeiro salpicar de estrelas tornou-se nosso elemento. Quilômetros e mais quilômetros tortuosos de um rico silêncio no carro. Eu a observava enquanto ela dirigia, a submissão crescente dos olhos escuros ao que se aproximava, o que ela era. Era o olhar de uma garotinha que assimilou um segredo que ela sabe que pode fazer desmoronar o mundo dos adultos.

O sexo parou. Sem um acordo verbal, encontramos-nos dormentes, um nível de desejo tão extremo, talvez, que beirava ou penetrava seu oposto, como devem fazer todos os extremos. Eu mal conseguia tocá-la, nem ela em mim. Nenhum de nós estava surpreso. *Wulf* tinha suas necessidades ocultas; exigia, agora que a grande consumação estava próxima, uma pequena taxa de pureza, uma pequena antecâmara arrumada e varrida que precede o salão da perversão majestosa.

Nas primeiras horas do décimo dia depois de deixarmos Nova York, queimados pelo sol da estrada e com os olhos vermelhos, com a fome impondo a vida lupina através da exaustão humana, deixamos a parte das montanhas que ficava em Nevada e atravessamos a fronteira, logo ao sul do lago Tahoe e de seu ar agradável, com a Califórnia.

Faltavam duas noites para a transformação.

Minha última vítima no Estado Dourado foi há 32 anos, no verão de 1977. Led Zeppelin tocara no Coliseu de Oakland e uma van cheia de fãs seguira para a Floresta Muir depois do show para tomar ácido e trepar. Eu planejava ir mais para o norte, até o Vale Napa (pois, onde me encontrava, a floresta ficava um pouco perto demais da cidade e, ocasionalmente, era patrulhada por guardas florestais), mas quando um jovem cavalheiro alucinado, travesso, com cachos louros Pré-Rafaelitas pelos quais Robert Plant pagaria um bom dinheiro, afastou-se imprudentemente dos amigos alucinados e praticamente caiu no meu colo... Bem. Nenhuma dor ele sentiu. Tenho praticamente certeza de que não sentiu dor. Se eu não estivesse muito além dos dias de autoconsolo, teria consolado a mim mesmo com o pensamento de que, para ele, eu não passara de uma assustadora alucinação – e final. De modo geral, um assassinato preguiçoso. Mal me dei ao trabalho de enterrar o que restara dele. É claro que os restos foram encontrados, três dias depois, mas àquela altura eu estava em Moscou.

Talulla estava passando mal. Ficamos em um motel na enevoadada 68 logo a leste de Carmel e deixei-a mergulhada em uma banheira quente. Um risco, mas inevitável: amanhã, o nascer da lua apresentaria suas necessidades. Era necessário fazer um reconhecimento. Além disso, eu não vira o menor sinal de que nos seguiam desde que deixamos Nova York. Tínhamos telefones novos; nos falaríamos a cada hora. Caso ela visse ou sentisse alguma coisa – *qualquer* coisa – suspeita, deveria ir para um local público e telefonar para mim.

– É ruim assim todo mês? – perguntei a ela.

Ela estava pálida na banheira, olhos apagados, tremendo. Os seios pequenos arrepiados apesar do calor da água, mamilos belamente enrugados.

– No mínimo.

– Jesus, como conseguiu se virar?

Ela apenas levantou o olhar para mim, mandíbulas travadas, em nome das mulheres. Minha própria rotina pré-Maldição, o sangue fervendo e os ossos arrotando, também estava em andamento. As mãos e os pés híbridos estavam fodendo fantasmagoricamente comigo (cuidado adicional ao volante, Marlowe), prévias lupinas explodindo nos meus ombros e nas coxas humanas. Lido com isso permanecendo em movimento. Ficar parado sentado piora as coisas. Mas não para Lula. Ela parecia que jamais teria vontade de mover-se novamente. Sua maquiagem estava borrada. Ela começara a tirá-la mas desistira. Encarava-me com a pernicioso resignação de uma garota de 17 anos sofrendo do tipo de ressaca do qual sairá com uma sensação de humilde crescimento espiritual – se sair.

– Vou esperar um pouco – disse. – Temos tempo.

Ela balançou a cabeça.

– Não precisa. É apenas o que acontece comigo. Durará até o anoitecer, então estarei cheia de energia. À noite, você desejará que eu estivesse de novo como agora.

Ainda assim, não foi fácil deixá-la. Várias partidas falsas.

– Se, por algum motivo, algo acontecer comigo... – dizia, dando meia-volta pela quarta vez na porta; depois, percebia que não tinha nada de útil a sugerir.

– Apenas vá – disse ela. – Ficarei bem.

Deixei para ela uma garrafa de Jack Daniels, três maços de Camels, uma dúzia de Advils e um bule do terrível café do motel. Também a Luger que eu guardara, apesar de ter substituído a munição de prata por balas normais. Inúteis contra chupadores (caso eu não voltasse antes do anoitecer), mas boas contra colaboradores e agentes.

– Atire em qualquer pessoa que entre por esta porta e não seja eu – disse.

Ela concordou, dentes batendo, depois fechou os olhos e acenou para que eu fosse embora. Tranquei a porta quando saí. Era pouco depois do meio-dia.

Romancistas, notoriamente, estão sempre trabalhando, olhos e ouvidos atentos para qualquer coisa que possam utilizar. O mesmo vale para os lobisomens. Não em relação a personalidades peculiares ou trechos de diálogos, mas sim a locais para matar, lugares que se prestem ao assassinato secreto. Eu mapeara havia anos aquele trecho da costa – as centenas de quilômetros entre Monterey e Morro Bay. Além da geografia e dos fantasmas obrigatórios de Stainbeck, Miller e Kerouac, o Big Sur possui casas isoladas e uma abundância de habitantes locais malucos com mais dinheiro do que bom-senso. No final da década de 1960, aluguei um

lugar aqui por algumas semanas (voei para o Alasca para matar) e ficara impressionado com a riqueza potencial de seus frutos. É estranho que eu tenha ficado longe daqui tanto tempo, na verdade. *Você o estava guardando para ela*, o romântico em mim insistia – e na minha nova idiotice generosa, eu não desconsiderava totalmente a ideia.

É um estranho ofício ou arte, encontrar o onde e o quando e o quem da morte. Naturalmente, desenvolve-se um faro para isso com o tempo, uma sensibilidade a variáveis. Nos primeiros anos, eu costumava passar semanas selecionando o local, pode-se dizer. Agora, você pode me largar em qualquer lugar habitado por humanos e, em menos de 24 horas, direi quem é o alvo ideal.

É claro que há opções brandas. O mundo ocidental está tão louco hoje em dia que você pode colocar um anúncio no jornal e algum autoflagelador desesperado responderá. *Procura-se: Vítima para lobisomem. Deve ser carnuda e succulenta. De preferência, não fumante e bom senso de humor. Apenas para os realmente interessados.* Já tive minha dose de viciados em drogas e bêbados, cegos, surdos, aleijados, enfermos, doentes mentais. Contratei acompanhantes (masculinos e femininos), dopei-os, levei-os de carro até o campo, esperei até que despertassem e os persegui. Tudo isso *serve* (a Maldição não carrega o fardo da estética ou do *fair play*), mas há uma satisfação profunda e peculiar no modo direto – o qual poderia ser chamado de tradicional ou limpo – de predação: você espreita um ser humano perfeitamente saudável, confronta-o, dá a ele tempo suficiente para que realmente *entenda o que está acontecendo*, então faz o que deve.

Passei o dia dirigindo e caminhando, equipado com uma mochila, taco de *beisebol*, botas de caminhada Van Gorkom, de topo de linha, binóculos e uma cópia de *Pássaros do Oeste dos Estados*

Unidos, senhor guarda. Faltava um mês para a temporada turística e as trilhas estavam tranquilas. Eu tinha o lugar todo só para mim. O aroma das sequoias canadenses e da terra úmida fazia meus olhos-dentes e unhas latejarem.

Às 15 horas, a névoa dissipara e o sol aparecera. Trabalhei com fluidez livre, e ainda com uma hora até o anoitecer, preparara um alvo e dois reservas. Seria uma viagem a pé de 25 quilômetros de ida e volta e precisaríamos calcular o tempo atentamente, mas poderíamos fazer tudo sem comprometer o disfarce nenhuma vez – e não há como ser melhor do que isso.

Talulla telefonou quando eu entrava no Toyota.

– Você ficará triste por ouvir – disse ela. – Entrei na fase cheia de energia.

– Ótimo.

– Não fique excitado. É basicamente TDAH, com febre e alucinações.

Este é outro propósito da civilização, podermos trocar banalidades amorosas pelo telefone.

– Está tudo pronto – disse a ela. – Estarei em casa em uma hora.

O sol morria sobre o Pacífico e as montanhas estavam iluminadas de rosa e dourado. O carro estava quente com a luz noturna e falava através de seus odores de combustível e de couro da América. Dirigi cuidadosamente, mantendo o foco. *Wulf* intrometia-se ruidosamente, assombrava minhas mãos e o rosto com as garras e o focinho. Meu couro cabeludo relaxava e contraía, alternando-se entre quente e frio. Está perto agora, irmão, muito perto. Mas dirigi para minha amada, cuidadosamente.

Na noite seguinte, estacionamos o Toyota, agora com placas da Califórnia, em um posto de gasolina 24 horas com um restaurante logo na saída da Rota 1, cerca de 2 quilômetros ao norte do Parque Estadual Andrew Molera. Talulla usava uma peruca loura enquanto eu ostentava um bigode falso e um boné dos Yankees. Óculos escuros para ambos. Os disfarces pareciam excessivos, mas o posto de gasolina tinha câmeras de vigilância. Estava frio e úmido. Faltavam três horas para o nascer da lua. O jeito de Lu mudara novamente. A irritabilidade da noite anterior passara. Agora, estava quieta, olhar límpido. Aquele era seu penúltimo estágio pré-transformação. O estágio final viria dez minutos antes de se transformar. Não era bonito, foi como ela descrevera.

Era uma caminhada de uma hora até o local que eu escolhera para a transformação. Sequoias canadenses misturavam-se a carvalhos costeiros a pelo menos 800 metros da trilha mais próxima. Dali, uma ferra de 11 quilômetros até o alvo. Matar. Onze quilômetros de volta. Três quilômetros e meio até o carro. A

questão era o controle do tempo. O controle do tempo *sempre* é o que importa. Onze horas e 46 minutos sob a Maldição. Caçando sozinho, eu aguardaria até as 4 horas. Duas horas para matar e me alimentar e uma hora e 14 minutos para retornar à base no acampamento. Quando você consegue administrar a fome, estimulá-la, retardá-la e provocá-la, quer o mínimo possível de tempo entre o crime como lobisomem e a fuga como humano – pelo simples motivo de que, caso os restos sejam encontrados e emitam um alarme, você não quer estar com 3 metros de altura, coberto de pelos, com o focinho e as garras ensanguentadas quando as sirenes começarem a tocar. Mas eu não estava caçando sozinho.

– Está vindo – disse Talulla.

– Aqui. Rápido. – Levantei um galho e ela agachou-se sob ele. O rosto dela estava desgastado e suado. – Tire a roupa – disse. – Consegue?

Ninguém por perto, segundo meu nariz. Além disso, não estávamos visíveis. O crepúsculo nas estradas e trilhas era escuridão coagulada sob as árvores.

– Ah – disse Talulla, só com as roupas de baixo, agarrando a barriga. Ela engoliu, repetidamente. Teve ânsias de vômito, em seco, uma vez. Tirei o sutiã e a calcinha e enfiei-os com o resto da roupa na mochila. Conferi os equipamentos: lenços umedecidos, *spray* de água, sabão líquido, sacos de lixo. Subi entre 5 e 7 metros no carvalho (como ensaiado na véspera) e preendi a mochila com os cabos afivelados. De volta ao chão, encontrei Lula ajoelhada, encolhida, abraçando o próprio corpo.

– Não toque em mim – disse ela.

– Tudo bem.

– Muito perto.

– Eu sei. Eu também.

Foram as últimas palavras que trocamos naquela noite.

Ela era rápida. Mais rápida do que eu. Eu presumira – como macho? Como mais velho? (Como um *idiota*, Marlowe) – que estaria plenamente transformado e ao seu dispor enquanto ela ainda estivesse se contorcendo. Mas não. O rosto úmido de Talulla exprimia uma aterrorizante versão *in extremis* de olhos pequenos dela própria, ela vomitou bile, dobrou-se ao meio, virou de lado, contorceu os belos lábios e, em menos de vinte segundos, passou com uma extraordinária fluidez simétrica pela Mudança, enquanto eu ainda rangia e estalava grosseiramente ao perder meus lineamentos humanos. Computação gráfica de última geração *versus* animação com bonecos dos anos 1950, uma discrepância constrangedora sobre a qual me perguntei se seríamos capazes de rir posteriormente.

Não que houvesse muito tempo para perguntas, considerando o cheiro totalmente liberado de uma Fêmea enchendo minha narinas híbridas. Ah. Ah. As semanas de dicas olfatórias vazadas no estado humano não foram uma preparação, realmente *nenhuma* preparação, para o golpe impiedoso do fedor da fêmea lobisomem. De pé, quase caí. Na primeira inalação, minhas bolas se encheram em um tumulto de jazz libidinoso, meu pau levantou-se como que por uma mola – como que capturado por uma armadilha. Talulla, ainda de quatro com o traseiro para o alto, emitiu um som baixo e abriu lentamente as pernas para meu focinho curioso. E ali, querido leitor, molhada para a ponta molhada de meu focinho, estava a boceta lupina dela, maior, mais escondida, com a pele mais escura do que a da irmã humana, fatalmente sedosa e inchada de sangue,

firme e macia como um abacate maduro, liberando um aroma doce que beirava a fronteira maligna da podridão.

Ainda não.

Ela rosnou diante da injunção, recebida por ambos por telepatia simultânea, mas sabíamos que o desperdício seria nos unirmos agora, com a fome apontando facas para nossas entranhas e a dádiva da morte ainda por desembrulhar. Deixei a ponta do meu pau aninhar-se nela por um instante, senti a entrada deslizante mais quente do que a boca de um bebê com febre, quase, *quase* fracassei com o teste de galanteio no final – mas afastei-me e observei com uma espécie de admiração perversa quando ela se levantou totalmente, olhou-me com os olhos mais sábios de animais, sorriu e partiu na frente em meio à escuridão. Disparei uma flecha quente de mijo para marcar a árvore, depois a segui.

Compreendíamos um ao outro. A clarividência que na forma humana não era mais do que a cota padrão dos recém-apaixonados aumentava após a transformação para uma transparência mútua quase total. Ela sabia, por exemplo, para onde íamos, apesar de eu não lhe ter contado. O percurso que eu traçara ontem conduziu-a como um verso de uma canção aborígene; estava lá, na frente dela, tão claramente quanto se eu tivesse deixado um rastro de fósforo. Do mesmo modo, como ela estava livre para vasculhar qualquer arquivo mental relevante, a imagem da casa que eu escolhera, observara com os binóculos e espreitara por tempo suficiente para determinar que havia um habitante masculino solitário para quem a casa sub-Frank Lloyd Wright era um segundo lar transformado em estúdio de gravação para o qual ele se recolhia em períodos de crise criativa. “Veja, se vão continuar mudando os pontos de início, toda essa merda é pura perda de tempo, Jerry.” Ontem, sob minha vigilância, ele saíra para o deque com um café, um baseado e o

celular. “Não. Não, tenho todo o *software* aqui. É a mesma merda. A mesma merda *inútil* se eles continuarem mudando os pontos. Eu realmente... É sério. Diga-me como alguém que está fazendo o terceiro longa acha que é possível compor uma trilha para imagens que não são a porra da edição final? Quero dizer... Exatamente. É sério. É sério. É. Bem. Eis seu *wunderkind* independente de merda...” Ele era bonito, com cabelo louro escuro cortado para criar uma aparência de desapego próprio infantil, uma bonita boca fina, queixo duro e um corpo longo e musculoso. Mais do que sucesso suficiente com mulheres para uma misoginia determinada. Ou foi o que pensei, pelo menos desejosamente. Eu escolhera um homem (e bonito, ainda por cima) para que uma mulher não complicasse a situação para Tallula, que eu sentia agora captando meu raciocínio – ela virou a cabeça para mim com um sorriso – e sentindo-se igualmente tocada e ofendida por ele.

O luar manchava o chão da floresta, acalmava-nos maternalmente quando passávamos por ele. Lu parou uma vez para olhar para o alto e deixar que seu rosto de lobisomem recebesse o banho frio e vi minha amante prateada em toda sua beleza sinuosa, os seios endurecidos e a barriga sem gordura, as mãos longas e fatais, os músculos cobertos de pelos finos nas coxas e panturrilhas. Tremi diante do quão perto eu chegara de desistir. Lembrei-me de Harley na biblioteca, dizendo “você tem a obrigação de viver, assim como o restante de nós”, com a neve de Londres caindo forte e o ouro do uísque iluminado pelo fogo. Você ama a vida porque ela é a única coisa que existe. Nas duas últimas semanas, os motéis, os quilômetros na estrada, Manhattan, Heathrow, tudo tinha a qualidade criptografada de um sonho. *Isto* era o mundo desperto, desejo e fome disparando para o banquete final, meu êxtase morto

trazido de volta à vida pelo simples milagre de não precisar fazer aquilo sozinho...

Enquanto isso, chegamos longe demais cedo demais. Um pequeno córrego penetrava em um vale íngreme, coberto de coníferas na parede oeste (o grande flanco fresco do Pacífico logo além), árvores diversas e protuberâncias rochosas na leste, atravessado por uma sinuosa e lisa estrada pavimentada, de faixa única, com cheiro de asfalto novo e esparsamente iluminada. Talulla parou, a respiração subindo no ar em colunas de fumaça. Fiquei parado atrás dela, envolvi-a com meus braços e enchi as mãos com seus seios e mordi levemente seu ombro. Ela reclinou a cabeça, lambeu meu focinho. *Sou mais esperta quando me transformo*, ela dissera, e eu sentia aquilo nela, a astúcia aprofundada e a inteligência mais aguçada. Dentro do ruído avermelhado, o predador estava ocupado com ângulos e sombras, linhas de cobertura, pontos de entrada, a distância que um grito alcançaria. Eu a subestimara, apesar de mim mesmo, por causa de vestígios de ilusões de delicadeza feminina e presumira que precisaria ajudá-la. Ela sabia, sentia meu constrangimento. A lambida foi, em parte, *está tudo bem, eu entendo. Bondade sua. Mas vê com o que está lidando agora?*

A casa (luzes acesas, Lexus preto na entrada) fora construída como um abrigo chique na face da montanha, dois andares, um porão, uma piscina, uma varanda com deque ao redor de todo o andar superior, garagem dupla, mourões de pedra, portão eletrônico. Mesmo sem nossas vantagens, não seria difícil entrar. As portas do andar inferior estavam fechadas, era verdade, mas era cedo demais na noite do maestro para o trancamento de alta tecnologia permitido pelo Sistema de Segurança Shield 500XS. No centro do andar superior, uma de um par de portas de correr de

vidro estava aberta, além da qual eram visíveis um sofá branco elefantino e uma TV de plasma com o som desligado. Nosso amigo, descalço, de bermudas e uma camisa de lã azul bebê com gola rulê, reclinou-se no sofá com o controle remoto em uma das mãos e o telefone na outra, trocando de canais e xingando o diretor, com uma monotonia que sugeria a aceitação derrotada da falta de profissionalismo do resto do mundo.

O plano mandava esperar várias horas. O plano estava morto. Fome e desejo assumiram o controle sem qualquer cerimônia. Sentimos o plano partir, com alívio. *Aconteça o que acontecer* conferiu sua bênção mântica enquanto nos movemos silenciosamente até a inclinação leste do vale, com um único salto cada um para atravessar a estrada vazia e seguir em frente, com toda a furtividade lupina, na direção da casa.

Fui primeiro. Um salto colocou-me no outro lado do portão. Um segundo, do chão para a varanda. Um terceiro da varanda através da porta aberta e diretamente sobre o sofá.

A hipérbole é um vício da escrita, mas defendo a alegação de que dei em Drew (Drew Hillyard, os jornais informaram-nos desde então) muito literalmente o maior susto de sua vida. O esnobe do Velho Mundo em mim acha que ele gritou – ou melhor, fez *maaah!*, em falsete – porque fora americanamente condicionado a fazer isso ao longo de uma vida de ingestão excessiva de televisão e filmes. Uma mulher abandona você, você vai para um bar e fica bêbado. Alguém corta você na estrada, você grita “babaca!” e levanta o dedo médio para ele. Esses são os roteiros. De todo modo, ele não somente fez *maaah!* em falsete, mas também jogou os dois braços para o alto da cabeça. O controle remoto voou de sua mão e viajou através da sala para chocar-se contra uma cadeira, deixando que *America's Next Top Model* nos acompanhasse enquanto durasse.

Talvez por um profundo instinto de sobrevivência, ele agarrou o telefone celular. Estiquei a mão, aliviei-o do aparelho e, enquanto ele observava, esmaguei-o em minha própria enorme mão monstruosa, cujo espetáculo eliciou nele um estranho gemido nasal. O rosto dele enrugou-se ou franziu-se como que em preparação para lágrimas de bebê em um homem adulto, mas pela distensão da boca e dos pulmões que se enchiam de ar, percebi que havia um grito maior a caminho. Pensei, não podemos permitir isso.

Não permitimos. A mão escura e adorável com dedos longos de Talulla apareceram por trás e cobriram a metade inferior do rosto dele.

Você desejará ordem, sequência, categorias. Simpatizo com isso. Mas o mistério da trindade fodermatarcomer desmorona distinções, descarta o aparato que separa *isto* de *aquilo* e nos apresenta com o equivalente transcendental de um dar ombros gaulês para *uma forma de experiência completamente nova*.

Havia, por exemplo, um gramado alto, endurecido pela geada, rangendo delicadamente ao quebrar sob nossos pés. Gramado? Onde? Estávamos na sala de estar dele. Nossos movimentos eram lânguidos, duas criaturas tragadas pelo fluxo de água negra ao nosso lado, nem rio nem mar e sem margem oposta. Estrelas desciam todo o caminho até o horizonte, aninhavam-se na água. O que não quer dizer que não me lembre do polegar com a garra negra de Talulla rasgando o pescoço, uma abertura mastoide, o ventilar do sangue e os rugidos lacrados. A paisagem não era lugar algum e estendia-se para além da sala. Partes dela tremiam ou dissolviam para revelar à qual divindade pertenciam, não a Deus, mas a um de seus aspectos, o grande e límpido espírito da

Predação, ao qual *nós* pertencíamos, do qual continhamos um fragmento ou uma chama, como uma sina de pura alegria.

Olhamos um para o outro e tudo parou. O que não quer dizer que o sofá branco não estivesse manchado de vermelho onde a mão dele passara rapidamente para a frente e para trás, como que acenando ou tentando apagar algo.

Entre nós estava a certeza compartilhada da ascensão, uma versão acelerada dos estalos de carros de montanha-russa subindo para a Grande Queda. *Você está sentindo isso, não está?* Sim. Enquanto isso, a vida de Drew em pedaços vívidos como o “anteriormente, em...” de uma série de televisão: a grande cabeça com cabelos louros da mãe, com sombras azuis nos olhos e hálito de café bloqueando a luz sobre seu carrinho de bebê e agachando-se sobre ele como um planeta benigno. A dor dos dedos dele esticando-se para alcançar as teclas do piano e as próprias teclas pistas do tempo que antecederam seu nascimento. Uma garota de 12 anos com cabelos escuros mordendo o lábio, e a sensação como no Natal ou no aniversário com sua jovem mão arrastando-se sob o elástico das calças dela, as calças dela, as calças dela de verdade, e Rheingold dizendo “você tem talento, mas não as qualidades de uma estrela” – e ele estava certo. Um livro de imagens com 1 milhão de páginas com imagens de TV, sabres de luz de caubóis Coca-Cola perseguições de carros *Friends* as Torres Gêmeas. Aquele sonho que ele tivera de nadar para o que pensava que fosse a costa mas que, na verdade, era o limite plano da terra pré-Colombo e de repente ele estava sendo tragado para onde o oceano despejava seus navios afundados e tubarões sobre a borda para o espaço preto e vazio nem mesmo estrelas apenas nada e depois acordando coberto de suor e a acompanhante não estava ao lado dele conforme instruída mas sentada na cadeira da janela enviando uma

mensagem de texto em seu Blackberry e a coisa com as mulheres agora era puramente transacional provavelmente sempre fora elas fingiam querer sexo mas era sempre alguma outra coisa de merda e era impressionante como você conseguia aos 41 anos aceitar que a coisa com as mulheres a partir de agora para sempre seria apenas transacional enquanto ele ainda gostaria de ter um filho e ensinar música a ele.

Apesar da lua, a luz da televisão piscou e oscilou perceptivelmente, uma candidata loura de olhos verdes no *America's Next Top Model* chorava reluzentemente, metade do rosto obscurecida sob a massa de sangue coagulando.

Talulla desviou-se do que fazia e olhou para mim. *Está perto. Está sentindo?*

O céu e a água mudaram ou giraram suas partes constituintes ocultas e, como a solução para uma charada visual, as estrelas revelaram uma nova constelação descrevendo a figura de um lobo, um diagrama mostrando que não havia razão para nós, apenas a certeza *de nós*, e compreender aquilo era como pegar a mão que nos levava à paz. A noite na sala concordou, através da água que corria e do cheiro da geada.

O que não quer dizer que não estávamos molhados de sangue ou que Talulla não arqueou as costas ou que minhas mãos não pegaram os seios dela ou que suas pernas não se abriram com astuta capitulação animal. Eu pensara que a amara antes, e realmente amara, a mulher. Mas aquela era o monstro, e o monstro era magnífico. Tive um vislumbre intimidante da profundidade da minha capacidade de adoração, afastei-me dela como que da beira de um precipício gelado. Ela percebeu, e enviou-me: *É o mesmo em relação a você, não vê?*

A pergunta dela acabou sendo o ponto de mudança. Um segundo de equilíbrio absoluto – depois, para baixo, do momento de fulcro entrei nela enquanto seus olhos reviravam e a língua dela curvava-se em um triunfo erótico ou marcial (detonando de certa maneira absurda Dante, *E agora veio uma mulher-lobo, que em seu corpo esguio / parecia repleta de todo tipo de avidez*) – enquanto o mergulho repentino dilacerou-nos para fora de nossos corpos e, durante um momento imensurável, retornou-nos à coisa que não era Deus, e sim o aspecto dele que era nosso, e em cujo arquétipo infinitamente generoso não havia nem ela nem eu, mas somente o arrebatamento que chama você de volta à unidade com a mais doce canção e queima sem qualquer dor as correias e as fivelas do eu que sofre.

Êxtase.

Êxtase desafia a descrição, obviamente, pois aniquila você, pois você não está lá para experimentá-lo. Você fica com a preparação e a recuperação, nunca o zênite. Fomos para o lugar. Voltamos – estragados, transformados em viciados arruinados com um único golpe. A partir de agora, nada menos serviria: duzentos anos de ignorância; agora isso. E apenas duzentos anos para fazer de novo.

Eu te amo, o momento instruiu-nos (feito a vida de Drew, como as últimas luzes apagaram no oeste negro), era para a esfera humana. Aqui, humilhado e repleto de ternura pela recém-restaurada finitude de braços e dentes e lábios e barrigas, aproximamos nossos narizes, lambemos, aninhamos, paramos, olhamos, vimos dentro do outro e soubemos, para melhor ou pior, que fôramos consagrados, não apenas nosso casamento profano, mas também nossa solidão conjunta no mundo. Uma condição, ambos reconhecemos calmamente, que poderia levar ao ódio mútuo absoluto. Era um grande conforto saber disso, compreender,

dar vazão a todas as oportunidades. Nós mesmos nos sentíamos como deuses pequenos e modestos, pulsando com amor fresco pela vida e humildes diante das possibilidades. Riríamos se pudéssemos.

O tempo comportara-se mal, disfarçara horas em momentos. Eu perdera a noção. Imperdoavelmente, deixei-me desenredar. Fodermatarcomer veio às custas da cautela e do controle. *America's Next Top Model* fora substituído pelo *Good Morning News*. (O dueto cômico americano padrão do jogador de golfe paternal com um topete envolvido com uma modelo de 20 e poucos anos da L'Oreal. O pai de peruca fodendo a filha encerada não é problema desde que ambos mantenham uma incredulidade calculada e uma indignação contida em relação a *o que está acontecendo no mundo lá fora*.) Agora, como se tivesse sido apanhada adormecida no trabalho, a lua despertou e começou a enviar o aviso, uma sensação (menstrual, até onde posso saber) de dragagem no sangue da parte inferior do corpo. Poderíamos ser dois peixes pesados em uma linha fraca sendo puxados por um inválido – mas um inválido mágico, pois a força aguda era irresistível.

Como se fôssemos um só, deixamos o que restava da vítima (não muito) e partimos como comida de cachorro e cachorros pela porta aberta e sobre o parapeito da varanda para dentro da floresta conluiada e os vapores da noite que esvanecia. Meu relógio interior reiniciado dizia que faltavam menos de sessenta minutos até que a lua se pusesse.

Corremos, passando o espírito dele de um para o outro como adolescentes trocam chicletes. A névoa estava densa. As árvores passavam em um borrão resinoso. A 800 metros de onde partíramos, captei o cheiro do meu próprio mijo, fiz uma curva brusca para a esquerda, mergulhei em uma faixa de névoa, com Talulla logo atrás de mim, e cheguei em uma questão de minutos à árvore marcada. Subi-a com um único salto e ali estava a mochila, afivelada, salpicada de gotas de orvalho, mas com o conteúdo seco e cheia dos odores da civilização. Um pouco de dificuldade com os cabos afivelados (não existe um único produto no mercado projetado com dedos de lobisomem em mente), mas resisti a *rasgá-los de uma só vez* e, depois de alguns momentos de dedicação paciente, consegui soltá-los e guardá-los. Saltei para o chão.

Nossa volta galopante deixara-nos com vinte minutos livres. Deitamos lado a lado, mas sem nos tocarmos, silenciosos receptores da globalmente ignorada suíte do amanhecer de Pan, uma delicada exalação através da grama e das folhas, o vórtice de

asas pequenas, a escalada introspectiva dos besouros, o tremor da água. O mundo, Lula estava pensando, exala, está repleto, *fervilha* milagres. E vivemos na opaca bolha plástica de televisão e bebida. Deveria começar a manter um diário, transmiti para ela, mas era tarde demais: ela fora tomada pela corrente metamórfica. Os receptores animais estavam superaquecidos. Estiquei a mão em sua direção mas lembrei, *não toque em mim*, e recuei. Ela arrastou-se de quatro em um semicírculo impreciso, desabou, encolheu-se em uma bola. Fora de vista, a lua morria, uma dor ínfima, como o rompimento da última fibra presa a um dente comicamente mole. Talulla, em posição fetal, mandíbulas travadas, sofria convulsões cadenciadas, como que acompanhando algum ritmo. Muco crepitava como um chocalho dentro do focinho.

De novo, ela estava na minha frente. Teve a oportunidade de observar – o que fez, sentada, recuperando o fôlego – a extravagância repleta de estalos de Jake Marlowe Transformando-se De Volta.

– Obrigado por não rir – falei, quando estava confiante de que a linguagem retornara.

Ela não respondeu, ainda estava retornando a si própria interiormente. Os olhos dela estavam grandes e brilhantes, purificados pelo assassinato. Ao ajudá-la a se limpar (os produtos não se importam, lidam com sangue e entranhas com a mesma alegria floral que dedicariam a ketchup ou molho de carne), senti o reagrupamento chocado de seus aspectos humanos, o choque e o nojo, *de novo*, por estar diante da mais grotesca profanação humana, além do perdão, além de qualquer expurgo. O que foi seguido muito prontamente (os olhos dera endureceram) pela compreensão de que choque e nojo já haviam provado serem inadequados. Seis vezes. Sete, agora. O que confirmava o fato de

que ela própria precisaria descobrir uma maneira de lidar com a situação, pois seria desta maneira ou a morte. *Sei pelo que está passando*, eu queria dizer. Não disse. Além do árduo esforço psíquico, ela estava visivelmente sofrendo com a ressaca da Maldição. Eu, velho demorado que sou, esquecera como era, a aura desnuda, a consciência em carne viva. Você não sente vontade de *falar*, por Cristo.

Guardei na mochila o material de limpeza, as mudas de roupa e chutei terra sobre onde ela vomitara na noite anterior. Mochila nas costas, uma conferência final da clareira para me assegurar de que não cometera nenhuma idiotice. Fora o cheiro de mijo de lobisomem, que já enfraquecia, não havia o menor sinal de que estivéramos ali.

Uma hora depois, úmidos por causa da neblina, sentindo o peso da carne devorada, chegamos ao carro. Minhas panturrilhas doíam. Talulla tremia. O interior do veículo tornou-se incrivelmente confortável quando as portas bateram. Este é mais um dos propósitos da civilização, entrar em um carro e fechar a porta e estar rodeado de vinil adornado com recursos tecnológicos e ir embora, dirigindo no ar condicionado. Joguei o saco de lixo (um enigma de DNA, caso alguém o encontre algum dia) na caçamba de lixo em uma parada na estrada a caminho de São Francisco e substituí as placas do carro em um acostamento vazio na estrada, um pouco mais adiante. Duas horas mais tarde, depois de devolver o Toyota na cidade, pegamos o Amtrak para Chicago.

Durante algum tempo, ficamos sentados lado a lado, em silêncio, Talulla no assento da janela, olhando para fora. A luz do sol aquecia nossas mãos e nossos rostos. As pupilas dela estavam pequenas. Talulla piscou lentamente, como se cada encontro e separação das pálpebras proporcionasse uma dose distinta de paz.

O corpo dela emanava exaustão. O balanço do trem penetrou em nós como um sedativo.

Meus olhos estavam fechados quando ela falou:

– Estou começando a me acostumar – disse ela. Uma declaração neutra. Ganho e perda em um equilíbrio mutuamente anulador. A garganta dela doía. Não respondi. Ela não esperava que eu o fizesse.

Depois de algum tempo, ela pousou a cabeça no meu ombro, fechou os olhos e adormeceu.

TERCEIRA LUA

O MÊS MAIS CRUEL

Seis dias depois de assassinarmos Drew Hillyard, tomados por uma sensação surreal devido a tantos fusos horários e muito mau tempo, chegamos em Ítaca.

Não Ithaca, Nova York. *Itháki*, Grécia.

Paramos por uma noite em Nova York, no entanto, contra minha vontade. Nikolai vinha dando sermões em Talulla pelo telefone desde quando partimos e ela insistiu em fazer uma visita antes de escapulirmos outra vez. Era preciso estabelecer a paz entre o pai e Alison Ambidestra, que ameaçara, pela 12ª vez, demitir-se caso Nikolai não parasse de interferir. (Agora, é claro, os restaurantes não importavam mais em termos financeiros, mas além do problema de como explicar a repentina obtenção de 20 milhões de dólares, Talulla sabia que o negócio dos Gilaley era para Nikolai um vínculo com lembranças felizes.) De todo modo, a parada na cidade proporcionou-nos uma noite em uma cama de hotel depois das dimensões torturantes do leito no Amtrak. Uma cama na qual *dormimos*, castamente. Sexo sob a Maldição, evidentemente, anula a libido da mesma maneira que *falta de* sexo sob a Maldição

elevava sua potência ao máximo. Quando nos tocamos, foi com uma solicitude geriátrica. Entre as muitas memórias daquelas semanas atribuladas, esta – de deslizar com ela sob os lençóis lisos e frios do hotel depois de três noites no trem – é peculiarmente vívida, o mergulho do cisne no sono, como saltar voluntariamente para a morte, os últimos fragmentos friáveis da consciência compartilhada – seria isto a paz? Isto é paz, não é, ser capaz de se entregar? – dissolvendo na escuridão como a trilha de fagulhas de fogos de artifício... Existem sonos maravilhosos, sonos de monumental inocência, e aquele foi um deles. Despertamos com a sensação de que tínhamos sido retirados completamente novos de um molde, o que gerou um fluxo de inconsequência moderada, com a qual deixaríamos Nova York pela segunda vez.

American Airlines até Roma, depois Air Italia até Cefalônia. De lá, um barco para Ítaca. Uma *villa* modesta no topo de uma centena de degraus irregulares com vista para a pequena cidade portuária de Konia, uma barganha de 1.200 euros por semana na baixa temporada, obtida em cima da hora. Estive aqui há trinta anos, depois de matar uma saudável francesa que estudava dança contemporânea e estava de férias atravessando o Mar Egeu, em Éfeso. O lugar vinha insinuando-se em algum nível subconsciente, eu acreditava, desde quando pusera pela primeira vez os olhos em Talulla, no Heathrow, e eu providenciara a residência temporária antes de deixarmos Nova York rumo à Califórnia, há três semanas.

– É o final feliz doméstico – disse ela. – Odisseu de volta para a família, o lar e a esposa fiel. Uma criança conseguiria planejar isso. Pensei que você era esperto.

Não esperto. Felizmente estúpido. Estupidamente feliz. A revolução de Jake Marlowe estava completa: o autoconhecimento tedioso transformara-se em uma deliciosa autoignorância. Todas as

certezas anteriores estavam abertas para negociação. Os circuitos da autoanálise distanciada estavam queimados. Ali estava novamente a imersão no agradável fluxo cego.

Não era tão simples para Lula. Sua personalidade maior poderia ter avançado para a aceitação, mas a menor não cederia sem resistir. Pesadelos despertavam-na, encharcada de suor. Ausências levavam-na embora e a devolviam depois de algum tempo. Talulla não falava sobre elas. Às vezes, todo o peso da repulsa a si própria era comprimido no ângulo em que segurava um cigarro. No quarto branco, eu acordava sozinho, em pânico, procurava e encontrava Talulla deitada na banheira vazia ou de pé na varanda, olhando para o mar, ou encolhida com os braços em volta do corpo no chão de terracota da cozinha. Tais ritos eram necessários, nos dois sentidos da palavra: eram inevitáveis e era através deles que estava a sobrevivência. Ela sabia disso, enojada pela lógica da própria continuidade. Aquele era o problema da repulsa, ela dissera. Você a supera.

Certa noite, de madrugada, encontrei-a – depois de me aproximar cada vez mais da histeria quando vi que não estava na casa, tampouco na varanda ou no jardim, nem na aldeia – sozinha no mar, nua, com a água até a cintura. Despi-me e entrei andando no mar, *splash... splash* (ela olhou para trás uma vez e viu que era eu). Parei ao lado dela. A praia estava deserta. Fresca, mas não fria. O luar (lua crescente) flutuava em flocos de folhas prateadas sobre a água. Eu sabia que não deveria pegar a mão dela, nada de tocar. Naquele estado, ela queria ser tocada tanto quanto uma mulher em trabalho de parto quer um beijo de língua.

– Meu pai me contava a história de Licaon quando eu era pequena – disse ela. – Ele sempre enfatizava a importante cláusula

de oito anos, sobre como ninguém jamais ouvira de nenhum dos lobos transformando-se de volta em homem.

Há duas versões do mito. Em uma, Licaon, rei de Arcadia, tenta fazer Zeus comer restos humanos em uma torta durante um banquete e é punido, sendo transformado em lobo. Em outra, ele ofende Zeus ao sacrificar uma criança humana no altar do deus. Depois disso, não somente o rei, mas qualquer um que fizer sacrifícios ali sofre a transformação lupina – e poderá retornar à forma humana somente se conseguir não comer carne humana durante oito anos.

– Qual foi o máximo que consegui? – perguntou ela.

– Quatro luas.

– Quão perto de oito anos você chegaria?

– Oito anos podem muito bem ser 8 mil. Você sabe disso. Não há volta.

Depois de um breve instante, ela disse:

– Não. Eu sei.

Eu estava transbordando de masculinidade urgente, uma hiperprontidão agressiva para agir com violência contra qualquer pessoa ou coisa que pudesse ter a inclinação obscena de fazer mal a Talulla. Era muito difícil não colocar as mãos nela, envolvê-la com os braços, meu corpo e minha alma entre ela e todos os perigos concebíveis. Era tão doce, um alívio tão desmerecido não precisar mais preocupar-me comigo. Apenas com ela. Apenas com ela.

– Será sempre assim – disse ela. – Fugindo. Olhando para trás. Livrando a cara. Que frase mais repugnante, na verdade. Livrando a cara. Eu não ia me afogar, diga-se de passagem. *Podemos nos afogar?*

– Sim. Em nossas duas formas. E queimar, eventualmente.

O movimento do mar em torno de nossas pernas gerava a ilusão de estarmos balançando.

– Vi amostras de tecido com meu pai e Allison quando paramos em Nova York – disse ela. – Vamos redecorar o ponto na rua 28. E três dias antes eu fodi você com o rosto enfiado no cadáver rasgado e aberto de um homem.

Ela riu, uma vez – não, como muitos fariam, histrionicamente –, mas porque o que ela dissera era ao mesmo tempo factualmente correto e soava como uma fala de uma comédia de terror *cult*.

– Sim – eu disse. – Isso mesmo.

Eu sabia por que ela dissera aquilo. As atrocidades não confessadas matam você de dentro para fora. *O que é a compulsão de dizer a verdade, se não uma compulsão moral?* Jacqueline Delon perguntara. Ela estava errada. É uma necessidade de sobrevivência. Você não consegue viver se não conseguir aceitar o que é, e não pode aceitar o que é se não disser o que faz. O poder de nomear as coisas, tão antigo quanto Adão.

Voltamos para a casa, uma caminhada silenciosa atravessando a aldeia silenciosa sob as constelações. Pela primeira vez desde o assassinato, senti o desejo cintilar novamente entre nós – foi quando percebi: ela sentira antes de mim, sabia que a fase seguinte do ciclo começara, deparava-se novamente com o inevitável ponto final. Por isso estava sozinha no mar escuro como vinho, a água até a cintura.

A *villa* cheirava a roupa de cama recém-lavada e aos limões e ao tomilho em vasos na varanda. Despimo-nos com uma precisão estranhamente plácida e deslizamos nus entre os lençóis frios.

– Não acha estranho que eu tenha acreditado no que disse sobre as drogas? – perguntou ela.

Em algum ponto da viagem na estrada, falamos sobre os supressores narcóticos, os dias passados na jaula, o cofre de ferro fundido, a chave. Eu contara a verdade: É possível suportar, medicado quase até a morte, por um par de lunações, talvez três (tentando a quarta, eu quase me matara – literalmente, eu arrancara minha própria carne; se não fosse pela cicatrização acelerada do uivador, eu sangraria até a morte), mas há duas razões para não fazer isso. Em primeiro lugar, é o pior sofrimento que um lobisomem pode atravessar. Em segundo, não faz sentido, pois não importa que seja neste mês ou no próximo ou no seguinte, a menos que cometa suicídio, *você certamente matará de novo* – e de novo e de novo e de novo até morrer de velhice ou ser encontrado pela prata. Eu dissera tudo isso a ela.

– Não acho estranho – disse. – Dá para entender a lógica. Moralmente, um mês de abstinência aqui ou ali não faz sentido.

– Não foi por isso que não tentei – disse ela. – Não tentei porque me lembro de como foram as três primeiras vezes e o pensamento de passar outra vez por aquilo me aterroriza. Não se trata de entender a lógica. É covardia.

– Não sou diferente. Também me aterroriza. Além do mais, fracassei na última tentativa.

– Mas você fez o bem no mundo. Compensou.

– Gestos financeiros. O que não é nada se você tiver o bastante para torrar. Além disso, não funciona. Dinheiro não é a moeda corrente no mundo moral.

Meu pau movera-se ao lado da mão de Talulla. Eu sabia que ela sabia. Ela estava se preparando para a capitulação única. Através do pesar e da vergonha para o calor e a paz de não ter ninguém além de um ao outro.

– Não muda – disse ela. – Fico pensando que há alguma maneira de contornar, mas no final continua sendo matar a si próprio ou seguir em frente sendo o que você é.

– Não se mate – disse.

– Você ficará comigo?

– Sim.

Apenas fique.

– Eu poderia me matar – disse ela. – É difícil dizer.

– Promete que não se matará sem me contar antes?

– Sim.

– Diga.

– Prometo não me matar sem contar antes a você.

Naquela noite, caí em uma confusão de sonhos. Acho que fizemos amor outra vez, e da maneira semiadormecida que se aproxima da mágica. Depois, mais sonhos. Em um, eu era repetidamente picado no pescoço por um inseto furtivo. Pensei: preciso contar isso a Talulla quando acordar. Preciso – mas o pensamento caiu repentinamente na escuridão.

E quando acordei, tarde, o quarto estava tomado pela luz do sol e uma brisa com cheiro de mar e, antes de levantar a cabeça do travesseiro, pude sentir o vazio na cama onde o corpo dela deveria estar e a voz de Ellis disse:

– Nossa, Jake, já estava na hora.

Ellis estava sentado na única cadeira de palha do quarto, no pé da cama, com as costas voltadas para as janelas francesas que se abriam para a varanda, mãos juntas sobre a barriga, uma perna cruzada sobre a outra em um ângulo aberto. Vestia sua marca registrada de calças pretas de couro, botas com pontas de aço, jaqueta de sarja clara. Os longos cabelos brancos e alourados que chegavam na cintura estavam soltos hoje. Uma movimentação no ar trouxe até mim o cheiro pantanoso dos pés dele. Uma vibração como a de um diapasão em meus dentes revelou as balas de prata na arma de fogo em um coldre no ombro. Sentei-me para encará-lo.

– Nós a pegamos – disse ele. – Quer fazer um questionário ou posso apenas ir falando?

– Fale – disse.

Ellis concordou brevemente, como se para confirmar que sua suposição privada quanto à minha reação estivera correta, depois se levantou, gesticulou indicando *só um segundo*, saiu para a

varanda e voltou logo depois com duas xícaras de café fresco. Entregou-me uma e voltou para a cadeira.

– Primeiro, permita-me assegurar-lhe – disse ele. – Talulla está viva e bem, completamente ilesa. Está longe daqui, em um lugar que ainda não posso revelar, mas você não precisa sentir absolutamente nenhuma ansiedade quanto ao conforto dela. Prometo isso a você, Jake.

Coloquei o café na mesa de cabeceira. Minhas mãos tremiam. Caminhando de volta da praia ontem à noite sob as estrelas, ela pegara minha mão. Nenhum dos dois dissera nada, mas o gesto fizera com que nós dois pensássemos, delicadamente, na morte. Agora, eu a imaginava sentada com os joelhos encolhidos em uma beliche espartana em uma cela sem janelas. *Viva e bem, completamente ilesa*. Eu precisava acreditar nele, porque não acreditar deixava-me sem nada.

– Não posso fazer isso pelado – disse.

– Compreendo. Vá em frente.

Levantei-me, senti o vácuo perfeito que seria ocupado por qualquer concessão ou interesse relativos à minha nudez caso estivesse com qualquer outra pessoa e vesti rapidamente as roupas de ontem. Ellis sentou-se na beira da cama e acendeu um Camel. Meu eu apaixonado, como um lunático em uma camisa de força, soluçava e balançava para a frente e para trás, repetindo *eles a pegaram. Eles a pegaram. Eles a pegaram*. Havia um ponto dolorido no meu pescoço que coçava irresistivelmente.

– Ainda dói? – perguntou Ellis. – Dardo tranquilizante. Temos um cara novo, diz que se chama O Gato. Justificadamente, se ele conseguiu subir na varanda sem acordar você. Não ouviu nada?

Um sonho no qual eu era picado por um inseto. Minha própria inutilidade caída sobre mim como um bêbado desmaiado.

– Apenas dê a informação – disse.

– Certo. Bem, ela está conosco. Você pode tê-la de volta e viver feliz para sempre. Tudo que precisa fazer é matar Grainer.

Levantei o olhar para Ellis. Estava com o rosto tranquilo, os olhos azul-escuros lúcidos. Ele encarou-me de volta.

– Você me ouviu corretamente – disse ele.

– Por que Grainer? – perguntei.

Ellis tomou um pequeno gole do café, engoliu; seu pomo de adão moveu-se na garganta como um pequeno cotovelo.

– Jake – disse ele. – É o seguinte: já há algum tempo, estou envolvido em um movimento dentro da organização. Trata-se de um grupo de pessoas... Algumas da Caçada, outras da Tecnologia, outras de Finanças... Que perceberam o aviso na parede. Falo de um aviso muito grande em uma parede muito grande: precisamos de você. Literalmente, você é a razão de nossa existência. Não apenas você, obviamente. Os vampiros, os demônios, os zumbis, a garotada do vodu, os satanistas, os djin, os *poltergeists*, todo o pessoal. O problema é que o pessoal está ficando um pouco *reduzido*. Você percebe, não é?

Rumores malucos pós 11 de Setembro diziam que a própria administração de Bush lançara os ataques, cuja recompensa seria carta branca para agressividade focada no petróleo e um estímulo no braço já anabolizado do complexo militar-industrial. Sem medo, sem financiamento. O que também vale para a al Qaeda. Aqui, o princípio é o mesmo.

– Os caras fizeram o trabalho tão bem que acabaram deixando a si próprios sem trabalho.

– Exatamente. Meus amigos e eu não estamos preparados para permitir que isso aconteça. Para Grainer, tudo bem, ele tem

dinheiro e, de todo modo, não aguenta mais essa merda. Mas o que um cara como eu pode fazer? Fritar hambúrgueres?

Portanto, não era apenas o financiamento. Também havia uma crise de identidade. Ellis não conhecia mais nada. Estrelas pornôs referiam-se à indústria como uma família carinhosa. A Caçada, eu conseguia imaginar muito bem, desempenhava o mesmo papel.

– Para sua informação – continuou Ellis –, agora existem duas WOCOPS. A Organização Mundial Para o Controle de Fenômenos Ocultos e a Organização Mundial Para a *Criação* de Fenômenos Ocultos. Não deixamos a Organização. O mais provável é que jamais a deixemos de verdade. Mas, sob nossa influência, haverá mudanças. Salvaremos o que corre o perigo de ser perdido para sempre.

– Matando Grainer?

– Você não tem a menor ideia, Jake, de quanta *influência* o cara possui. Não é apenas ele. Há um núcleo, uma maldita *junta*. Controlam o financiamento, o recrutamento, as pesquisas, políticas, a mídia. Metade dela é constituída por cínicos que roubam descaradamente a organização, e a outra metade é de fanáticos que não se dão conta de que estimulam a si mesmos rumo à redundância.

– Para mim você era um fanático – disse.

Ellis balançou a cabeça com uma espécie de decepção benevolente

– Sou um pragmatista, Jake. Sempre fui. Pensava que soubesse.

– E quando você matar Grainer... Desculpe, quando conseguir que *eu* mate Grainer... E depois? Um golpe de Estado? Ou está eliminando os generais, um a um?

– Não queremos uma revolução sangrenta – disse ele, depois engoliu o resto do café e colocou a xícara no chão. – A organização

está instável demais e nossos números são muito pequenos. Prevemos três, talvez quatro mortes cruciais na cabala da Inglaterra. Uma dúzia nos Estados Unidos. Não queremos exagerar. Visamos *fazer tranquilamente com que nossa presença seja sentida*. Conduzir de maneira suave. Percebe como funcionaria? Os fanáticos, admitidamente, devem sumir, e Grainer é fanático até a alma, mas os cínicos podem ser persuadidos. Ou partir voluntariamente ou parar de abusar da organização. Não uma revolução sangrenta, mas tampouco inteiramente delicada.

– Então, você não precisa de mim – disse. – Apenas mate Grainer você mesmo. Na verdade, precisa fazer isso para que a ameaça do seu grupo tenha credibilidade.

– Eu *vou* matar Grainer – disse ele. – Serei eu quem substituirá a munição de prata pela merda comum. Você apenas fornecerá a camuflagem, Jake. É o perfeito disfarce *faux*. Precisamos fazer com que esses caras saibam que fomos nós sem darmos a eles os meios para provarem. Eles têm contatos no mundo comum. Poderíamos enfrentar um processo *legal* normal se não fizemos direito.

– Vocês deixaram ficar um pouco tarde, não é? – perguntei. – Quero dizer, sou o único que resta. Que diferença fará me manter vivo?

Ele olhou para mim, quase sorrindo.

– Muito bem, Jake. Mas há você e ela. Você não sabia que sabíamos a respeito dela. Você precisava descobrir. Sabíamos.

Uma esperança tênue, mas valia a pena tentar.

– Grainer sabe sobre ela?

– Não. Só o meu pessoal.

Meu estrategista interior trabalhava em meio ao terror. Grainer não sabe sobre ela. Isso é bom? Podemos usar isso? Não estou certo. Dê-me um minuto.

– Certo – eu disse. – Então, existimos eu e ela. Dois, no total. Grande coisa. Não basta para uma Renascença na Caçada.

Durante um momento, Ellis não respondeu. Na verdade, parecia atento a alguma frequência que só ele conseguia ouvir. Depois, retornou, com um suspiro curto.

– Jake – disse ele. – Ah, cara. Você não tem ideia do que está acontecendo. Nem sequer sei por onde começar.

Meu couro cabeludo contraiu-se. Eu não *queria* que ele começasse. Os detalhes, de qualquer modo, não importariam. Tudo que importava era que algum gigantesco erro no Primeiro Princípio tivesse produzido fantásticas ramificações falsas. Agora, tudo que você pensava que sabia... Tudo que tinha certeza era... Você não previu isso? Você, o grande *leitor*?

– Deciframos o antivírus – disse Ellis.

A tentação de dizer "*o quê*", apesar de ter ouvido perfeitamente, era quase irresistível. Mas resisti, por pouco.

– Um feliz acaso, ainda por cima – disse ele. – Acho que é sempre assim com as grandes descobertas, um pouco de carne crua cai no fogo e *voilà!* Descubrem a culinária. De qualquer modo, devemos agradecer à sua garota.

Para o lobisomem, mas tinham me atingido. Na panturrilha. Tranquilizante, presumivelmente, pois no instante seguinte apaguei como uma lâmpada.

Não, anjo. Não um tranquilizante. Jesus Cristo.

– Alfonse Mackar está morto ou não? – perguntei.

– Está morto – disse Ellis. – Morreu na noite em que se deparou com Talulla no deserto, mas não foi morto por nós. Algum grupo amador local em uma merda de *jipe*. Pode acreditar? Precisamos recrutá-los para mantê-los de boca fechada. Sério, Jake, é um circo lá fora, livre para quem quiser. Qualquer adolescente com

equipamento de fundição e um diploma em *Buffy*. Quero dizer, houve um período no qual...

– Poderia apenas me dizer o que está acontecendo?

Ele ergueu a mão.

– Tem razão. Sinto muito. Vou pegar outra xícara. Também quer?

Eu não queria. Enquanto Ellis preparava mais café, peguei algumas peças de roupa de Talulla que estavam espalhadas pelo quarto e tirei-as de vista. Cobri a cama, também. Era horrível que ele visse as evidências de nossa intimidade, agora que ela fora destruída. Eu não conseguia parar de pensar em como ela pegara minha mão ontem à noite e nenhum de nós conseguira dizer nada. Como se compartilhássemos uma premonição de perda.

Ellis colocou a cabeça para fora da janela francesa.

– Quer sentar-se aqui fora? O dia está lindo.

Trincando os dentes, juntei-me a ele na varanda sob a luz ofuscante. O sol dizia que eram 15 horas, mais ou menos. Abaixo de nós, pequenas casas brancas espalhadas pontilhavam a colina descendo até a aldeia, onde Konia cuidava de seu negócio pitorescamente absurdo. Um pescador de pele clara sentado em uma cabrestante remendava uma rede. Um garçom apoiado contra um poste, fumando. Quatro adolescentes matavam tempo em torno de uma Vespa laranja. Sentei-me diante de Ellis, com a luz atrás de mim. O calor do sol fixou-se na parte posterior da minha cabeça como um solidéu infernal.

– Certo – disse ele. – As pesquisas sobre infecções de lobisomens foram encerradas oficialmente há cinco anos. Extraoficialmente, nossos rapazes continuaram. Foi difícil, com o número limitado de espécimes vivos... Mas tínhamos Alfonse Mackar. Alfonse era nossa galinha dos ovos de ouro... Até partir. *Fugiu*, por Cristo. Não acredito que fomos tão descuidados. Alguns

dos caras mais novos... – desviou o olhar, balançando a cabeça. – De qualquer modo – prosseguiu ele –, naquela noite, no deserto, tentávamos recapturá-lo. Se não conseguíssemos, atiraríamos um dardo nele com a última versão do antivírus. E o que acontece? O atirador acerta Talulla por acidente. – Ele inclinou-se para a frente, sobranceiras erguidas. – E quem é o atirador? Eu! Caolho desgraçado! – Ele relaxou e recostou-se de novo, sorrindo. – Serendipidade, Jake, todas as vezes. Passamos todo o tempo tentando tratar o lobisomem. De repente, acidentalmente, tratamos a vítima. Talulla é a primeira pessoa a sobreviver à mordida. E a se Transformar... Em mais de 150 anos. Ela sobreviveu e se transformou porque os medicamentos preparados por nossos intelectuais realmente funcionaram. Ainda não sabemos se matam o vírus em um licantropo já estabelecido, mas obviamente o matam em um novo. Uma dose quando você é mordido e bingo! Um lobisomem novo em folha. Esse é o raciocínio de Poulsom, de todo modo. Ele é o cérebro. Este é um período excitante.

– Não faz sentido – disse. – Você matou Wolfgang. *Você*. Você é o filho substituto de Grainer. Você matou *muitos* de nós.

Ele concordou outra vez e abaixou a cabeça. Ridiculamente, *suspirou*.

– Tem razão, Jake – disse ele. – Demorei demais. Eu estava sob o encanto do homem. Ele tem o dom, você sabe, o carisma. Ele *tem* sido como um pai para mim. Mas eu precisava permanecer próximo a ele para descobrir quem são os membros cruciais da organização. Ele tem acesso a todos. Mesmo agora, o pensamento dele não estar por perto deixa-me um pouco enjoado, e faz um ano que me juntei aos renegados. O fantasma da ambivalência existe como um espírito que não consegue fazer a transição. É o preço de ser agente duplo.

Eu próprio fiquei enjoado. Não apenas por estar claro que Ellis era louco. O universo interior dele era impenetrável. Ele poderia estar dizendo a verdade. Poderia estar sofrendo uma alucinação retardada. Os pontos de referência e parâmetros fundamentais não estavam presentes. Era preciso decidir aceitá-lo pelo que dizia. O que era bastante fácil, já que a alternativa era um vácuo onde deveria haver outra explicação.

– Diga-se de passagem – disse ele –, é justo dizer-lhe: você recebeu o antivírus. O novo. Mais de uma vez.

– O quê?

– Bebidas no Zetter. Também em Caernarfon. Poulson ainda está atrás de uma visão que destrua o vírus em quem der a mordida. Talulla foi mordida e recebeu o antivírus e, como resultado, transformou-se. Mas ainda não sabemos se ela própria é capaz de transformar alguém. Além disso, obter a droga que possibilita uma infecção bem-sucedida na vítima mordida não nos leva a lugar algum no sentido mais amplo. Quero dizer, pense a respeito: precisaríamos *estar presentes* sempre que alguém fosse mordido para administrar a droga. É completamente impossível.

Havia a memória de um uísque no Zetter com sabor estranho. Pedi um Oban, eu dissera a Harley. Acho que me serviram Laphroaig.

Harley.

Minha vida, pensei, é uma lista de pessoas com as quais fracassei.

– O problema, obviamente, é que você não mordeu ninguém – prosseguiu Ellis. – Esta é outra condição do acordo, é claro. Você deverá começar a deixar sobreviventes. Pensamos em dois vivos para cada morto. Vocês levarão uma boa vida quando os números subirem outra vez.

A luz que cobria o exterior da varanda branca irritava meus olhos e o calor era uma sentiência raivosa. Apesar da irrelevância, tais detalhes coçavam em meu cérebro como larvas.

– Por que não a pegaram?

– Como disse?

– Talulla, no deserto. Por que não a capturaram?

O telefone de Ellis tocou. Ele viu o número. Ignorou.

– Seria o que faríamos – disse ele. – Mas outra unidade apareceu. Uma unidade regular da WOCOP com um dos malditos diretores a bordo. Não sabiam o que ocorrera, obviamente, não tinham a menor ideia de que uma civil estivera envolvida, mas queriam que removêssemos o corpo de Alfonse o mais rápido possível. Poulson voltara para marcar Talulla cirurgicamente mas, além disso, não havia nada que pudesse fazer por conta própria. O diretor transferiu-se para nosso helicóptero para levar Alfonse de volta ao QG em Phoenix. Poulson precisou deixá-la onde estava e deu no pé. Pegamos ele a 2 quilômetros da estrada.

– O que quer dizer por “marcar cirurgicamente”?

– É um grampo – disse Ellis. – Um transmissor. Aproximadamente da metade do tamanho da unha do seu dedo mindinho. Implantado cirurgicamente. Está no peito dela. Poulson estava curioso quanto ao efeito que o antivírus teria nela. Creio que talvez até tivesse um palpite. O cara é assombroso com essas coisas. De todo modo, nós a perdemos. Pensamos que tivesse morrido como todos os outros, porque durante muito tempo, não encontramos nada. Depois, há dois meses, *beep... beep... beep*. Eu queria capturá-la imediatamente, mas votaram contra mim. Abundavam rumores de que havia um espião entre nós. Um dos caras de Poulson desaparecera. O movimento todo praticamente entrou em colapso. Mas esperamos.

Na verdade, ainda sinto uma leve pontada no peito ocasionalmente. É como se houvesse uma farpa. Deus, a tequila foi até as pontas dos meus dedos dos pés. O pensamento deles sabendo onde estávamos o tempo todo, todos os quilômetros atravessando os Estados Unidos, toda minha cautela sem sentido, deixava-me agora com uma sensação de capitulação sensual.

– Por que não me contou nada a respeito quando me visitou no Zetter? Ou em Cornwall?

Ele concordou com a cabeça, lábios franzidos e olhos baixos, admitindo uma fraqueza.

– Medo e despreparo – disse ele. – Grainer deveria encontrar-me naquela manhã no Zetter. Sabíamos que você começaria a se perguntar se o disfarce de Harley estaria seguro. O raciocínio dos burocratas foi que a história do idiota francês precisava ser reforçada. Depois, no último minuto, recebi um telefonema do escritório dizendo que Grainer estava ocupado com algo e que eu deveria seguir em frente sozinho. Até hoje, não sei se estavam me testando. Poderiam ter grampeado o quarto, ou havia sua acompanhante, como era mesmo o nome dela, Madeline, que, pelo que eu sabia, poderia muito bem ter sido recrutada. De qualquer modo, não gostei do esquema e não colocaria a cabeça na guilhotina. Muitas coisas em jogo.

– Madeline não é da WOCOP, ou é? – perguntei, com uma sensação genuína de ruptura. Maddy não sendo quem parecia seria uma decepção unicamente desanimadora, o tipo de coisa que faz você dizer Jesus, será que *nada* é sagrado?

– Puramente civil – disse Ellis. – Uma ninguém. Esqueça ela.

Pequenas piedades.

– Certo, mas e quanto à emboscada em Cornwall?

– Aquilo foi pura sorte. Eu estava literalmente prestes a lhe contar tudo quando recebi uma mensagem da equipe dizendo que outros dois vampiros tinham sido vistos. Precisei partir. Para sua informação, matamos outros três naquela noite, mas *demorou* a noite toda... E, pela manhã, você escapuliu de volta para Londres antes que eu tivesse a oportunidade de falar com você.

– Você não está à frente disso, obviamente – disse.

– Que merda, é claro que não. Não quero a dor de cabeça.

Uma mentira transparente – ambos sabíamos que ele estava a caminho da supremacia remota –, mas a ignorei.

– Então, quem está?

– Vamos lá, Jake, é confidencial. Por que se importaria?

Madeline teria dito: *porque quero o homem do realejo, e não o macaco.*

– Não tenho certeza – disse. – Talvez seja porque você parece oscilar entre soar profundamente racional e completamente insano.

Ele assentiu.

– É um problema de comportamento – disse ele. – Sou oblíquo, é o que me dizem. Você sabe que sou órfão, certo?

– Não, não sabia.

– Minha mãe abandonou-me em um K-Mart em Los Angeles quando eu tinha menos de 1 ano. Ainda sonho com o lugar, uma espécie de brilho natalino difuso.

A consciência dele era como uma corrente oceânica submarina letal. Antes que você se desse conta, estava em águas mais frias, a quilômetros da costa. Levantei-me.

– Chega desta merda – eu disse. – Apenas me diga o que fazer.

– Fique frio, Jacob. Nada, ainda. Dezessete dias até a lua cheia. Grainer ainda quer o animal. Até onde ele sabe, você está fora do radar. Em duas semanas, você entrará em contato com ele e

explicará. Vingança por Harley. Você e ele, o vencedor fica com tudo. Mantenha o local original na floresta galesa. Estamos preparados para isso. Deixarei três caras com você para o caso de os vampiros encontrarem seu rastro, mas mantenha a calma, certo? Ah, e não desperdice dinheiro tentando comprar meus garotos para que lhe revelem a localização dela. Eles não sabem. Você pegará um voo hoje para Londres. Aqui está um telefone novo e um carregador. Mantenha-o liberado 24 horas por dia, todo dia. A única pessoa que telefonará para ele serei eu. Por enquanto, apenas vá para casa e aguarde firme.

– É isso?

– É isso. Confie em mim, Jake, tudo ficará bem. Ambos sairemos dessa como vencedores.

O telefone de Ellis tocou novamente. Desta vez, ele atendeu e disse:

– Prossiga. – Depois, pausou por um instante antes de entregá-lo a mim. – Aqui – disse ele. – Fale com sua mulher.

O céu sofreu uma descarga de partículas e, por um instante, adquiriu um tom azul mais escuro. Suor brotava na palma da minha mão quando peguei o telefone.

– Lu?

– Jake?

– Você está bem?

– Estou bem. Onde você está?

– Não está ferida? Não machucaram você?

– Não, não estou ferida.

– Não tenha medo. Vou tirar você daí. Tudo ficará bem.

– Onde você está?

– Ainda na *villa*. Você não sabe onde está?

Eu sentia Ellis perifericamente dizendo com o rosto: “Vamos lá, Jake, não seja bobo.”

– Não sei. Acho que viajei de avião. É como um hospital. Tem um médico aqui, ou pelo menos é um cara vestido de médico.

– O que fizeram com você?

– Nada. Coletaram sangue, uma amostra de urina. Todos são muito atenciosos.

– Lu, escute. Ficarão com você 17 dias. Poderei falar com você ocasionalmente... – Olhei para Ellis. Não com frequência, dizia seu rosto. – Mas apenas aguente firme, vou tirar você daí, certo?

Houve uma pausa na qual senti, como uma queda repentina de temperatura, o quanto ela estava com medo.

– Promete? – perguntou ela.

Precisei engolir em seco. E dar as costas para Ellis.

– Prometo. Vou tirar você daí. Apenas me espere.

– Certo, vou tentar.

– Eles querem que eu... – A ligação foi cortada.

Virei-me para Ellis.

– Maldito Jesus *Cristo*, coloque-a de volta. Coloque-a de volta na linha *agora mesmo*.

– Jake, Jake, acalme-se. *Acalme-se*. Você sabe como essas coisas funcionam. Você falou com ela. Confirmou que é sua mulher. Sabe que ela está bem. Prometo-lhe que nada acontecerá a ela. Vi o quarto no qual está sendo mantida, e sabe de uma coisa? É *agradável*. Ela tem uma TV e uma cama confortável e o próprio banheiro pequeno com um chuveiro e tudo à disposição. Portanto, falando sério, pare de se preocupar.

Ele estendeu a mão para pegar o telefone, mas segurei-o. A voz dela passara por ele, eu ainda a sentia ali, na minha mão.

– Vamos lá, Jacob. Não seja idiota.

Devolvi o telefone.

– Preste atenção – disse. – Não farei nada para você até que eu a veja. Compreende? Com meus próprios olhos, em carne e osso. Vou vê-la *pessoalmente* ou você não conseguirá porra nenhuma. Isso não é negociável.

Ellis levantou-se. Olhou curiosamente para mim por um instante, depois se virou e pousou as mãos no parapeito da varanda, olhando além dos telhados vermelhos e dos barcos brancos para o azul trêmulo do mar Egeu.

– Jake – ele disse. – Você está apaixonado por ela, não está?

Não respondi. Minha cabeça latejava. Um cheiro de peixe cru vinha da vila. Um *jet ski* atravessava a baía aos saltos. Eu tinha consciência de que cometera uma burrice.

– Tudo bem – disse ele. – Sem problema. Estou intrigado. Quero dizer, você está vivo há duzentos anos. Presumo que a Morte do Coração ocorra em algum momento. O Fim do Amor. Presumo décadas de... Como é a palavra em francês? *Longueurs* emocionais. Veja só, fico surpreso. Décadas de *longueurs* e depois, de repente, *zammo*, isto, amor novamente.

O tom dele não mudara muito, mas mudara o bastante. Permaneci em silêncio. O sol e o calor como 1 milhão de picadas de aranhas.

– Não me obrigue a mandá-los fazerem algo – disse Ellis tranquilamente. – Com ácido sulfúrico ou algo mais. Na perna dela, ou em outro lugar.

– Por favor – eu disse... mas ele ergueu a mão.

– Você não tem poder suficiente para fazer exigências, Jake – disse ele. – Compreendo o impulso, mas você não está sendo, você sabe, coerente com a realidade.

A perna ou algum outro lugar. Outro lugar é outra parte do corpo, o rosto, os seios ou entre as pernas. O ácido emite um som parecido com um suspiro de alívio ou êxtase. Cicatrizaria, mas a dor seria excruciante e eles podem simplesmente continuar fazendo isso, e essa é a possibilidade para a qual você se alista com o amor, como Arabella alistara-se e dissera “é você é *vous*”, portanto, é

claro, isso seria a justiça exaustivamente lenta mas não Talulla apenas eu não ela apenas faça o que quer que seja comigo.

– Você poderá falar de novo com ela – disse Ellis. – E podemos discutir quanto a vê-la uma vez... *Talvez...* Antes de fazer sua parte. Mas Jake, falando sério, alinhe-se às coisas, entende? O tom, cara. O *tom* está totalmente errado.

Em um filme, um soldado abaixa o olhar para entre os pés e vê que está a milímetros de uma mina. Ele olha mais longe. Minas em todas as partes. A partir de agora, cada passo é uma questão de vida ou morte.

– Certo – eu disse. – Tem razão. Emoções. Compreendo. Mas posso apenas dar uma sugestão, fazer uma observação?

– É claro. Diga.

– Você não precisa fazer isso. Não precisa mantê-la presa. Deixe-me explicar. Na verdade, deixe-me lhe fazer uma pergunta: por que Harley foi morto?

– Para provocar você – disse Ellis. – Apesar de que, aqui entre nós, eu pensava que teríamos feito melhor ficando com ele, vivo, até que você aceitasse cooperar.

– Exatamente. Harley foi assassinado porque você sabia que eu precisava de um incentivo para brigar. E estava certo. Há um mês, eu estava saturado. Há um mês, eu não *queria* viver. – Ele já concordava com a cabeça, lentamente, com um sorriso. – Agora, tudo está diferente. Agora, tenho ela. Matarei Grainer de qualquer jeito, com satisfação e alívio, porque enquanto ele viver, será uma ameaça à mulher que amo.

O sorriso não era apenas de entendimento antecipado. Era o reconhecimento de um colega estrategista.

– Muito bem, novamente, Jake – disse ele. – A lógica é perfeita. Gosto dela. E acredito em você, pelo que me consta. Mas você sabe

que não funcionará. Exceto pelo fato de que continua sendo apenas você tentando negociar uma concessão para a qual não temos qualquer motivo para fazer, a decisão nem sequer cabe a mim. Como disse, não estou no comando.

Silêncio. Mentalmente, o equivalente a alguém preso em um quarto tentando repetidamente abrir as portas que já sabe que estão trancadas. Sangue e urina. Por quê? Todos são muito atenciosos. Captadores atenciosos são piores do que os brutos a longo prazo. Sabemos disso. Ela sabia. Percebi em sua voz.

Pelo que pareceu um longo tempo, Ellis e eu ficamos de pé sem falar, ele olhando para a baía azul-prateada, eu com o rosto, os pulsos e os dedos cheios de vida inútil. Ele tinha o ar de um homem com pensamentos sentimentais. Engendrados, talvez, pela memória de ter sido abandonado em um K-Mart. Depois, Ellis virou-se para mim e estendeu a mão. O sol ardia em seu cabelo branco alourado.

– Bem – disse ele. – Estamos de acordo?

Não foi possível convencer Ellis a desistir dos três capangas que seriam meus guarda-costas, mas consegui que aceitassem minha escolha de moradia em Londres: depois de um telefonema em voz baixa para quem quer que estivesse dirigindo o espetáculo, ficou acordado que eu poderia me entocar na casa de Harley em Earl's Court – portanto, depois de superar as primeiras horas de incredulidade sem sentido, passei 13 dos 17 dias confinado lá, comendo refeições trazidas pelos três agentes (um quarto foi recrutado para vigiar o telhado quando descobriram as claraboias no sótão), consumindo o uísque de Harley, atualizando este diário e vivendo para o contato telefônico racionado com Talulla.

– Metade do problema é o tédio – disse ela ontem. – Você sabe qual é a outra metade. – Com três quartos da lunação percorridos, ela, como eu, parara de se alimentar. Eu dissera a Ellis que ela precisaria de bebida, cigarros, água e ele me prometera, aparentemente em boa-fé, que asseguraria que dessem tudo a ela. Mas uma autoridade superior intervieria. Poulson, deduzi, sobre

quem eu gostava cada vez menos de ouvir. Água, sim, mas nada de álcool ou nicotina. Em vez disso, ofereceram a ela soníferos e relaxantes musculares, os quais, depois de duas noites no suplício da Maldição, ela aceitara. Exceto pela perda da liberdade, aquilo era, segundo ela, a primeira dificuldade que enfrentara sob a custódia deles. (A menos que levassem em conta os exames de ultrassom dos rins, aos quais fora submetida três vezes. Poulson suspeitava que houvesse cálculos renais.) A situação foi explicada a ela (por Ellis, que, segundo Talulla, tratava-a com uma espécie de polidez medieval ridícula), compreendeu que não havia nenhuma intenção (confessa) de lhe fazer mal e que, assim que eu realizasse minha parte do acordo, seria solta. Além da pergunta crucial quanto a se algum de nós dois sairia vivo, havia o mistério mais próximo do que fariam com ela na lua cheia.

– Poulson diz que está tudo sob controle – disse ela a mim. – Seja lá o que isso queira dizer.

Falsa incerteza. Sabíamos o que aquilo significava. Ou matariam Talulla ou a prenderiam ou a colocariam em uma jaula com uma vítima viva – e, mais provavelmente, filmariam o espetáculo para os arquivos dos dissidentes da WOCOP.

– De todo modo, estão cuidando de mim – disse ela. – Tenho Luxury Bath e Gel de Banho da Harrods e um conjunto novo de toalhas brancas enormes. Também há mais de cem canais de TV. Agora, estou viciada em *EastEnders* e *Coronation Street* e...

A ligação caiu. Uma amputação repentina, a menos que esqueçamos quem está no comando, a menos que esqueçamos sob a graça de quem vivemos, a menos que esqueçamos que há um trabalho a ser feito.

Mas, primeiro, era preciso lidar com o assunto óbvio. Ellis não tem a menor intenção de libertar Talulla. E, caso tenha, Poulson

não tem. Presumindo que haja o objetivo genuíno de gerar à força uma nova geração licantrópica (e nisto eu *consigo* acreditar), tal ciência encontra-se nos primórdios. Talulla sobreviveu à mordida e – cortesia do antivírus, aparentemente – transformou-se. Muito bem. Mas a grande pergunta, o próprio Ellis admitiu, é se ela pode transformar as próprias vítimas. E *esta* pergunta será explorada no laboratório. Poulson *et al* não a libertarão no campo quando podem alimentá-la com vítimas de teste em um ambiente controlado.

O que significa – tente não rir – que Eu A Salvarei.

O que, por sua vez, significa resgatá-la à força, enfrentando a quadrilha, ou tirá-la de lá escondida através de algum subterfúgio. O que, não importa como a resgatarei, significa descobrir onde diabos estão mantendo Talulla.

Entrando: dinheiro. É aqui que o dinheiro entra em cena. Graças ao *boom* recente em terceirizações militares, é possível, com recursos suficientes, comprar seu próprio pequeno exército. (Como todos sabem agora, a administração Bush comprou um – Blackwater – e salpicou-o bem em cima da lei em todo o Iraque.) Meus recursos são suficientes – mas, ainda assim, *não sei onde eles mantêm Talulla*.

Há um meio infalível de descobrir.

Enquanto isso, a vida aqui é uma sala de espera de dentista. Um ritmo logo foi estabelecido: os agentes do turno do dia alternando com os noturnos, passar a noite na biblioteca, períodos curtos de sono irrequieto, manhãs com olhos vermelhos, a mudança de agentes nos turnos, as horas do dia andando de um lado para ou outro ou deitado no sofá. Harley jamais tivera TV, de modo que não posso fazer companhia ao meu amor na Terra dos Seriados. Contudo, é claro, estou cercado por livros. Nesta tarde, folheei uma edição alemã-holandesa de 1607 da *Metamorfose* de Ovídio

ilustrada por Crispjin de Passe. Valor de mercado, segundo um índice de 2006, 8 mil libras. Não tenho ideia das intenções de Harley em relação à coleção, se deixara um testamento, o que acontecerá com o lugar agora que ele se foi. Não que o mundo tenha a menor ideia de que tenha partido. Grainer & Cia cuidaram de encobrir o assassinato (só Deus sabe o que aconteceu com a cabeça decepada no bagageiro do Vectra), apesar de só poder ser uma questão de tempo até que alguma prestadora de serviços públicos ou o Conselho Fiscal comecem a correr atrás de um pagamento. Harls não tinha parentes vivos. Há um procurador em Holborn, mas como não tenho a menor intenção de me envolver em uma investigação de homicídio, não faz muito sentido contatá-lo. Em vez disso, uso as roupas de meu amigo falecido e bebo seu suprimento e passo o tempo profundamente envolvido pelos livros dele. Recentemente, nos momentos ociosos, comecei a encontrar-me apoiado em sua bengala com punho de osso.

Tenho pouco intercâmbio com meus protetores, que foram treinados para ficarem de bico calado; de todo modo, não tenho disposição para bater papo. Algumas palavras trocadas com a chegada de cigarros ou de lenha para a lareira mas, fora isso, permaneço calado e eles conversam entre si, silenciosamente, pelos fones de ouvido. Há um homem posicionado em cada andar. Fazem uma rotação na posição infeliz do destacamento no telhado, já que ninguém quer ficar lá. Ofereci-me para cumprir um turno por conta própria (a fome sem ar fresco é um inferno apertado e delicado), mas sem jogo. Lamento, chefe, não será possível. Quem disse isso foi Russell, o responsável por decapitar Laura Mangiardi em Cornwall, que é de uma vivacidade atraente e que, a esta altura, está tão enfastiado que *conversaria* comigo se eu não deixasse claro que queria ser deixado em paz. Em vez disso, ele

fuma e joga Sudoku e cria piadas perversas com as quais atormenta os colegas – Como se chama um pequeno vampiro robô? Nosferatu D-2 – e remove e remonta seu arsenal pessoal duas ou três vezes por dia. O poder de fogo da equipe é uma mistura de equipamento automático convencional com um *kit* antivampiros: óculos de visão noturna, lançadores de estacas de longo e curto alcance, bastões UV, uma versão em miniatura da Ave Maria para quem quer que esteja no telhado. Russell porta também um pequeno lança-chamas, apesar de eu lembrar de Harley ter dito que a maioria dos Caçadores consideravam até mesmo as versões compactas de tais unidades – “queima-chupadores” (“QCs”, para resumir) – obsoletas. Graças à oportunidade de Sigourney Weaver em *Alien*, houve um *revival* na década de 1980, mas os números puros da relação entre peso e eficiência logo se reafirmaram, e agora os lança-chamas eram considerados uma afetação. De qualquer modo, o jovem Russel usa um de vez em quando e é cansativamente escarnejado pelos compadres. Com todo esse equipamento dedicado à minha proteção, eu deveria sentir-me seguro. Mas não.

Lá fora, Londres segue com a vida como um velho degenerado e viril. Ao lado da luz do fogo, sento-me no parapeito com um Macallan puro (restam duas garrafas de uma caixa com 12) e um Camel, observando o tráfego – paradas e movimentos repentinos, como sangue através de uma válvula complexa – e as idas e vindas dos humanos absortos em si mesmos. Como sempre, a maioria é cheia de energia, permeada pelos próprios detalhes, fervendo lentamente com esquemas e arrependimentos, temores, segredos, fomes, pecados. Ocasionalmente, amor. Um casal muito jovem de cabelos escuros saiu de uma *deli*, não sonhadoramente ou de mãos dadas nem de nenhuma outra maneira obviamente extasiados mas envolvidos profundamente em uma conversa e fulgurantes com a

riqueza compartilhada mutuamente. Meu coração apaixonado ficou tenso ao vê-los. Apaixonado. Ah, com certeza tenho este problema. Extremamente, leitor, estou plenamente, absurdamente doente. A vida, sorrindo como um tubarão branco, aprecia a piada: anos tornando-se cada vez mais preparado para a morte e, agora, tudo que ele quer é a vida. Vamos lá, Jake, você precisa rir.

Não consigo. Não com meu coração apaixonado na tarefa eterna de implorar, audível internamente em todas as lacunas em minha autodistração: *Por favor... Por favor... Por favor...* Há questões específicas – por favor, não permita que a machuquem; por favor, deixe-me vê-la novamente; por favor, deixe-me descobrir onde ela está sendo mantida – mas tal súplica é um todo emocional maior do que a soma de suas partes, endereçada ao Deus que não está lá, ao universo benignamente indiferente, ao espírito da História, a qual sabemos que, hoje em dia, tem um fraco por finais tristes. *Por favor... Por favor... Por favor.*

Meus mortos interiores estão adormecidos, dormindo muito mal, sonhando com a libertação. O amor, pelo que parece, tem o poder de forçá-los a ficarem em segundo plano. Eles se sacodem e giram. O murmúrio deles aumenta, ameaça formar um enxame desperto, morre de novo. O encantamento bruto do amor os mantém contidos, por muito pouco. O fantasma de Arabella resiste em uma vigília cauterizada, sabendo que algo terminou. Dou as costas a ela. Viro o rosto para o outro lado. Pela primeira vez em 167 anos, 167 anos não parecem ontem. Pela primeira vez em 167 anos, o presente importa mais do que o passado.

A sensação ao longo desses 13 dias foi a de que eu deixara o tempo real para trás, vagara para uma suspensão ou um ciclo nos quais os segundos incham e os minutos se retorcem, assumindo a forma normal somente quando ouvia a voz de Talulla ao telefone.

*

Era o que parecia. Até umas duas horas atrás. Ellis deteriorara.

Eu preparava uma bebida quando a porta da biblioteca abriu-se e ele entrou, cheirando a Londres molhada. Tinha um terço aparentemente dolorido no olho esquerdo e usava uma quantidade excessiva de Chapstick. O efeito foi o de um trabalho em cera assustadoramente humanizado.

– Não me incomodaria em acompanhá-lo em um desses, Jake – disse ele antes de sentar-se na poltrona diante do sofá, a qual o recebeu com um ofego de couro. – Está terrível lá fora. – Servi um segundo uísque e entreguei-o a Ellis, contendo um calafrio quando as pontas de nossos dedos se tocaram no copo. – Jiminy – disse ele, depois de um gole e de estalar os lábios –, assim é melhor.

O impulso de agir com violência contra o homem era poderoso, reflexivo e estava absolutamente preservado – Talulla no catre, olhos esbugalhados diante da luz da TV, tentando ver através da parede, da noite, dos quilômetros desconhecidos, até mim – em cheque. Coloquei outro pedaço de madeira na lareira, aticei um pouco o fogo, despropositadamente, depois me sentei no sofá, encarando-o. Obediência. Você a mantém viva através da obediência.

– Certo – disse ele. – Instruções operacionais. Daqui a dois dias, na manhã de quarta-feira, precisamente às 9 horas, você telefonará para o escritório da WOCOP em Marylebone com isto... aqui: é um telefone completamente limpo com um bloqueador de identificação. Não o confunda com o outro. Grainer estará no escritório. Você não falará com ele, é claro, e ouvirá a merda de sempre de quem quer que estiver na recepção. Diga a eles para darem a Grainer o recado

para que ligue para você no número limpo em uma hora, depois desligue. Grainer telefonará.

– Como sabe?

– Nossa, Jake, apenas *escute*, por favor? Ele telefonará porque você é a única merda na qual ele *pensa*. Acha que estou inventando isso de improviso?

– Certo, certo.

– Estou sob pressão, cara.

– Certo. Desculpe.

Ele fechou os olhos por um instante e colocou as costas da mão sobre o terço.

– Quando ele telefonar, marque o encontro. A lua cheia será na sexta-feira e nasce às 18h07. Você sabe disso, obviamente. Não o deixe mudar o lugar. País de Gales. Sua floresta, certo? Estamos prontos para isso. Você parte para os Pirineus ou outro lugar e estamos ferrados. Entendeu?

– Entendi. Quando verei Talulla?

Sem resposta. O sangue abandonou meu couro cabeludo. Meus joelhos e minhas mãos estavam ricos em adrenalina, irrefletidamente prontos para fazerem algo. Não havia nada que eu pudesse fazer.

– Preciso vê-la – disse. Depois acrescentei, sem necessidade de dissimular um desespero cauteloso. – Por favor. Pelo amor de Deus.

Ellis expirou pesadamente. O brilho, a aparência de sensualidade ampliada era, eu via agora, exaustão. Eu não percebera que ele estava tão perto do limite.

– Ei, Jake – disse ele, balançando a cabeça, como um rabino benevolente que eu decepcionara com minha pouca força de vontade. – Impaciência. Sério. Sei que é difícil para você... – Ele virou os olhos vítreos na minha direção. Divagou por um instante.

Passou por algo em seu interior impenetrável. – Na verdade, eu *sei* que é difícil para você. Sinto muito. Não estou usando a imaginação. Foi minha resolução de ano-novo, veja bem. Tentar colocar-me no lugar do outro. Isso e ler um poema todos os dias.

A sensação do atizador que eu usara permanecia fantasmagoricamente na minha mão. Perfeito para estilhaçar um crânio humano. Não me movi.

– Certo, escute – disse ele. – O hotel no qual ficou hospedado em Caernarfon, o Castle Hotel. Há uma reserva para você para quinta à noite. O mesmo quarto. O quarto com vista para a rua. Vá para lá na quinta-feira e espere meu telefonema. Fique no quarto. Não vá a nenhum lugar e não veja ninguém. Nada de putas, nada.

Mais uma vez, pensei em Maddy – ou na Pobre Maddy, no que se tornou em minha memória recentemente sentimentalizada, sua terrível compreensão (e negação falha) quando Grainer dissera “ele é um lobisomem, querida”. Por trás desse *flashback*, algo me incomodou repentinamente – mas eu não tinha tempo para aquilo.

– Vocês a levarão para o quarto? – perguntei.

– Não, Jake, não a levaremos para o quarto. Apenas vá para o quarto e espere.

– Não foda comigo, Ellis. Sério. Eu não... – Parei. Ellis sentou-se completamente imóvel, as horríveis mãos brancas com dedos longos pousadas nos joelhos. – Desculpe-me – disse. – Desculpe. Os sentimentos. Maldições.

Ele rolou a cabeça com o pescoço um par de vezes, aliviando a tensão. Prendi a língua entre os dentes. Para minha sorte, Russell apareceu na porta. Ellis levantou os olhos.

– O Land Rover passou de novo, senhor – disse Russell. – Você nos disse para avisá-lo.

– Certo – disse Ellis. – Rastreie a placa. Provavelmente, não é nada.

– Agora mesmo, chefe.

– E diga a Chris que estou saindo, por favor?

– Positivo.

– Que Land Rover? – perguntei, depois que Russell partira.

– Não é nada – disse Ellis. – Foi visto duas vezes. Três, agora. Provavelmente, é apenas um morador local. Esses caras estão ficando entediados. – Ele tomou o último gole da bebida e recostou-se na cadeira, virou o rosto por um momento para o fogo e observou as chamas contorcendo-se e crepitando na lareira. – Passaremos lentamente com ela em um carro, Jake. Você a verá. Falará com ela ao telefone. E só. Não force a barra. Isso é um favor. É boa vontade. Em prol da cooperação futura.

– Compreendo. Mas, Ellis?

Ele olhou para mim.

– Quero esclarecer algo com você.

As sobrancelhas louras ergueram-se. Os olhos, botões lápis-lazúli.

– Quer?

– Sim. Escute, e não perca a cabeça: eu sei que não libertarão Talulla. Espere... – Quando ele abriu a boca para protestar. – Espere. Escute-me. Não diga nada até que eu termine. Ambos sabemos que os cientistas a querem no laboratório. Acredito que queiram os lobisomens de volta, mas não que pessoas como Poulson correrão riscos com a seleção natural. Sei que o mais provável é que jamais a veja de novo, mesmo que eu sobreviva a Grainer... A menos que também me prendam. Veja, até onde sei, o plano é esse de todo modo. Mato Grainer para você e seus rapazes estarão esperando com tranquilizantes e uma jaula. Nesse caso,

ótimo. Se for esse o caso, vá em frente. Se o único meio que eu tiver para viver meus dias com Talulla for como seu colega cobaia, que seja. Prefiro compartilhar do destino dela do que viver sem ela. Agora, pode rir se quiser.

Ele não riu, mas as sobrancelhas demoraram muito para abaixar. Depois de um tempo, ele sorriu.

– Vou falar o seguinte, Jake – disse ele. – Gosto de você. De verdade. Você tem clareza. Muitos dos merdas com quem lido estão apenas tropeçando em uma *névoa*. – Ele deu de ombros. – É claro que você está certo. Eles querem ficar com ela até confirmarem que a transmissão realmente funciona. Querem elevar o número para cinquenta em cativeiro, depois todos serão libertados e o jogo recomeça. Francamente, não sei por que se deram ao trabalho de tentar convencê-lo de qualquer outra coisa. Fui contra. Não será assim quando... – Ele parou de falar. *Quase* enrubesceu. *Quando eu estiver no comando*, era o que iria dizer.

– E quanto a mim? – perguntei. – O que, supostamente, deve acontecer?

– Também querem você, é claro, se conseguirmos pegá-lo em segurança.

– Então *peguem-me* em segurança, por favor?

Ele encarou-me com o que parecia um deleite conspiratório.

– Isso posso prometer a você, Jake. Tem minha palavra.

Operacionalmente, não havia muito a ser revisto. Eu dera a ele a locação em Beddgelert logo depois de chegar aqui e ele preparara um mapa mostrando um raio de 800 metros e o ponto no qual, 167 anos atrás, minha vida como lobisomem começou. Eu deveria permanecer dentro do perímetro. Os guarda-costas não me acompanhariam ao País de Gales. Ellis pensava que haveria uma boa chance de que Grainer providenciasse a própria vigilância na

área quando eu desse o telefonema: caso me vislumbrasse (ou ouvisse qualquer palavra a respeito) na companhia de integrantes da WOCOP, ele saberia que algo estava acontecendo. O clima de paranoia era extremo. Portanto, na manhã de quinta-feira, um carro particular viria me pegar e me levaria, sozinho, diretamente para Caernarfon. Sim, eu ficaria exposto durante algumas horas no hotel, mas era inevitável. Ellis estaria com Grainer.

– Ele vai querer que você esteja lá? – perguntei.

– Ele sempre disse que eu estaria com ele. Acho que quer uma testemunha. Você precisa entender, isso é tudo na vida dele. O ápice.

Mentalmente, havia muita atividade. Principalmente sobre saquear os arquivos de quem precisaria contatar e como movimentar rapidamente os pagamentos necessários, se eu conseguiria superar os grampos telefônicos do quarto no Castle, mas também correntes insistentes de dúvida quanto a Ellis ser realmente capaz de assassinar seu mentor. Inúteis correntes de dúvida. Não há outra maneira de alcançar Talulla.

– Aqui está o número do escritório em Marylebone – disse Ellis. – Quarta-feira, às 9 da manhã. Certo?

– Certo.

Ele virou-se na direção da porta.

– Ellis?

– Sim?

– Ela está mesmo bem? Quero dizer, ninguém fez nada com ela?

Ele encarou-me novamente. Por um instante, todos os véus caíram e pude ver o que ele realmente pensava: que eu fora enfraquecido; que, em algum aspecto fundamental, eu o decepcionara. Da mesma forma, é claro, que Grainer. E, é claro, como a mãe dele antes. Ele era, eu percebia agora, o ser humano

mais singularmente solitário que eu jamais encontrara. No momento purificado entre nós, vi o futuro dele, a ascensão ao despotismo, o isolamento, a loucura eventual, mais provavelmente o suicídio. Tudo sem amor. Ambos percebemos. E foi como se o universo fosse dedicado a provar que não há fim para a perversidade do coração (até mesmo do coração do lobisomem), senti uma centelha de pena dele. Ele também sentiu – e, em um reflexo de terror, fechou-se.

– Ela está bem, Jake – disse ele. – Está ótima. Juro. Pare de se preocupar. Está precisando de suprimentos aqui?

*

São 3 da manhã. Os rapazes do turno da noite estão no nadir do tédio. O fogo na lareira está baixo, sibilando ocasionalmente quando a chuva cai pela chaminé. Nos últimos dias fico repassando a situação desagradável na qual me encontro – nos encontramos, eu e Talulla – tentando descobrir uma saída melhor através da determinação. Não há outra saída. É um alívio reconhecer isso, finalmente. Em trinta horas, com uma oração ao Deus que não está lá, telefonarei para o escritório em Marylebone.

50

O sangue nestas páginas é meu.

51

Esta pode ser a última vez que escrevo. Caso seja, espero que quem quer que encontre este diário atenda meu desejo final (ver na parte de trás da capa) e leve-o até você, anjo.

Na quarta-feira de manhã, fiz a ligação. Recebi um telefonema de resposta, do próprio Grainer. O truque, eu decidira, era não me esforçar demais para convencê-lo.

– Jacob – disse ele. – Estou espantado.

– Não quero uma conversa – disse. – Sexta-feira, ao amanhecer. Tem caneta e papel? Floresta Beddgelert, Snowdonia. Localização SH578488. Conseguiu o que queria.

– Levando tudo em consideração – disse ele – esta é realmente a única apropriada...

Desliguei.

O dia foi um pesadelo agitado e excessivamente detalhado. Chovia sem parar, o vento soprando e projetando um som agudo e frio como o de gaitas escocesas. Guarda-chuvas se deslocavam. Os faróis dos carros foram acesos. Um bueiro na Earl's Court Road entupiu e formou um lago negro iridescente. A fome era uma mão

de unhas longas revolvendo minhas entranhas da garganta ao ânus. Desejo, também. Ah, sim. Planos para elaborar e um coração doente de amor para confortar eram questões indiferentes para a libido pré-Maldição, a qual, tendo atingido a apoteose com Talulla na última lua cheia, estava deixando claro que jamais voltaria a se contentar com menos. Precisei controlar a bebida também, mas na noite de quarta-feira, acabou o que restava do Macallan de Harley. Reações anestésicas diminuindo. Eu não saía daqueles aposentos havia mais de duas semanas. Talvez um pouco de loucura estivesse instalando-se, mas eu estava convencido de que sentia Lula tentando contatar-me telepaticamente. Enlouquecedoramente logo à margem da clareza. Eu pedira a Ellis para deixá-la telefonar para mim, mas ele alegara que a decisão não estava em suas mãos. Ele disse que já arriscara o pescoço para conseguir que eu a visse passar de carro.

Meu próprio telefone fora confiscado e o de Harley, desconectado. Eu não tinha dúvidas de que os dois que eu tinha agora, dados por Ellis, estavam grampeados e ligados a alarmes, mas foi um desafio crítico resistir a me arriscar. Cada hora era uma hora que eu poderia ter passado providenciando o negócio com os mercenários. Nas condições em que estava, eu precisaria encontrar uma linha telefônica segura para ligar do Castle Hotel, essa seria a única chance de agir sem ser observado. No passado, eu recorrera a soldados contratados em busca de compensação moral. Usei-os contra os fascistas na Espanha, contra os nazistas na Alemanha ocupada, o Khmer Vermelho no Cambodja, os Esquadrões da Morte em El Salvador, mais recentemente contra forças do governo e milícias Janjaweed em Darfur – e, em todos os casos, absolutamente *nada* se movimentou sem dinheiro. Muito, adiantado. Possuo meia dúzia de CCSs (Contas com Códigos de

Segurança) em bancos suíços, mas até mesmo com meu acesso e meus contatos, organizar uma operação em menos de 12 horas seria uma viagem à margem da insanidade. Mas era tudo que eu tinha. Eu jamais veria Talulla novamente sem que eu mesmo entrasse na WOCOP, e jamais nos libertaria sem ajuda profissional de fora.

Os vampiros tinham outras ideias.

Logo após a meia-noite, ouvi Russell dizer do outro lado da porta da biblioteca:

– Andy? Está me ouvindo? – Pausa. – Andy, câmbio. – Pausa. Depois, mais alto: – Andrew, ponha a porra do fone de volta.

Nada.

– O que está acontecendo? – perguntei.

Russell colocou a cabeça pela porta.

– Fique aqui esperando – disse ele. Depois, no rádio: – Chris, Andy não está me respondendo. Suba e confira, por favor?

Era a vez de Andy vigiar o telhado. Chris estava no andar imediatamente abaixo. Russell estava comigo no andar da biblioteca e o quarto homem, Wazz (eu não indagara quanto à derivação do nome) patrulhava o térreo.

– Wazz? Ouviu tudo? Sim. Dê sinal de vida.

Eu levantara do sofá e estava prestes a aconselhar que me dessem uma arma, apenas por segurança, quando o que aconteceu em seguida aconteceu.

Muito rapidamente.

Um fedor (literalmente) atordoante de chupador. Glândulas salivares contraídas e a onda de náusea. Um pé levantou do chão por um momento enquanto o cômodo balançava. Encontrei-me de volta ao sofá. Minha visão ficou turva. Alguém gritou no andar superior.

Quando recobrei a visão, vi Russell de perfil através da porta aberta da biblioteca. Ele olhava para algo fora do meu campo de visão e seu rosto era o de uma criança profundamente angustiada. Em um admirável testemunho ao treinamento da Caçada, as mãos dele faziam o que tinham sido condicionadas a fazer e procuravam no cinto pelas armas ideais. Vi os dedos apertarem um bastão UV e começar a sacá-lo – antes que o som de carne e osso rompendo-se seguido uma fração de segundo depois por um jato de sangue que cobriu seu rosto e peito o parassem. Ele tateou, cego, conseguiu sacar o bastão UV – depois, sacudiu e largou o bastão, sem o detonar, as duas mãos ascendendo com uma graça estranha e lenta até a garganta, onde o que era inconfundivelmente uma das estacas de madeira da própria Caçada se cravara.

Arremessada ou disparada por o que quer que estivesse aproximando-se dele no corredor. Ele caiu de joelhos com o que parecia uma lentidão deliberada, olhos arregalados, boca aberta, tentando e não conseguindo engolir, *ghah... ghah... ghah*.

O vampiro negro do Heathrow apareceu no corredor. Seu rosto sedutoramente calmo e longo insinuava paciência e capacidade imensas. Na mão esquerda, tinha um Lança-Estacas da Caçada, recém-disparado. Com a esquerda, arrastava o corpo de Chris, o homem do segundo andar, pela espinha, a qual fora arrancada através do abdome e das costelas. Misturada com o fedor do vampiro, senti uma lufada do odor desagradável de merda dos intestinos humanos dilacerados.

Dois cálculos rápidos. Primeiro, que somente Wazz, no andar de cima, permanecia vivo. Segundo, que havia apenas uma dúzia de passos entre mim e a captura.

A biblioteca tinha uma segunda porta, ligada a um quarto, da qual outra saída dava de volta ao corredor. A questão (levantada na

paisagem onírica estendida de talvez dois segundos, enquanto o vampiro largou o cadáver de Chris, perambulou até Russell, que estava de joelhos, e segurou delicadamente o crânio do jovem entre as mãos) era para qual porta eu deveria correr.

Um homem começa a atravessar a rua, vê um caminhão prestes a atropelá-lo e parece ficar paralisado. A paralisia é o cérebro incrivelmente rápido iniciando honoravelmente os cálculos para o desvio, a geometria de como *sair da frente*. E até mesmo o cérebro incrivelmente rápido é lento demais. Os primeiros cálculos de trajetória mal estão – BAM! Boa noite.

É igual aqui. Eu ainda estava no princípio da trigonometria quando o vampiro, com uma torção habilidosa, quebrou o pescoço de Russell, virou-se e lançou-se contra mim.

Uma pessoa encontra-se voando pelo ar. É algo impressionante. O tempo estende-se para acomodar detalhes periféricos: meu Camel malcheiroso queimando abandonado no cinzeiro de ônix; a garrafa vazia de Macallan no chão; uma primeira edição autografada de *Psicopata Americano* que um dos agentes trouxera da coleção contemporânea no andar de baixo; os foles que dei de natal a Harley há vinte anos.

Os detalhes mais próximos também eram lamentavelmente vívidos: os olhos escuros do vampiro com as partes brancas tingidas de marrom, seu cheiro de carne estragada e o rosto longo e calmo, a sensação de sua mão esquerda fria ao redor da minha garganta (uma unha já tirara sangue) e a direita, gélida, segurando-me com unhas que beliscavam a carne do meu peito através da roupa. Uma opressiva discrepância de poder. A opressiva capacidade dele, agora que me segurava e voávamos pelo ar, de fazer praticamente o que quisesse.

Não que a repulsa não fosse mútua. A calma no rosto dele era forçada. *O lobisomem*, escreveu um vampiro, *cheira como a Forma Platônica de um animal imundo*. Perguntei-me – pois eu tinha tal liberdade para me perguntar enquanto flutuávamos através da biblioteca – se os vampiros jamais vomitavam. Vomitar o quê, no entanto? Tudo que tinham era sangue. Harley saberia. (Pobre Harls. Ele não gostara muito de *Psicopata americano*. Satirista selvagem ou um merda pervertido? Fora o que me perguntara quando terminara o livro. As duas coisas, eu disse. É uma falsa dicotomia. Os dias românticos de *ou isso/ou aquilo* terminaram. Quem saberia disso, senão eu mesmo?)

Juntos, colidimos contra a saliência da chaminé e caímos, logo à direita da lareira. Algo frágil quebrou sob mim. *Minha espinha*, pensei, já que as vértebras absorveram quase todo o impacto – mas no instante que ele levou para arranhar meu rosto com quatro dedos (calor branco, o sangue acumulando-se no meu olho esquerdo como se derramassem um coquetel vermelho sobre metade do mundo), eu soube ao mesmo tempo que não quebrara um osso e que era minha única chance de escapar.

Acabamos comigo apoiado inclinado contra a parede, o vampiro montado nas minhas coxas. O rosto dele era salpicado de manchas na pele ou verrugas (as quais, em uma genuína evocação de horror, lembrou-me do torso claro de Lula com as amadas constelações de pintas de beleza) e um agradável vinco curvo do nariz até o lábio superior. Os distribuidores de papéis para negros em elencos fariam dele um nirvânico lorde das drogas ou um faxineiro filósofo. Ele colocou a mão sobre meu rosto e debati-me como que tentando escapar de dele – na verdade, tentando pegar a coisa que quebrara sob minhas costas.

Não fui, na verdade, rápido o bastante. Antes que pudesse mover-me – meu único movimento, meu primeiro e último e único recurso –, a outra mão dele rasgara minha camisa, executara um profundo movimento de torção na carne em meu peito e arrancara um pedaço ensanguentado do músculo peitoral, longe de ser o meio quilo de Shylock, mas mais do que o suficiente para elevar meu grito (por um instante, pensei que meu pobre *mamilo* desaparecera) ao limite cômico do falsete.

Provavelmente funcionou a meu favor, tal grito, prazerosamente desviando a concentração do vampiro o bastante para que minhas contorções sob ele se passassem como simplesmente mais esforços inúteis. Jamais saberei. Porque, finalmente conseguindo içar com sucesso a metade superior da bengala com punho de osso de Harley, a qual fora deixada apoiada contra a parede quando servi a primeira bebida do dia e que quebrara sob mim quando caí, puxei-a de trás das minhas costas e, com uma difusa prece ao Deus que não estava lá, cravei-a com toda a força no coração do vampiro.

Como em todos momentos do tipo, o prosaico rumor das coisas desapareceu em respeito à magnitude do evento. O tempo parou e o espaço solidificou-se ao nosso redor. Por um instante, éramos figuras em um peso de papel. Ele conseguiu adquirir um aspecto de surpresa despida – uma mudança de expressão repentina, um *panto*, como se exagerasse para facilitar a compreensão de uma criança – quando ergueu as mãos para ver as veias nelas escurecendo como que se enchendo rapidamente de tinta. O que ele não via era que o mesmo fenômeno ocorria em seu pescoço e no rosto, as veias e artérias aparecendo como uma teia que se escurecia, o mapa rodoviário mágico de sua morte. Ele enrijeceu, paralisado primeiro pela incredulidade, depois, mais literalmente, por... bem, paralisia. Ergui as coxas com força, golpeei-o com

violência e derrubei-o de cima de mim. Ele caiu de lado com uma rigidez leve ou taxidérmica, joelhos dobrados a 90 graus, mãos fixas como que se preparando para arremessar uma bola de basquete invisível. Os olhos do vampiro fecharam-se.

Levantei-me. Os ferimentos no rosto e no peito ardiam. Obviamente, eu me curaria, mas a dor estava determinada a mostrar sua cara enquanto conseguisse.

Não obstante. Aquela era uma oportunidade. Todos, Russell & Cia., tinham celulares. Eu acabara de dobrar o tempo que tinha para organizar um resgate. (Permanecia a questão de como, depois de entrar nas instalações dos renegados da WOCOP, eu conseguiria fazer com que meus caras soubessem *onde* as instalações ficavam, mas novamente, como não havia nada a fazer além de confiar que eu encontraria uma maneira, foi o que fiz, perguntando-me, com um realismo perturbador, se hoje em dias os celulares seriam suficientemente pequenos para que eu pudesse esconder um enfiando-o na bunda.) Corri para o corredor.

Ar frio e o som da chuva pesada desciam do andar superior. O chupador deve ter pego o homem no telhado, Andy, e entrado pelas claraboias – o que me fez lembrar do jovem e ruivo Wazz, cuja localização permanecia desconhecida, que vigiava o térreo. Se estivesse vivo, estaria com os nervos à flor da pele. Eu não queria que atirasse em mim por engano. Além disso, depressivamente, precisaria matá-lo caso desejasse aproveitar ao máximo os telefones.

Passei sobre os restos de Russell e Chris e espiei cautelosamente sobre o corrimão. O sangue escorria pelo meu rosto como as lágrimas quentes da infância.

– Está procurando isto? – perguntou uma voz feminina.

Virei para a esquerda. A vampira loura, Mia, estava no corredor, talvez a 5 metros de distância. A metade inferior de seu rosto estava coberta de sangue, exatamente da mesma maneira supostamente amável que o de um bebê da Kodak coberto de chocolate (ou a de um astro da escatologia na merda, sempre penso quando vejo uma dessas crianças revoltantes), e na mão segurava a cabeça grosseiramente arrancada do infeliz Wazz. A língua dele saía lascivamente entre os lábios e os olhos tinham virado para trás nas órbitas. Ele parecia ter morrido justamente quando estava prestes a soprar com desânimo com a língua entre os lábios para manifestar um tédio extremo.

Mia, por outro lado, de botas pretas, saia preta de camurça, meias-calças pretas, camisa preta de cetim e jaqueta preta de couro, parecia superabundantemente viva, sorrindo através da máscara de sangue. Seus olhos azuis – não o lápis-lazúli escuro dos de Ellis, e sim entre o violeta e o azul-turquesa – brilhavam com o que parecia alegria. Uma veia visível na têmpora. Ela era branca, até mesmo para padrões vampíricos. Pelo nome dela e por quem a acompanhava na propriedade de Jacqui Delon, eu pensara que fosse italiana, mas agora que repetia mentalmente *Está procurando isto?*, o sotaque, apesar de elusivamente misturado, situava as raízes dela muito a leste de Trieste. Uma russa com cores nórdicas – mas por que não? Saqueadores escandinavos navegaram descendo o Volga e tomaram Novgorod há mais de mil anos. Até onde eu sabia, ela poderia ter estado lá quando os vikings atacaram Constantinopla.

Toda essa especulação redundante era trabalhada sob o paradoxo perceptual de uma bela mulher exalando cheiro de carne podre e merda de porco fresca. Inicialmente, o cheiro de seu parceiro – menos fecal, porém mais podre – ocultara o dela. Agora,

sentia-o claramente, sem misturas. Caí de joelhos, estiquei uma mão para me impedir de cair completamente, escorreguei no lago de sangue de Russell e caí de cara ao lado de seu cadáver.

Havia muito pouco tempo. Tempo nenhum, na verdade. Agora, a qualquer momento, ela largaria a cabeça de Wazz e estaria sobre mim. Agora, a qualquer momento, isso já teria acontecido.

Ainda assim, fiz certos cálculos. (Seja lá o que esteja acontecendo, há algo mais ocorrendo.) Russell acabara caído de frente com o braço direito preso sob o corpo, o que colocava o equipamento – incluindo o bastão UV que ele ainda segurava na mão – fora de alcance. O coldre do Lança-Estacas estava vazio, a arma no chão a 1,5 metro da porta da biblioteca. Chegar à *estaca*, ainda cravada na garganta dele, exigiria três segundos a mais do que eu realmente teria depois que me movesse. A única arma ao alcance era o lança-chamas, e eu não sabia muito bem como...

Ouvi a cabeça cair e senti o ar mover-se. Ela Está Vindo. Desesperado desesperado desesperado mas rolei e tentei pegar a pistola no coldre na coxa de Russell – não rápido o bastante. O salto da bota dela cinzelou um torrão do lado do meu crânio quando ela passou em um borrão. Desabei pela segunda vez.

Fique parado.

Não somente porque o golpe, um *bok* bruto e ensurdecidor, atordoara-me, mas porque a posição ocultava minha navegação em Braille sobre o lança-chamas. Ela não o vira. Não sabia que arma estava ali. Agora, o que eu precisava dela era o atraso soliloquista dos vilões de Bond. Eu não conseguiria pegar a arma. Ela estava aqui para sequestrar, e não para matar.

– Uhhhr – disse, não inteiramente fingindo. A cinzelada na cabeça estava no estado transicional entre muito fria e muito quente. O ferimento em meu peito era uma rosa de fogo. Abri os

olhos e a vi descendo delicadamente até o chão. Voadora. Merda. Fechei-os de novo. Forcei a habilidade a dominar meus dedos. *É basicamente uma pistola d'água glorificada*, Harley dissera, sem saber a respeito do quê. Dois gatilhos, um para a liberação do combustível, o outro para a ignição. Logo, precisaria das duas mãos. As probabilidades acabavam de piorar.

– Phil? – disse Mia.

Voando sobre mim, ela passara pela porta da biblioteca. Registrou perifericamente o ocupante solitário. Ela não sabia.

Dois terços para fora do coldre.

Ela ficou de pé com os pés afastados e os braços pendurados feiosamente, o rosto relaxado, olhando para o corpo cada vez mais quebradiço ao lado da lareira. A chuva era uma exalação contínua contra a casa.

A boca da arma ficou presa em algo, eu não conseguia saber no quê. A voz de Talulla falou tranquilamente na minha cabeça: seu tempo está acabando.

Fechar os olhos ajudaria os dedos, mas Mia virou-se na porta e olhou para mim.

– Você? – perguntou ela. Abri a boca para mentir, mas ela disse: – Não se dê ao trabalho.

Na luz mais forte da biblioteca, as cores do rosto dela ficaram mais vívidas: vermelho, azul, branco. Muito calmamente, ela curvou-se – um joelho na meia-calça de nylon estalou, humanizando-a – e pegou o Lança-Estacas aos seus pés.

– Vocês me querem vivo, não se esqueça – disse.

Ela parou de pé sobre mim. Olhei para ela. Era o ângulo de câmara preferido do submisso para sua dominatrix, a perspectiva toda de botas e coxas e cintura estreitando-se até a venerável cabeça remota e desdenhosa, como uma divindade no topo de uma

montanha. Respirei para reiterar-me – e ela disparou uma estaca através da minha coxa esquerda.

Dor, sim, relampejante, mas também um senso de injustiça peculiarmente infantil. A estaca lascara o fêmur, mas não o quebrara. Em vez disso, atravessara inclinada o quadrilateral e o *vastus externus*. Nenhuma artéria principal, mas o nervo ciático violentamente maltratado já tocava em choque os violinos da cena do chuveiro de *Psicose*, uma sensação que subia até os molares.

Um vandalismo insignificante, no que dizia respeito à nossa senhoria. Algo para me manter ocupado enquanto ela, jogando o Lança-Estacas no andar de baixo e virando com uma expressão que confirmava o efeito do *meu* cheiro sobre *ela*, pegou um celular e discou.

– Sou eu – disse ela. – Peguei ele. – Pausa. – Phil está morto.

Agarrei a estaca com a mão esquerda, mordi a cotovela de couro de Russell e puxei. É de se perguntar por que fazer careta é um reflexo, já que ela não pode possivelmente ajudar. De todo modo, alguns grunhidos e gargarejos de Popeye depois, tirei a maldita coisa. Nenhum jato de sangue, mas sim um peido ou arrote do ferimento. O nervo ciático estava com o coração partido, incapaz de fazer nada para confortar-se além de soluçar. Fiquei deitado, gemendo, agora praticamente sobre o corpo do Caçador – e diretamente de volta ao trabalho frenético e desconcertado no lança-chamas preso.

– Traga a van – disse Mia. Ela afastara-se alguns passos e estava agora, de costas para mim, procurando algo no bolso da saia.

A arma saiu do coldre.

– Nada grave – disse ela ao telefone. Tirando do bolso um lenço branco, ela levou-o ao nariz. A frase seguinte foi abafada. – Quatro deles. – Pausa. – O que acha?

A pequena unidade de combustível no recipiente à prova de balas continuava presa às costas de Russell. Sem tempo para tirá-la dali. O que quer que eu fosse fazer, deveria fazer de onde estava. Muito bem. Ajoelhando-me, levantei a arma e puxei os dois gatilhos. Nada aconteceu. Ou melhor, o que eu queria que acontecesse – lançar chamas – não aconteceu. O que aconteceu foi que uma quantidade de combustível apagado saiu da boca da arma e molhou as costas do casaco de couro dela. Previsivelmente, ela virou-se para me encarar.

Baixei os olhos para a arma como se ela fosse meu próprio filho que tivesse me traído. Depois, olhei para Mia. O instante que tive antes de Mia atacar-me novamente foi cortesia primeiro da surpresa dela e, segundo, de constrangimento: ela ficara arrogante, dera-me as costas. Se Don Magiardi tivesse visto... A vergonha a enriquecia. A pele branca não ruborizou, mas o acesso de culpa profissional a sensibilizou. O fedor dela ficou mais forte.

Enquanto isso, tateei mentalmente um punhado de componentes de engenharia e um cruzamento traiçoeiro: mangueira de combustível, cano de gás, gatilho do combustível, plugue da válvula, gatilho de ignição, plugue de centelha, bateria, válvula de ignição.

Válvula de ignição. Libera ar comprimido para a extremidade importante da arma, onde é misturado com o ar e o combustível liberado através de pequenos buracos na boca do cano. Fechada, não há nada para o gatilho de ignição acender.

Abri a válvula.

Ela estava no ar quando o jato de chamas atingiu-a espetacularmente no peito. O impulso manteve-a em movimento, mas segurei os gatilhos apertados. Ela girou e chocou-se contra a porta da biblioteca – estranhamente silenciosa. Um calor espesso

preencheu o corredor. Senti a pele do meu rosto retesar. Soltei os gatilhos por um segundo. Ela arrastou-se e debateu-se como um robô em curto-circuito e saltou de costas para dentro da biblioteca. Puxei de novo os gatilhos. Pétalas de chamas pendiam dos braços dela. Ela alçou voo, dobrou o corpo e caiu no chão. Uma estante de livros estava em chamas. O sofá também. Eu esticara ao máximo as mangueiras presas aos tanques nas costas de Russell, mas ela ainda estava, por pouco, ao alcance. Parei e disparei outra vez, os restos do combustível, percebi. Os alarmes de incêndio dispararam. Talvez no limite de suas forças, Mia lançou-se diretamente contra a janela, estilhaçou-a e desapareceu para o alto.

O fogo espalhava-se na estante, cumprindo o trabalho no sofá. O cômodo era uma caixa de gravetos inestimáveis.

Sinto muito, Harls.

Mas não havia tempo para elegias. O fogo espalhara-se do sofá para o tapete, onde meu diário (este diário, caro leitor, caro descobridor e, rezo, respeitador dos mortos) estava a um palmo das chamas. Saltei para dentro, peguei-o, saltei de novo para fora. Uma revista rápida pela carcaça de Russell revelou seu telefone. O mesmo com o decapitado Wazz depois que eu mais ou menos rolara pelas escadas. Peguei um sobretudo de Harley no saguão, atirei uma cadeira através da janela da cozinha (os rapazes mantinham a casa trancada e não havia tempo para procurar as chaves), cortei a canela em um estilhaço tentando sair e, *além de tudo isso*, a fome revirando meus intestinos, escapei pelo jardim encharcado atrás da casa.

Uma hora depois, eu estava deitado em uma cama *king-size* em um quarto duplo no Grafton Hotel em South Kensington. Registrar-me no hotel foi delicado. O sobretudo de Harley cobria a maioria das manchas de sangue, mas o cabelo chamuscado e quatro tiras diagonais atravessando o rosto, apesar de parcialmente curadas, fizeram o recepcionista vacilar.

– Não pergunte – disse, batendo com o Amex Platinum (Tom Carlyle) no balcão. Uma simultaneidade tática: tom ríspido e plástico de classe. Funcionou, por pouco.

– Mas que merda, por favor, está acontecendo? – perguntou Ellis, muito tranquilamente, ao telefone de Ellis. (Eu tinha agora o telefone de Ellis, o telefone de Grainer, o telefone de Russell e o telefone de Wazz. O telefone do Grafton – não grampeado! – tornara os dois últimos redundantes.) A equipe dele não avisara. Ele que telefonara para *e/es*, obviamente. Achei prudente atender somente o telefone que eu deveria ter. – Quero dizer. – disse ele, ainda muito tranquilamente. – Mas que merda, por favor, está acontecendo?

Contei a ele sobre o Ataque dos Vampiros. Não contei que já telefonara para meu contato na Aegis (a versão inglesa do Blackwater, antigos membros do SAS, do MI5, do Exército e da Marinha) e despertara os fundos que cochilavam nos bancos suíços.

– Você é um filho da puta sortudo, Jacob – disse ele.

– Sim, bem, recomendo que inclua lança-chamas no equipamento básico.

– Não é o que quero dizer. Estou dizendo que você tem sorte por termos um de nossos rapazes nas forças locais.

– Na polícia?

– Pense sobre o que pareceria: quatro Caçadores mortos e Jake Marlowe milagrosamente livre em perfeita saúde. Pareceria que você mesmo matou meus rapazes e fugiu, ou não?

Aquilo não tinha me ocorrido. Uma preocupação: o que mais não acontecera comigo? O quarto de hotel tinha um carpete alto e cortinas espessas. Uma parte de mim pensou em como seria maravilhoso deitar-me para dormir aqui e jamais despertar.

– Felizmente para você – prosseguiu Ellis –, nosso agente verificou os restos dos vampiros, depois que apagaram o incêndio. Não restou muito da biblioteca de Harley. Lamento.

Abri as cortinas 5 centímetros e olhei para fora. A chuva parara. Londres molhada respirava, semiadormecida, contorcendo-se aqui e ali onde neurônios de dramas noturnos disparavam: uma mulher sendo estuprada; um junkie morrendo; alguém fazendo um pedido de casamento; um bebê nascendo. Durante o dia, a cidade é tomada por uma agitação impetuosa, sem perguntas quanto ao que acontece. À noite, pode-se sentir a exaustão, ver o que acontece pelo que realmente é: terror de admitir que foi tudo um erro.

– Não estou em perfeita saúde, diga-se de passagem – disse. – Uma estaca atravessou minha coxa. Meu crânio foi cinzelado e

tenho um buraco no peito do tamanho de uma bola de tênis.

Todos os ferimentos já cicatrizavam – o círculo sussurrante de tricô, a cabala celular – mesmo enquanto eu falava.

– Eu deveria estar lá – disse Ellis. – Eu teria feito diferença.

– Talvez. Aconteceu muito rápido. Conseguiu rastrear o Land Rover?

– O quê? Ah, aquilo. Não. Acho que Russell pisou na bola. Esqueci completamente. De todo modo, eram os vampiros, evidentemente.

– É o que parece – disse, apesar de Mia, lembrava-me com bastante clareza, dissera “tragam a van” e não “tragam o carro”. A disputa pela minha atenção era feroz, no entanto, e a questão do Land Rover era de pouca importância.

– Precisaremos mudar o local onde o pegarão – disse Ellis. – Onde está?

– Diga ao seu homem 10 da manhã diante da sede maçônica em Long Acre.

– Jake...

– Escute, Ellis, passei mais de duas semanas sem poder sequer mijar sem ter a autorização de alguém, e ainda assim com alguém escutando enquanto eu mijava. Basta. Você pode me dar uma noite de privacidade. Você sabe que não fugirei. Você ainda dá as cartas. Apenas preciso colocar a cabeça no lugar. Qual é o nome do motorista?

Pelo telefone, senti a vontade dele de ter autonomia. Havia alguém a quem ele deveria pedir autorização, alguém de quem ele não gostava. Quem quer que fosse a pessoa, seus dias de liderança sem oponentes estavam contados. Ellis gostava mais de *mim* do que deles.

– Certo – disse ele. – Mas não foda comigo, Jacob. Você conhece a realidade da causa e efeito.

– Cem por cento.

– O nome do motorista é Llewellyn. Ele reconhecerá você mas, só para garantir, estará em um BMW 4x4, placa foxtrot tango seis sete dois eco uniforme delta. A senha é *lupus*. Dez da manhã. Não me deixe na mão. E não... – Quando inspirei para perguntar. – Você não pode falar com ela agora. Você a verá amanhã. Confie em mim, ela está bem. Está confortável.

Passei o que restava da noite pendurado no telefone do hotel.

O motorista, Llewellyn, jovem, pele clara, músculos magros, com a limpeza e o corte de cabelo quase *skinhead* de um catequizador mórmon, chegou exatamente na hora marcada. A senha parecia redundante, mas pedi que me dissesse e recebi como resposta "lupus, senhor". *Senhor*. Certo. Escolhido para o trabalho porque seguia ordens à risca. *Você tratará o senhor Marlowe com cortesia, mas não conversará com ele*. Ótimo. De qualquer maneira, eu estava coçando de sono e grasnando interiormente de fome.

– Precisarei fumar sem parar, Llewelyn – avisei. – Espero que não seja um problema para você?

Ele abriu a porta traseira voltada para a calçada.

– Nenhum problema, senhor – disse ele. – Estamos em compartimentos independentes, de todo modo.

Realmente. Vidro blindado, pela aparência. O mesmo para as janelas.

– Esperamos que atirem em nós? – perguntei a ele, batendo no vidro.

– É o padrão para estes carros – disse ele. – Quer que eu ligue o rádio, ou algo mais?

Ele telefonou para informar a quem quer que fosse (não para Ellis, o éter dizia) que eu estava a bordo, depois partimos. Era uma bela manhã. Céu azul de primavera, um sol vívido e uma brisa que tremulava as poças e fazia os botões das flores londrinas balançarem nas hastes. Não que muito daquilo tenha chegado a mim, suportando em silêncio as preliminares da Maldição, o alongamento fantasmagórico do focinho e do dedo, os espasmos comprimidos, as ereções inconvenientes, a presciência ocasional nas unhas dos pés, nos olhos e nos dentes. Meus dentes *batiam*, na verdade, como na primeira fase de uma gripe, prontificando Llewellyn a lembrar-me de que eu tinha meus próprios controles para o aquecedor na parte traseira do carro. Enquanto isso, Piccadilly, Park Lane, Marylebone, a Westway, a M40. Tentei dormir. Não consegui. Em vez disso, imaginei os efeitos do dinheiro gasto, a fertilidade do adiantamento. Impossível saber por enquanto quantos homens seriam necessários para uma fuga, mas eu pagara adiantado a Aegis por um esquadrão de cinquenta homens, sem direito a devoluções. Eu imaginava que, onde quer que mantivessem Talulla, não haveria muita defesa. Os renegados londrinos de Ellis não poderiam totalizar mais de quinhentos, e a maioria estaria desempenhando normalmente suas tarefas na WOCOP. A instalação de Poulsom estava mais protegida por ficar escondida do que por soldados de prontidão.

Além de tais rumações, mantive uma arenga interior mais ou menos contínua. Seu idiota de merda, acabará sendo morto. Torturarão Talulla e a estuprarão e farão experimentos com ela e a cruzarão com animais e, se você ainda não estiver morto, obrigarão você a observar e toda essa fantasia de resgate e sobrevivência

que elaborou é obscena e absurda e até mesmo Charlie na Aegis teve dificuldade em não gargalhar para você ao telefone e só não o fez porque sabe que você tem dinheiro e é seu maldito funeral seu burro de merda ela vai morrer e você também...

O telefone de Ellis tocou.

– Jake, fui informado de que está a caminho.

– Ela está com você?

– Ainda não. *Calmez-vous*. Você a verá à noite. Agora, escute. Para confirmar: a lua nasce às 18h07 amanhã. Seremos apenas eu e Grainer. Ele já está lá, então não se desvirtue: fique no hotel. Llewellyn pegará você amanhã às 14h30 e deixará você em Beddgelert. De lá, você seguirá a pé. Obviamente, você sabe o caminho.

– Você não estará no carro quando ele passar pelo hotel à noite?

– Não posso. Vou encontrar Grainer agora. Depois, ele vai querer que eu fique ao seu lado. Confiro as armas. Há uma rotina, um conjunto de rituais. Não se preocupe, Jake, ela está segura e em boas mãos, prometo. Apenas fique no quarto no hotel até receber o telefonema.

O resto da viagem foi de altos e baixos. Momentos vívidos – as rodas enormes de um caminhão muito próximas; um corvo decolando da carcaça de algum animal recém-morto, atropelado; um canteiro coberto de açafrão – e longas extensões difusas, a hipersensibilidade pré-Maldição que se acumulava em distorções ou distúrbios sensoriais. Meu rosto pinicava, os olhos coçavam, os membros perdiam as extremidades para o formigamento fantasma do lobo. A memória de matar com Talulla era uma raiz que me apertava das bolas até o cérebro. Nem o medo nem o cansaço a obscureciam. *Wulf* saiu dali, alcançou o limite do rompimento,

procurando. Ela estava aqui, em algum lugar, perto, em algum lugar...

Logo depois das 3 horas, sob um céu malhado de cúmulus e azul prateado, chegamos em Caernarfon.

Consegui uma hora de telefonemas reiterativos para a Aegis antes que as baterias nos celulares de Russell e Wazz morressem com minutos de diferença, como um casal idoso que não consegue suportar a separação. Não ousei arriscar usar o telefone do quarto. Provavelmente está grampeado, mas há também a possibilidade de que telefonem para ele quando passarem de carro pelo hotel com Talulla. De todo modo, deixei-o em paz.

É claro que, *sem* os telefonemas, não há nada a fazer além de esperar. Fumar. Andar de um lado para o outro. Escrever. Olhar para fora. Beber. Permiti-me tomar uma garrafa de uísque entre agora e amanhã à tarde. Talisker 18 anos é o melhor que o Castle tem. Uma pena não partir com algo de mais classe, se é que estou partindo.

O quarto é como eu me lembro. Parece que foi há uma década. Os ombros brancos de Maddy, encolhidos, e o rosto dela impregnado de alívio imediato, apesar de ela ter perguntado "Isto é real? Não é real, é?".

não foi indolor. não foi rápido.

Sinto muito Harls, pela confusão na qual transformei sua vida. Por ter lhe *custado* a vida. Vingança, agora, tardia, vergonhosamente atrasada, mas, ainda assim, vingança. Grainer. Ellis também, eventualmente. Lamento que tenha demorado tanto. Lamento que o simples fato do que fizeram com você não tenha sido suficiente. Lamento que tenha sido necessário amar alguém. Outra pessoa.

*

Escureceu. Observei o resto de luz sobre o Mar da Irlanda. Agora, a janela mostra somente a rua. Nenhum telefonema.

*

A totalidade do ser reduzida a aguardar pelo som de um telefone tocando.

*

Algo me incomoda quando penso em Madeline aqui. O quarto trouxe-a até as margens da memória, mas não consegue exatamente içá-la sobre o limite.

*

22h50. Nenhum telefonema até agora. Chove de novo. Precisarei abrir a janela para vê-la claramente.

*

Graças a Deus.

Eu estava começando a perder as esperanças. Logo após a meia-noite, o telefone do quarto tocou. Não era Ellis. Um homem que soava mais velho.

– Leve o fone até a janela. Tempo estimado de chegada: dois minutos. Agora, desligue.

O tempo, como diz o versinho, é lento demais para aqueles que esperam. Abri o trinco da janela. Os dois minutos incharam e retorceram-se. Um carro depois do outro, mas não eram eles. Depois, uma minivan de vidro espelhado encostou no outro lado da rua. O fone tocou de novo.

– Alô? Lu?

– Escute com atenção – disse a voz masculina. – Você tem trinta segundos, precisamente. Não negociáveis. Agora.

A janela traseira do veículo abaixou – e ali estava o rosto de Talulla, desperta, expectante, repleta de consciência habilidosa. Não *exatamente* disfarçando o medo, apesar de que pude ver mesmo naquele primeiro vislumbre o esforço por parte dela para não transparecer. Ela sorriu para mim.

– Você está bem? – perguntou.

– Estou bem. E você?

– Bem. Vou resgatar você, entendeu?

– Sim.

– Não demorará. Prometo.

– Tome cuidado. Precisa ser cuidadoso.

– Serei. Vou pegar você.

– Prometa que será cauteloso.

– Prometo.

– O que aconteceu com seu rosto?

– Nada. Um arranhão. Você está tão linda...

- Eu te amo.
- Também te amo. Tem certeza de que não a machucaram?
- Com certeza. Estou com saudades.
- Você me verá muito em breve.
- Senti sua proximidade o dia todo.
- Eu também.
- Eu gostaria de poder ir agora ao seu encontro.
- Oh, Jesus, Lu, eu... – Uma mão com uma luva preta de motorista tomou o telefone dela. Vi o esforço no rosto dela desmoronar. Você pensa: eu deveria ter passado dias simplesmente abraçado a ela, beijando-a, olhando para ela. A janela elétrica fechou-se. Um último vislumbre de Talulla esforçando-se para enxergar através do vidro. Os delicados olhos escuros.
- Isso é tudo, chefe – disse a voz e desligou. Segundos depois, a minivan partiu.

Algo aconteceu comigo. Parei de abstrair. Isto é o amor: você para de se preocupar com o universal, o geral e, em vez disso, é tragado pelo local e particular: quando a verei novamente? O que devemos fazer hoje? Você gosta destes sapatos? Teoria e reflexão são tios velhos e delicados removidos do caminho pelas ações e pelos desejos de sobrinhos impetuosos. Temas evaporam, somente as tramas persistem. Madeline estava certa em suas prioridades durante todo o tempo.

Eu não me dera conta da minha conversão até reler estas páginas, e agora, quando deveriam apresentar-se, as conclusões me fogem. Para um lobisomem diante do que podem ser suas últimas horas, seu narrador encontra-se tristemente carente de máximas conclusivas. Os grandes mistérios persistem, sem solução, sem expor seu interior (exceto o amor, que na verdade não é um mistério, mas sim a força que conduz cuidadosamente os mistérios até o meio-fio); não sei de onde vem o universo ou o que acontece com as criaturas quando morrem. Não sei se tudo é um acidente que se elucida ou um desígnio inescrutável. Não sei como as

peças deveriam viver – mas sei que *devem* viver, caso consigam suportar. Você ama a vida porque a vida é tudo que existe. E só sei isso porque descobri – novamente – o amor. Não há justiça: *isso* eu sei. Poucas preciosidades para mostrar ao longo de duzentos e um anos.

Minha cabeça dói onde a lua passou a noite, sob o crânio, como um expectorante de gelo que derrete lentamente. Em poucos minutos, Llewellyn chegará para levar-me a Beddgelert. Não dormi mas, apesar dos tormentos pré-Maldição, tomei uma ducha, fiz a barba, cortei as unhas dos dedos das mãos e dos pés. Não há roupas limpas, então lavei as meias e as cuecas com xampu e sequei-as no aquecedor do quarto. Ellis diz que haverá equipamento novo para mim quando o trabalho estiver concluído. Bebi o resto do Talisker em torno do meio-dia. Desde então, café e Camels, um copo ocasional de água da bica. A chuva cai com pouco entusiasmo. A poltrona ao lado da janela transformou-se em um lar lúgubre. A visão dela são os limites cinzentos da cidade: uma estrada, carros passando, velhinhas com lenços na cabeça, pessoas caminhando com cachorros, de vez em quando um corredor ruborizado. Mais além, uma grande parede cinzenta, um estreito filamento, as cores mudando no Estreito de Menai, em Anglesey.

Não por muito tempo.

Os mortos dentro de mim fazem com que eu sinta sua presença, como uma congregação silenciosa. Arabella, a sacerdotisa, partiu, de modo que, recentemente, ainda estão em estado de choque. Há uma ternura ao redor da ausência dela, como a delicada cavidade repleta de sangue de um dente recém-extirpado. O que pode significar ter matado e consumido minha esposa e meu filho ainda por nascer e agora ter o amor novamente em minha vida – exceto que não há justiça e que é preciso, caso seja suportável, viver?

Basta. Meus nervos estão ruins. A reflexão não mais se torna o que sou, não possui um lugar ao lado do amor.

Além disso, há Llewellyn com o carro. Seja para melhor ou para o pior, está na hora de partir.

Ninguém me estuprou. Primeiro, porque todos estavam com medo de Poulson e acredito que ele tiraria qualquer coisa do gênero do cardápio. Segundo, porque me estuprar significaria me matar: estuprar uma mulher que seguiu você é uma coisa, estuprar um *lobisomem* é completamente diferente. Poucas horas depois da minha primeira abdução, parei de me preocupar a respeito.

Depois, veio a segunda abdução.

Ver Jake fora difícil. Ele parecia péssimo. Os arranhões no rosto dele eram como um insulto. Ele parecia tão sozinho de pé ali na janela do hotel. A camisa dele estava abotoada errado, apenas um botão fora do lugar, o menor efeito da tortuosidade. Eu sentia a maquiagem em meu rosto como se fosse obscena. Eu queria, entre o milhão de outras coisas, ficar bonita para ele – e, perversamente, o universo colaborara. Mais cedo, no local onde me mantiveram – “a jaula branca”, como eu a via –, uma das guardas femininas entregara-me furtivamente uma sacola de papel com cosméticos. Rímel, máscara, *gloss* para os lábios, sombra para os olhos, *blush*.

– Sei que encontrará seu homem hoje à noite – disse ela. – Não diga onde conseguiu.

Ela estava constrangida. O estranho era que, até então, parecera completamente dura. Duro, fora o apelido que eu dera a ela. Fiquei tão desconcertada que não disse uma palavra sequer. Depois, sentada em meu catre, chorei. Li em algum lugar que quando se é criança, é a crueldade das pessoas que faz você chorar. Depois, quando se é adulto, é a bondade delas. Eu não tinha percebido até aquele instante o quanto eu desistira completamente de qualquer merecimento de bondade. E, quando vi Jake, tão visivelmente nervoso, parecendo tão totalmente só, a maquiagem pareceu barata em meu rosto, um gesto estupidamente *de garota*. (A garota continua lá, mergulhada até a cintura no sangue e nas tripas das vítimas do monstro. Pode haver algo lá fora que matará a garota mas, se for esse o caso, não consigo imaginar o que poderia ser.) *Está bem? Estou bem. Tudo bem? Estou bem.* Semanas de espera, até que, quando o momento chega, vocês trocam as palavras mais vazias. A proximidade dele machucava meu coração, minha cabeça, meus seios, meu *útero*, a sensação era como se o lobo começasse a querer se libertar. A memória da morte que compartilhamos na Califórnia abriu-se em mim como o calor de uma bebida forte, começando no peito e espalhando-se, um êxtase secreto nas mãos, nos dedos e no couro cabeludo. Poulsom disse: “Cuidado, irá se machucar”. Com as algemas, foi o que quis dizer. Eu não percebera que estava lutando contra elas.

Eu gostaria de ir até você agora mesmo.

Oh, Jesus, Lu, eu...

Trinta segundos, fora o que nos prometeram. Pareceram três. Um vislumbre. Um borrão. Uma piada à custa do amor. Depois, o carro estava afastando-se, meu pescoço retorcendo-se para olhar

para trás, Jake na janela acesa, diminuindo. Sumindo. Sumiu. Aquela sensação como a do primeiro dia na escola, uma bola de vazio em meu estômago porque minha mãe me vira chorando mas, ainda assim, dera meia-volta e caminhara de volta para o carro, o Volvo prateado que eu não conseguia suportar depois disso. Você aprende cedo que o básico é a perda. Depois, passa o resto da vida tentando esquecer-se disso.

Jake diz que parou de abstrair. Parece que eu comecei. Escrever isto não é fácil. Não mantenho um diário desde quando estudava na UCLA. Na época, todas mantínhamos diários, quilômetros de caligrafia feminina como arame farpado, o trabalho em tempo integral da autodramatização. *Não me importa o que ele diz agora. Fui fodida por aquele babaca pela ÚLTIMA VEZ!!!*

Eu supunha que estivessem levando-me de Caernafon de volta à prisão branca, para onde diabos ficasse a prisão branca. Eu sabia que estávamos no País de Gales, mas era basicamente isso. Meu conhecimento de geografia europeia é a confusão americana padrão, e os nomes de lugares que vi no caminho – Llandovery, Rhayader, Dolgellau – poderiam ficar na Terra do Nunca, pelo que significavam para mim. A dor de cabeça que eu tivera desde quando fora capturada era saber que precisava fazer algo mas que não havia nada que pudesse fazer. Eu não engolira a história de que seria libertada depois que Grainer estivesse morto nem um pouco mais do que Jake, mas não havia outra escolha que não a de pagar para ver. Os minutos racionados ao telefone transmitiram a mensagem de Jake nos espaços entre as palavras: agente firme. Tirarei você daí. Nos bons momentos, era como ter um talismã poderoso no bolso. Nos ruins, era como uma voz (a voz de Tia Sylvia, na verdade, aquela vagabunda que caía sobre o otimismo da infância como chuva ácida) repetindo: “Ele não virá, sua menininha

burra, você está morta.” E agora *era* um dos maus momentos, depois de ver Jake. Ele parecia tão cansado. Aqueles arranhões e a camisa abotoada errado.

Estávamos viajando no carro há cerca de vinte minutos – uma estrada estreita delimitada por florestas nos dois lados – quando vimos que o caminho estava obstruído por um acidente de trânsito. Uma ambulância silenciosa com luzes batendo tristemente nas árvores, dois médicos atendendo um motociclista de capacete no chão, a moto caída perto dele.

– Er... – disse Poulson. Ele estava no banco de trás comigo e Dyson. Merritt estava atrás do volante.

– Inconveniente – disse Dyson.

– Volte – disse Poulson. – Imediatamente.

O que aconteceu, aconteceu muito rápido. Houve o som minúsculo e preciso de uma bala atravessando diretamente o para-brisa – e, quase simultaneamente, a cabeça de Merritt recostou-se na parte traseira do assento.

O que se seguiu foi uma trapalhada serena: Poulson brigando para sacar a arma do coldre no ombro, Dyson tentando passar por cima de nós até a porta no lado oposto de onde o tiro fora disparado, eu tentando – sabendo tranquilamente que era inútil – livrar-me das algemas. Teria sido parecido com os Três Patetas se alguém estivesse ali para ver. Foi necessário todo o peso do corpo de Dyson – um pé com uma bota sobre minha coxa – quando ele se atirou através da porta traseira. Em seguida, estava fora do carro, tropeçando rumo à proteção das árvores.

Ele não conseguiu. Uma curta saraivada de disparos de armas automáticas derrubaram-no a 2 metros do carro. No silêncio que se seguiu, senti o corpo de Poulson relaxar em aceitação ao lado do meu.

– Saia, devagar, Poulson – disse uma voz masculina. – Deixe as mãos onde eu possa vê-las.

Olhei além do corpo de Merritt através do para-brisa. Os médicos e o motociclista estavam agora de pé ao lado da parte traseira da ambulância, aberta, armados com rifles. Começara a chover.

– Bem, Talulla – disse Poulson tranquilamente –, creio que isto será ruim para mim.

Ele saiu do carro. Fiquei sentada completamente imóvel. Não que tivesse muita escolha: na minha cela na prisão branca, eu ficara livre para movimentar-me, mas para ser transportada, colocaram-me algemas ao estilo Guantánamo, os arranjos em forma de I nos pulsos e tornozelos que permitem somente passos pequenos. Nos calcanhares, outro conjunto de algemas prendiam-me à base fixa do assento.

– Largue a arma – disse a voz para Poulson. – Deite-se no chão com o rosto para baixo, mãos atrás das costas. Agora.

Olhando para a esquerda através da porta aberta, observei Poulson obedecer às instruções. Um momento depois que ele assumiu a posição, um cara atlético com uniforme de combate completo preto surgiu da escuridão atrás das árvores. Um caçador da WOCOP, percebi pelos equipamentos, com cabelos pretos com corte militar e olhos com pálpebras pesadas. Ele acorreu-se sobre o pescoço de Poulson enquanto o algemava. Depois, ajudou-o delicadamente a levantar-se.

– Senhorita?

Levei um susto. O motociclista – capacete removido para revelar um rosto jovem e alegre com um cavanhaque e um brinco de prata no nariz – estava na outra porta aberta à minha direita, segurando um pesado par de alicates. O ar frio tocou no meu rosto e na minha garganta. De repente, fiquei com muita sede.

– Não fique assustada. Vou apenas soltar suas pernas. Com licença. – Ele curvou-se e, praticamente sem nenhum esforço, cortou o cabo que prendia as algemas dos tornozelos ao assento. – Preciso deixar as outras algemas por um instante – disse ele. – Se quiser segurar meu braço, posso ajudá-la a sair. Isso.

Apesar da descarga de adrenalina e do esforço frenético para compreender o que acontecia (seria algo organizado por Jake? Será que estavam me resgatando?), foi bom ficar de pé ereta depois das horas apertadas no carro. Ergui o rosto para a chuva. O ar noturno estava delicioso com o cheiro da floresta molhada, com vestígios dos odores do asfalto molhado, cordite, diesel e o perfume sedutor do couro na motocicleta. Tão perto da transformação, a fome passa por mim em ondas que tiram toda a força das minhas pernas. Cambaleei, quase caí. A onda passou. Estávamos debaixo de nuvens espessas, mas a lua sabia que eu estava ali. Sinto-a no céu da boca, nos dentes, nas palmas das mãos, na barriga, na boceta. (Um dos infernos da prisão fora a insistência silenciosa do sexo. Masturbar-me debaixo das cobertas ou no chuveiro, mesmo tendo certeza de que havia câmeras, apesar das garantias de Poulson do contrário. Ele dissera: “Sei que o aumento da libido será um problema para você quando entrarmos na fase cheia crescente.” Durante um momento terrível, pensei que fosse oferecer-me seus homens, ou um vibrador, ou, Deus me livre, ele próprio, mas ele prosseguiu: “Por favor, compreenda, Talulla, a vigilância termina na porta do seu quarto. O espaço que você ocupa além dela é de total privacidade, juro. Não temos absolutamente nenhum desejo de dificultar ainda mais as coisas para você do que ditam as necessidades.” O que trazia à tona outro dos infernos da prisão: tentar ser civilizada com Poulson. A verdade é que eu o odiei no instante que o vi, ele sabia disso, mas também sabia que eu não

correria o risco de irritá-lo. Li uma entrevista certa vez, na qual alguém – uma atriz – reclamava que Christopher Walken – ou seria James Woods? – cheirava ou talvez até mesmo tivesse *gosto* de formol. De todo modo, acreditei, e com Poulsom era igual, os olhos de peixe e a pele cerácea, aquela aparência de ter ficado tempo demais sob lâmpadas fluorescentes...)

O Caçador falou em um transmissor preso à cabeça:

– Certo, está tudo bem aqui. Pode vir.

Uma van blindada surgiu vagarosamente de um espaço escondido entre as árvores e parou ao lado da minivan. Enquanto os médicos fechavam as portas da ambulância e levantavam a moto, Poulsom e eu fomos conduzidos até a traseira da van, onde o motociclista abriu as portas. O interior do veículo era ocupado por uma jaula de aço, perfeitamente encaixada e fixa. Nenhum sinal de fechadura ou chave, apenas uma placa intrigante do que parecia vidro escuro em um recipiente de metal onde deveria haver a fechadura.

Não permaneceu intrigante por muito tempo. O Caçador pressionou a palma da mão aberta contra ele. Com uma série de *blips* e um suspiro aparentemente hidráulico, a porta da jaula abriu-se.

– Entre – disse o Caçador. Poulsom subiu com dificuldade, sem qualquer graça e, em um instante, fora colocado sentado no chão e algemado, as algemas presas a barras. O motociclista ajudou-me a entrar, prendeu meus pulsos na jaula, depois abriu e removeu totalmente as algemas dos tornozelos. – É melhor para você assim – disse ele. – Impedirá que seja jogada de um lado para o outro como uma alface.

O Caçador saltou para dentro da van e ficou de pé sobre Poulsom. Pendurou a automática no ombro, puxou uma pistola de

um coldre lateral e apontou-a para a cabeça de Poulsom.

– Telefone – disse ele.

– O quê?

– Ligue para eles. Você chamou a atenção e pegará um desvio. Diga para esperarem notícias suas, mas Ellis tem sinal verde. É tudo.

– Eles saberão...

– Não sabem merda nenhuma sem as palavras de alerta, e você sabe que *eu* conheço todas. Estamos claros?

Pausa.

– Não pedirei duas vezes.

Poulsom abriu o telefone.

– Eu disco – disse o Caçador.

O desempenho de Poulsom foi surpreendentemente convincente, levando em conta que tinha uma arma apontada para a cabeça, um misto de tensão, cansaço e irritação; ele era o ditador horripilantemente desgastado pelo trabalho que precisava suportar uma sorte de merda e a incompetência universal.

– Ótimo – disse o Caçador, guardando o telefone no bolso. Ele acenou com a cabeça para o motorista, sem olhar para mim. Um desprezo palpável emanava dele. Não por mim, pessoalmente, mas por todas as mulheres. Imaginei-o estrangulando uma jovem enquanto a sodomizava, o rosto dele confirmando que não era o bastante, nada era o bastante. Meu nariz ficou mais aguçado para tais coisas. Ele sabia que eu sabia, o que gerou uma repugnante intimidade claustrofóbica. Foi quando voltei a ficar com medo de ser estuprada. Estupro era o padrão dele. Para ele, os únicos obstáculos eram práticos. Mas o medo era um obstáculo prático. Ele sabia o que eu era. Isso, eu precisava esperar, manteria-o longe.

Outra onda da fome passou pelos ossos das minhas coxas. Meu rosto estava quente. Ele virou-se e saltou da van.

O motociclista retirou uma pequena seringa tampada do bolso.

– Hora de ficar bobo, doutor – disse ele. O rosto de Poulsom tremeu – medo e um olhar de repulsa sensual – quando o motociclista aproximou-se dele. – Relaxe. É um sedativo, nada mais. Fique parado.

– Seja lá o que estiver fazendo... – Poulsom começou; mas o motociclista bateu em seu rosto, com força, com as costas da mão; minhas axilas ficaram quentes de repente.

– Quietos. E relaxe. Aqui vamos nós.

– Para onde estão nos levando? – perguntei.

– Não posso lhe dizer, senhorita. Lamento. Mas não é longe. Não se preocupe. – Quando me viu olhando a seringa. – Você não receberá nada disto aqui.

Ele piscou um olho, depois se juntou aos outros. Os olhos de Poulsom tinham fechado.

– Vamos em frente, cavalheiros – disse o Caçador. Ouvi as portas da minivan batendo e o motor da ambulância sendo ligado. Toda a emboscada não demorara mais do que dois ou três minutos.

Uma leve oscilação indicou que o motorista deixara a van blindada, e um instante depois, um homem com pouco mais de 40 anos vestindo um macacão da Securicor apareceu ao lado do Caçador.

– Achei que deveria saber, senhor – disse ele. – Parece que estavam nos seguindo cerca de 3 quilômetros atrás. Não tenho certeza. Provavelmente é paranoia.

– Veículo?

– Land Rover, branco, alfa lima dois cinco cinco Julieta papa Romeu. Um homem ao volante, desacompanhado. Nada, na

verdade, talvez 1 quilômetro além da conta.

– É porque era branco – disse o motociclista. – Você repara mais no branco. É o efeito Moby Dick. Que tipo de idiota segue alguém em um carro branco?

– O mundo está repleto deles – disse o Caçador.

Dirigimos durante o que pareceram 15 ou 20 minutos. Havia apenas uma pequena janela de vidro opaco na porta traseira, e a Fome logo recebeu a companhia do enjoo por causa do movimento. Eu estava perto de vomitar (ou de ter ânsias de vômito, já que não comia nada havia uma semana) quando paramos. A janela traseira da van abriu-se e o Caçador colocou a palma da mão na fechadura da jaula. O cara da Securicor entrou para me soltar e recolocar as algemas nos tornozelos. Sobre o ombro dele, vi o motorista saltar da moto. Poulson, ainda apagado, foi deixado algemado onde estava.

Difícil reparar em detalhes no escuro. Estávamos diante de uma pequena casa de fazenda feita de pedra sem luzes aparentes. A terra ao redor parecia vazia. Tive a sensação de campos desertos, resquícios de paredes de pedras secas. Nada de gado, nada de ovelhas, nada.

– Leve-a para dentro – disse o Caçador, sem olhar para mim.

A casa de fazenda era em forma de L, com teto baixo, úmida, mobiliada com porcarias de lojas de trastes que pareciam datar da

década de 1930. Uma estante escura para livros sem nenhum livro. Um sofá verde no qual você não gostaria de sentar. Uma poltrona com o estofamento saindo como ectoplasma. Um tapete floral desbotado. Todas as cortinas estavam fechadas. Acenderam troncos na lareira de pedra. Minhas canelas doíam. O lobo nas unhas das mãos e dos pés como o choque agudo e entorpecente de uma cerca elétrica para gado.

– Suponho que seja inútil perguntar o que está acontecendo? – perguntei ao motociclista quando o Caçador não podia ouvir.

– Lamento que sim, senhorita – disse ele, com o sorriso de diamante e olhos verdes alertas e amigáveis. O cabelo crespo dele tinha duas tonalidades, como os dos surfistas, louro e castanho.

– Ou quanto tempo serei mantida aqui?

– Eu gostaria de poder dizer, de verdade. Tente não se preocupar com isso.

Ele estava rasgando o celofane de um maço de Marlboro. Poulson proibira-me de fumar e beber álcool, mas como o reinado dele chegara ao fim...

– Alguma chance de filar um desses?

Acendemos os cigarros.

– Obrigada – disse. – Agora, tudo de que preciso é de uma garrafa de Jack Daniel's. Talvez você pudesse fuçar por aí...

– Carter – disse o caçador. O motociclista virou-se. – Saia. Confira Poulson em uma hora. Se não estiver quieto quando acordar, aplique outra injeção.

Quando o motociclista – Carter, evidentemente – partiu, o Caçador aproximou-se de mim no sofá. Pensei, excruciantemente, em mim masturbando-me na cela. No escuro, sim, mas deveria haver câmeras infravermelhas. Fui tomada por uma terrível

sensação de nojo. Ele colocou a mão no bolso e tirou um rolo de fita adesiva.

– Você pode concordar em ficar quieta... Em silêncio, na verdade... Ou posso colar isso sobre sua boca. Você escolhe. Não terá outra oportunidade.

O espaço entre nós continha informações. Ele estava enfrentando uma autoridade superior. Suas ações eram restritas. Não importa do que fosse capaz, *ainda* não era capaz. E ali estava, inconfundível – o fedor parecido com *curry* emanava dele –, medo. Estava trazendo-lhe problemas, sentir medo de uma mulher. Ele não assimilava a ideia. Precisava lembrar-se constantemente de que aquela não era uma mulher, mas sim um *monstro*.

– Ficarei quieta – disse, olhando diretamente para o fogo.

Foi uma noite ruim. Eles revezaram-se na vigília, dois homens fora da casa, um dentro. Obviamente, eu não conseguia dormir, com as febres pré-Maldição e a fome como garras experimentando apertar partes diferentes dentro de mim. Na prisão branca, Poulson “permitira” que eu tomasse relaxantes musculares, os quais eu ingeri com profundo ressentimento. Agora, eu tomaria um punhado muito agradecida. Fiquei deitada encolhida sob um cobertor no chão, tremendo apesar da lenha queimando na lareira. E, quando não eram os calafrios, vinham as ondas de suor. Jake diz que ombros e pulsos sentem primeiro, mas para mim é a linha que desce da parte posterior do meu crânio até a base da espinha. Nos *deliriums* (*deliria? deliriæ?* Jake saberia), o lobo de dentes amarelos do livro da *Chapeuzinho Vermelho* que eu tinha quando criança vem a mim – casaco roxo e tudo o mais –, tremulando da parede ou do fogo ou do tapete ou simplesmente do ar, vem a mim e envolve seu corpo maior e sem peso ao redor do meu e tenta entrar.

O motociclista fazia xícaras de café preto solúvel, que eu bebia porque era melhor do que nada. Minhas roupas machucavam a pele. Havia um relógio de parede com um pêndulo na cozinha que fazia *toc... toc... toc*, e o som suave era quase insuportável. Jake aparecia e sumia na febre. Às vezes, *ele* era o lobo da Chapeuzinho Vermelho, ou o lobo falava com a voz dele. *Você irá me ver muito em breve. Senti você perto de mim o dia todo. Eu também.* Às vezes, ele era apenas ele, invisivelmente ao meu lado no sofá, a fonte – como em *fonte de calor* ou *fonte de luz* – da não solidão. O jeito como ele às vezes colocava a mão na base das minhas costas. Era como se minha consciência estivesse lá, em meu osso sacro, e não na cabeça. Ou, pelo menos, a pequena parte da minha consciência que estava aterrorizada de ter que voltar a ser solitária.

Em algum momento, de madrugada, Poulson foi trazido para dentro da casa para ir ao banheiro. Deram-lhe água, depois o levaram de volta para a van. Ele deveria estar congelando lá dentro.

Ao amanhecer, o Caçador e o cara da Securicor entraram com um aspecto desgastado. O motociclista preparou com bom humor o café da manhã com o que havia na geladeira, ovos, bacon, pão, queijo, peixe enlatado. O cheiro da comida frita era nauseante. Fiquei sentada no banheiro com o exaustor ligado, balançando uma garrafa aberta de alvejante sob o nariz. Não havia nenhuma janela sequer para cogitar fugir através dela e, de todo modo, eles mantiveram as algemas de Guantánamo.

Meu acompanhante estava visivelmente aliviado por ter passado a noite sem incidentes. O Caçador abriu as cortinas na sala de estar. Uma manhã de nuvens baixas e pouca luminosidade. A impressão que eu tivera na noite anterior da paisagem fora precisa: era vazia, cortada aqui e ali por paredes baixas de pedras claras.

Para o leste, os campos ondulavam muito sutilmente em uma distante serra montanhosa. Para o oeste, talvez a 300 metros de distância, os campos eram cercados por uma floresta.

Eu presumira que o amanhecer traria alguma novidade, mas além de os homens estarem com um ar de que sobreviveram ao pior de um ordálio, nada mudou. Vi o Caçador de pé a 50 metros de distância, falando em um celular. O cara da Securicor levou os restos frios do café da manhã para Poulson, na van.

Às 16 horas, o motociclista e eu fumamos seus dois últimos Marlboros. Comecei a me perguntar se o impossível seria verdade, e que eles não soubessem, na verdade, que em pouco mais de duas horas eu me transformaria em um monstro. Nesse caso, tudo que eu precisaria fazer seria pedir para ir ao banheiro no momento mais próximo possível da transformação, transformar-me – e matá-los. Perguntei-me se eu seria capaz disso. O Caçador, com certeza, estaria armado com prata. Não estaria? Não estariam todos?

– Certo – disse o Caçador depois de encerrar outro telefonema a 50 metros de distância. – Está na hora. Prendam ela na van. Não, esperem...

Ele caminhou até mim e pegou a fita pela segunda vez.

Provavelmente, deram outra injeção em Poulson, pois ele permanecia inconsciente quando retomei meu lugar ao lado dele na jaula. Precisei esforçar-me muito para não deixar que a fita sobre minha boca me enlouquecesse. Incrível a diferença que fazia ser privada da fala. Em combinação com as algemas (agora, tanto as algemas das mãos quanto as dos pés haviam sido presas à jaula), a sensação era a de ser enterrada viva.

A viagem não foi longa, mas não foi fácil. De pé era a melhor posição, mas com a curta extensão do cabo que prendia meus tornozelos aos pulsos, eu só conseguia segurar-me nas barras na altura do umbigo. Solavancos e curvas repentinas derrubavam-me e sacudiam-me. Poulson, jogado de um lado para o outro como uma alface, como diria o motociclista, estaria coberto de hematomas quando acordasse. Se acordasse.

Cinco minutos antes de pararmos, a estrada ficou mais acidentada. O que já parecia uma estrada primitiva tornou-se o que só poderia ser uma estrada de terra, cheia de sulcos e buracos. Era

impossível manter o equilíbrio. Poulson estava se dando melhor, com o corpo flácido, apagado.

Paramos. Fizemos uma curva acidentada com três manobras. Paramos de novo. As portas traseiras foram abertas. O Caçador estava de pé com as mãos na cintura, olhando para mim. Através das barras, vi que estávamos em uma estrada de terra pouco maior do que uma trilha para cavalos que costurava entre árvores finas antes de dobrar para a direita a cerca de 7 metros de distância para correr paralelamente à margem do que meus ouvidos e meu olfato diziam se tratar de um riacho. Na margem oposta, uma estreita faixa de grama, alguns arbustos de lilases, depois mais árvores. Nenhum sinal do motociclista ou do cara da Securicor.

– Ficando com fome? – perguntou o Caçador.

Olhei além dele. Concentrada em respirar pelo nariz. O ar era argiloso e úmido. As nuvens se separaram e a estrela vespertina brilhava. Minhas narinas estavam quentes e macias. Faltavam menos de duas horas para o nascer da lua. O primeiro indício de clareza animal já estava ali, uma espécie de alegria perversa diante do poder que subiria através das solas dos meus pés para os tornozelos, as canelas, a cintura, os cotovelos, os ombros. Se eu vivesse até lá.

– Venha – disse o Caçador. – Você tem comida a domicílio lá dentro. Não poderia ser mais conveniente.

Poulson, era a quem ele se referia, obviamente. *Poulson diz que cuidaram de tudo*, eu dissera a Jake quando discutíamos a lua cheia, a transformação, a necessidade de alimentar-me, *seja lá o que isso signifique*. Seja lá o que significasse para Poulson, não era aquilo. Foi muito difícil conter-me, dentes trincados, a fita sobre minha boca ainda marcada com o calor e o peso da mão do Caçador.

Olhei diretamente para o Caçador. Muito lentamente, levantei o dedo médio para ele. Ele riu, tranquilamente. Depois, bateu a porta da van.

Poulsom despertou, tremendo e suando. Até onde eu conseguia enxergar na pouca luz que penetrava através do vidro fosco, o dia e a noite que passara na van não foram agradáveis. Ele murmurou atrás de sua tira de fita adesiva, inutilmente. Depois, olhou para o relógio.

Não precisei da reação dele ao que viu para dizer-me o quanto a transformação estava próxima. A última hora levara-me à penúltima fase, o lobo olhando para fora através de olhos humanos com uma vigilância animal silenciosa e ardente. Meus pulsos e tornozelos sangravam onde os espasmos da fome cortaram-me com as algemas, mas meus membros acalmaram-se, apesar da dor.

Tinham acalmado-se. A penúltima fase estava passando. A qualquer momento, a fase final – cãibras, náusea, calor e frio, metade de um minuto infinito de músculos casualmente aumentados e juntas reordenadas – começaria. As algemas ou quebrariam ou atravessariam cortando minha carne. Imaginei-me transformada mas com quatro tocos sangrentos. Eu sabia

exatamente o som que os tocos fariam, batendo contra o chão e as paredes da van.

Olhei para Poulson. Ele balançava a cabeça, não, não, não. Muito em breve, quando as coisas comesçassem a acontecer visivelmente comigo, ele passaria a sacudir-se e a gritar por trás da mordaca e toda sua vida correria para a superfície de sua carne e ficaria ali docemente para ser tomada. Era um alívio, a fome, a recusa dela em negociar, algo sólido para agarrar em meio à incerteza.

De repente senti o cheiro de Jake. Minhas pernas quase cederam. Contorci-me até ficar o mais perto possível das portas traseiras. Contive o impulso de fazer o máximo de barulho possível. *Sou eu! Estou aqui! Jake!*

Espere. Seja inteligente. Escute. Havia vozes.

– Pensei que você dissera que estaríamos sozinhos – disse Ellis.

– Eu sei – disse uma segunda voz. – Mas pensei em algo depois da última vez que nos falamos.

Poulson, presumivelmente ao reconhecer a voz de Ellis, começou a espernear.

– Quem vocês prenderam ali dentro? – disse Jake. – Que merda é essa?

A porta traseira da van abriu-se. A 7 metros de distância estavam Jake, Ellis e um terceiro homem com uniforme militar da Caçada. Cerca de 45 anos. Cabelo escuro salpicado de cinza. Ossos largos na face. *Parece um nativo americano*, lembrei-me de Jake ter me contado – e percebi que estava cara a cara com Grainer.

O outro Caçador, para quem Grainer, dei-me conta, era “o chefe”, estava perto da jaula com a pistola automática apontada diretamente para mim.

– Nenhuma besteira, Jake – disse Grainer...

Então algo extraordinário aconteceu.

Grainer recuou um passo e deu outro meio passo para a esquerda. Fez isso como se executasse inexpressivamente um passo de dança. Por um segundo, tudo congelou. A boca de Jake estava entreaberta. A camisa continuava abotoada errado. Ellis pareceu esticar a mão muito lentamente para pegar o rifle pendurado por uma alça no ombro, quase atrás de suas costas. A mão direita de Grainer ergueu-se por trás da cabeça de Ellis. Houve um som rascante baixo e um clarão de um metal brilhante. Todos que observavam tiveram sobressaltos, como se todos tivéssemos recebido um pequeno choque elétrico exatamente no mesmo momento – no momento em que a lâmina, uma espada brilhante, foi brandida – com um som como um galho molhado partindo – e atravessou o pescoço de Ellis.

A cabeça pendeu levemente antes de as pernas cederem. Os longos cabelos louros enrolaram-se no rifle. O colapso do cadáver foi curiosamente agradável. Ele caiu de joelhos, hesitou, depois caiu para a frente, como que em um gesto de adoração completa. A cabeça, ainda presa pelo cabelo à arma, caiu com o rosto para baixo bem ao lado da coxa, como se não quisesse ver nada mais.

– Lu? – disse Jake. – Você está bem?

– Estou bem – respondi.

– Como sabia? – Jake perguntou a Grainer.

– Como é que sempre sabemos? Temos uma boa garota infiltrada. Eu sempre disse que as mulheres são as melhores agentes. Para elas, a falsidade vem naturalmente. Não é de surpreender: se você nascesse com um buraco no qual metade da população pudesse enfiar o pau quando quisesse, você também aprenderia a falsidade. Biologia é destino. Não se pode culpar as mulheres.

Grainer transferiu a espada para a mão esquerda e, com a direita, sacou uma pistola do coldre lateral e apontou-a para Jake. Caí de joelhos e regurgitei bile. Estava começando.

– Mantenha a cobertura nela, Morgan – disse Grainer. O Caçador ao lado da jaula apontou novamente a pistola para mim. Ela desviara um pouco durante a decapitação.

– Sinto muito, meu anjo – Jake disse para mim. – Fui burro.

Eu não conseguia falar. Temos uma boa garota infiltrada. Não precisava ser a Durona. Havia outras mulheres na prisão branca. Mas a feiura deste momento estendeu-se para trás. *Sei que verá seu homem hoje.* E eu, como uma idiota, chorando em meu catre. Não precisava ser ela. Mas havia a versão cínica da Navalha de Ockham: como todas as coisas são iguais, a explicação mais merda de todas é a melhor.

– Sinto muito mesmo – disse Jake.

– Não é... – Uma câibra para a qual o reflexo era dobrar o corpo, só que eu não conseguia, com as algemas ainda presas à jaula. – ...culpa sua – consegui dizer. – Minha culpa. Desculpe-me.

Apesar de tudo, a carne de Poulson, encharcada de medo, ardente, era um pulso forte dentro do espaço confinado da van. Morgan olhou para mim:

– Pronta para a festa? – perguntou ele.

Grainer olhou para o relógio.

– Não falta muito agora, crianças – disse ele. – Diga-se de passagem, antes que parta, parabéns, Jake. Tenho certeza de que a paternidade lhe cairia bem.

Poulson contorcia-se e urrava.

– O quê? – disse Jake; depois, caiu sobre um joelho, estremeceu, caiu de quatro. Trincou os dentes. As roupas dele começaram a

rasgar nas costuras. O cabelo começava a aparecer. O meu também.

– Sim – continuou Grainer. – Aparentemente, o grande efeito colateral do antiviral. Parece que sua senhora já está com dois meses. Pergunte a Poulson. Ele está no sétimo céu por causa disso, todo pronto para ficar para a história como o homem que mudou para sempre a reprodução dos lobisomens. Exceto que, é claro, agora ele não vai a lugar algum. Nenhum lugar bom, de todo modo.

Jake levantou o olhar para mim. Minha espinha mudou de forma. Os ombros da minha blusa rasgaram. Movimento no topo do meu crânio. O elástico da minha saia estourou. *Parece que sua senhora já está com dois meses.* Era impossível, contudo, assim que ouvi as palavras, foi como cair de um penhasco. Nada de cigarro. Nada de bebida. Ultrassons. Toalhas da Harrods, televisão, garantias. Pensei naqueles desenhos do Olho Mágico, no momento perturbador quando as três dimensões surgem trêmulas de duas. Era impossível. No entanto, até elaborarem o antiviral, o mesmo valia para sobreviver à mordida.

– Talulla! – Jake gritou. Ele já passara da metade da transformação. Os olhos dele sumiam. As roupas pendiam em trapos. Em pouco tempo, falar seria impossível.

Grainer, rosto isento de qualquer expressão, apontou a arma para a cabeça de Jake. Uma das algemas nos meus tornozelos quebrou. A outra cortava e penetrava na carne inchada. Jake teve uma convulsão. Em algum lugar muito distante, minhas roupas desintegravam-se e Poulson gritava por trás da fita. Medo ao redor de Morgan como um enxame de moscas.

– É melhor matá-la na sua frente? – perguntou Grainer. – Ou você na frente dela? Que tal uma cesariana improvisada? Morgan é muito habilidoso com facas.

A van estava tomada pelo calor da minha transformação. Na névoa do espasmo final, eu quebrara o cabo preso à jaula. A algema no pulso esquerdo sumira. A direita cortava minha carne com uma espécie de tédio feroz. Apesar de tudo, fui tomada por uma onda de alegria. Minha boca estava quente. Jake ainda sofria as dores do parto. As pernas de Poulsom esforçaram-se para colocá-lo de pé. O corpo dele emanava um cheiro de medo e carne.

– Sua senhora está na sua frente, Marlowe – disse Grainer. – Ela está fazendo com que pareça um amador.

Jake em posição fetal enquanto os detalhes das garras e das pontas das orelhas apareciam – depois, sua garganta longa e macia ergueu-se quando a transformação chegou ao fim. Ele começou a levantar-se.

– Adeus, Jake – disse Grainer... Então, duas coisas aconteceram ao mesmo tempo.

Minha segunda algema no tornozelo quebrou (uma onda de sangue, uma adorável sensação de alívio) e um dardo de prata, em alta velocidade, atingiu Grainer no peito. Ele cambaleou para trás, dando um passo, largou a pistola e caiu de joelhos.

Morgan virou-se e disparou uma saraivada a esmo, atingindo a grama e as árvores, e, involuntariamente, recuou um passo. Atirei-me contra as barras.

O passo para trás colocara-o – justamente – perto o bastante. Esticando os braços ao máximo, agarrei a gola do casaco dele e o cabelo quente e suado da nuca e levantei-o, agitando os braços, contra a jaula, apertei a garganta dele com uma mão e, com a outra, arranquei sua pistola automática, mas me atralhei e deixei-a cair no chão. Ele contorceu-se mas, devido a um treinamento profundo ou a uma força de vontade extraordinária, conteve o instinto de agarrar a mão que o impedia de respirar e,

em vez disso, puxou uma faca de uma bainha no cinto e cravou-a no meu antebraço. O reflexo à dor abriu minha mão e ele se soltou, agachou-se sobre um joelho e esticou a mão para pegar a arma.

Quando Jake saltou, a trajetória dele traçou um arco que enquadrava Grainer para mim em uma estranha vividez. Ele permanecia ajoelhado, apoiado pelo dardo, braços pendurados, inertes, olhos semicerrados, uma bolha coagulada de sangue escuro pendurada da boca aberta. A imagem tinha a claridade remota de um ícone religioso. Então Jake caiu sobre Morgan com uma lufada do ar noturno enluarado e, com um único movimento, rasgou-o – um gesto com uma espécie de graça masculina enfática – da garganta até a barriga. O corpo desalinhou-se e desabou como uma marionete.

Jake envolveu as mãos em torno das barras da jaula e preparou-se para puxar, mas transmiti a ele em meio à confusão – a cabeça dele estava tomada pela alegria crescente de *grávida não pode ser dardo amor por amor Cloquet não pode ser mas por favor por favor deixe-a em paz* – a imagem da palma de Morgan, senti-a emergir dentro dele em meio ao caos como uma fotografia sendo revelada e senti seu próprio gigantesco deleite animal quando foi até o corpo do Caçador, arrancou o braço do ombro, pressionou a mão contra o painel e recebeu, como que por mágica, a série de *blips*, o suspiro, a porta aberta.

Abraçamo-nos. A fala abandonara-nos, mas não precisávamos dela, não agora com o lobo nos fundindo e nossos corpos livres e o milagroso cintilar fantasma (ou eu estaria imaginando?) de uma nova vida em meu útero. Durante um momento, ficamos um nos braços do outro e tudo, exceto pela mais pura certeza da natureza compartilhada, do sangue em comum, da *igualdade*, desapareceu. Por um instante, o mundo estava perfeito.

Se eu não tivesse fechado os olhos.

Jake já escreveu tudo sobre *se* e *então*.

Como me encontrava, com os olhos fechados no êxtase de sentir os braços quentes dele ao meu redor e seu coração batendo contra o meu, não vi nada, apenas senti o baque e a contorção de um impacto e ouvi, no que pareceu muito tempo depois, o som de um tiro.

60

Ainda o segurando em meus braços, abri os olhos. Sobre o ombro de Jake, vi Grainer, quase inconsciente, tentando desesperadamente manter a arma erguida para um segundo tiro. Lentamente, ergui Jake e virei-me, de modo que minhas costas ficaram voltadas para seu assassino. Pensei: atire em mim também, então, já que não me resta mais nada.

Nada, não, meu anjo. A criança.

Olhei para Jake, senti a prata devorando a vida dele com uma avidez não negociável. A morte levando-o era como algo sendo arrancado de dentro de mim. Do meu útero. A algema que cortava meu pulso esquerdo finalmente quebrou. Sangue jorrou em nós dois.

Fique viva, ele enviou o pensamento para mim. Não existe Deus e este é o único mandamento dele.

Certo.

Promete?

Prometo. Não me deixe.

Os olhos dele fecharam. A sedução pesava sobre ele, uma suave tragada em seu sangue. O coração dele também partia, eu sentia, como um barco deixando o ancoradouro. Mas ele abriu os olhos, reuniu os resquícios com um imenso esforço de determinação, olhou para mim.

Isso vai doer.

Ele segurou-me com uma força repentina e chocante – então sua garra penetrou na carne acima do meu seio.

Apesar de tudo, o reflexo foi de me afastar – a dor era pequena, precisa, incandescente –, mas tudo que ele possuía estava dedicado a manter-me parada e, em um instante, terminou. Uma massa de sangue e tecido da qual despontava um minúsculo fragmento de metal.

Agora não podem achar você.

Um momento de perplexidade, então compreendi. Na confusão da consciência, uma pequena mas distinta descarga de nojo por eles terem conseguido fazer aquilo entrar em mim. Fazer-nos de tolos.

Amor...

Fique comigo. Fique comigo.

Os olhos dele fecharam-se novamente. O topo da lua cheia despontou sobre a silhueta escura das árvores. As nuvens tinham sumido. O céu era de um belo azul crepuscular.

Não houve o segundo tiro.

*

É difícil dizer quanto tempo fiquei ali no meio do que se tornara um pequeno e sangrento campo de batalha, com o corpo dele esfriando ao lado do meu. Certamente, a lua estava acima das árvores

quando me levantei e deitei-o delicadamente no chão. Em uma espécie de sonho compassivo, minha própria voz dentro da cabeça repetia sem nenhum sentimento, “ele se foi, ele se foi, ele se foi...”. A floresta estava muito quieta. Até o riacho parecia ter se silenciado. O ar tinha uma qualidade límpida e rarefeita. A van blindada, os corpos, as árvores, tudo tinha uma estranha vividez sólida, como se tivessem sido cuidadosamente arrumadas daquela maneira para que significassem algo.

Passou-se um período indeterminado e surreal. Havia perguntas, mas eram como objetos vagos ou distantes. O que aconteceria com Jake quando a lua se pusesse? O corpo dele permaneceria transformado? Ou será que reverteria à forma humana? Havia três corpos humanos com os quais eu deveria lidar. O que deveria ser feito com eles? Onde estava Cloquet? Se eu realmente estivesse grávida, o que aconteceria se eu entrasse em trabalho de parto sob a Maldição? Qual seria a forma da criança?

Havia, é claro, tais perguntas – mas acima de tudo, como se o som de mim mesma fosse elevado a um ponto que eu sabia que causaria uma dor real, havia a fome.

A consciência aguçada retornou da mesma maneira que a audição aguçada retorna quando a água dentro de seu ouvido escorre repentinamente para fora. Uma brisa balançou as folhas jovens. O riacho emanava seu odor de pedra úmida. As pontas dos meus dedos formigaram. Eu estava novamente consciente da minha forma mudada, a sensação suave do ar fresco sobre o focinho, as orelhas e a garganta.

Subi na traseira da van.

Poulsom estava deplorável. Arranquei a *fita* (e, acidentalmente, apesar de não ter sido particularmente cuidadosa, um pedaço do lábio superior) de sua boca. Um atraso de um segundo, depois a

dor da carne arrancada atingiu-o e ele gritou. Coloquei a mão direita, pulso ainda sangrando, pesadamente, lentamente, ao redor da garganta dele e apertei muito delicadamente. Apenas o bastante para silenciá-lo. Olhei para baixo e aponte para a minha barriga.

Durante um instante, percebi que ele tentava decidir o que lhe serviria melhor, uma mentira ou a verdade. Foi muito interessante observar o teimoso calculista ainda funcionando. Depois, presumivelmente por causa dos vestígios da ideia de que a virtude será (no final das contas) recompensada, vi-o apostar tudo, para melhor ou para pior, na verdade. Ele concordou com a cabeça e disse com a voz rouca:

– Sim. Grávida.

Nada, não, meu anjo. A criança. Viva. Prometa.

Bem, eu prometera.

Estava completamente escuro quando terminei com Poulson. Eu comera rápido, mas meu apetite tinha vários elementos: pesar, ira, perda, confusão. Além disso, uma espécie de esperança irreverente e tola. Imaginei-me de mãos dadas com uma criança diante dos tanques do urso polar no zoológico do Central Park. Minha própria memória mais antiga, a chance de dá-la a outra pessoa.

Não havia nada que eu pudesse fazer quanto aos corpos, nem mesmo com o do pobre Jake. Se eu iria viver, deveria começar agora. Eu era um monstro sozinho no meio do País de Gales. Mesmo que sobrevivesse à Maldição, não tinha dinheiro nem documentos de identidade ou roupas e tampouco algum lugar seguro para ir. Pensei em meu pai e nos restaurantes e em Alison Ambidestra e no meu apartamento e em como seria bom estar lá inteira deitada no sofá com uma xícara de café e uma revista estúpida. Pensei no quanto era improvável não apenas que jamais o visse de novo, mas também que conseguisse sobreviver às próximas 24 horas.

Mas você precisa. Não existe Deus e este é o único mandamento dele.

Assim, com grande dificuldade (tente fazer isso com mãos de lobisomem), comecei a equipar-me. Poulson era quem tinha os pés menores, então peguei os sapatos dele. Juntos, todos tinham pouco mais de 150 libras em dinheiro. As roupas de Jake estavam em farrapos, mas o diário, manchado de sangue e afivelado, permanecia no bolso interno de seu sobretudo destruído. Peguei-o. Encontrei uma bolsa de lona com um punhado de itens essenciais de carros – cabos de bateria, chave de porca e parafuso, macaco, lanterna – atrás do assento dianteiro da van, então a esvaziei e enfiar nela meu novo guarda-roupa. Não parava de imaginar como contaria a Jake sobre tudo aquilo, mais tarde, quando tivesse terminado. Meu pulso já começara a cicatrizar.

Peguei a pistola de Grainer e três pentes de munição do cinto dele. Não que eu tivesse a menor ideia de como usá-la. Eu nem sequer tinha certeza de que identificara corretamente a trava de segurança. Eu encontrara alguma *coisa* que parecia uma chave de segurança e movi-a para a posição oposta, mas ainda havia, devo admitir, boas chances de que a maldita coisa disparasse e me atingisse no pé.

Não foi fácil deixar Jake. Duas vezes, afastei-me e voltei, um último olhar, toque, cheiro. Lobisomens, eu estava descobrindo, não podem chorar. Lágrimas não choradas faziam um nó na minha garganta. O fato bruto da minha solidão ficava dissolvendo-se na fantasia dele despertando.

Não seja sentimental. Vá logo. Você tem trabalho a fazer.

O espírito de Jake, ou minha própria versão ficcionalizada dele. De todo modo, ele me fez levantar e forçou-me, passo a passo, a seguir para as árvores.

Eu andara apenas alguns passos, no entanto, quando encontrei Cloquet. Não poderia ser mais ninguém, pela descrição de Jake, e é claro que havia o dardo de prata, feito sob encomenda, com os nomes dele e de Jacqueline Delon entrelaçados ao seu redor em uma caligrafia angelical, agora cravado no peito de Grainer. Ele não pareceu particularmente surpreso ao encontrar um lobisomem de pé sobre ele, tampouco com muito medo, para seu crédito. Estava deitado apoiado contra uma faia com um cigarro em uma mão e uma garrafa de vodka pela metade na outra. Ele levava um tiro na perna esquerda. A saraivada a esmo que o Caçador disparara com a arma automática que não acertara Jake e salpicara as árvores.

– *Bonsoir, mademoiselle* – disse ele. Depois, em inglês: – Ele matou minha rainha. Portanto, matei-o. *C'est tout*. Deus está no paraíso e tudo está bem no mundo. Mate-me se quiser, mas não me faça sofrer.

Você salvou minha vida, eu queria dizer, mas obviamente não podia. O impulso de ajudá-lo era estranhamente agudo, em parte por causa de Jake, de alguma maneira, pois eu sabia que os dois tinham compartilhado um estranho companheirismo – mas o que eu poderia fazer?

Havia a van blindada, mas ela continha a sujeira dos restos de Poulson e, de todo modo, eu não suportaria voltar para lá. A pergunta retórica do motociclista voltou a mim: *Que tipo de idiota segue alguém em um carro branco?* Este tipo, evidentemente. Sem propriamente acreditar no que estava fazendo, apontei para ele e gesticulei como se segurasse um volante. Repeti o gesto. *Onde está seu carro?*

Pouco surpreendentemente, ele levou alguns momentos para decifrar o que estava vendo. Quando entendeu, gargalhou, uma explosão parcialmente insana de histeria que começou e terminou

abruptamente. Eu sentia o espírito de Jake como o calor do sol nas minhas costas.

– *Un kilometre* – disse Cloquet, apontando para trás.

Percebi que a luz dele retornara. Até aquele momento, ele pensara que chegara ao seu fim. Agora, aqui estava a vida novamente. Um lobisomem oferecendo ajuda. Estendi minha mão para ele. Ele gargalhou novamente, depois ficou um pouco choroso, e a pegou.

*

O que realmente completa o trabalho que me propus a fazer aqui, terminar a história de Jake. Eu gostaria de restringir-me estritamente aos acontecimentos, a deixar os *sentimentos* de fora – mas descobri ao reler estas poucas páginas que não fui muito bem-sucedida. É surpreendentemente difícil (querida Maddy, como Jake diria) manter o foco na história. É claro que há *outra* história (entre outras coisas, como colocar um lobisomem de 3 metros em um Land Rover), mas este não é o lugar para elas. Pode ser que haja tempo para isso mais tarde. Tenho a sensação de que contraí o vírus da escrita, em homenagem a Jake, sim, mas também por necessidade psicológica. Falar com si mesmo pode não curar a solidão, mas ajuda.

Passou um mês desde aquela noite na floresta de Beddgelert, e apesar de ter sobrevivido, não tem sido fácil. Eu não teria conseguido sem a ajuda de Cloquet – mas, novamente, essa é uma história para outra hora.

Amanhã, se tudo correr como planejado, parto para Nova York.

Enquanto isso, tenho que sobreviver à Maldição. Hoje é lua cheia, e a fome não se importa com o que você passou ou quais são

seus medos ou onde você estará semana que vem. Há um conforto nisso, a pureza da exigência, a inacessibilidade da razão ou do remorso. A fome, em sua simplicidade perversa, ensina você a ser um lobisomem.

Talvez esta seja a melhor maneira de encerrar este pós-escrito, com uma declaração de aceitação final. Meu nome é Talulla Mary Apollonia Demetriou, e sou o último lobisomem vivo no mundo.

Até meu bebê nascer. Então, haverá dois de nós.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de
Imprensa S. A.

O último lobisomem

Sobre o livro

- http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=26099

Sobre o autor

- http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=6487

Livros do autor

- http://www.record.com.br/autor_livros.asp?id_autor=6487

Página do livro no Skoob

- <http://www.skoob.com.br/livro/230152>

Site do livro

- <http://www.ultimolobisomem.com.br/>

Resenha do livro

- <http://www.lendonasentrelinhas.com.br/2012/06/o-ultimo-lobisomemglen-duncan.html>

Página do autor na Wikipédia (em inglês)

- http://en.wikipedia.org/wiki/Glen_Duncan

Página do autor no Facebook

- <https://www.facebook.com/pages/Glen-Duncan/111863585496317>

Sobre a série do autor – O Último Lobisomem

- <http://www.sobrelivros.com.br/info-ultimo-lobisomem-glen-duncan/>